



alyson noël

Primeiro lugar na lista de mais vendidos do *The New York Times*

para sempre

os imortais

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



alyson Noël

Primeiro lugar na lista de mais vendidos do *The New York Times*

para sempre

os imortais

os imortais – volume 1

Para eles, o verdadeiro amor não tem fim

Depois de perder toda a família em um desastre de automóvel, do qual inexplicavelmente escapou, Ever Bloom tem sua vida transformada por completo. Ela muda de cidade, de escola, de amigos, e precisa aprender a conviver com uma realidade atordoante: após o acidente, Ever adquiriu dons especiais.

Ela enxerga a aura das outras pessoas, ouve seus pensamentos, e com um simples toque pode conhecer a vida inteira de alguém. É angustiante.

Tudo, porém, parece cessar quando Damen se aproxima. Só ele consegue calar as vozes que a perturbam tão intensamente. Mas ela não faz ideia de quem ou o quê Damen realmente é. Só tem certeza de estar cada vez mais envolvida... apaixonada.

ISBN 978-85-98078-62-5



9 788598 078625 >

www.intrinseca.com.br

“NEM SEMPRE fui essa bizarrice que sou hoje. Já fui uma adolescente normal, do tipo que ia às festinhas da escola, se apaixonava por celebridades e tinha tanto orgulho dos cabelos louros que jamais pensaria em prendê-los num rabo de cavalo ou escondê-los sob um capuz. Eu tinha mãe, pai, uma irmã caçula chamada Riley e uma cadela labrador amarela, fofíssima...

Minha vida era completa, e o céu era o limite. Essa história de céu pode ser um tanto gasta, mas, no meu caso, ironicamente, é também a mais pura verdade.

No entanto, sei tudo isso apenas por ouvir dizer; pois desde o acidente só me lembro claramente de uma coisa: EU MORRI.”



ALYSON NOËL é autora de nove romances. Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

www.serieosimortais.com.br

para sempre

alyson noël

para sempre

os imortais – volume 1

TRADUÇÃO DE MARCELO MENDES



Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL

Evermore

PREPARAÇÃO

Juliana Souza

REVISÃO

Liciane Guimarães Correia

Umberto Figueiredo Pinto

Sheila Til

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CAPA

Angela Goddard e Jeanette Levy

ADAPTAÇÃO DA CAPA

Retina 78

FOTOS DA CAPA

Garota © Zen Shui Photography/VEER

Tulipas © Mareei Steger/Solus Photography/VEER

CIP - BRASIL . C A T A L O G A Ç Ã O - N A - F O N T E

S I N D I C A T O N A C I O N A L D O S E D I T O R E S D E L I V R O
S , R J

N691p 2.ed.

Noël, Alyson

Para sempre / Alyson Noël; tradução Marcelo Mendes. –

-2. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

264p. - (Os imortais: 1)

Tradução de: Evermore

ISBN 978-85-98078-62-5

1.

Ficção americana. I. Mendes, Marcelo. II. Título. III.

Série:

09-5885. CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

22451-050-Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Jolynn "Snarky" Benn —

minha amiga por muitas encarnações.

(Na próxima, seremos rock stars!)

A g r a d e c i m e n t o s

Este livro não teria sido escrito sem a imensa generosidade e a sabedoria das

seguintes pessoas: Brian L.Weiss, M.D., e Christina Gikas, que me mostraram um passado

que eu jamais poderia ter imaginado; James Van Praagh, que me ensinou a olhar para o

mundo de um jeito inteiramente novo; Kate Schafer, minha agente literária, que tão

habilmente me guia e orienta; Rose Hilliard, minha editora nos Estados Unidos, que cuida

de minhas histórias com tanto carinho; NaNá V. Stoelzle,
copidesque de muitos livros meus,

que me poupa dos mais variados constrangimentos gramaticais, e,
como sempre, Sandy, o

último dos homens da Renascença!

A s c o r e s d a a u r a e s e u s s i g n i f i c a d o s

Vermelho: energia, força, raiva, sexualidade, paixão, medo, ego

Laranja: autocontrole, ambição, coragem, poder de reflexão,
desânimo, apatia

Amarelo: otimismo, felicidade, intelectualidade, amizade,
indecisão, vulnerabilidade à

influência alheia

Verde: serenidade, poder de cura, compaixão, farsa, ciúme

Azul: espiritualidade, lealdade, criatividade, sensibilidade,
generosidade, humor

instável

Violeta: alta espiritualidade, sabedoria, intuição

Índigo: benevolência, intuição apurada, busca existencial

Rosa: amor, sinceridade, amizade

Cinza: depressão, tristeza, cansaço, falta de energia, ceticismo

Marrom: ambição, egoísmo, opiniões fortes

Preto: falta de energia, doença, morte iminente

Branco: equilíbrio perfeito

O único segredo que as pessoas guardam / É a imortalidade.

— **DMILY DICKINSON**

Um

— Adivinha!

As mãos quentes e úmidas de Haven apertam minhas bochechas, e seu anel, um

crânio de prata escurecido, deixa uma marca de sujeira sobre minha pele. E mesmo que

meus olhos estejam cobertos e fechados, sei que os cabelos dela, tingidos de preto, estão

partidos ao meio; um espartilho de vinil preto se sobrepõe a uma blusa de gola rulê —

mantendo-se em conformidade com o código de vestimenta de nossa escola; a saia

comprida de cetim preto, apesar de nova, já tem um furo próximo à bainha, de quando ela

pisou com o bico das botas Doe Martens; os olhos parecem dourados, mas só porque ela

está usando lentes de contato amarelas.

Também sei que o pai dela não está viajando "a trabalho", como ele mesmo disse; que

o personal trainer de sua mãe é muito mais "personal" que "trainer" e que o irmão caçula

quebrou um CD dela, do Evanescence, e agora está com medo de contar.

Mas não sei isso tudo porque andei bisbilhotando a vida dela, nem porque alguém me

contou. Sei porque tenho poderes sobrenaturais.

— Anda logo, adivinha! Daqui a pouco o sinal vai tocar! — ela diz com a voz rouca,

como se fumasse um maço de cigarros por dia, embora só tenha tentado fumar uma vez.

Enrolo um pouco enquanto penso na última pessoa com quem ela gostaria de ser

confundida.

— Hilary Duff?

— Eca! Vai, tenta de novo. — Ela aperta ainda mais forte, nem sequer desconfiando

de que não preciso ver para saber.

— Será a sra. Marilyn Manson?

Ela ri e desencosta as mãos, e então lambe o polegar para apagar a tatuagem de

sujeira em minha bochecha, mas levanto o braço antes que ela possa me alcançar. Não

porque tenha nojo da saliva dela (quer dizer, sei que Haven não tem doença nenhuma),

mas porque não quero que encoste em mim novamente. O toque humano é muito

revelador, muito cansativo, então procuro evitá-lo a todo o custo.

Com um gesto rápido, ela tira o capuz de minha cabeça e aperta os olhos ao ver meus

fofetes de ouvido.

— O que você está ouvindo?

Levo a mão ao bolsinho para iPod que costurei no capuz de todos os meus moletoms

(para esconder dos professores os tão conhecidos fiozinhos brancos) e entrego a ela o

aparelho.

— Puxa... — ela diz com os olhos arregalados. — Quer dizer, que barulheira é essa?

Quem é que está cantando isso? Haven se curva para que nós duas possamos ouvir Sid

Vicious berrando sobre a anarquia no Reino Unido. Na verdade, nem sei se ele é a favor ou

contra. Sei apenas que berra o suficiente para dar uma acalmada em meus supersentidos.

— Sex Pistols — respondo, desligando o iPod e guardando-o de volta no esconderijo.

— Nem sei como você pôde me ouvir. — Haven sorri ao mesmo tempo que o sinal

toca.

Simplesmente dou de ombros. Não preciso escutar para ouvir. Claro, não é isso que

digo a ela. Falo apenas que a gente vai se ver de novo na hora do almoço e vou para minha

aula, atravessando o campus da escola e encolhendo-me ao intuir os dois garotos que se

aproximam pelas costas de Haven e pisam a bainha da saia dela — por pouco não a fazem

cair. Mas quando ela se vira para trás, faz o sinal do Mal (certo, não é o sinal do Mal, mas

algo que ela mesma inventou) e os encara com aqueles olhos amarelos, eles

imediatamente se afastam e a deixam em paz. Quanto a mim, suspiro aliviada e entro na

sala de aula, sabendo que não vai demorar muito até que eu deixe de sentir a energia

persistente do toque de Haven.

A caminho de meu lugar, no fundo da sala, desvio-me da bolsa que Stacia Mil er

deixou de propósito em meu caminho e ignoro a serenata que ela diariamente sussurra ao

me ver — "Per-de-do-ra!". Em seguida, acomodo-me na cadeira, tiro livro, caderno e caneta

da mochila, coloco os fones de ouvido, visto o capuz, jogo a mochila na carteira vazia a meu

lado e espero pela chegada do sr. Robins.

O sr. Robins está sempre atrasado. Sobretudo porque gosta de tomar uns goles de

seu cantil de prata entre uma aula e outra. Mas bebe apenas porque a mulher grita com ele

o tempo todo, a filha o considera um fracassado e ele, quase sempre, detesta a própria

vida. Descobri tudo isso em meu primeiro dia nesta escola, quando acidentalmente toquei

na mão dele ao entregar o formulário de transferência. Agora, portanto, sempre que tenho

de lhe entregar algo, deixo na beirada da mesa.

Fecho os olhos e espero, enquanto meus dedos deslizam pelo moletom, a fim de

trocar o barulhento Sid Vicious por algo mais leve, mais tranquilo. A gritaria de Sid não é

mais necessária agora que estou na sala de aula. Acho que a relação entre professor e

alunos ajuda a conter, pelo menos até certo ponto, minha energia mediúnica.

Nem sempre fui essa bizarrice que sou hoje. Já fui uma adolescente normal, do tipo

que ia às festinhas da escola, se apaixonava por celebridades e tinha tanto orgulho dos

cabelos louros que jamais pensaria em prendê-los num rabo de cavalo ou escondê-los sob

um capuz. Eu tinha mãe, pai, uma irmã caçula chamada Riley e uma cadela labrador

amarela, fofíssima, de nome Buttercup. Morava numa casa agradável, num bairro bacana

de Eugene, no Oregon. Era popular, feliz e mal podia esperar para chegar ao segundo ano,

pois tinha acabado de me tornar chefe de torcida da principal equipe da escola. Minha vida

era completa, e o céu era o limite. Essa história de céu pode ser um tanto gasta, mas, no

meu caso, ironicamente, é também a mais pura verdade.

No entanto, sei tudo isso apenas por ouvir dizer, pois desde o acidente só me lembro

claramente de uma coisa: eu morri.

Tive o que as pessoas chamam de "experiência de quase morte", ou EQM. Acontece

que as pessoas estão erradas. Podem acreditar, não houve nada de "quase" no que me

aconteceu. Foi assim: num instante, Riley e eu estávamos no banco de trás do SUV do

papai, Buttercup com a cabeça pousada no colo de minha irmã e o rabo batendo

suavemente em minha perna, e a próxima lembrança... os airbags inflados, o carro

inteiramente destruído e eu lá, assistindo a tudo do lado de fora.

Olhando para os destroços — os estilhaços de vidro, as portas amassadas, o

para-choque dianteiro agarrado ao tronco de um pinheiro num abraço letal -, fiquei me

perguntando o que poderia ter acontecido de errado, esperando e suplicando que todos

tivessem conseguido sair dali como eu. De repente, ouvi um latido familiar; virei para trás e

vi minha família seguindo por um caminho, guiada por Buttercup, que abanava o rabo.

Fui ao encontro deles. De início, tentei correr e alcançá-los, mas depois fui mais

devagar, querendo me demorar e passear por aquele campo vasto e perfumado de árvores

e flores vibrantes que tremeluziam, e apertando os olhos diante da névoa deslumbrante que

refletia e brilhava intensamente, iluminando tudo.

Prometi a mim mesma que seria rápido, que logo voltaria para encontrar minha

família. Mas, quando enfim olhei, só deu tempo de, num relance, eles sorrirem e acenarem

para mim ao atravessarem uma ponte, sumindo de vista pouco depois.

Entrei em pânico. Olhando para todas as direções, comecei a correr de um lado para o

outro, mas tudo parecia igual: uma névoa sem fim, tépida, branca, brilhante, iluminada,

bonita e estúpida. Então, caí no chão e fiquei ali, morrendo de frio, chorando, gritando,

xingando, implorando, fazendo promessas que sabia jamais poder cumprir.

Foi então que ouvi alguém dizer:

— Ever? É esse seu nome? Abra os olhos e olhe para mim.

Aos tropeços, voltei para a superfície, onde tudo era dor e sofrimento, e minha testa

porejava de tanta dor, uma dor lancinante. Então olhei fixamente para o sujeito que se

curvava sobre mim, dentro de seus olhos escuros, e sussurrei:

— Sim, sou Ever. — E desmaiei outra vez.

Dois

Segundos antes de o sr. Robins entrar na sala baixei o capuz, desliguei o iPod e fingi

ler meu livro, sem me dar o trabalho de levantar a cabeça quando ele disse:

— Pessoal, este é Damen Auguste. Acabou de se mudar do Novo México. Muito bem,

Damen, pode se sentar lá atrás, ao lado da Ever. Vai ter de acompanhar com o livro dela

até comprar o seu.

Damen é lindo. Sei disso sem precisar espiá-lo nem uma única vez. Mantenho os

olhos cravados no livro enquanto ele anda para o fundo da sala, pois já conheço minha

turma como a palma de minha mão. No que me diz respeito, um pouquinho de ignorância

até que não seria mau.

Mas, segundo os pensamentos mais recônditos de Stacia Miller, sentada apenas duas

filas à minha frente, Damen Auguste é um espetáculo!

A melhor amiga dela, Honor, concorda em gênero, número e grau.

Assim como o Craig, namorado da tal Honor, mas isso já é outra história.

— Oi. — Damen se espreme na carteira ao meu lado, minha mochila produzindo um

baque surdo ao ser jogada no chão.

Retribuo o cumprimento com um aceno de cabeça, recusando-me a olhar além das

botas de motoqueiro dele. Lustrosas e pretas, muito mais para revista de moda que para

Hel s Angels. Bem diferentes da profusão de chinelos coloridos que salpica o carpete verde

da sala.

O sr. Robins pede que a gente abra o livro na página 133, e Damen se inclina em

minha direção.

— Posso acompanhar com você? — diz.

Apavorada com tanta proximidade, hesito um pouco, mas depois empurro o livro até a

beirada de minha carteira, o mais longe que consigo sem derrubá-lo no chão. E quando ele

arrasta sua cadeira para perto, ocupando o pouco espaço que havia entre nós, deslizo para

a extremidade oposta da minha, o mais longe possível. E novamente me escondo sob o

capuz.

Damen ri baixinho. Como ainda não olhei para ele, não faço a menor idéia do que isso

possa significar. Foi um risinho discreto e gostoso, mas talvez tivesse um duplo sentido

qualquer.

Afundo na carteira ainda mais, a cabeça apoiada em uma das mãos, os olhos fixos no

relógio e determinada a ignorar todos os olhares e comentários maldosos desferidos contra

mim. Tais como: Coitado do novato bonito, gostoso, sexy... ter de se sentar ao lado da

esquisitona! É mais ou menos isso o que passa pela cabeça de Stacia, Honor, Craig... e de

quase todo mundo na sala.

Bem, todo mundo menos o sr. Robins, que, como eu, não vê a hora de chegar o fim da

aula.

No almoço, ninguém fala de outro assunto que não seja Damen.

Já viu o aluno novo? Que gato, heim?... É, um gostoso... Ouvi dizer que é do México...

Do México, não, da Espanha... Tanto faz, de um outro país qualquer... É claro que vou

convidá-lo pro Baile de Inverno... Mas você nem conhece o cara ainda!... Fique tranqüila,

porque vou conhecer...

— E aí, amiga? Já viu o tal de Damen? O que acabou de chegar! — Haven se senta a

meu lado e espia através da franja, que de tão comprida chega a roçar os lábios pintados de

vermelho.

— Ah! não, você também, não... — Balanço a cabeça e cravo os dentes em minha

maçã.

— Aposto que você não diria isso se tivesse tido o privilégio de ver o cara — ela diz,

retirando o cupcake de baunilha da caixa de papelão rosa e lambendo a cobertura de glacê,

tal como faz todos os dias, embora ela se vista como alguém que não hesitaria nem mesmo

um segundo antes de trocar um cupcake por um bom copo de sangue.

— Vocês estão falando sobre o Damen, é? — sussurra Miles, deslizando no banco e

fincando os cotovelos na mesa, os olhos castanhos oscilando entre nosso rosto, um sorriso

maroto estampado no rostinho de bebê. — Que gato! Vocês viram as botas? Tão Vogue...

Acho que vou perguntar se ele quer ser meu próximo namorado.

Haven aperta os olhos amarelos na direção dele.

— Tarde demais — diz. — Eu vi primeiro.

— Poxa, foi mal. Não sabia que você curtia "não góticos". — Ele dá um risinho, revira

os olhos e desembrulha seu sanduíche.

Haven ri de volta.

— Se forem como ele, curto. Juro que ele é simplesmente um absurdo de tão

irresistível, você precisa ver. — E balançando a cabeça, irritada com minha indiferença,

vira-se para mim e diz: — Ele é gostoso demais!

— Você ainda não viu? — espanta-se Miles, segurando o sanduíche.

Baixo os olhos para a mesa, muito inclinada a contar uma mentira. Diante daquele

carnaval todo, não conseguia ver outra saída. Mas não posso mentir, não para eles. Haven

e Miles são meus melhores amigos. Os únicos que tenho. Além disso, já guardo segredos

demais.

— Ele se sentou ao meu lado na aula de inglês — digo, finalmente.

— Fui obrigada a

dividir o livro com ele, mas não cheguei a vê-lo direito.

— Obrigada? — Haven move a franja para o lado para ver melhor a maluca que foi

capaz de proferir tamanha asneira. — Ah, deve ter sido horrível pra você, um suplício, né?

— Ela revira os olhos e suspira. — Eu juro: você não faz idéia da sorte que tem! Devia estar

agradecendo de joelhos!

— Que livro vocês leram juntos? — pergunta Miles, como se o título pudesse revelar

algo de muito importante.

— O morro dos ventos uivantes — respondo, dando de ombros. Coloco o que restou

da maçã sobre um guardanapo e dobro as pontas em torno dela.

— E o capuz? — pergunta Haven. — Com ou sem?

Depois de certo esforço, lembro que botei o capuz enquanto Damen caminhava em

minha direção.

— Hmm... com. É, tenho certeza: com.

— Ainda bem — resmungo Haven, aliviada, partindo o cupcake em dois. — A última

coisa de que preciso é competir com a deusa dos cabelos dourados.

Eu me encolho e mais uma vez baixo os olhos para a mesa. Fico envergonhada

quando as pessoas fazem elogios assim, que no passado costumavam ser muito

importantes para mim. Agora, não são mais.

— Mas, e o Miles? — pergunto, desviando a atenção para alguém realmente capaz de

apreciá-la. —Você não acha que ele também é um forte candidato?

— Isso mesmo! — Miles passa a mão pelos curtos cabelos castanhos e vira de perfil,

oferecendo-nos seu melhor ângulo. — Eu também estou na parada!

— Bobagem — diz Haven, limpando do colo as migalhas brancas. — Damen e Miles

não jogam no mesmo time. Pelo menos dessa vez, a beleza estonteante e incomparável de

nosso amigo top model não vai contar.

— Como você sabe em que time ele joga? — pergunta Miles, apertando as pálpebras

enquanto destampa sua garrafa de isotônico. — Como pode ter tanta certeza assim?

— Meu gaydar não apitou — explica Haven, dando um tapinha na própria testa. —

Confie em mim: o cara não aparece nele.

Pois bem, Damen é meu colega não só na aula de inglês do primeiro tempo, como

também na de educação artística do sexto (não que ele tenha se sentado ao meu lado, nem

que eu tenha procurado, mas os pensamentos que pipocavam pela sala, mesmo os de

nossa professora, a sra. Machado, foram suficientes para que eu me desse conta da

presença dele). E como se isso não bastasse, agora vejo que ele estacionou o carro bem

ao lado do meu. Até então eu havia conseguido me conter e não olhar para outra parte além

das botas do sujeito, mas agora, eu sabia, minhas possibilidades de escapar chegavam ao

fim.

— Ai, meu Deus! É ele! Está vindo bem em nossa direção! — exclama Miles, com os

trinados de soprano que reserva apenas para os momentos mais excitantes. — E olha

aquele carro! Um BMW preto novinho em folha! E com o insulfilme mais escuro que existe!

Um espetáculo! Olhe, o plano é o seguinte: vou abrir a porta e acidentalmente bater na

porta dele; então terei uma desculpa pra falar alguma coisa. — Ele se vira para mim em

busca de aprovação.

— Não arranhe meu carro. Nem o carro dele. Nem o de qualquer outra pessoa — eu

digo, balançando a cabeça e tirando as chaves da mochila.

— Tudo bem — resmunga Miles, fazendo beicinho. — Pode arruinar meus sonhos,

não me importo. Mas faça um favor a si mesma e dê uma conferida no cara! Depois quero

ouvir você dizer, olhando fundo nos meus olhos, que não pirou nem ficou de perna bamba

com o que viu!

Reviro os olhos e me espremo entre meu carro e o Fusca vizinho, tão mal estacionado

que parece querer montar no meu Miata. Já estou com a chave na porta quando, atrás de

mim, Miles me surpreende, puxa meu capuz para baixo, arranca meus óculos e corre para o

lado do passageiro, onde, com gestos nada sutis da cabeça e do polegar, insiste para que

eu olhe para o Damen, que a essa altura já está atrás dele.

Então, obedeço. Bem, não posso continuar evitando o cara pelo restante da vida.

Assim, respiro fundo e levanto os olhos.

E o que vejo me deixa incapacitada de falar, piscar ou mover qualquer outra parte do

corpo.

Percebendo meu estado, Miles arregala os olhos e começa a abanar as mãos

freneticamente, fazendo o que pode para abortar a missão e me trazer de volta ao

"quartel-general", à normalidade. Mas não posso. Quer dizer, bem que eu gostaria, porque

sei que estou agindo exatamente como a esquisitona que todos já acham que sou. Mas não

dá, é impossível. E não apenas por causa da beleza inquestionável do tal de Damen. Tudo

bem, os cabelos são lindos, luminosos e compridos; vão descendo ao longo das maçãs do

rosto, salientes e esculpidas a cinzel, até roçar os ombros. Mas quando ele ergue os óculos

de sol para me fitar de volta, constato que os olhos dele, estranhamente familiares, são

amendoados e escuros, emoldurados em cílios tão longos que quase parecem falsos. Ah, e

os lábios! Os lábios são carnudos e convidativos, tão bem desenhados quanto um arco de

Cupido. E o corpo que sustenta tudo isso é alto, magro, firme. Vestido de preto de cima a

baixo.

— Ei, Ever! Alô-ou! Você pode acordar agora. Por favor! — Miles vira-se para Damen,

rindo de nervosismo. — Não repare na minha amiga, não. Geralmente ela se esconde

debaixo do capuz.

Não é que eu não saiba que tenho de parar, e parar agora. Mas os olhos de Damen,

pregados nos meus, vão se tornando de um colorido cada vez mais intenso à medida que

os lábios esboçam um sorriso.

Mas, como já disse, não é a beleza estonteante dele que me paralisa dessa forma. Um

fato não tem nenhuma relação com o outro. Acontece que toda a área em torno do corpo

dele, desde a gloriosa cabeça até a ponta quadrada das botas pretas de motoqueiro,

consiste em nada além de um espaço vazio, em branco.

Nenhuma cor. Nenhuma aura. Nenhum espetáculo de luzes pulsantes.

Todo mundo tem uma aura. Todos os seres vivos têm espirais de cor que emanam do

corpo. Um campo energético multicolorido do qual nem se dão conta. Nada perigoso ou

assustador, nem ruim, de forma alguma, mas apenas parte de um campo magnético visível

— bem, ao menos para mim.

Antes do acidente, eu nem fazia ideia de coisas assim. E, definitivamente, não era

capaz de vê-las. Mas, desde que acordei no hospital, vejo cores por toda parte.

— Tudo bem com você? — perguntou a enfermeira ruiva, preocupada.

— Sim, mas por que você está toda rosa? — respondi, sem entender o porquê

daquele brilho rosado que a cercava.

— Por que estou o quê? — ela se esforçou para disfarçar o susto.

— Rosa. Isso que está aí ao seu redor, principalmente da cabeça.

— O.K., meu amor, fique aí descansando, que vou chamar o médico.

— Ela me deixou

sozinha no quarto e saiu correndo pelo corredor. Só depois de passar por uma bateria de

exames oftalmológicos, ressonâncias cerebrais e avaliações psiquiátricas foi que aprendi a

guardar minhas visões só para mim mesma. E mais tarde, quando passei a ouvir

pensamentos, a captar histórias de vida pelo toque e a conversar com minha irmã morta, já

estava escaldada o suficiente para ficar de bico calado.

Acho que já me acostumei a viver assim; nem sequer recordava que existe um jeito

diferente. Mas ao ver Damen emoldurado apenas no preto reluzente da carroceria de um

carro chiquérrimo e caríssimo, acabei me lembrando de outro tempo da minha vida, mais

feliz e mais normal.

— Seu nome é Ever, certo? — ele pergunta, enfim abrindo o sorriso esboçado há

pouco e revelando mais uma de suas inúmeras perfeições: dentes incrivelmente brancos.

Eu fico ali, inutilmente tentando desviar o olhar, enquanto Miles começa a pigarrear

feito um maluco. Só então me lembro de quanto ele detesta ser ignorado.

— Ah, desculpe. Miles, Damen, Damen, Miles — digo, sem ao menos piscar. Damen

dá uma olhada rápida para o Miles, cumprimenta-o com a cabeça e logo se volta para mim.

Sei que vai parecer maluquice minha, mas durante a fração de segundo em que Damen

desviou o olhar senti uma fraqueza e um frio muito estranhos.

Mas assim que ele vira seu olhar novamente para mim tudo volta ao normal — tudo

fica quente e bem de novo.

— Posso pedir um favor? — E sorri. — Será que você pode me emprestar seu O

morro dos ventos uivantes? Preciso colocar a leitura em dia, e hoje não vou ter tempo de

passar na livraria.

Abro a mochila, retiro meu exemplar todo amarfanhado e estendo o braço com o livro

na palma da mão, parte de mim torcendo para que a ponta de meus dedos toque a ponta

dos dedos dele, enquanto outra parte, a mais forte e sábia, aquela com poderes

sobrenaturais, treme só de pensar nas revelações que podem brotar do contato com um

desconhecido tão lindo.

Ele joga o livro no interior do BMW, baixa os óculos escuros e diz:

— Valeu, a gente se vê amanhã.

Só então percebo que nada aconteceu com aquele breve toque, além de um leve

formigamento na ponta dos dedos. E antes que eu possa dizer o que quer que seja, ele já

está dando a ré para sair da vaga.

— Amiga — diz Miles, balançando a cabeça e se acomodando a meu lado no Miata.

— Desculpe, mas quando falei que você iria pirar quando visse o cara eu não estava

sugerindo que você pirasse. Não era pra você seguir ao pé da letra. Caramba, Ever, o que

foi que deu em você? Que esquisitice foi aquela? Só faltou você dizer: Muito prazer, eu sou

a Ever, a psicopata que vai perseguir você pelo restante da vida!
Não estou brincando.

Achei que a gente teria de ressuscitar você! E olhe, pode acreditar,
você deu uma tremenda

sorte. Imagine se a Haven, nossa queridíssima amiga, estivesse lá
para ver a cena, hã? A

senha número 1 é dela, meu amor, já esqueceu?

Miles continua tagarelado sem parar durante todo o caminho.
Simplesmente eu o

deixo falar enquanto presto atenção no trânsito, roçando o dedo na
cicatriz espessa em

minha testa — a que escondo debaixo da franja.

Como explicar a ele que, desde o acidente, as únicas pessoas cujos
pensamentos não

posso ouvir, cujos toques nada revelam e cujas auras não consigo
ver são as que já

morreram?

Três

Entro em casa, pego uma garrafa de água na geladeira e subo
direto para o quarto,

uma vez que não preciso perambular pelos cômodos para saber que
Sabine ainda está

trabalhando. Sabine está sempre no trabalho, o que significa que
este casarão está quase

sempre a meu inteiro dispor, ainda que eu raramente saia do quarto.

Sinto pena de Sabine; a vida que ela construiu para si mesma, à custa de tanto

sacrifício, foi brutalmente alterada quando caí de paraquedas sobre ela. Por outro lado,

como mamãe era filha única e todos os meus avós já haviam morrido antes que eu

completasse dois anos, ela não teria muita escolha. Isto é, ou me botavam num orfanato até

eu completar dezoito anos ou me entregavam para tia Sabine, irmã gêmea e única de

papai. Embora ela nunca tivesse tido filhos, não sabendo nada do assunto, sequer esperou

que eu saísse do hospital para vender seu apartamento, comprar esta casa e contratar um

dos melhores decoradores de Orange County para arrumar meu quarto.

Quer dizer, tenho todas as coisas que todo mundo geralmente tem: uma cama, uma

cômoda e uma escrivaninha. Mas também tenho uma TV de tela plana, um closet, um

banheiro enorme com jacuzzi e boxe de chuveiro separados, uma varanda com uma vista

maravilhosa para o mar, além de uma sala de estudos/jogos só para mim, com sofás,

mesas, pufes, aparelho de som, mais uma TV de tela plana e uma minicozinha com

micro-ondas e frigobar.

Engraçado como antes eu daria qualquer coisa por um quarto como este.

Hoje, porém, daria o mesmo só para voltar ao que já foi um dia.

Sei lá. Como Sabine passa a maior parte do tempo com outros advogados ou com os

figurões endinheirados que ela representa, talvez tenha achado necessário me cercar de

toda essa tralha. Além disso, nunca soube direito se ela não teve filhos por falta de tempo

— em função do trabalho —, porque não encontrou o cara certo ou simplesmente porque

nunca quis ter. Ou, quem sabe, uma combinação desses três fatores?

Uma pessoa com minha mediunidade talvez tivesse a obrigação de saber isso tudo.

Raramente, porém, consigo enxergar a motivação das pessoas. Quase sempre vejo fatos:

uma sucessão de imagens que descrevem a vida delas como se formassem o trailer de um

filme. Às vezes, no entanto, vejo apenas símbolos, que preciso decifrar para saber o que

significam. Feito cartas de tarô, ou as metáforas daquele livro que a gente teve de ler ano

passado, A revolução dos bichos.

Mas estou longe de ser infalível, e muitas vezes me atrapalho toda. Por outro lado,

quando isso acontece, a culpa é sempre minha. Ou, então, da multiplicidade de significados

que alguns símbolos podem ter. Certa vez, por exemplo, interpretei um coração partido ao

meio como símbolo de uma desilusão amorosa — até que a mulher em questão caiu dura

depois de um infarto. Às vezes, fico bastante confusa na hora de fazer minhas

interpretações. Mas os símbolos e as imagens nunca mentem.

De qualquer modo, ninguém precisa ser médium para saber que, quando sonham em

ter filhos, as pessoas geralmente pensam num bebezinho embrulhadinho numa pequenina

manta azul ou rosa, e não numa adolescentona de 1,65 metro de altura, com olhos azuis,

cabelos louros, poderes sobrenaturais e todo um passado de vivências e emoções.

Portanto, no que me diz respeito, procuro sempre ficar na minha e não atrapalhar a vida da

minha tia. Tenho todo o respeito por ela.

Mas não a ponto de contar que converso com minha irmã morta quase todo santo dia.

Na primeira vez que apareceu para mim, Riley estava diante de minha cama no

hospital, no meio da noite, segurando uma flor com uma das mãos e acenando com a outra.

Até hoje não sei direito o que me despertou, pois minha irmã nada falou, nem fez qualquer

ruído. Acho que senti a presença dela ou algo assim, uma mudança no quarto, a

eletricidade no ar.

Primeiro achei que fosse alucinação — mais um efeito colateral dos analgésicos que

eu estava tomando. Mas depois de piscar um milhão de vezes e de esfregar os olhos

continuei vendo Riley à minha frente; por algum motivo, em nenhum momento me ocorreu

gritar ou pedir a ajuda de alguém.

Observei-a indo para o lado da cama; apontou para os gessos que cobriam meus dois

braços e uma das pernas e começou a rir. Quer dizer, uma risada silenciosa, mas ainda

assim uma risada. Tão logo notou minha cara de poucos amigos, parou de rir e fez um

gesto, como se estivesse perguntando se doía.

Dei de ombros, ainda um tantinho irritada com a risada dela e um tantão assustada

com o que estava acontecendo. E mesmo duvidando de que era realmente minha irmã

quem estava ali, não me furtei de perguntar:

— Onde estão a mamãe, o papai e a Buttercup?

Ela inclinou a cabeça para o lado como se eles estivessem logo ali, mas nada vi além

de um espaço vazio.

— Não entendi — falei.

Mas Riley simplesmente sorriu, juntou as palmas das mãos e, movendo a cabeça,

sugeriu que eu voltasse a dormir.

Então fechei os olhos, mesmo nunca tendo acatado ordens dela antes. Logo depois,

no entanto, abri os olhos novamente e perguntei:

— Ei, quem falou que você podia pegar meu suéter emprestado? E de um segundo

para o outro ela sumiu.

Devo confessar: passei o restante daquela noite me remoendo por ter feito uma

pergunta tão estúpida, egoísta e superficial. Tinha jogado no lixo a oportunidade de obter

respostas para algumas das perguntas mais importantes da vida, de descobrir respostas

que a humanidade especula há séculos. Em vez disso, preferi implicar com minha irmã

morta, só porque ela havia invadido meu guarda-roupa. É como dizem: certos hábitos vão

para o túmulo com a gente.

Na segunda vez que Riley apareceu, eu estava tão aliviada e feliz por vê-la de novo

que não disse absolutamente nada ao reparar que ela estava usando não só meu suéter

predileto, mas também meus melhores jeans (tão compridos nela que a bainha embolava

nos tornozelos) e a charmosa pulseira que eu havia ganhado no aniversário de treze anos,

para a qual ela sempre havia espichado os olhos.

Simplesmente sorri, cumprimentei-a com a cabeça e agi como se não tivesse notado

nada. Erguendo-me na direção dela, perguntei:

— Então, cadê o papai e a mamãe? — Naquele momento, achei que bastaria firmar o

pensamento para que eles aparecessem ali também.

Mas Riley apenas sorriu e sacudiu os braços como se estivesse batendo asas.

— Quer dizer que eles viraram anjos? — perguntei com os olhos arregalados.

Ela revirou os olhos e fez que não com a cabeça, plantando as mãos na cintura

enquanto se dobrava de tanto rir.

— Tudo bem, deixe pra lá. — Esborrachei a cabeça no travesseiro, pensando que,

apesar de morta, minha irmã estava brincando com fogo. — Então, como é do lado de lá?

— perguntei, disposta a não brigar. — Quer dizer... Você está... vivendo no céu, não está?

Riley fechou os olhos e estendeu a palma das mãos como se estivesse equilibrando

algo. De repente, do nada, uma pintura se materializou ali, bege, desbotada, com uma

elegante moldura dourada.

Erguendo-me da cama outra vez, examinei de perto a paisagem retratada no quadro:

uma praia de areia dourada e águas muito azuis, cercada por penhascos tortuosos e

árvores florescendo; ao longe, a silhueta embaçada de uma pequena ilha.

— E por que você não está lá agora? — perguntei.

Mas ela não disse nada. Apenas sacudiu os ombros e sumiu, juntamente com a

pintura.

Por conta de muitos ossos quebrados, uma concussão, uma hemorragia interna,

diversos hematomas e cortes, entre eles um talho bastante profundo na testa, fiquei

hospitalizada por mais de um mês, toda engessada e quase sempre sedada. Portanto,

coube a Sabine toda a chatice de esvaziar nossa casa, providenciar os enterros e

empacotar meus pertences para a mudança que estava por vir.

Ela pediu que eu listasse tudo aquilo que queria levar comigo. Tudo o que deveria ser

transplantado da vida perfeita que eu tinha em Eugene, Oregon, para a vida nova e

assustadora que passaria a ter em Laguna Beach, Califórnia. Mas, exceto por algumas

roupas, eu não queria levar nada. Não seria capaz de suportar tantos lembretes de tudo o

que havia perdido; além do mais, uma caixa idiota cheia de tralhas jamais traria minha

família de volta.

Durante todo o tempo em que fiquei confinada naquele quarto branco e insípido recebi

visitas regulares de um psicólogo: um residente sempre embrulhado no mesmo suéter

bege, com uma prancheta nas mãos, excessivamente preocupado.
E que sempre

começava nossa conversa com a mesma pergunta imbecil,
querendo saber como eu vinha

lidando com minha "perda profunda" (palavras dele, não minhas),
para depois tentar me

convencer a subir para o quarto 618, onde rolavam sessões de
aconselhamento

pós-traumático.

Nem morta eu participaria de algo assim. Nem morta eu me
juntaria a um bando de

peessoas angustiadas, esperando minha vez de contar a história do
pior dia de minha vida.

Em que isso poderia ajudar? Por que eu me sentiria melhor só por
confirmar algo que já

sabia: que não só fui a única responsável pelo que aconteceu à
minha família, como

também fui bastante estúpida, bastante egoísta e bastante
preguiçosa para perder tempo,

demorar e, assim, adiar minha ida para a eternidade?

Sabine e eu não falamos muito durante o voo de Eugene para
Laguna Beach. Fingi

que estava quieta por causa da tristeza e das dores no corpo, mas,
para falar a verdade,

precisava apenas de um pouquinho de distanciamento. Sabia do conflito de emoções que

rolava na cabeça da minha tia. Por um lado, ela queria desesperadamente tomar a atitude

certa; por outro, não conseguia parar de perguntar a si mesma: Por que eu?

Quase nunca me pergunto isso. Em geral, penso: Por que eles, e não eu?

Mas também não queria correr o risco de magoar Sabine. Depois de tudo o que ela

havia feito por mim, assumindo minha tutela e providenciando uma casa legal para me

receber, eu não poderia deixar que ela nem sequer suspeitasse de que todo o trabalho e

todas as boas intenções haviam sido em vão, e que não faria a menor diferença caso ela

tivesse me abandonado num orfanato pulguento qualquer.

O trajeto do aeroporto até a nova casa se resumiu a uma imagem embaralhada de sol,

mar e areia. E quando Sabine me levou para o quarto no andar de cima, passei os olhos

rapidamente pelo cômodo e balbuciei alguma frase equivalente a um muito obrigada.

— Sinto muito por ter de deixar você aqui sozinha — ela disse, obviamente ansiosa

para voltar ao espaço organizado e seguro do trabalho, onde nada lembrava o mundo

fragmentado de uma adolescente traumatizada.

E tão logo ela saiu, eu me joguei na cama, afundei o rosto entre as mãos e desandei a

chorar.

Até que alguém disse:

—Ah, tenha dó, olhe pra você! Por acaso já deu uma boa olhada neste lugar? Viu a TV

de tela plana, a lareira, a banheira que faz bolhas? Alô-ou?

— Achei que você não pudesse falar — retruquei assim que virei o rosto e deparei

com Riley, que, aliás, usava um moletom rosa da Juicy, um par de tênis dourados da Nike e

uma peruca fúcsia, dessas que a gente vê em bonecas chinesas de porcelana.

— Claro que posso falar, não seja ridícula — ela disse, e revirou os olhos.

— Mas das outras vezes...

— Eu só estava zoando você, algum problema? — Ela passeava pelo quarto enquanto

falava, passando a mão sobre minha escrivaninha, dedilhando o iPod e o laptop novinhos

em folha que Sabine havia deixado ali. — Mal posso acreditar que você agora tem tudo

isso. Não é justo, caramba! — ela exclamou as mãos plantadas na cintura, as sobrancelhas

franzidas. — Pior, você não está nem aí! Quer dizer, você já viu essa varanda? Pelo menos

pensou em dar uma olhada nessa vista?

— Não quero saber de vista alguma — eu disse, cruzando os braços diante do peito

e fulminando minha irmã com o olhar. — Está difícil engolir essa de que você aprontou

comigo, fingindo que não podia falar.

Riley simplesmente riu e disse:

— Deixa de drama, vai. — Ela atravessou o quarto, abriu as cortinas e tentou

destrancar a porta de vidro que dava para a varanda.

— E onde é que você descolou essas roupas? — perguntei, examinando-a da cabeça

aos pés, ressuscitando nossa velha rotina de briguinhas bobas e mágoas intermináveis. —

Porque, primeiro, você aparece com minhas coisas e, agora, está usando essas peças de

marca. Sei que mamãe nunca comprou um moletom da Juicy pra você.

Ela riu.

— Por favor, como se eu ainda precisasse da permissão da mamãe, quando posso

simplesmente abrir o armário celestial e tirar de lá o que me der na telha. E sem pagar

nada! — acrescentou, esboçando um sorriso.

— Sério? — perguntei, meus olhos se arregalando e pensando que aquilo parecia um

ótimo negócio.

Mas Riley não fez mais que balançar a cabeça e apontar para a varanda.

— Ande, venha dar uma olhada em sua nova vista.

Obedeci. Levantei-me da cama, enxuguei os olhos com a manga da blusa e,

passando direto por minha irmã, fui rumo à varanda com seu piso de mármore, meus olhos

arregalados com o que vi diante de mim.

Por acaso isso é uma piada? — perguntei. A paisagem à minha frente era uma réplica

exata do quadro com moldura dourada que Riley havia me mostrado no hospital.

Mas quando virei para trás ela já havia partido.

Quatro

Foi Riley quem me ajudou a recuperar a memória. Recontando histórias de nossa

infância, lembrando a vida que levávamos, os amigos que tínhamos, até que tudo voltou à

tona. Também foi ela quem abriu meus olhos para a bela vida que passei a ter no sul da

Califórnia; ao vê-la tão empolgada com meu quarto novo, o lustroso conversível vermelho,

as praias maravilhosas e minha nova escola, percebi que, embora essa não seja a vida que

escolhi, ainda assim tem seu valor.

E mesmo que a gente ainda brigue, discuta e implique uma com a outra tanto quanto

antes, a verdade é que, hoje, eu vivo para as visitas dela. Agora que posso vê-la, tenho uma

pessoa a menos de quem sentir saudades. E os momentos que passamos juntas são os

melhores de cada dia.

O único problema é que ela sabe disso. Portanto, sempre que toco nos assuntos

proibidos, tais como: Quando vou poder ver a mamãe, o papai e a Buttercup outra vez? ou

Para onde você vai quando não está aqui?, ela me castiga passando uns dias sem

aparecer.

Esse mistério todo me deixa furiosa, mas não sou boba de insistir nisso. Também não

contei a ela sobre meus novos poderes sobrenaturais, de enxergar auras e ler

pensamentos, muito menos sobre as mudanças que esse dom provocou em mim, inclusive

no jeito de eu me vestir.

— Você nunca vai arrumar namorado vestida assim.

Ela diz isso esparramando-se em minha cama enquanto cumpro o ritual das manhãs,

tentando me aprontar para a escola e sair mais ou menos a tempo.

— Bem, nem todo mundo pode simplesmente estalar os dedos e...puf!, ter a roupa que

quiser — respondo, calçando os tênis surrados e amarrando os cadarços puídos.

— Ah deixe de onda! Como se Sabine não lhe desse o cartão de crédito na mesma

hora em que você pede. E esse capuz aí? Por acaso você faz parte de uma gangue?

— Não tenho tempo pra ficar de papo. — Recolhendo livros, iPod e mochila vou em

direção à porta. —Você vem comigo? — pergunto, e minha paciência quase chega ao limite

quando vejo Riley fazendo beicinho enquanto decide, com a maior calma do mundo, o que

vai fazer.

— Tudo bem — ela diz finalmente. — Mas só se você baixar a capota. Adoro sentir o

vento no cabelo.

— Ótimo. Mas veja se dá o fora antes de a gente chegar à casa do Miles, falou? É

horrrível ver você sentada no colo dele sem permissão.

Quando Miles e eu chegamos à escola, Haven já está esperando por nós no portão,

correndo os olhos por toda parte.

— Olha só — ela diz —, daqui a cinco minutos o sinal vai tocar e o Damen ainda nem

deu as caras. Vocês acham que ele caiu fora? — pergunta, os olhos amarelos em nós,

arregalados de inquietação.

— E por que ele faria isso? Acabou de chegar — eu digo, seguindo para meu armário,

enquanto Haven saltita a meu lado, tamborilando no chão as grossas solas das botas.

— Hmm... porque não somos dignos dele. Ou porque ele é bom demais pra ser

verdade, quem sabe.

— Mas ele precisa voltar. A Ever emprestou pra ele seu exemplar de O morro dos

ventos uivantes, e ele agora precisa devolvê-lo — diz Miles, antes que eu possa detê-lo.

Balançando a cabeça enquanto abro o cadeado do armário, sinto nas costas todo o

peso do olhar furioso de Haven.

— Quando foi que isso aconteceu? — ela diz, as mãos apoiadas na cintura. Você

sabe que a senha número 1 é minha, não sabe? E por que eu não fui informada disso? Por

que ninguém me contou nada? Na última vez que a gente se falou, você ainda nem tinha

visto o cara.

— Ah, mas ela viu. Quase tive de ligar pro disque-emergência pra ressuscitar nossa

amiga — diz Miles, rindo.

Mais uma vez balanço a cabeça, fecho o armário e sigo pelo corredor.

— É verdade. — Miles dá de ombros e segue na minha cola.

— Quero ver se entendi direito: você agora não é mais uma ameaça; é um risco, é

isso? — Haven me espia através das pálpebras apertadas e emplastradas de rímel, o

ciúme deixando sua aura com um tom feio, tipo verde-vômito.

Respiro fundo e olho para eles, muito inclinada a dizer como a situação toda era

ridícula. Desde quando as pessoas saem por aí distribuindo senhas? Além do mais, que

ameaça pode representar alguém em minha situação, que anda por aí embrulhada num

moletom largão, ouvindo vozes e enxergando auras? Mas como eles são meus amigos, em

vez disso, acabo dizendo:

— É verdade: sou uma tremenda queimação de filme, um enorme desastre prestes a

acontecer, totalmente. Com certeza não sou ameaça a ninguém. Sobretudo porque não

estou interessada. Sei que é difícil acreditar, porque o cara é aquilo tudo: bonito, lindo,

estonteante, gostoso, um abuso, seja lá o nome que vocês queiram dar. Mas a verdade é:

Não gosto de Damen Auguste! Que mais eu posso dizer?

— Hmm... acho que mais nada — sussurra Haven, olhando para a frente sem nem

piscar.

Sigo o olhar dela e deparo com... Damen Auguste. Parado, os cabelos pretos

reluzentes, olhos ardentes, um corpo maravilhoso e aquele conhecido sorriso. E meu

coração quase vem à boca quando, sorrindo, ele abre a porta da sala e diz:

— Ever, você primeiro.

Traço uma reta em direção ao fundo da sala e por pouco não tropeço na mochila que

Stacia colocou no caminho. Meu rosto queima de vergonha, pois sei que Damen vem logo

atrás de mim e que ouviu tudo o que eu disse a Miles e Haven, cada uma daquelas palavras

horríveis.

Jogo minha mochila no chão, escorrego carteira adentro, coloco o capuz e ligo o iPod

no volume máximo, na esperança de abafar o zum-zum-zum à minha volta e de esquecer o

que acabou de acontecer. Afirmo para mim mesma que um cara como ele, tão seguro de si,

tão deslumbrante, tão completamente formidável, não se abala com o que diz uma garota

como eu.

Mas assim que começo a relaxar, já decidida a não ligar mais para isso, levo um susto

devastador, uma descarga elétrica que invade minha pele e segue correndo pelas veias,

fazendo meu corpo inteiro formigar.

E tudo porque Damen colocou a mão sobre a minha.

Não é fácil alguém me surpreender. Desde que adquiri os poderes, só a Riley

consegue essa façanha; aliás, acredite, ela sempre encontra um jeito novo de fazer isso.

Mas quando levanto os olhos de minha mão para o rosto de Damen, ele apenas sorri e diz:

— Eu queria devolver isto aqui. — E me entrega o exemplar de O morro dos ventos

uivantes.

Sei que soa estranho, talvez um tanto maluco, mas quando ele abriu a boca e falou

não ouvi nada mais à minha volta. Sério, foi como se eu, em um momento, estivesse

ouvindo pensamentos e vozes ao acaso e, em outro, começasse a ouvir isto:_____

Sabendo como isso é ridículo, balanço a cabeça e digo:

— Tem certeza de que não quer ficar com ele mais um pouco? Não estou precisando,

já sei como a história termina. — Damen recolhe a mão, mas o formigamento continua

ainda um tempinho.

— Também já sei o fim — ele diz, olhando para mim de um jeito tão intenso tão

obstinado e tão íntimo que rapidamente desvio o olhar.

E quando vou recolocar os fones no ouvido, a fim de bloquear os comentários

maldosos de Stacia e Honor, Damen novamente pousa a mão na minha e diz:

— O que você está ouvindo?

E o silêncio se refaz. Sério, durante aqueles poucos segundos somem as espirais de

pensamento, os cochichos maldosos, tudo, menos a voz suave e lírica de Damen. Da outra

vez que isso aconteceu, achei que fosse maluquice minha. Mas agora sei que é real.

Porque, embora as pessoas continuem a falar, a pensar e a fazer tudo o que normalmente

fazem, nada chega a meus ouvidos. Só o som das palavras dele.

Mais uma vez percebo a corrente elétrica que invade meu corpo, sinto como ele está

quente e penso no que poderia estar causando isso. Bem, não é que esta tenha sido a

primeira vez que alguém segura minha mão, mas nunca antes senti nada nem de longe

parecido.

— Perguntei o que você está ouvindo. — Ele sorri. Um sorriso tão íntimo e particular

que me deixa com as bochechas vermelhas.

— É... hmm... é só uma coletânea de músicas góticas que minha amiga Haven baixou

pra mim. A maioria é coisa antiga, tipo Siouxsie and the Banshees, Bauhaus, The Cure... —

respondo, afinal, dando de ombros. Desta vez não consigo desviar o olhar. Encarando-o de

volta, tento descobrir a cor exata dos olhos dele.

— Você gosta de gótico? — pergunta Damen, surpreso e cético, correndo os olhos por

mim como se estivesse me inventariando: o rabo de cavalo, o moletom azul-marinho, o

rosto totalmente desprovido de maquiagem...

— Eu, não. Mas a Haven curte muito. — Deixo escapar uma risada nervosa,

estridente, dessas que assustam. Tenho a impressão de que ela ricocheteia pelas quatro

paredes da sala antes de voltar para mim.

— E você, curte o quê? — Damen ainda me encara, claramente gostando da

conversa.

Estou prestes a responder quando o sr. Robins entra na sala com as bochechas muito

vermelhas, mas não por ter vindo correndo pelo corredor, como todo mundo acha. Damen

se recosta na carteira, e eu respiro fundo, aliviada por voltar aos ruídos de sempre: a

ansiedade típica dos adolescentes, o estresse com as provas, a insatisfação com a própria

aparência, as frustrações do sr. Robins, os pensamentos de Stacia, Honor e Craig, todos se

perguntando o que um gato desses pode querer comigo.

Cinco

Quando chego à mesa em que sempre almoçamos, Haven e Miles já estão lá. Mas ao

ver que Damen está com eles, fico tentada a correr na direção contrária.

— Você pode se sentar com a gente, mas só se prometer não ficar encarando o

novato — diz Miles, rindo. — Encarar os outros é falta de educação, sabia? Será que

ninguém lhe ensinou isso?

Reviro os olhos e me sento ao lado dele no banco, determinada a provar que não

estou nem aí para a presença de Damen.

— Fui criada por lobos, o que é que eu posso fazer? — Dou de ombros e trato de abrir

o zíper da bolsa térmica em que trago meu almoço.

— Fui criado por uma drag queen e por uma escritora — diz Miles, surrupiando um

confeito do cupcake pré-Halloween de Haven.

— Desculpe, mas esse não é você, querido — intervém Haven, rindo. — É o Chandler

de Friends. Eu, por minha vez, fui criada por uma congregação de bruxas. Fui uma linda

princesa vampira, amada, adorada e admirada por todos. Cresci num luxuoso castelo

gótico, e nem sei como vim parar aqui, nesta horrenda mesa de fibra de vidro, junto com a

ralé. — Ela acena para Damen. — E você?

Ele dá um gole no que está bebendo, um líquido vermelho iridescente em uma garrafa

de vidro, e então corre os olhos por nós três e diz:

— Itália, França, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Nova York, Nova Orleans, Oregon,

Índia, Novo México, Egito e mais alguns lugares por aí. — Ele sorri.

— Filho de militar, aposto. — Haven dá uma risada, retira um confeito do cupcake e o

arremessa para Miles.

— Everédooregon — ele não consegue falar direito enquanto captura o doce com a

língua e o engole com seu isotônico.

— O quê? — pergunta Damen, confuso.

Miles ri.

— Falei que a Ever, nossa amiga aqui, é do Oregon — diz, provocando um olhar torto

de Haven, que, mesmo depois do mico que paguei ontem, ainda me vê como a maior pedra

em seu caminho rumo ao amor absoluto e não gosta nem um pouco de me ver no centro

das atenções, ainda que por um breve instante.

Damen sorri, olhando para mim.

— Onde no Oregon? Já morei em Portland.

— Eugene — respondo, focando meu sanduíche, não Damen, pois mais uma vez,

exatamente como aconteceu na sala de aula, quando ele fala, sua voz é o único som que

ouço.

E toda vez que nossos olhares se encontram sinto meu corpo ficar quente.

E quando o pé de Damen roça o meu, todo o meu corpo começa a formigar.

E essa história já está me deixando nervosa.

— Como você veio parar aqui? — Damen se inclina em minha direção, e Haven logo

dá um jeito de se aproximar dele, deslizando no banco.

Sem tirar os olhos da mesa, crispo os lábios como faço sempre que estou aflita. Não

quero falar sobre meu passado. Não vejo motivo para revelar todos os detalhes sórdidos;

para explicar como, por culpa exclusivamente minha, toda a minha família morreu, e eu, por

algum motivo insondável, sobrevivi. Portanto, simplesmente retiro a casca do pão e digo:

— É uma longa história.

Posso sentir o olhar de Damen sobre mim, um olhar intenso, quente, convidativo. Fico

tão nervosa que minhas mãos começam a suar, e deixo escorregar a garrafa de água

mineral. Tudo acontece tão rápido que não tenho tempo de fazer nada, além de esperar

pelo barulho provocado pela queda.

Mas antes que a garrafa chegue à mesa Damen a pega no ar e a devolve a mim. Fico

ali, encarando minha água mineral e evitando o olhar dele, cogitando se fui a única a

perceber o borrão que se formou no lugar do braço dele, tamanha a rapidez do gesto.

Em seguida, Miles pergunta sobre Nova York, e Haven se aproxima ainda mais, quase

se sentando no colo de Damen. Respiro fundo e termino meu almoço, preferindo achar que

imaginei tudo aquilo.

Quando finalmente o sinal toca, recolhemos nossos pertences e caminhamos de volta

para a sala de aula. Assim que Damen se afasta, viro para meus amigos e digo:

— Como é que ele foi parar em nossa mesa? — Sinto um arrepio só de perceber a

estridência e o tom de acusação em minha voz.

— Ele queria se sentar na sombra, então o convidamos a ficar com a gente. — Miles

dá de ombros, joga sua garrafa no cesto de lixo reciclável e nos conduz ao corredor do

prédio. — Não precisa ficar nervosa, ninguém arquitetou um plano diabólico pra colocar

você numa saia justa.

— É, você não tinha nada que tocar naquele assunto de novo, na história do

estacionamento. — Sei que estou sendo ridícula e sensível demais. Mas não posso dizer o

que realmente estou pensando. Não quero magoar meus amigos com esta pergunta cruel,

porém absolutamente válida: Por que um garoto como Damen iria querer andar com a

gente?

Sério. Entre tantos alunos nesta escola, entre tantas tribos de garotas e garotos

descolados, que motivos ele teria para querer ficar logo conosco, as três ovelhas mais

desgarradas e esquisitonas do pedaço?

— Relaxe, ele achou engraçado — retruca Miles. —Além disso, vai passar na sua

casa hoje à noite. Falei pra ele chegar lá pelas oito.

— Você o quê? — devolvi. De repente lembro que durante todo o almoço Haven ficou

pensando no que iria vestir e Miles estava imaginando se teria tempo para uma sessão de

bronzeamento artificial. Só agora tudo se encaixa.

— Bem, Damen detesta futebol tanto quanto a gente, como descobrimos no

interrogatório que Haven estava fazendo pouco antes de você chegar. — Haven sorri e faz

uma pequena reverência, flexionando os joelhos cobertos por uma meia arrastão. — E

como o cara acabou de chegar e ainda não conhece ninguém, achamos por bem passar o

laço nele, antes que tenha tempo de fazer outros amigos.

— Mas... — Na verdade, nem sei o que dizer. Sei apenas que não quero ver Damen

em minha casa, nem hoje nem nunca.

— Vou chegar um pouquinho depois das oito — diz Haven. — Minha reunião termina

as sete, e tenho de passar em casa para trocar de roupa. Aliás, antes que eu me esqueça,

sou eu quem vai ficar do lado dele na jacuzzi. Acabei de pegar a senha!

— Você não pode fazer isso! — contesta Miles, ultrajado. — Não vou deixar!

Mas Haven simplesmente se despede com um aceno e sai saltitando rumo à sua aula.

— Qual será a reunião do dia? — pergunto a Miles.

Ele abre a porta da sala e diz:

— Sexta é dia dos gulosos.

Haven é o que se pode chamar de viciada em grupos de ajuda. Ao longo do pouco

tempo que nos conhecemos, já freqüentou grupos anônimos para alcoólatras, fumantes,

drogados, sociopatas, endividados, codependentes, colecionadores compulsivos, viciados

em jogo, viciados em internet e viciados em vulgaridade. Até onde sei, hoje é a primeira vez

que vai a uma reunião de comedores compulsivos. Acontece que, com aquela pinta de

bailarina de caixinha de música, linda, alta e magra, minha amiga, definitivamente, não é

uma comedora compulsiva. Como também não é alcoólatra, nem fumante, nem drogada...

nada disso. No entanto, por ser totalmente ignorada pelos pais autocentrados, sai em busca

de amor e compreensão em qualquer lugar onde possa encontrá-los.

É pelo mesmo motivo essa história de gótico. Haven não pertence a essa tribo. Caso

contrário, não andaria saltitando pelos corredores da vida, mas se esgueirando por aí. Muito

menos haveria paredes cor-de-rosa (resquício da fase bailarina, logo antes da fase

patricinha) sob os pôsteres do Joy Division no quarto dela.

Ela simplesmente chegou à conclusão de que a maneira mais rápida de conseguir

destaque numa cidade infestada de louras com roupas de marca é vestir-se como a Rainha

das Trevas.

No entanto, não vem colhendo os frutos que esperava. Quando a viu vestida assim

pela primeira vez, sua mãe simplesmente suspirou, pegou as chaves do carro e se mandou

para a aula de pilates. Quanto ao pai, nunca fica em casa o suficiente para notar o que quer

que seja. O irmão caçula, Austin, esse sim levou um baita susto, mas logo se acostumou. E

na escola os arroubos de excentricidade se tornaram tão comuns com a presença de

câmeras da MTV no ano passado que ninguém se espanta com mais nada.

Mas sei que, debaixo de tantas caveiras e piercings e daquela maquiagem de noiva

cadáver, há uma garota que apenas quer ser vista, ouvida, amada e receber atenção —

nada que nenhuma de suas encarnações passadas conseguiu obter até agora. Portanto, se

Haven se sente bem ficando de pé diante de uma platéia de desconhecidos e inventando

uma história lacrimosa qualquer sobre sua luta diária contra esse ou aquele vício, não sou

eu que vou impedi-la.

Na minha vida antiga, eu não andava com pessoas como Miles e Haven. Não tinha o

menor contato com garotos perturbados, muito menos com os esquisitões ou com aqueles

que serviam de saco de pancada para quase todo mundo. Fazia parte da tribo dos

populares, onde éramos todos bonitos, atléticos, talentosos, inteligentes, ricos ou tudo isso

junto. Frequentava as festinhas da escola e tinha uma melhor amiga chamada Rachel (que

era líder de torcida, como eu) e até mesmo um namorado, Brandon, o sexto garoto que

beije na vida (o primeiro foi o Lucas, mas só por causa de uma aposta que fiz no sétimo

ano; nenhum dos outros vale a pena mencionar, acredite). Por outro lado, não chegava a

ser uma garota do mal. Não zoava com as pessoas só porque elas não faziam parte de meu

grupo, mas também não prestava a menor atenção nelas. Essas pessoas simplesmente

não tinham nada a ver comigo. Portanto eu agia como se elas fossem invisíveis.

Pois agora sou invisível também. Soube disso no dia em que Rachel e Brandon foram

me visitar no hospital. Por fora eles se mostraram supergentis e atenciosos, mas, por

dentro, nos pensamentos, a história foi bem outra. Ficaram horrorizados com as bolsas que

pingavam soro em minhas veias, com a quantidade de cortes e hematomas, com os gessos

que cobriam meus braços e minhas pernas; mal conseguiam olhar para a cicatriz horrenda

que desfigurava minha testa. Estavam, sim, tristes com o que havia acontecido, por tudo o

que eu havia perdido, mas não viam a hora de sair dali.

Notei que as auras de Rachel e Brandon tinham se misturado, adquirindo o mesmo

tom marrom opaco, e percebi que eles estavam se afastando de mim, ficando mais

próximos um do outro.

Portanto, quando me mudei para a Califórnia e fui estudar na Bay View, nem me dei o

trabalho de tentar uma aproximação com Stacia, Honor e companhia: fui direto para Miles e

Haven, os dois desgarrados que imediatamente aceitaram minha amizade, sem fazer

nenhuma pergunta. E mesmo que nós formamos um grupinho bastante estranho, ao menos

por fora, não sei o que seria de mim sem os dois. A amizade deles é uma das poucas coisas

que realmente prezo na vida. Perto deles sou quase normal outra vez.

E é exatamente por isso que preciso ficar longe de Damen. Não posso ceder à

tentação de me deixar levar por ele, por aquele toque que me deixa eletrizada, pelo silêncio

que me cerca quando ele abre a boca para falar.

Não quero correr o risco de perder minha amizade com Haven.

Não posso correr o risco de me aproximar demais.

Seis

Damen e eu somos colegas em duas matérias, mas só na aula de inglês é que nos

sentamos um ao lado do outro. Portanto, volto a vê-lo apenas quando já terminou o sexto

tempo, a aula de educação artística, e já recolhi minhas tralhas, pronta para ir embora.

Ele corre a meu encontro, segura a porta para mim, e eu passo ao corredor olhando

para baixo, bolando um jeito de desconvidá-lo.

— Seus amigos me chamaram pra passar na sua casa hoje à noite — ele diz,

andando passo a passo comigo. — Mas não vai dar.

— Ah, não? — retruco, surpresa, e arrependendo-me da forma como minha voz me

traiu, ao soar tão feliz. — Quer dizer, tem certeza? — Tento baixar a bola e parecer um

pouco mais sociável, como se realmente fizesse questão da presença dele, mas... tarde

demais.

Damen me encara com os seus olhos brilhantes e um sorriso entre os lábios.

— Infelizmente, sim. A gente se vê na segunda — diz, e aperta o passo rumo ao carro,

que está parado na área reservada aos professores, o motor misteriosamente ronronando.

Quando chego ao Miata, encontro Miles já à minha espera, de braços cruzados, olhos

apertados e com o tradicional sorrisinho de irritação estampado no rosto.

— É melhor você contar logo o que acabou de acontecer ali, porque boa coisa não

deve ter sido — ele diz, entrando às pressas no carro.

— Damen falou que não vai mais à minha casa, só isso. — Dou de ombros, olho pelo

retrovisor e engato a ré.

— Mas o que você falou, pra que ele pulasse fora? — diz Miles, olhando furioso para

mim.

— Nada.

O sorrisinho falso fica mais aparente.

— É verdade! — insisto. — Não tenho culpa nenhuma se seus planos pra essa noite

furaram! — Saio do estacionamento e pego a rua, percebendo que Miles continua com os

olhos pregados em mim. — Que foi?

— Nada.

Miles ergue as sobrancelhas e olha pela janela. Mesmo sabendo o que ele está

pensando, não falo nada. Prefiro me concentrar no trânsito. Mas, claro, ele não consegue

segurar a língua. Vira para mim e diz:

— Prometa que não vai ficar brava comigo.

Fecho os olhos e, suspirando, penso: Pronto, lá vamos nós.

— É que... bem, não consigo entender você. Assim... nada em você faz sentido.

Respiro fundo, determinada a não levar a conversa adiante. Sobretudo porque sei

aonde ela vai chegar.

— Pra começar, você é essa gata maravilhosa, de parar o trânsito... ou pelo menos

acho que é, porque está sempre escondida debaixo desse capuz medonho. Sinto muito,

amiga, mas vou dizer: esse seu modelito é uma tragédia, parece coisa de morador de rua. E

tem mais: odeio precisar dizer isso pra você, mas essa história de ficar evitando o novato

gostoso, quando ele está obviamente a fim de você... Sei não, é muito esquisito pra mim.

Ele se cala por um instante e lança um olhar encorajador em minha direção; eu me

preparo para o que está por vir.

— A não ser que... a não ser que você seja gay

Dobrando uma esquina, novamente deixo escapar um suspiro; pela primeira vez na

vida dou graças a Deus por meus poderes mediúnicos, que nesse momento ajudaram a

aplacar o susto.

— Olhe, não tem problema algum se você for — ele continua. — Afinal, sou gay

também, né? Não serei eu que vou discriminar você por causa disso, certo? — Ele dá um

risinho meio nervoso, porque estamos entrando num território ainda não desbravado de

nossa amizade.

Simplesmente balanço a cabeça e freio.

— Só porque não estou interessada no cara não significa que eu seja gay, ora essa!

— Percebo que fui muito mais defensiva do que pretendia. — A atração envolve muitos

elementos além da aparência física, sabia?

O olhar que faz a gente derreter, o toque que faz a gente formigar, a voz que silencia o

mundo...

— Então é por causa da Haven, não é? — ele pergunta, não se dando por convencido.

— Não. — Aperto o volante com as mãos e fixo os olhos no sinal torcendo para que

não demore muito a abrir. Quero deixar Miles em casa e acabar com essa conversa o mais

rápido possível.

Mas percebo que respondi depressa demais quando ele diz:

— Eu sabia! É por causa da Haven, sim! Só porque ela inventou essa história de

senha. Não acredito que você está levando essa parada a sério! Por acaso não vê o que

está fazendo? Não percebe que está abrindo mão de perder a virgindade com o cara mais

gostoso da escola, talvez até do planeta só porque a Haven levantou o dedo primeiro?

— Não seja ridículo — resmungo e balanço a cabeça, finalmente chegando à casa de

Miles e parando o carro diante da entrada.

— Não me diga que já perdeu a virgindade, já? — Ele ri, claramente se divertindo com

tudo isso. — Como é que você me esconde um babado desses, garota?

Reviro os olhos, mas não consigo me conter: dou uma risada também. Miles fica me

olhando por um tempo, depois recolhe os livros e sai do carro. Antes de chegar à porta da

casa, no entanto, vira pra trás e diz:

— Tomara que a Haven saiba dar valor à amiga que tem!

No fim das contas, nossa noite de sexta é cancelada. Bem, não a noite em si, só

nosso encontro. Em parte porque Austin, o irmão caçula da Haven, ficou doente, e ela era a

única que estava por perto para cuidar dele; e também porque o pai de Miles, fanático por

esportes, arrastou o filho para ver um jogo de futebol, obrigando-o a vestir a camisa do time

e a fingir que estava feliz da vida. Portanto, assim que fica sabendo que estou sozinha em

casa, Sabine sai mais cedo do trabalho e me convida para jantar fora.

Careca de saber que minha tia não aprova nem um pouco o jeito de eu me vestir e

querendo ser gentil depois de tudo o que ela fez por mim, escolho o vestidinho azul que ela

me deu de presente não faz muito tempo, calço uma sandália de salto, passo um pouquinho

de gloss na boca (reliquia da minha vida antiga, quando eu curtia essas coisas), transfiro o

essencial da mochila para a pequena bolsa de metal que combina com o vestido e substituo

o habitual rabo de cavalo por cabelos soltos e penteados.

Estou quase na porta do quarto quando Riley se materializa atrás de mim e diz:

— Já estava na hora de você se vestir de mulher!

Por pouco não tenho um treco.

— Caramba, você quase me matou de susto! - sussurro, fechando a porta para que

Sabine não escute.

— Eu sei. — Riley ri — Então, aonde você está indo?

— Um restaurante aí, chamado Stonehil Tavern. Fica no hotel St. Regis. — Meu

coração ainda bate feito um tambor.

— Ui, que chique!

— Como é que você sabe? — pergunto. Não é impossível que ela já tenha ido lá,

afinal de contas, minha irmã nunca diz o que faz quando não está comigo.

— Sei de muita coisa — ela diz, rindo. — Muito mais do que você. — Riley pula na

cama e ajeita os travesseiros antes de se esparramar.

— Não faz mais que a obrigação, né? — retruco, irritada ao ver que ela está usando o

mesmo vestido e as mesmas sandálias que eu. Só que, como é quatro anos mais nova e

bem mais baixa, parece que está fantasiada de adulto.

— Falando sério, você devia se vestir assim com mais frequência. Porque, detesto

dizer, essas roupas que você usa não a ajudam em nada. Por acaso acha que o Brandon ia

dar mole se antes você só andasse de moletom? — Ela cruza os tornozelos e fica ali, me

encarando, mais relaxada que qualquer outra pessoa viva ou morta. — Por falar nisso,

sabia que ele está namorando a Rachel agora? Pois é. Faz cinco meses que eles estão

juntos. Muito mais que o tempo que vocês ficaram, não foi?

Contraio os lábios, bato o pé e repito o mantra de sempre: Não vou deixá-la me irritar,

não vou deixá-la me irritar...

— Ah, você nem vai acreditar, mas eles quase chegaram lá! Sério, eles saíram mais

cedo de uma festinha da escola, já tinham planejado tudo, mas então... — Ela fica calada

tempo suficiente para dar uma risada. — Bem, acho que não devia ficar contando essa

história por aí. Digamos que o Brandon tenha feito algo terrível, de matar qualquer um de

vergonha e cortar qualquer clima possível. Você tinha de estar lá pra ver. Pode acreditar, foi

hilário! Quer dizer, não me leve a mal, ele sente saudades de você e tudo mais... Até já

trocou o nome da Rachel pelo seu umas duas vezes, mas... sabe como é, a fila anda, né?

Respiro fundo e aperto os olhos, observando minha irmãzinha querida esparramada

na cama feito uma Cleópatra na liteira, criticando minha vida, minhas roupas, praticamente

tudo o que me diz respeito, e distribuindo boletins informativos, que eu nem pedi, sobre

ex-amigos, como se fosse uma autoridade pré-adolescente qualquer.

Deve ser ótimo viver assim, aparecendo só quando dá vontade, sem ter de entrar nas

trincheiras e enfrentar a barra-pesada da vida real como todo mundo faz!, pensei.

De repente fico tão irritada com os pequenos ataques-surpresa de Riley, desejando

que ela me deixe em paz para viver o que resta da minha vidinha sem ter de conviver com o

veneno de uma aborrescente tão petulante que olho fundo nos olhos dela e digo:

— Então, quando é que você vai voltar pra escola dos anjos? Ou será que foi expulsa

por ser tão perversa?

Ela me fulmina com o olhar, as pálpebras tão apertadas que os olhos se reduzem a

dois traços furiosos no rosto. A essa altura, Sabine bate à porta e diz:

— Está pronta?

Olho sério para minha irmã, antes que ela faça qualquer bobagem e deixe Sabine com

a pulga atrás da orelha sobre os últimos e estranhos acontecimentos aqui.

Mas Riley apenas sorri e diz:

— Papai e mamãe mandaram um beijo. — E some no ar segundos depois.

Sete

A caminho do restaurante, não consigo pensar em outro assunto que não seja Riley e

o recadinho irônico que tão cruelmente ela deixou antes de desaparecer. Quer dizer,

durante todo esse tempo venho suplicando a ela que me dê alguma informação sobre

nossos pais, só me falta ajoelhar a seus pés para obter qualquer notícia, uma migalha que

seja, sobre eles. No entanto, em vez de me colocar a par das novidades, de contar o que

tanto quero saber, ela fica toda nervosinha e enigmática, recusando-se a explicar por que

eles ainda não apareceram para mim.

Era de esperar que a morte deixasse as pessoas um pouquinho mais gentis e

generosas. Que nada! Riley ainda é a mesma pentelha mimada e cruel que sempre foi

quando viva.

Sabine deixa o carro com os manobristas e entramos no hotel. Assim que vejo o

enorme lobby de mármore, os gigantescos arranjos de flor e a extraordinária vista para o

mar, arrependo-me de tudo o que acabei de pensar. Riley tinha razão. O lugar é realmente

chique. Chique, não, chiquíssimo. Perfeito para um jantarzinho romântico com o namorado

— e não com a sobrinha taciturna.

À porta do restaurante, a recepcionista nos conduz a nosso lugar:
uma mesa linda,

com toalha de linho branco, velas cintilantes e utensílios com sal e
com pimenta que

lembram duas joias de prata. Já sentada, corro os olhos pelo salão,
mal acreditando que

possa existir um lugar tão requintado assim, sobretudo se
comparado aos restaurantes a

que estou acostumada.

Mas logo caio na real. De que adianta ficar comparando minha vida
nova a antiga,

mentalmente examinando fotos do "antes" e do "depois"? De que
adianta ficar revendo os

filminhos arquivados em minha memória sobre como tudo
costumava ser? Por outro lado,

com a proximidade da Sabine, gêmea do papai, não é lá muito fácil
evitar as comparações.

Ela pede um copo de vinho tinto para si e um refrigerante para
mim, depois damos

uma olhada rápida no cardápio. Assim que a garçonete se afasta,
Sabine prende os

cabelos louros e curtos atrás das orelhas, abre um sorriso cordial e
diz:

— Então, como vão as coisas? Escola, amigos... Tudo em paz?

Não me levem a mal: adoro minha tia e tenho a maior gratidão por tudo o que ela fez

por mim. Mas só porque tira de letra um júri de doze marmanjos não significa que seja boa

de conversa fiada. Apesar disso, olho para ela e digo:

— Tudo em paz.

O.K. Conversa fiada também não é lá meu forte.

Em seguida, Sabine pousa uma das mãos em meu braço para dizer algo mais, porém

ela nem sequer havia ainda encontrado as palavras certas quando me vejo de pé e

arrastando a cadeira para trás.

— Volto já — falo baixinho e quase atropelo a cadeira ao voltar pelo mesmo caminho

de antes, sem me dar o trabalho de perguntar à garçonete, quase atropelada também, onde

fica o banheiro. Ela olha automaticamente para mim, convencida de que não vou chegar a

tempo ao fim do longo corredor.

Seguindo na direção que ela involuntariamente indicou, passo por uma galeria de

espelhos gigantes, com molduras folheadas a ouro e pendurados lado a lado numa parede.

Como é sexta-feira, o hotel fervilha com os convidados de um casamento que, a julgar pelo

que vejo, não tem a menor chance de dar certo.

Um grupo de pessoas passa por mim, as auras espiralando com uma energia tão

intensificada pelo álcool que chega a me afetar também, deixando-me enjoada, tontinha da

silva, tão desorientada que vejo à minha frente uma longa fileira de Damens com o rosto

virado para trás.

Aos trancos e barrancos, entro no banheiro, apoio as mãos na bancada de mármore e

tento recuperar o fôlego. Concentrando o olhar nos vasos de orquídeas, nos frascos de

perfume e na pilha de toalhas felpudas sobre a bandeja de porcelana, aos poucos vou me

sentindo mais calma, mais lúcida e mais centrada.

Já habituada a toda essa energia que aleatoriamente encontro aonde vou, acho que

não lembrava mais os efeitos devastadores que ela é capaz de produzir quando minhas

defesas não estão ativadas, quando o iPod não está comigo. Mas quando a Sabine pousou

a mão em mim, fiquei tão assustada com a solidão e a tristeza contidas naquele toque que

tive a sensação de ter levado um soco no estômago.

Sobretudo ao lembrar que a culpa de tudo isso é minha.

Acho que sempre ignorei a solidão da minha tia. Moramos na mesma casa, mas

raramente nos vemos. Sabine passa boa parte do tempo no trabalho, e eu, na escola. Nas

noites e nos fins de semana, se não estou trancada no quarto, estou na rua com meus

amigos. Acho que algumas vezes esqueço que não sou a única pessoa abandonada no

mundo; embora tenha me recebido e tentado ajudar, a Sabine ainda se sente tão sozinha e

vazia quanto no dia em que tudo aconteceu.

Por outro lado, por mais que eu queira me aproximar dela ou consolá-la de alguma

forma, simplesmente não consigo. Sou uma pessoa machucada demais, esquisita demais.

Um E.T. que ouve pensamentos e conversa com mortos. Não posso correr o risco de dar

bandeira ao me aproximar demais das pessoas, nem mesmo da minha tia. O melhor que

tenho a fazer é terminar logo o ensino médio, ir embora para uma universidade qualquer e

deixar que Sabine volte à vida normal dela. Talvez então ela possa se aproximar do tal cara

que trabalha em seu prédio e que ela ainda nem conhece — o dono do rosto que vi quando

a mão dela tocou meu braço.

Dou uma ajeitada nos cabelos, passo mais um pouquinho de gloss e volto à mesa,

determinada a me esforçar um pouco e levantar a bola da minha tia, mas sem colocar em

risco meus segredos. Depois de me acomodar novamente, dou um gole rápido no

refrigerante e, sorrindo, tentando ser o mais convincente possível, digo:

— Estou ótima, juro. — E dali a pouco: — Então, algum caso interessante no trabalho?

Algum gato trabalhando por lá?

Depois do jantar, fico esperando do lado de fora enquanto Sabine entra na fila para

pagar o manobrista. Estou tão distraída com o drama que se desenrola à minha frente,

entre a noiva e sua suposta dama de "honra", que literalmente dou um pulo quando sinto

alguém tocar meu braço.

— Oi, é você? — digo, o corpo esquentando e formigando assim que nossos olhares

se cruzam.

— Você está linda — diz Damen, seus olhos passeando do vestido até as sandálias

para depois voltar aos meus. — Quase não a reconheci sem o capuz. — Ele sorri. — Então,

gostou do jantar?

Faço que sim com a cabeça, uma verdadeira proeza diante do estado de confusão

mental em que me encontro.

— Vi você no corredor. Teria cumprimentado se você não estivesse com tanta pressa.

Olho para ele, imaginando o que poderia estar fazendo sozinho num lugar como este

numa sexta-feira à noite. Estava todo de preto: blazer, camiseta sem gola, jeans e botas —

uma produção talvez sofisticada demais para alguém da sua idade, mas que nele ficava

totalmente natural.

— Vim me encontrar com uma pessoa de fora, que está hospedada aqui — ele diz,

respondendo à pergunta que nem cheguei a fazer.

Ainda estou pensando no que poderia dizer quando Sabine aparece ao nosso lado. E

eles já estão apertando as mãos quando, enfim, consigo explicar:

— Hmm... Damen é meu colega de escola.

Aquele que faz minhas mãos suarem, meu coração palpitar... e que não sai da minha

cabeça de jeito nenhum!, penso.

— Acabou de se mudar do Novo México — acrescento, esperando que isso baste até

o carro chegar.

— Onde no Novo México? — pergunta Sabine. Quando vejo o sorriso estampado no

rosto dela, fico pensando se minha tia também não está tomada pelo mesmo êxtase que eu.

— Santa Fé — ele responde sorrindo.

— Ah, dizem que lá é maravilhoso. Sempre tive vontade de conhecer.

— Sabine é advogada, trabalha pra caramba — digo, olhando na direção de que o

carro virá daqui a dez, nove, oito, set...

— Estamos indo pra casa — diz Sabine —, mas se quiser uma carona...

Imediatamente entro em pânico, pensando em como pude não prever isso. Olho para

Damen, rezando para que ele recuse o convite.

— Obrigado, mas preciso voltar pra lá — ele diz, apontando com o polegar por sobre

os ombros.

Meus olhos seguem na direção apontada até que param numa ruiva incrivelmente

deslumbrante, usando o pretinho básico mais lindo que já vi na vida, empoleirada em

sandálias de salto alto.

Ela sorri para mim, mas sem qualquer entusiasmo. Apenas lábios rosados que se

curvam ligeiramente e olhos distantes demais para serem lidos. Mas não posso deixar de

notar certa ironia na expressão dela, como se a presença de Damen a meu lado fosse algo

engraçado ou, no mínimo, improvável.

Olho de volta para ele, assustada ao vê-lo tão perto, seus lábios úmidos e

entreabertos a poucos centímetros dos meus. Então ele ergue a mão e, roçando de leve em

minha bochecha, tira uma tulipa vermelha de trás da minha orelha.

Quando dou por mim, estou sozinha novamente, e ele, caminhando de volta para a

ruiva.

Fico ali, admirando a tulipa, acariciando as pétalas aveludadas, imaginando de onde

uma flor tão linda poderia ter saído — sobretudo levando em conta que a primavera acabou

faz tempo.

Só mais tarde, já sozinha em meu quarto, é que me dou conta de um detalhe: a tal

ruiva também não tinha aura.

Eu devia estar num sono muito profundo, pois mesmo ao ouvir alguém andando pelo

quarto, minha cabeça está tão cansada, tão confusa, que nem sequer abro os olhos.

— Riley? — resmungo. — É você? — Ela não responde, então deduzo que minha

irmã está aprontando mais uma das suas. E como estou cansada demais para brincar, pego

meu travesseiro e cubro a cabeça com ele.

Pouco depois escuto mais um barulho.

— Olha, Riley, estou exausta, O.K.? Desculpa se fui ríspida com você, se a deixei

irritada comigo. Mas realmente não estou a fim de brincadeira. Afinal de contas, são... —

Levanto o travesseiro e com apenas um dos olhos confiro a hora no despertador. — São

três e quarenta e cinco. Melhor você voltar lá pra onde quer que você sempre volta e deixar

essa história pra depois, certo? Pode até pegar aquele vestido que usei na formatura da

oitava série que não vou falar nada, palavra de escoteiro.

Acontece que depois de falar tudo isso perco o sono. Então, jogo o travesseiro para o

lado e, furiosa, olho para a forma embaçada que está sentada na cadeira da escrivania,

imaginando o que haveria de tão importante assim que não podia esperar até a manhã.

— Já pedi desculpas, O.K.? Que mais você quer que eu diga?

— Você pode me ver? — ela pergunta, afastando-se da mesa.

— Claro que... — De repente fico muda. A voz não é de minha irmã.

Oito

Vejo pessoas mortas. O tempo todo. Na rua, na praia, nos shoppings, nos

restaurantes, nos corredores da escola, nas filas do correio, na sala de espera dos

consultórios... mas nunca no do dentista. Porém, ao contrário dos fantasmas que a gente vê

na televisão e no cinema, elas jamais me perturbam, pedem minha ajuda ou vêm conversar

comigo. De modo geral, não fazem mais que sorrir e acenar quando notam que estão sendo

vistas. Como a maioria dos vivos, elas adoram ser vistas.

Mas a voz em meu quarto, definitivamente, não era de um fantasma. Também não era

de Riley. A voz em meu quarto era de Damen.

E por isso sei que foi um sonho.

— E aí? — Ele sorri e se senta segundos depois de o sinal tocar, mas, como a aula é

do sr. Robins, isso é o mesmo que chegar cedo.

Cumprimento-o apenas com um aceno de cabeça, de um jeito displicente, neutro,

como se não estivesse nem aí para ele. Esperando esconder o fato de que, a essa altura,

estou tão a fim que até ando sonhando com ele.

— Sua tia parece ser uma pessoa legal — ele diz, olhando para mim e batendo com a

caneta na carteira, num irritante tec tec tec.

— É, ela é muito legal — resmungo, furiosa com o sr. Robins, que não sai daquele

banheiro, desejando que ele largue o maldito cantil de uísque e venha logo dar sua aula.

— Também não moro com minha família — diz Damen, a voz silenciando a sala,

aquietando meus pensamentos, enquanto ele gira a caneta na ponta dos dedos, para lá e

para cá, sem deixá-la cair.

Não digo nada. Apenas ajusto o iPod no compartimento secreto do capuz, cogitando

ligar a música para bloquear Damen também. Não, isso seria grosseiro demais.

— Fui emancipado — ele acrescenta.

— Sério? — pergunto, apesar de ter prometido a mim mesma limitar nossas

conversas ao mínimo necessário. Só que, bem, nunca conheci um outro emancipado e

sempre achei que todos fossem pessoas tristes e solitárias. Mas, a julgar pelo carro que

dirige, as roupas que usa e os lugares que frequenta nas noites de sexta, Damen não

parece nem um pouco infeliz com sua condição.

— Sério — ele diz. E assim que para de falar ouço os cochichos febrilmente trocados

entre Stacia e Honor, que me chamam de esquisitona e outros qualificativos bem menos

simpáticos que esse. Depois me espanto ao vê-lo arremessar a caneta para o alto, sorrindo

enquanto ela desenha uma série de oitos preguiçosos no ar, antes de aterrissar

perfeitamente na ponta do dedo dele. — E sua família, onde está? — ele pergunta.

Como é estranha essa alternância entre barulho e silêncio, barulho e silêncio, barulho

e silêncio... Parece até uma versão nova para a dança das cadeiras, uma versão em que

sempre acabo sobrando de pé.

— O quê? — digo, distraída pela caneta que agora paira entre a gente, bem como

pelos comentários de Honor a respeito de minhas roupas. Quanto ao namorado dela, bem,

o garoto concorda com tudo, feito um cordeirinho, mas ao mesmo tempo se pergunta por

que ela, Honor, nunca se veste como eu. Minha vontade é pôr o capuz, ligar o iPod no

volume máximo e dar um fim a essa história toda. Em tudo. Inclusive em Damen.

Principalmente em Damen.

— Onde sua família mora? — ele pergunta.

Fecho os olhos enquanto ele fala, saboreando a delícia que são esses poucos

segundos de silêncio. Depois volto a abri-los e, encarando-o digo:

— Estão todos mortos. Finalmente o sr. Robins entra na sala.

— Sinto muito.

Damen se senta à minha frente na mesa do almoço, e eu corro os olhos pelo pátio,

ansiosa para que Haven e Miles não demorem a chegar. E quando abro a bolsa com o

lanche, vejo o quê? Uma tulipa! Igualzinha à do outro dia, espetada entre o sanduíche e o

saco de batatas fritas. Não sei como ele fez isso, mas tenho certeza de que foi Damen

quem a colocou ali. Na verdade, não são os truques de mágica que me incomodam, mas o

jeito como ele olha para mim, fala comigo, aquilo que me faz sentir...

— Sua família. Eu não sabia que...

Olhando para baixo, fico rodando a tampinha da garrafa de suco para lá e para cá,

para cá e para lá, preferindo mil vezes que ele tivesse esquecido o assunto.

— Não gosto de falar nisso — digo.

— Sei como é perder as pessoas que a gente ama — ele sussurra, estendendo o

braço por cima da mesa e colocando a mão sobre a minha.

Sinto uma onda tão boa de calma, aconchego e segurança... que fecho os olhos e

baixo a guarda, entregando-me totalmente a esse momento de paz, feliz por ouvir o que ele

diz, e não o que ele pensa. Feito uma garota normal. Mas com um garoto bem mais lindo

que o normal.

— Hmm, licença — diz alguém. Abro os olhos novamente e dou de cara com Haven,

as mãos plantadas na mesa, os olhos amarelos apertados e fixos em nossas mãos. — Eu

não queria interromper.

Imediatamente coloco a mão no bolso, como se estivesse fazendo algo errado, algo

que ninguém deveria ter visto. Minha vontade é explicar que aquilo não havia sido nada,

que não significava nada, mas conheço minha amiga o bastante para saber que seria inútil.

— Cadê o Miles? — falo afinal, sem saber mais o que dizer.

Haven revira os olhos e senta ao lado de Damen, a aura passando de um amarelo

forte a um vermelho muito escuro em razão dos maus pensamentos.

— Miles está trocando torpedos com sua nova paixão da internet, bilau_ no_ cio_307

— ela diz, evitando meu olhar enquanto desembrulha seu cupcake. Em seguida, virando-se

para Damen, acrescenta: — Então, como foi o fim de semana de todo mundo?

Mesmo sabendo que a pergunta não foi dirigida a mim, dou de ombros e fico olhando

para minha amiga. Como faz todo santo dia, Haven prova o cupcake com a ponta da língua.

(Nem sei por que faz isso; nunca a vi recusar um único cupcake desde que a conheço!) Mas

quando volto o olhar para Damen, fico chocada ao vê-lo sacudindo os ombros também: pelo

que vi na sexta-feira, imaginei que o fim de semana dele havia sido infinitamente melhor

que o meu.

— Bem, como vocês podem imaginar — continua Haven —, minha noite de sexta foi

um fracasso. Ótimo — diz ironicamente. — Passei a maior parte do tempo limpando o

vômito do Austin, já que a empregada tinha ido pra LasVegas e meus pais não se deram o

trabalho de voltar de sei lá onde eles estavam. O sábado, em compensação, foi

sen-sa-ci-o-nal! Tipo, o melhor da minha vida! Teria chamado vocês, claro, mas foi tudo de

última hora. — Só então ela me dirige o olhar.

— Aonde você foi, afinal? — pergunto como quem não quer nada, embora tenha

acabado de ver um lugar escuro, de péssima energia.

— Uma boate muito irada a que uma garota do meu grupo me levou.

— Qual grupo? — Tomo um gole de água.

— Sábado é dia dos codependentes — ela responde sorrindo. — Bem essa tal garota,

a Evangeline... Ela é hardcore total! Do tipo que eles chamam de doadora.

— Quem chama o que de doadora? — pergunta Miles, deixando seu Sidekick sobre a

mesa e sentando-se a meu lado.

— Os codependentes — respondo, colocando-o a par. Haven revira os olhos e diz:

— Eles, não, garota. Os vampiros. Doador é qualquer um que deixe outros vampiros

se alimentarem dele. Chupar o sangue, sabe, essas coisas. Mas eu sou o que eles chamam

de "cachorrinho", porque só fico por perto deles. Não deixo ninguém se alimentar de mim.

Pelo menos, ainda não. — Ela ri.

— Por perto de quem? — pergunta Miles, levantando o Sidekick e conferindo as

mensagens.

— Dos vampiros! Poxa, cara, se liga! Então. Essa codependente doadora, a tal da

Evangeline... Aliás, este é só o nome de vampiro dela, não o nome real...

— As pessoas têm um nome de vampiro? — intervém Miles outra vez, deixando o

telefone na mesa, agora num lugar onde possa vigiá-lo.

— Pode crer. — Haven faz que sim com a cabeça, empurrando o glacê do cupcake e

lambendo a ponta do dedo.

— É como um nome de stripper? Tipo, o nome de seu primeiro animalzinho de

estimação mais o nome de solteira de sua mãe? Porque aí meu nome seria Princesa Slavin.

Uau, abalei. — Ele desanda a rir.

Haven suspira em busca de paciência.

— Ai, não é nada disso, garoto. Nome de vampiro é assunto sério pra caramba. Aliás,

ao contrário da maioria, nem preciso trocar o meu, porque Haven já é nome de vampiro,

orgânico, cem por cento natural, sem aditivos ou conservantes. — Ela ri. — Falei pra vocês

que eu era uma princesa das trevas, não falei? Bem, voltando, a gente foi pra essa boate

ultradescolada em algum lugar de Los Angeles, chamada Nocturnal ou qualquer nome

parecido.

— Nocturne — corrige Damen, encarando Haven e dando um gole em sua bebida.

Ela larga o cupcake e começa a aplaudir.

— Muito bem! — exclama. — Finalmente alguém que sabe das paradas nesta mesa!

— E por acaso você encontrou algum "imortal" por lá? — ele pergunta, ainda com os

olhos fixos nela.

— Milhares! O lugar estava lotado. Tinha até uma área VIP reservada só pra bruxos.

Claro que dei um jeito de entrar, né? Tomei todas no bar de sangue.

— Ninguém pediu sua carteira de identidade? — pergunta Miles, digitando algo no

telefone, participando de duas conversas ao mesmo tempo.

— Pode rir quanto quiser, porque me diverti muito! Mesmo depois de a Evangeline ter

me dispensado para se embolar com um cara lá. Porque acabei conhecendo outra garota,

mais irada ainda. Que, aliás, acabou de se mudar pra cá também. É bem provável que a

gente comece a andar juntas.

— Mentira! — exclama Miles, fingindo espanto. — Você está dispensando a gente?

Haven revira os olhos.

— Não amole, garoto. Só sei de uma coisa: meu sábado foi muito melhor que o de

vocês. Talvez não o seu, Damen, porque você é um cara antenado, sabe das tendências,

ao contrário desses dois manés aí — ela diz, apontando para mim e Miles.

— Então, como foi o jogo? — Dou uma cotovelada em Miles para que ele deixe de

lado o cibernamorado e preste atenção exclusivamente em nós.

— Sei lá. Só sei que tinha muita gente torcendo, um time que ganhou e um outro que

perdeu. Quanto a mim, passei a maior parte do tempo no banheiro teclando com esse

carinha aqui, que aparentemente é um mentiroso de marca maior — Balançando a cabeça,

ele nos mostra o visor do telefone. — Olhem só pra isto! — ele diz, fincando o indicador no

aparelho. — Passei o fim de semana inteiro pedindo uma foto dele, porque jamais vou me

encontrar com ninguém sem ter visto antes, né? E é isto o que o desgraçado manda!

Estúpido exibido!

Dou uma olhada rápida na tal foto e não entendo o porquê de tanta revolta.

— Como você sabe que este aí não é ele? — pergunto. Mas é Damen quem

responde:

— Porque este aí sou eu.

Nove

Ao que parece, Damen trabalhou como modelo durante um tempo quando morava em

Nova York; por isso as fotos dele estão por aí, flutuando no espaço cibernético, apenas

esperando que alguém faça o download delas e se passe pelo garoto.

Todos nós demos uma boa olhada na foto no telefone de Miles e rimos muito daquela

bizarra coincidência. Apesar disso, há uma questão que ainda não consigo engolir: se

Damen acabou de se mudar do Novo México, e não de Nova York, bom, não seria razoável

esperar que ele parecesse um pouco mais jovem na tal foto? Afinal de contas, não conheço

ninguém que, aos dezessete anos, tenha exatamente a mesma aparência que tinha aos

quatorze, ou mesmo aos quinze. Mas o Damen que estava naquele telefone era idêntico ao

Damen atual.

E isso não faz o menor sentido.

Chegando à aula de educação artística, entro na fila para o armário de materiais, pego

minha tralha e vou para o cavalete. Finjo que não estou nem aí quando vejo que Damen

está instalado bem a meu lado. Simplesmente respiro fundo e, sem a menor pressa, abotoo

o jaleco e vou escolhendo os pincéis, aqui e ali espichando o olho para a tela vizinha e

tentando não babar com a obra-prima que Damen está fazendo: uma versão absolutamente

perfeita de Mulher de Cabelos Amarelos, de Picasso.

Nossa tarefa é reproduzir um dos grandes mestres, escolher uma dessas pinturas

clássicas da história da arte e tentar copiá-la. Por algum motivo besta, achei que aqueles

redemoinhos simplesinhos de Van Gogh não me dariam trabalho algum, que eu tiraria a

parada de letra e ganharia nota máxima facilmente. Mas quando olho para a tela à minha

frente, para as pinceladas caóticas e apressadas que consegui produzir até agora, vejo que

estava redondamente enganada. Só que a essa altura não posso mais voltar atrás e salvar

a situação. Pior, não tenho a menor ideia do que fazer.

Desde que me tornei mediúnica não preciso mais estudar. Nem ler.
Basta colocar as

mãos sobre um livro que seu conteúdo imediatamente pipoca em
minha cabeça. Quanto às

provas? Digamos que hoje sou à prova de provas: basta passar os
dedos sobre cada

pergunta para que a resposta se revele na mesma hora.

Mas o buraco da arte é bem mais embaixo.

Porque talento não pode ser fabricado.

Portanto, não é à toa que meu quadro parece um lixo se comparado
ao de Damen.

— Noite Estrelada? — ele pergunta, indicando com a cabeça os
borrões azuis que

vergonhosamente escorrem pela minha tela. Minha vontade é de
cavar um buraco no chão

e nunca mais sair dali. Fico pensando em como ele pôde adivinhar o
que estou fazendo só

de olhar para este amontoado de manchas.

Em seguida, só para me torturar um pouquinho mais, dou outra
espiada rápida no

trabalho dele, nas pinceladas sinuosas que ele produz sem esforço.
E acrescento mais um

item na lista aparentemente interminável de qualidades e talentos
do garoto.

Sério. Na aula de inglês, por exemplo, ele responde a todas as perguntas que o sr.

Robins faz, o que é bastante estranho, já que teve só uma noite para ler as trezentas e

tantas páginas de O morro dos ventos uivantes. Sem falar nos comentários que acrescenta

depois: Damen é capaz de discorrer sobre fatos históricos, eventos que aconteceram

séculos atrás, como se tivesse presenciado tudo com os próprios olhos. Além disso, é

ambidestro, o que aparentemente é uma bobagem; mas o garoto consegue escrever com

uma das mãos e pintar com a outra sem qualquer esforço. E as tulipas que ele tira do nada?

E a caneta mágica?

— Excelente! — exclama a sra. Machado. — Exatamente como Picasso! — Ela alisa a

trança comprida enquanto corre os olhos pela tela de Damen, mentalmente dando

cambalhotas de alegria, a aura vibrando num lindo tom azul-cobalto. Vasculha a memória

em busca de outro aluno tão talentoso quanto ele, mas não encontra.

Depois vem para meu lado.

— E você, Ever? — Ainda está sorrindo, mas por dentro pensa: Que diabos isso deve

ser?

— É, hmm... era pra ser Van Gogh — respondo, vermelha de tanta vergonha. — Sabe

o Noite Estrelada?

— Bem... é um bom começo — ela diz, tentando evitar uma careta de espanto. — O

estilo de Van Gogh é bem mais difícil do que parece. Ah, não se esqueça de acrescentar os

dourados e amarelos! Afinal de contas, a noite estava estrelada, não estava?

Enfim, ela passa para outro aluno, a aura se dilatando em pequenas centelhas. Sei

que não gostou de meu trabalho, mas fico agradecida pelo esforço que fez para esconder

isso. Em seguida, tonta que sou, mergulho o pincel na tinta amarela sem sequer me dar o

trabalho de limpar o azul que estava nas cerdas. Resultado: um grande borrão verde em

minha tela.

— Como é que você consegue? — pergunto frustrada a Damen, comparando sua

obra-prima a meu desastre, já muito disposta a me conformar com o fracasso.

Ele sorri e, buscando meu olhar, diz:

— Quem você acha que ensinou a Picasso?

Jogo o pincel no chão, furiosa, salpicando tinta verde por toda parte: nos sapatos, no

jaleco, no rosto. Sem ao menos conseguir respirar, fico olhando para Damen enquanto ele

recolhe o pincel e o coloca de volta em minha mão.

— Todo mundo tem de começar em algum lugar — ele diz em seguida, os olhos

escuros e ardentes, enquanto seus dedos buscam a cicatriz em meu rosto.

A cicatriz da testa.

A que escondo sob a franja.

Essa cuja existência ele não tinha a menor chance de saber.

— Até Picasso tinha um professor. — Ainda sorrindo, Damen afasta a mão e leva

consigo o calor que ela é capaz de produzir em mim. Calmamente, volta a pintar.

Só então me lembro de respirar outra vez.

Dez

Na manhã seguinte, enquanto me arrumo para a escola, faço a besteira de pedir a

opinião de Riley na hora de escolher um moletom.

— O que você acha? — Levanto o azul, depois o verde.

— Vai de rosa outra vez — ela diz, empoleirada na cômoda, inclinando a cabeça para

o lado enquanto avalia as opções.

— Não tem rosa nenhum aqui! — digo irritada, pensando que seria ótimo se pelo

menos uma vez minha irmãzinha não transformasse tudo numa grande brincadeira.

—Anda, me ajuda aí, vai. Estou correndo contra o tempo.

Ela esfrega o queixo e aperta as pálpebras.

— Esse azul... Está mais para o cerúleo ou para o violeta?

— Chega! —Jogo o moletom azul na cama e já estou passando o verde pela cabeça

quando Riley diz:

— Vai de azul.

Paro, só os olhos à mostra, nariz, boca e queixo ainda escondidos pela malha.

— Sério. O azul valoriza seus olhos.

Contando até dez para não avançar na pentelha, acato a opinião dela e troco o verde

pelo azul. Vasculho meus objetos em busca do gloss, mas não chego a passá-lo; Riley me

interrompe:

— Desembucha, vai. Quer dizer, primeiro a crise do moletom, depois o suor nas mãos

e agora a maquiagem. Quero saber o que está rolando.

— Não estou de maquiagem! — digo, quase gritando.

— Não quero ser chata, Ever, mas tecnicamente falando gloss é maquiagem, sim.

Claro que é. E você, querida irmã, estava quase pintando a boca.

Jogo o gloss de volta na gaveta, pego meu protetor labial de sempre e lambuzo os

lábios com ele.

— Alô-ou! Ainda estou esperando uma resposta!

Contraio os lábios, dou as costas para Riley e saio correndo escadaria abaixo.

— Tudo bem, não precisa contar nada — ela diz, seguindo em meu encalço — Mas

não pode impedir que eu tente adivinhar.

— Não amole — resmungo, entrando na garagem.

— Bem, sei que não é o Miles, já que você não faz o tipo dele, e sei que não é a

Haven, já que ela não faz seu tipo. Então só pode ser o... — Ela atravessa a porta trancada

do carro e acomoda-se no banco do carona enquanto eu tento não ceder. — Acontece que

— Você não conhece mais ninguém! Portanto, desisto. Fale aí, por favor.

Abro a porta da garagem e entro no carro do jeito tradicional, depois ligo o motor para

abafar a voz dela.

— Sei que você está aprontando alguma — continua Riley, berrando mais alto que a

barulheira. — Porque, desculpa, mas você está agindo exatamente como antes de começar

a namorar o Brandon. Lembra como ficava toda nervosa e aflita só por causa dele? Ah, será

que o Brandon gosta de mim também?, blá-blá-blá. Então, desembucha. Quem é o infeliz?

Quem é a próxima vítima?

Assim que ela diz isso, o espectro de Damen se materializa à minha frente, tão lindo,

tão sexy e tão palpável que fico tentada a esticar o braço para tocá-lo. Em vez disso, limpo

a garganta, engato a ré e digo:

— Ninguém. Não estou a fim de ninguém. Mas de uma coisa você pode ter certeza:

nunca mais vou pedir sua opinião pra porcaria nenhuma!

Aula de inglês. Ao entrar na sala, percebo que estou suando frio nas mãos, tão

nervosa e aflita quanto Riley acabou de dizer. E quando vejo Damen conversando com

Stacia, incluo paranoica a essa lista.

— Com licença — digo. Dessa vez não é a habitual mochila de Stacia que impede

minha passagem, mas as pernas gloriosamente compridas de Damen.

Ele faz que não ouviu; debruçado na carteira da garota, leva a mão até a orelha dela e

produz uma rosa.

Um botão de rosa branca.

Novinho em folha, ainda úmido de orvalho.

Ao recebê-lo, Stacia dá um gritinho agudo, desses de furar o tímpano. Parece até que

acabou de ganhar um anel de brilhantes.

— Não a-cre-di-to! Impossível! Como é que você fez isso? — Ela exhibe a flor para

todos ao redor.

Quanto a mim, baixo os olhos para o chão e aumento o volume do iPod até abafar a

voz da garota.

— Preciso passar — resmungo.

Quando Damen se vira, levanto o rosto a tempo de ver a última centelha de

afabilidade que escapa dos olhos dele, antes do gelo que se instala quando ele enfim se

afasta para me deixar passar.

Sigo furiosa para o fundo da sala, os pés se alternando automaticamente como os de

um zumbi ou os de um robô, um depois do outro, simplesmente fazendo o que têm de fazer,

incapazes de qualquer espontaneidade. E a coreografia continua quando alcanço a carteira:

retiro caderno, caneta e livros da mochila, fingindo não perceber os passos relutantes de

Damen quando o sr. Robins o manda sentar.

— Mas que borra é essa que está rolando ali? — diz Haven, jogando a franja para o

lado e olhando direto à sua frente. Não falar mais palavrões é a única promessa de

Ano-novo que ela tem cumprido até agora, mas só porque acha borra engraçado.

— Eu sabia que não ia durar. — Miles balança a cabeça enquanto observa Damen

seduzindo a ala VIP da escola com seu charme natural, a caneta mágica e a borra de suas

rosas brancas. — Eu sabia que era bom demais pra ser verdade.
Aliás, falei isso logo no

primeiro dia. Lembra que eu falei, lembra?

— Não — resmunga Haven, ainda fitando Damen. — Não me lembro de nada.

— Mas eu falei — insiste Miles, dando um gole no isotônico. — Juro que falei. Só que

você não ouviu.

Baixo os olhos para meu sanduíche e dou de ombros, nem um pouco disposta a me

envolver nessa discussão de "quem disse o quê" e, muito menos, a olhar para Damen,

Stacia ou qualquer outra pessoa daquela mesa. Ainda nem me recuperei da aula de inglês,

quando Damen se inclinou para meu lado, bem no meio da chamada, para me entregar um

bilhete.

Mas só para que eu o passasse para Stacia.

— Passe você mesmo — falei, recusando-me a tocar no papel, surpresa com a dor

que uma reles folha de caderno dobrada em triângulo era capaz de causar.

— Quebre essa pra mim, vai — ele disse. E deu um peteleco no bilhete, que veio parar

a poucos centímetros dos meus dedos. — Ninguém vai notar, garanto.

— O problema não é esse.

— Então qual é? — ele perguntou, seus olhos negros me fitando.

O problema é que não quero tocar neste papel! Não quero saber o que está escrito

nele! Porque bastam alguns segundos de contato para que as palavras pipoquem em minha

cabeça: seu recadinho adoravelmente sexy, de cabo a rabo, sem nenhuma vírgula fora do

lugar. Sei que isso nada vai adiantar, pois de um jeito ou de outro vou ouvir os pensamentos

da garota. Mas pelo menos posso fingir que está tudo deturpado, que foi tudo do cérebro de

passarinho daquela infeliz. Mas, se tocar neste papel, vou saber que tudo é verdade, e aí

não vou agüentar...

— Passe você mesmo — repeti, afinal, empurrando o bilhete com a ponta do lápis até

a beira da mesa. Quase morri de ódio de mim mesma quando senti o coração retumbar no

peito ao ouvir a gargalhada que ele deu antes de pegar o papel de volta.

— Alô-ou! Terra chamando Ever! — Miles me traz de volta ao presente. — Perguntei o

que foi que aconteceu! Quer dizer, não quero acusar ninguém de nada, mas você foi a

última pessoa que esteve com o gato hoje.

Quem dera eu soubesse de algo! Imediatamente me lembro do que aconteceu ontem

na aula de educação artística, do jeito como os olhos de Damen buscaram os meus, do

carinho com que ele tocou minha testa... Achei que algo especial, até mesmo mágico,

tivesse rolado entre a gente. Mas depois me lembro da outra garota antes de Stacia, da

ruiva linda e arrogante que vi ao lado dele no hotel, que por mera conveniência eu já havia

apagado da memória. Então me sinto uma boba, uma ingênua, por achar que Damen

pudesse ter gostado de mim. Porque a verdade é que o cara não passa disto: um jogador. E

ele joga o tempo todo.

Quando enfim decido olhar, vejo Damen formando um buquê inteiro com as rosas que

tira de Stacia: da orelha, da manga, do decote, da bolsa. E logo desvio o olhar, contraindo

os lábios, poupando-me de ver o abraço totalmente gratuito que decerto está por vir.

— Não fiz nada! — respondo afinal, tão confusa quanto Miles e Haven com o

comportamento volúvel de Damen, porém bem menos disposta a dar o braço a torcer.

Consigo ouvir os pensamentos de Miles, que avalia minhas palavras, decidindo se

pode acreditar nelas ou não. Depois suspira e diz:

— Por acaso você está se sentindo tão abalada, arrasada, traída e destruída quanto

eu?

Minha vontade é de abrir o coração para meu amigo e despejar tudo em cima dele, o

pacote inteiro de sentimentos contraditórios. Ontem, eu tinha certeza de que a gente tinha

alguma ligação significativa, e hoje... bem, hoje é isso que está aí. Mas não digo nada.

Apenas balanço a cabeça, recolho meus pertences e saio para a aula, muito antes de o

sinal tocar.

Durante todo o quinto tempo, que é de francês, fico pensando na melhor maneira de

matar a próxima aula, de educação artística. Mesmo enquanto participo dos exercícios

orais, lábios movendo-se, repetindo palavras estrangeiras, não consigo pensar em outro

assunto que não seja a doença que devo inventar: dor de estômago, enjoo, febre, tonteira,

gripe... Qualquer uma serve.

E não é só por causa do Damen. Na verdade, nem sei onde estava com a cabeça

quando resolvi me matricular nessa aula de educação artística. Não levo o menor jeito para

a matéria, meu quadro vai de mal a pior e não tenho a mínima intenção de me tornar artista;

portanto, corro o sério risco de arruinar minha média final. Mas, como se isso não bastasse,

agora tenho de enfrentar 57 minutos de saia justa ao lado de Damen.

No fim das contas, acabo indo para a aula. Em grande parte porque essa é a atitude

certa. Estou tão concentrada no ato de vestir o jaleco e recolher o material de pintura que,

de início, nem percebo que ele ainda não chegou. Os segundos vão passando e nada,

nenhum sinal do garoto. Por fim, pego meu material e vou para o cavalete.

Só para me deparar com um maldito bilhete dobrado em triângulo, equilibrado na beira

do cavalete.

Encaro o papel com tanta intensidade que, aos poucos, tudo a meu redor vai ficando

preto e fora de foco. A sala inteira se reduz a um único ponto escuro. Só tenho olhos para o

triângulo, o nome "Stacia" escrito na parte da frente. Não faço a menor ideia de como isso

veio parar aqui. E depois de uma rápida olhada à minha volta vejo que Damen ainda não

chegou. Mesmo assim, não quero a menor proximidade com esse bilhete. Não vou

participar desse joguinho idiota, não vou mesmo.

Com a ponta de um pincel, arremesso o triângulo o mais longe possível. Ele alça voo e

vai pousar a alguns metros de distância. Sei que estou sendo ridícula e infantil, sobretudo

quando a sra. Machado recolhe o bilhete do chão e vem rapidamente para meu lado.

— Acho que você deixou cair uma coisinha! — ela diz, quase cantarolando, sem

sequer suspeitar que fiz de propósito.

— Isso não é meu — resmungo, arrumando minhas tintas, torcendo para que ela

mesma passe o bilhete a Stacia ou, melhor ainda, jogue no lixo.

— Será que tem outra Ever por aqui e eu não sabia? — ela pergunta sorrindo.

O quê?

Pego o bilhete que ela sacode no ar e imediatamente leio Ever escrito na frente. Não

há dúvida: a letra é mesmo dele. Como isso é possível? Que explicação isso pode ter? Não

estou ficando doida, tenho certeza do que vi.

Com os dedos trêmulos, desdobro as pontas do triângulo e desamasso o papel. E

quase tenho um treco quando deparo com o conteúdo: um desenho, pequeno mas bastante

detalhado, de uma linda tulipa vermelha.

Onze

Faltam apenas alguns dias para o Halloween e eu ainda estou dando os retoques

finais em minha fantasia. Haven vem de vampira (dã) e Miles, de pirata — mas só porque

consegui convencê-lo a não vir de Madonna na fase dos sutiãs de cone. Quanto a mim, não

vou contar nada. O problema é que minha ideia inicial, ótima, aos poucos foi se revelando

ambiciosa demais, difícil de fazer, e já não levo a menor fé nela.

Tenho que confessar: fiquei bastante surpresa quando Sabine disse que queria dar

uma festa. Em parte porque ela nunca parece dar realmente muita bola para essas

questões, mas sobretudo porque, considerando nosso círculo de amizades, seria bastante

difícil juntar mais de cinco convidados. Mas aparentemente Sabine é muito mais

bem-relacionada do que eu imaginava: rapidamente preencheu duas colunas e meia de

nomes. Minha lista, por outro lado, estava pateticamente menor: consistia nos únicos

amigos que tenho, dois, e seus possíveis acompanhantes.

Pois bem. Minha tia contratou um bufê para cuidar das comidas e bebidas, e o

restante ficou por minha conta. Pedi a Miles que assumisse a parte audiovisual (o que

significa que ele vai usar seu iPod e também alugar uns filmes de terror), e a Haven, que

providenciasse os cupcakes. Portanto, para o comitê de decoração sobramos apenas Riley

e eu. E como Sabine me entregou um catálogo e um cartão de crédito com ordens estritas

para não economizar, passamos os últimos dois dias transformando a casa: o estilo

campestre da Toscana aos poucos deu lugar a um tenebroso castelo cheio de criptas e

esqueletos. E tem sido muito legal, fazendo-me lembrar o passado, quando a gente

decorava nossa casa para a Páscoa, para o Dia de Ação de Graças e para o Natal. Além

disso, Riley e eu estamos tão ocupadas e concentradas no trabalho que mal temos tempo

para as picuinhas de sempre.

— Você devia se fantasiar de sereia — ela diz. — Ou, então, como uma daquelas

donas de casa dos reality shows da TV.

— Caramba, não me diga que você ainda assiste a essas porcarias — digo,

precariamente equilibrada no penúltimo degrau da escada enquanto penduro mais uma teia

de aranha.

— A culpa não é minha. É da TV a cabo, que aparentemente só transmite o que dá na

telha dela.

— Você tem TV a cabo? — pergunto, curiosa. Qualquer informação sobre a vida no

Além é sempre bem-vinda, já que minha irmã raramente deixa escapar algum detalhe.

Mas ela apenas ri e diz:

— Poxa, como você é ingênua! Acredita em qualquer bobagem! —
Riley balança a

cabeça e revira os olhos, depois retira um fio de pisca-pisca da
caixa de papelão a seu lado.

— Quer trocar? — pergunta, desatando os nós. — Quer dizer, é
ridículo você ficar aí,

subindo e descendo escadas, quando posso simplesmente levitar e
resolver o assunto.

Faço que não com a cabeça. Mesmo sabendo que seria bem mais
fácil para Riley,

ainda gosto de fingir que levo uma vida mais ou menos normal.

— Então, de que você vai se fantasiar, afinal? — ela insiste.

— Esqueça, não vou dizer. — Desço da escada para ver melhor a
teia que acabo de

pendurar. — Se você pode ter segredos, eu também posso.

— Isso não é justo! — Riley cruza os braços e fica de um jeito que
sempre derretia o

papai, mas nunca a mamãe.

— Relaxe, na festa você vai ver — digo, e separo os membros de
um esqueleto

fosforescente.

— Quer dizer que eu posso vir também? — ela pergunta com a voz
aguda, os olhinhos

brilhando de alegria.

— Como se eu pudesse fazer algo pra impedir... — respondo rindo.
Penduro o

esqueleto próximo à porta de entrada, de modo que ele possa receber os convidados.

— Seu namorado vem também?

— Você sabe que eu não tenho namorado algum — respondo, revirando os olhos e

respirando fundo, já irritada com a aporrinhação que está por vir.

— Ah! , me poupe. Não sou nenhuma idiota — ela diz, irritada. — Ainda não me

esqueci da crise do moletom, se você quer saber. Mal posso esperar pra conhecer o cara.

Ou melhor: pra ver o cara, porque é claro que você não vai me apresentar. O que é uma

grande falta de educação, sabia? Só porque ele não pode me ver não significa que..

— Caramba, não o convidei, O.K.? — digo aos berros, e logo percebo que caí em

mais uma das armadilhas de minha irmã.

— Aha! — ela exclama, olhos arregalados, sobrancelhas arqueadas, lábios curvados

num sorriso de deleite. — Eu sabia! — Riley joga as luzinhas no chão e começa a pular,

rodar e rebolar, sempre rindo e apontando o dedo pra mim. — Eu sabia, eu sabia, eu sabia!

— ela cantarola, dando socos no ar. — Aha! Eu sabia! — E dá um último rodopio.

Fecho os olhos e suspiro, praguejando por não ter sido só um pouquinho mais

esperta.

— Você não sabe de nada, garota! — digo. — Ele nunca foi meu namorado, tá? É só

um... só um cara novo na escola, que no começo achei bonitinho e tal, mas, quando vi que

ele só brinca com as pessoas, perdi completamente o interesse. Quer saber? Nem acho

mais ele bonito. Sério. O entusiasmo durou, tipo assim, uns dez segundos, só isso. E só

porque eu não o conhecia melhor. Além disso, não fui a única a cair na lábia dele, porque a

Haven e o Miles só faltaram se estapear por causa do infeliz. Portanto, que tal você parar

com essa palhaçada e voltar a trabalhar, hem?

Assim que fecho a boca, vejo que fui defensiva demais para ter sido levada a sério.

Mas agora não há como voltar atrás. Só me resta ignorar minha irmã enquanto ela dá voltas

pela sala, cantarolando:

— Eu sabia, eu sabia, eu sabia! Eu SABIA!!!

Na noite de Halloween, a casa está incrível. Riley e eu pregamos teias em todos os

cantos e janelas, com enormes aranhas pretas no meio; penduramos morcegos de

borracha pelo teto; espalhamos braços e pernas ensanguentados (falsos, claro) por

diversos cômodos. Sobre uma das mesas colocamos uma bola de cristal ao lado de um

corvo a pilha que, quando ligado, acende os olhos e grita: "Você se arrependerá!

Quôc!Você se arrependerá!" Vestimos zumbis com trapos cobertos de "sangue" e os

espalhamos pelos lugares mais inusitados da casa. Na entrada, colocamos um fumegante

caldeirão de bruxa (que na verdade tinha só água e gelo seco) e espalhamos, basicamente

por toda parte, caveiras, múmias, gárgulas, caixões, velas pretas, crânios, gatos e ratos

pretos (horripilantes, apesar de falsos). No quintal, abóboras esculpidas e iluminadas com

velas; na piscina, globos de plástico com pisca-pisca. Ah, não posso deixar de mencionar o

terrível Ceifador em tamanho natural que colocamos no gramado da frente.

— Então, como estou? — pergunta Riley, examinando as longas madeixas vermelhas

e o corpete roxo cravejado de conchas enquanto abana a cintilante cauda de peixe de

lantejoulas verdes.

— Igualzinha à sua personagem predileta da Disney — digo, passando pó compacto

no rosto até deixá-lo bem pálido, imaginando a melhor maneira de tirar minha irmã do

quarto para que eu possa me trocar e, pelo menos dessa vez, quem sabe?, surpreendê-la.

— Vou tomar isso por um elogio — ela diz sorrindo.

— Faz muito bem. — Puxo os cabelos para trás e prendo com um grampo junto da

nuca, preparando-me para a enorme peruca loura que vou usar.

— E sua fantasia, é de que, afinal? — pergunta Riley. — Conte logo, garota, porque

esse suspense todo já está me matando! — Imediatamente ela irrompe numa gargalhada,

dobrando-se para a frente e para trás, quase caindo da cama de tanto rir. Minha irmã adora

fazer piadinha com a morte. Acha bastante engraçado. Mas geralmente não acho graça

alguma.

Fingindo que não ouvi, viro para ela e digo:

— Você me faria um favorzinho? Dê um pulo lá no quarto da Sabine e veja se ela

decidiu usar o narigão de bruxa, desses com uma verruga cabeluda na ponta. Falei que a

fantasia era linda e tal, mas que o nariz de bruxa não era uma boa ideia. Os homens nunca

acham muita graça nisso.

— Ela tem alguém? — pergunta Riley, visivelmente surpresa.

— Não se usar aquele nariz horroroso. — Observo minha irmã se levantar da cama e

arrastar sua cauda de sereia na direção da porta. — Mas não faça qualquer barulho nem

nada que possa assustá-la, ouviu bem? — acrescento, e sinto um frio na barriga ao vê-la

atravessar a porta sem se dar o trabalho de abrir. Quer dizer, só porque já a vi fazer isso um

milhão de vezes não significa que já tenha me acostumado.

Vou para o closet e de lá tiro a fantasia que tinha escondido bem no fundo, dentro de

um saco fechado com zíper. Um vestido lindo, preto, de decote quadrado, corpete

justíssimo, mangas três-quartos transparentes e uma grande saia rodada, igualzinha à do

vestido que Maria Antonieta usou para o baile de máscaras (ou o que Kirsten Dunst usou

para o baile do filme). Depois de alguns minutos me debatendo com o zíper de trás, vou

para o espelho, coloco a peruca louríssima (porque mesmo que eu já seja loura, nunca ia

conseguir prender os cabelos numa altura dessas), passo um pouco de batom vermelho,

coloco uma máscara preta fininha sobre os olhos e um par de brincos bem compridos, de

diamantes falsos. Satisfeita com o resultado final, sorrio, rodopiando várias vezes diante do

espelho, o que faz o vestido preto e brilhante se mover também.

Assim que volta ao quarto, Riley balança a cabeça e diz:

— Tudo certo... finalmente! Quer dizer, primeiro ela pôs o nariz, depois tirou, depois



colocou de volta, depois ficou um tempão se olhando de perfil no espelho, só para tirar de

novo. Juro que tive de contar até dez pra não arrancar a porcaria do nariz das mãos dela e

jogar pela janela.

Só de ouvir isso sinto um calafrio na espinha. Tomara que ela não tenha feito

nenhuma bobagem parecida. Em se tratando da Riley, a gente nunca sabe.

Tomando impulso com a cauda verde e reluzente de sereia, ela se esborracha na

cadeira da escrivaninha.

— Mas não se preocupe — diz. — Quando saí, ela já tinha largado o nariz na bancada

do banheiro, perto da pia. Depois um cara ligou pedindo informações sobre como chegar

aqui e ela ficou horas falando das maravilhas que você fez na casa, dizendo que não sabia

como você tinha conseguido fazer tudo isso sozinha, blá-blá-blá... Você deve estar

adorando, não está? Receber todos os elogios pelo trabalho que nós duas fizemos juntas.

— Ela se cala de repente e me encara por um bom tempo. — Então, Maria Antonieta — diz

afinal, correndo os olhos pela minha fantasia — Quem diria, hem? Nunca soube que você

tinha jeito pra fazer bolos.

Reviro os olhos e digo:

— Pra sua informação, a Sabine nunca disse nada a respeito de bolo nenhum. Foi só

uma invenção maldosa de uma dessas colunas de fofoca. Não dá pra acreditar em tudo o

que essa gente publica, né? — Não consigo parar de me olhar no espelho: pela milésima

vez, dou uma conferida na maquiagem, uma ajeitada na peruca, esperando que tudo esteja

em seu devido lugar. Mas de repente vejo o reflexo de Riley, e algo na expressão dela me

faz parar. — Está tudo bem com você? — pergunto.

Ela fecha os olhos, morde o lábio inferior e, balançando a cabeça, diz:

— Caramba, olhe só pra nós duas. Você aí, vestida de rainha adolescente trágica e eu

aqui... Daria qualquer coisa para ser uma adolescente.

Quando tento alcançá-la, acabo abraçando o nada. Estou tão acostumada com a

presença de Riley que às vezes esqueço que ela não está realmente aqui, que não faz mais

parte deste mundo e, portanto, nunca vai ter a chance de completar treze anos. Mas

quando lembro que a culpada de tudo isso sou eu, sinto-me um zilhão de vezes pior.

— Riley, eu...

— Esquece o que eu disse, vai — ela diz, balançando a cabeça e rodopiando a cauda,

e sorri. — Anda, os convidados já vão chegar.

Haven veio com Evangeline, sua amiga codependente doadora, que, quem diria?,

também está vestida de vampira; e Miles trouxe Eric, um carinha que conheceu na aula de

teatro, provavelmente muito bonito sem a máscara e a capa de Zorro, ambas de seda preta.

— Não acredito que você não convidou o Damen — diz Haven, balançando a

cabeça, antes mesmo de dar boa-noite. Faz uma semana que ela está brava comigo, desde

que soube que o Damen não estava na lista.

Reviro os olhos e respiro fundo, já cansada de bater na mesma tecla, de ter de repetir

pela milionésima vez que o cara não quer nada com a gente, que agora é figurinha fácil não

só na mesa de almoço de Stacia, mas também na carteira dela; além disso, não para de

presentear a garota com os botões de rosa que tira de toda sorte de lugares, e sua Mulher

de Cabelos Amarelos, a tela que vem pintando na aula de arte, está cada vez mais parecida

com sua nova musa.

Inclusive — desculpe se deixei de mencionar isso —, apesar das tulipas vermelhas, do

bilhete misterioso e do olhar íntimo que trocamos naquele dia, faz quase duas semanas que

ele não fala comigo.

— Mesmo que eu tivesse convidado, ele não teria vindo — digo afinal, torcendo para

que minha amiga não perceba a tristeza que deixei escapar na voz. —Tenho certeza de que

está por aí em algum lugar com a Stacia, ou com a ruiva, ou com a... — Balanço a cabeça,

me recusando a continuar.

— Peraí — diz Haven, com os olhos apertados. —Você disse ruiva? Quer dizer que

tem uma ruiva na parada também?

Simplesmente dou de ombros. Por mim ele poderia estar com qualquer uma, já que

não está aqui comigo.

— Você precisa ver o cara — ela diz a Evangeline. — É uma coisa! Lindo como um

artista de cinema, sexy como um astro de rock... Sabe até fazer truques de ilusionismo! — E

suspira.

Evangeline arqueia as sobrancelhas, espantada.

— Vai que ele é um truque de ilusionismo! Ninguém é tão perfeito assim.

— Mas o Damen é. Pena que você não vai ver com os próprios olhos. — Haven mais

uma vez olha torto para mim, os dedos brincando com afita de veludo preto que amarrou no

pescoço. — Mas se um dia você vir, não esqueça que ele é meu, tá? Peguei a senha muito

antes de conhecer você.

Observando Evangeline — a aura turva e escura, a meia arrastão, o short preto

curtíssimo, a camiseta transparente —, sei que ela não tem a menor intenção de prometer o

que quer que seja.

Se eu lhe emprestasse uns dentes falsos e um pouco de sangue pra jogar no pescoço

— diz Haven, olhando para mim —, você também podia virar uma vampira, sabia? —

Mentalmente ela oscila feito um pêndulo: ora quer ser minha amiga, ora tem certeza de que

sou sua pior inimiga.

Agradeço a gentileza e conduzo as duas vampiras para o outro lado da sala, torcendo

para que Haven se interesse logo por algo e mude de assunto

Sabine está conversando com amigos, Haven e Evangeline estão batizando o suco

delas e Miles está dançando com Eric. Riley, por sua vez, diverte-se com a capa de Zorro

de Eric, abanando-a pelas pontas e olhando ao redor para ver se alguém está notando.

Estou prestes a chamar a atenção dela, mandando que se comporte caso queira continuar

na festa, quando a campainha toca e nós duas apostamos uma corrida para atender.

Chego primeiro, mas nem sequer me lembro de zoar a pentelha, porque é Damen

quem está à porta. Flores em uma das mãos, chapéu de bordas douradas na outra, os

cabelos amarrados num longo rabo de cavalo. Em vez das roupas pretas de sempre, uma

camisa de frufus brancos, um casaco de botões dourados, algo que pode ser descrito

como culotes de montaria e sapatos pretos de bico fino. Penso na inveja que Miles vai sentir

ao vê-lo, mas, quando finalmente percebo em quem Damen se inspirou, sinto o coração

retumbar no peito.

— Conde Fersen — sussurro, mal conseguindo articular as palavras.

— Marie. — Ele abre um sorriso e se dobra numa longa mesura.

— Mas... ninguém sabia... e você nem foi convidado — balbucio. Imediatamente olho

por sobre os ombros dele, procurando por Stacia, pela ruiva, sei lá por quem, convicta de

que ele não tinha vindo por minha causa.

Mas Damen simplesmente sorri, entrega-me as flores e diz:

— Então deve ter sido uma feliz coincidência.

Não me resta alternativa senão mandá-lo entrar. Atravessamos a sala de estar e a de

jantar e seguimos para dentro, minhas bochechas ardendo em chamas, o coração batendo

tão forte que por pouco não vem à boca. Como isso foi possível? Como arrumar uma

explicação lógica para que Damen tenha aparecido em minha festa assim, perfeitamente

vestido como minha histórica cara-metade?

— Meu Deus! Damen está aqui! — exclama Haven, os braços balançando, o rosto

brilhando de felicidade. Quer dizer, tanto quanto pode brilhar o rosto de uma vampira de

presas à mostra e sangue pingando dos lábios. Mas tão logo repara na fantasia e se dá

conta de que Damen está vestido como o Conde Axel Fersen, o amante

nem-tão-secreto-assim de Maria Antonieta, ela murcha na mesma hora e me fulmina com o

olhar.

— Então, quando foi que vocês combinaram tudo? — pergunta, vindo em nossa

direção e tentando manter a voz neutra e calma, mais por Damen que por mim.

— Não combinamos nada — digo, torcendo para que ela acredite, mesmo sabendo

que não vai. Quer dizer, diante de uma coincidência tão bizarra como essa até eu estou

começando a duvidar. Começo a me perguntar se não dei uma bandeira qualquer, mesmo

sabendo que a resposta é não.

— Pura coincidência — intervém Damen, e passa o braço pela minha cintura. Apenas

por alguns segundos, mas o bastante para deixar meu corpo inteiro formigando.

— Você só pode ser o Damen — diz Evangeline, postando-se ao lado dele, correndo

os dedos pelos frufus da camisa. — Achei que a Haven estivesse exagerando, mas pelo

visto não aumentou nem um pouco! — Ela ri. — E essa fantasia, de que é?

— Conde Fersen — responde Haven entre os dentes, olhando torto para mim.

— Nunca ouvi falar — murmura Evangeline. Depois rouba o chapéu de Damen,

coloca-o sobre a própria cabeça, sorri com malícia e sai puxando o conde pela mão.

Assim que eles se afastam, Haven dispara:

— Não acredito no que você fez! — O rosto se contorce de raiva, as mãos estão

fechadas em punho, mas nada que se compare aos pensamentos horríveis que zunem em

sua cabeça. — Você sabe que eu estou a fim do cara! Eu me abri com você! Confiei em

você!

— Haven, juro por Deus, não planejei nada disso. Foi só uma estranha coincidência.

Nem sei como ele veio parar aqui! Você sabe que eu não convidei o cara! — Sei que estou

gastando minha saliva à toa. Nada que eu diga vai fazê-la mudar de ideia. — Aliás, caso

você não tenha notado, é sua grande amiga Evangeline quem está praticamente se

esfregando na perna ele.

Haven corre os olhos pela sala, sacode os ombros e diz:

— Ela faz isso com todo mundo, não chega a ser uma ameaça. Ao contrário de você.

Respiro fundo em busca de paciência e tento segurar o riso quando vejo Riley ao lado

dela, repetindo cada palavra, imitando cada gesto, zoando com
minha amiga de um jeito

muito engraçado, embora nem um pouco gentil.

— Olhe, Haven — digo afinal.— Eu não gosto dele! Que mais posso
fazer pra

convencer você disso? É só você dizer, que eu faço!

Ela balança a cabeça e desvia o olhar, ombros murchos e
pensamentos cada vez

mais sombrios, redirecionando para si mesma toda a raiva que
sente.

— Não precisa fazer nada — diz, piscando os olhos rapidamente
para represar as

lágrimas. — Se o cara gosta de você, então gosta e pronto. Vou
fazer o quê? Afinal, que

culpa você tem de ser essa garota linda e inteligente que os caras
sempre vão preferir?

Sobretudo quando está sem o capuz. — Ela tenta rir, sem muito
sucesso.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água — digo, tentando
convencê-la,

tentando convencer a mim mesma. — Só o que Damen e eu temos
em comum é nosso

gosto por cinema e fantasias de Hal oween. Só isso, juro. — Sorrio,
esperando que isso

pareça mais natural do que realmente é.

Haven mais uma vez olha para Evangeline, que a essa altura está com o chicote de

Zorro em punho, demonstrando o jeito certo de usá-lo. Depois se vira para mim e diz:

— Mas você vai me fazer um favor, certo?

Digo que sim com a cabeça. Qualquer pedido para dar fim a isso tudo.

— Chega de mentiras. Você manda mal pra caramba quando mente.

Observo quando ela se afasta, então viro para Riley, que não para de pular e gritar:

— Caramba, esta é a melhor festa de todos os tempos! Drama! Intrigas! Ciúmes! E por

pouco não rola um barraco entre mulheres! Estou muito feliz por não ter perdido isto!

Quase mando um sonoro psiu! para calar a pentelha quando lembro que sou a única

pessoa capaz de vê-la e ouvi-la. Seria muito estranho se alguém me visse fazendo psiu

para o nada. E quando a campainha toca de novo, dessa vez é ela quem chega primeiro à

porta, apesar da longa cauda de sereia.

— Ora, ora, o que temos aqui! — diz a mulher na varanda, olhando alternadamente

para mim e Riley.

— Posso ajudá-la? — pergunto, vendo que ela não está vestida a caráter. A menos

que o estilo básico em geral usado na Califórnia conte como fantasia.

— Desculpe o atraso — diz a mulher, os olhos castanhos voltados para os meus. —

Mas o trânsito estava uma mer... Bem, você sabe. — Em seguida ela olha na direção de

Riley, como se realmente pudesse vê-la.

— Você é amiga de Sabine? — pergunto. Talvez seja um tique nervoso olhar para

onde teoricamente não há ninguém. Apesar da aura violeta, uma aura linda, não consigo ler

os pensamentos da tal mulher.

— Meu nome é Ava — ela diz. — Fui contratada pela Sabine.

— Você é do pessoal do bufê? — Se é, por que então está usando esse top preto,

essa calça skinny e essas sapatilhas de balé, em vez do uniforme que os outros estão

vestindo?

Ela simplesmente ri e acena para Riley, que se esconde atrás das dobras de minha

saia, do mesmo modo que fazia com a mamãe quando estava tímida.

— Sou a vidente — diz enfim a mulher, afastando do rosto os cabelos avermelhados,

depois se ajoelhando ao lado de Riley. — E vejo que tem uma amiguinha com você.

Doze

Ao que tudo indicava, a vidente Ava deveria ser uma surpresa para os convidados da

festa. Mas tenha uma certeza: ninguém ficou mais surpreso do que eu. Que dizer, como é

que não previ que isso ia acontecer? Será que estava tão imersa em meu próprio mundo

que me esqueci por completo do de Sabine?

Eu não poderia, tipo assim, mandar a mulher embora, apesar de ter ficado tentada.

Ainda me recuperava do susto de vê-la falando com Riley quando minha tia surgiu à porta e

a convidou para entrar.

— Ainda bem que você chegou. Pelo visto, já conheceu minha sobrinha — diz Sabine,

conduzindo a mulher para dentro, onde uma mesa já estava à espera dela.

Sigo na cola delas, receando que Ava, a vidente, faça algum comentário sobre minha

irmãzinha morta. Mas então Sabine pede que eu busque uma bebida para a

recém-chegada, que, quando volto, já está no meio de uma consulta.

— Melhor você entrar na fila antes que apareça mais gente — diz minha tia, ombro a

ombro com um Frankenstein, o qual, com ou sem a máscara pavorosa, **não** é o bonitão que

trabalha no prédio dela. Também não é o poderoso banqueiro que diz ser. Na verdade,

ainda mora com a mãe.

Mas não pretendo contar nada disso a Sabine, não quero estragar a noite dela.

Portanto, simplesmente balanço a cabeça e digo:

— Mais tarde, quem sabe?

É ótimo ver minha tia se divertindo um pouco só para variar; bom saber que ela tem

um vasto círculo de amigos e, pelo visto, está de volta ao circuito das paqueras. E embora

seja hilário ver minha irmã dançando com pessoas que nem sequer desconfiam da

presença dela, ou bisbilhotando conversas que eu não deveria ouvir, preciso dar um tempo

nesta confusão toda: os pensamentos que vêm de toda parte, as auras vibrantes, a energia

que circula a meu redor. Mas, sobretudo... preciso me afastar de Damen.

Até agora tenho feito o possível para ficar longe dele, para fazer cara de paisagem

sempre que nos encontramos na escola, mas ao vê-lo aqui hoje, nitidamente vestido com a

segunda metade de uma fantasia de casal... bem, nem sei ao certo o que pensar. Quer

dizer, da última vez que o vi, ele estava dando mole para uma ruiva, para Stacia, para todo

mundo que não fosse eu. Encantando a mulherada com seu charme, sua boa aparência,

seu carisma, seus inexplicáveis truques de mágica.

Mergulho o nariz nas flores que ele me trouxe, vinte e quatro tulipas, todas vermelhas.

As tulipas não são lá as flores mais perfumadas do mundo, mas estas, de algum modo, têm

um cheirinho doce e envolvente que por pouco não me deixa tonta. Respiro fundo entre as

pétalas, perdendo-me na fragrância do buquê e secretamente admitindo que gosto do

garoto. Quer dizer, gosto **muito** dele. Não consigo evitar. Gosto e pronto. Por mais que eu

tente fingir o contrário, o sentimento continua lá, do mesmo tamanho.

Antes de Damen surgir, eu já havia me resignado a um destino solitário. Não que

adorasse a ideia de nunca mais ficar com outra pessoa, de nunca mais ter outro namorado.

Mas como posso namorar alguém que vai provocar tantas reações em mim com um toque?

Como posso me relacionar com um cara sabendo sempre o que ele está pensando? Sem

nunca ter a chance de pirar com uma suspeita qualquer, de tentar dissecar o significado

secreto de tudo o que ele diz ou faz?

Pode parecer bacana ser capaz de ler pensamentos e auras, mas não é. Não é

mesmo. Eu daria tudo para ter de volta minha vida de antes, ser tão normal e sem noção

quanto qualquer outra garota. Porque, às vezes, até nossos melhores amigos podem ter

pensamentos nada agradáveis a nosso respeito e, na ausência de um botão de off, é

preciso uma inesgotável capacidade de perdoar.

Pois é isso que tanto me encanta em Damen. Ele é uma espécie de botão única

pessoa cuja mente não consigo ler, a única capaz de silenciar os ruídos que vêm de fora.

Perto dele tenho uma incrível sensação de paz, penso que sou uma pessoa normal outra

vez. Por outro lado, não posso deixar de achar tudo isso muito estranho.

Sento em uma das cadeiras em torno da piscina, ajeito minha saia e fico observando

os globos espalhados pela água, mudando de cor enquanto deslizam sobre a superfície

iluminada. Estou de tal modo perdida em meus pensamentos, Paisagem maravilhosa à

frente, que sequer percebo a chegada de Damen.

— E aí? — ele diz, sorrindo.

Só de olhar para ele sinto uma quentura da cabeça aos pés.

— Bela festa. Estou feliz por ter vindo sem convite. — Ele senta a meu lado e eu

mantenho os olhos grudados na piscina: sei que Damen está zoando com minha cara, mas

estou nervosa demais para reagir. — Você me saiu uma linda Maria Antonieta — ele

acrescenta, correndo o indicador pela pluma negra que espetei na peruca no último minuto.

Contraio os lábios, sentindo-me nervosa, ansiosa, com vontade de sair correndo. Mas

respiro fundo e consigo segurar a onda. Talvez seja bom levar essa brincadeira adiante e

me permitir viver um pouco... ainda que por uma única noite.

— Você também não está mal como Conde Fersen — digo enfim.

— Pode me chamar de Axel. — Ele ri.

— E esse furo que as traças fizeram aí? — pergunto, apontando o queixo para um

ponto esgarçado da casaca, achando melhor não mencionar o cheiro de mofo que ela

exala. — Por acaso lhe cobraram a mais por ele?

Damen me encara e responde:

— As traças não têm nada a ver com isso. Esse furo é resultado do fogo de artilharia.

Por pouco não bati as botas.

— Bem, se não me falha a memória, nessa cena em particular você estava

perseguindo uma garota de cabelos escuros. — Olho de relance para ele, lembrando o

tempo em que eu mandava muito bem na paquera, procurando ressuscitar a garota que eu

costumava ser.

— Houve uma mudança de última hora — ele diz sorrindo. — Não mandaram para

você o novo roteiro?

De repente sinto uma onda de alívio, feliz com a possibilidade de agir outra vez como

uma garota normal, de dar mole como todo mundo faz.

— Nessa nova versão só tem a gente — ele continua —, mais ninguém. E você, minha

cara Antonieta, não perde sua linda cabecinha. — Damen desliza a ponta do indicador ao

longo de meu pescoço, deixando uma deliciosa trilha de arrepios até a orelha. — Por que

você não entrou na fila pra se consultar com a vidente? — ele sussurra, e vai correndo o

dedo pelo meu maxilar, acariciando a bochecha, retraçando a curva da orelha... os lábios

tão próximos dos meus que nossos hálitos se confundem.

Não digo nada. Simplesmente dou de ombros, torcendo para que ele feche logo a

matraca e me dê esse beijo.

— Não acredita nessas coisas?

— Não é isso... É que... Sei lá — murmuro, a essa altura já tão impaciente que fico

tentada a gritar.

Por que o garoto insiste em conversar? Ele não percebe que talvez essa seja minha

última chance de viver um momento de garota normal, de dar uns beijos como todo o

mundo da nossa idade faz? Que uma oportunidade dessas talvez nunca volte a acontecer?

— E você, por que não entrou na fila também? — pergunto, já nem um pouco

preocupada em disfarçar minha frustração.

— Perda de tempo. — Ele ri. — Não existe essa história de ler pensamentos, de

prever o futuro... certo?

Voltando os olhos para a piscina, por pouco não tenho uma síncope ao constatar que

os globos não só ficaram cor-de-rosa como também se alinharam na forma de um coração.

— Porventura falei algo que a irritou? — ele pergunta, trazendo meu rosto de volta

para o dele com os dedos em meu queixo.

Também tem isto: às vezes Damen fala tão coloquialmente quanto um surfista da

Califórnia; outras, usa palavras tão fora de moda que ainda parece viver nos tempos de O

morro dos ventos uivantes.

— Não, porventura você não falou nada — digo, sem conseguir conter uma risada.

— Está rindo de quê? — ele pergunta, e desliza os dedos sob minha franja,

encontrando a cicatriz na testa, fazendo com que eu me afaste. — Como foi que isto veio

parar aqui? — pergunta, e recolhe a mão. Olha para mim com tanto carinho e preocupação

que por pouco não conto toda a verdade.

Mas não digo nada. Pois esta é a única noite do ano que tenho para ser outra pessoa.

De fingir que não sou a única responsável pela perda dos maiores tesouros que já tive na

vida. Hoje quero paquerar, brincar, tomar decisões sem pensar nas consequências, das

quais provavelmente venha a me arrepender no futuro. Porque hoje não sou mais a Ever,

sou Maria Antonieta. E se o Conde Fersen que está a meu lado não for um blefe, vai parar

com esse papo furado e me tascar um beijo agora mesmo.

— Não quero falar sobre isso — digo. Já nem me espanto mais quando vejo os globos

na piscina formando uma tulipa.

— Sobre o que quer falar então? — Damen me encara com um par de olhos que mais

parecem dois lagos me instigando a pular.

— Sobre nada — sussurro, e mal consigo respirar quando os lábios dele finalmente

pousam nos meus.

Treze

Se a voz já era aquela maravilha, capaz de me cercar de silêncio, e o toque aquele

espetáculo, capaz de eletrizar minha pele, o beijo... bem, o beijo é uma experiência

sobrenatural. Embora não seja nenhuma especialista no assunto, tendo beijado não mais

que meia dúzia de garotos na vida, sou capaz de apostar que um beijo desses, tão

completo e tão transcendental, é algo único na vida de alguém.

Quando Damen se afasta e fica me olhando, fecho os olhos novamente e puxo o

garoto de volta pelas lapelas da casaca.

Até que Haven aparece e diz:

— Caramba, faz horas que estou procurando vocês! Devia ter desconfiado que

estavam escondidos aqui!

Imediatamente recuo, querendo morrer por ter sido pega no flagra pouco depois de

jurar que não estava nem um pouco a fim do garoto.

— A gente só estava...

Ela ergue a mão para me calar.

— Por favor, poupe-me dos detalhes. Só queria avisar que a Evangeline e eu vamos

nos mandar.

— Já? — pergunto, calculando mentalmente o tempo que já havia passado desde que

vim para a piscina.

— É. Minha amiga Drina acabou de chegar e vai levar a gente pra outra parada. Se

quiserem, vocês podem vir conosco. Mas acho que estão ocupados demais — ela ironiza.

— Drina? — pergunta Damen, levantando-se tão rápido que sua imagem se

desmancha num borrão.

— Vocês se conhecem? — pergunta Haven, mas a essa altura Damen já foi, tão

rápido que o perdemos de vista.

Sigo correndo atrás de Haven, louca para me explicar, mas quando enfim a alcanço já

nas portas de vidro do pátio, e coloco a mão sobre os ombros dela, sinto uma energia tão

pesada, tão carregada de raiva e desespero, que as palavras se congelam em minha boca.

Ela se desvencilha de mim e, olhando por sobre os ombros, diz:

— Falei que você não sabia mentir. — E segue adiante.

Respiro fundo e continuo correndo atrás dos dois, Haven e Damen, enquanto eles

atravessam a casa inteira — sala, cozinha, escritório — rumo à porta de entrada, meus

olhos fixos em Damen; fico espantada com a segurança e rapidez com que ele se move,

como se soubesse de antemão onde estava a tal de Drina. E quando finalmente chego ao

hal , quase caio dura ao vê-los juntos: ele em todo o seu esplendor oitocentista e ela

também vestida de Maria Antonieta, mas numa fantasia bem mais elaborada que a minha,

infinitamente mais requintada e linda, deixando-me até envergonhada.

— Ah, você deve ser a... — Ela levanta o queixo e planta os olhos nos meus, duas

esferas cintilantes de um verde-esmeralda.

— Ever — balbucio, e corro os olhos pela criatura à minha frente, a peruca alta e

quase branca, a pele sedosa e perfeita, o colar de pérolas em torno do pescoço, os lábios

rosados perfeitos que deixam entrever dentes quase irreais de tão brancos.

Olho para Damen na esperança de que ele explique, com um mínimo de lógica, como

a ruiva do hotel St. Regis veio parar no hall de entrada da minha casa. Mas ele está muito

ocupado admirando a obra-prima à sua frente para perceber que eu existo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta, quase sussurrando.

— Haven me convidou — ela responde sorrindo.

Olhando de volta para Damen, sinto um calafrio de pavor correndo pela espinha.

— Como vocês se conhecem? — pergunto, notando uma mudança no comportamento

de Damen, uma súbita frieza, como se uma nuvem escura tivesse encoberto o sol que

costumava ficar ali.

— Nós nos conhecemos na Nocturne — responde Drina, fitando-me diretamente nos

olhos. — Aliás, é pra lá que estamos indo. Espero que você não se importe por eu roubar

sua amiga.

Ignorando a dor no coração e a pontada no estômago, aperto os olhos num esforço

para ler a mente dela. Mas nada encontro: os pensamentos estão completamente

inacessíveis. E a aura simplesmente não existe.

— Ah, como fui burra — continua Drina —, você estava se referindo ao Damen, não

estava? — Ela ri, os olhos lentamente passeando por minha fantasia até voltarem para

meus olhos. E percebendo que não vou responder, emenda, acenando com a cabeça: —

Damen e eu nos conhecemos desde os tempos do Novo México.

— Nova Orleans — ele corrige.

Drina dá uma risada que por algum motivo nunca chega a seus olhos.

— Digamos que nos conhecemos desde os velhos tempos. — Estende o braço para

tocar a franja de miçangas de meu vestido; depois desce a mão até meu pulso e,

apertando-o, diz: — Belo vestido. Foi você mesma que fez?

Desvencilho-me rapidamente, não porque me ofendi com o sarcasmo, mas por causa

do frio absurdo que senti com o toque dos dedos dela, com a pressão das unhas, que,

afiadas, pareciam injetar gelo em minhas veias.

— Ela não é o máximo? — diz Haven, admirando Drina com a mesma intensidade que

de modo geral dedica apenas aos vampiros, aos roqueiros góticos e a Damen.

Ao lado dela, Evangeline revira os olhos e confere as horas no relógio.

— Melhor a gente ir nessa — diz — se quisermos chegar à Nocturne antes de

meia-noite.

— Você pode vir conosco, se quiser. — Drina sorri para mim. — O freezer da limusine

está totalmente abastecido.

Olhando para Haven, posso ouvi-la pensar: Diz que não vai, por favor! Diz que não

vai!

Drina olha para mim, depois para Damen.

— O motorista está esperando... — cantarola.

Meu coração despenca quando percebo a indecisão de Damen. Limpo a garganta e

busco forças para dizer:

— Pode ir com elas, se quiser. Mas eu tenho de ficar. Não dá pra fugir da própria festa,

não é? — Em seguida dou um risinho, como se não estivesse nem aí para a decisão dele,

quando na verdade mal consigo respirar.

Drina continua olhando ora para Damen, ora para mim, as sobrancelhas arqueadas, a

expressão altiva, deixando escapar não mais que uma centelha de espanto quando ele

finalmente balança a cabeça e pega minha mão em vez da dela.

— Foi um prazer conhecê-la, Ever — diz Drina. E depois de uma pequena pausa,

antes de entrar na limusine, acrescenta: — Algo me diz que ainda vamos nos reencontrar.

Elas descem a rua e, assim que somem de vista, digo a Damen:

— Então, quem será que ainda vai chegar? Stacia? Honor? Craig? Fico envergonhada

por ter perguntado isso, demonstrando a boba, ciumenta e patética pessoa que sou. Eu já

devia ter imaginado o que aconteceria, não devia ter ficado surpresa. Damen é um jogador.

Essa é a verdade pura e simples.

Hoje fui a bola da vez, só isso.

— Ever... — ele diz, e acaricia minha face com o polegar. Mas antes que eu possa

recuar e voltar à festa, já que não estou nem um pouco disposta a ouvir um monte de

desculpas esfarrapadas, ele olha fundo em meus olhos e sussurra:
— Talvez seja melhor

eu ir embora.

Vasculho os olhos dele em busca de alguma pista. Minha mente aceita a verdade que

meu coração preferiria mil vezes não ter de enxergar. E mentalmente completo as palavras

que Damen deixou de dizer: Ir embora... para me encontrar com ela.

— Tudo bem, obrigada por ter vindo — digo enfim, mais como uma garçonete já

cansada ao fim do expediente que como uma namorada em potencial.

Damen apenas abre um sorriso, retira a pluma de minha peruca e, roçando-a contra

meu pescoço, diz:

— Posso levar esta lembrancinha?

Antes que eu tenha a chance de dizer o que quer que seja, ele já está de volta ao

carro, pisando fundo no acelerador.

Sento nos degraus da escada e afundo a cabeça entre as mãos, por pouco não

deixando a peruca cair, desejando ser capaz de desaparecer no ar,
voltar no tempo e

começar tudo de novo. Jamais deveria ter convidado o garoto a
entrar, muito menos

deixado que ele me beijasse...

— Ah, aqui está você! — diz Sabine, tomando-me pelo braço e
puxando-me para

cima. — Já procurei você por todos os cantos! Ava concordou em
ficar um pouquinho mais,

só pra fazer uma consulta com você.

— Mas eu não quero me consultar com ela — digo, sem querer
ofendê-la, mas nem

um pouco disposta a me encontrar com a vidente. Quero apenas
subir para meu quarto,

tirar essa peruca e cair num sono profundo, de preferência sem
sonho algum.

Só que Sabine bebeu um pouquinho mais do que devia, o que
significa que está tonta

demais para me dar ouvidos. Puxando-me pela mão, ela me conduz
ao encontro da vidente

no escritório.

— Olá, Ever — diz Ava assim que me vê.

Esborracho-me na cadeira diante dela e, apoiada na mesa, espero
passar o efeito da

energia alcoolizada de minha tia.

— Leve o tempo que precisar — diz Ava, sorrindo. Olhando para as cartas de tarô

dispostas à minha frente, digo:

— Hmm... não é nada pessoal, mas não quero me consultar. — Encaro Ava antes de

desviar o olhar.

— Que assim seja, então. — Ela dá de ombros, recolhe as cartas e começa a

embaralhá-las. — Que tal fingirmos que estamos fazendo algo só pra deixar sua tia feliz?

Ela se preocupa com você. Não sabe se está agindo certo, se está dando liberdade de mais

ou de menos. — Ela olha para mim. — O que você acha?

Sacudo os ombros e reviro os olhos. Até agora ela não disse nada que eu já não

soubesse.

— Sua tia vai se casar, sabia?

Levanto o rosto, assustada, meus olhos encontrando os dela.

— Não hoje — diz Ava, rindo. — Nem amanhã. Portanto, não se preocupe.

— E por que eu deveria me preocupar? — Revirando na cadeira, observo a mulher

cortar o baralho ao meio e espalhar as cartas em meia-lua. —
Quero que Sabine seja feliz,

e se isso significa se casar...

— Certo. Mas você já passou por mudanças de mais neste último ano, não foi? Nem

teve tempo de se adaptar ainda. Sei que não é fácil. — Ela me olha diretamente nos olhos.

Mas nada respondo. E por que deveria? Ela ainda não disse nada esclarecedor ou

devastador. Todo mundo passa por mudanças na vida, ora bolas. Não seria esse o

propósito da vida? Crescer, mudar e seguir adiante? Além do mais, minha tia não é enigma

algum. Está longe de ser uma pessoa complexa ou insondável.

— Então, como você está lidando com seu dom? — Ava vira algumas cartas.

— Meu o quê? — Olho desconfiada para a mulher, tentando imaginar aonde ela

pretende chegar com tudo isso.

— Sua mediunidade — ela explica e sorri, como se tivesse absoluta certeza do que

acabou de dizer.

— Não sei do que você está falando — resmungo. Com uma rápida olhada através da

porta, vejo Miles, Eric, Sabine e Frankenstein dançando juntos,
alheios à minha irmã

invisível.

— É difícil no começo — Ava concorda com a cabeça. — Pode
acreditar, eu sei. Fui a

primeira a saber da morte de minha avó. Ela apareceu em meu
quarto e, bem ali, diante de

minha cama, despediu-se com um aceno. Eu só tinha quatro anos
na época. Portanto, você

pode imaginar qual foi a reação de meus pais quando corri à
cozinha para contar a eles. —

Ela balança a cabeça e ri. — Mas você me entende, não é? Porque
também pode vê-los.

Fico olhando para as cartas sem dizer uma palavra, as mãos juntas.

— A mediunidade, às vezes, é perturbadora, a gente fica se
sentindo isolada. Mas não

tem de ser assim. Você não precisa se esconder debaixo de um
capuz ou estourar os

tímpanos com uma música da qual você nem gosta. Há muitas
maneiras de lidarmos com a

mediunidade, e eu terei o maior prazer em ajudá-la, Ever. Você não
precisa continuar

vivendo desse jeito.

Levanto da cadeira com as mãos apoiadas na mesa, as pernas
trêmulas, o estômago

esquisito. Essa mulher só pode estar louca se acha que a mediunidade é um dom. Estou

careca de saber que não é. Sei que é um castigo por tudo o que fiz, tudo o que causei. É um

peso que carrego, e o que tenho de fazer é lidar com ele.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — digo finalmente.

Mas ela simplesmente concorda com a cabeça e me passa um cartão de visitas.

— Quando se sentir pronta, entre em contato comigo.

Pego o cartão não só porque Sabine está nos observando de longe, mas também

porque não quero ser mal-educada. Aperto o papel entre os dedos, amassando-o numa

pequena bolota.

— Posso ir agora? — pergunto, já um tanto irritada.

— Só mais uma coisa. — Ela guarda as cartas numa pequena caixa marrom de couro.

— Estou muito preocupada com sua irmã mais nova. Já é hora de ela seguir em frente,

você não acha?

Olho para essa mulher sentada à minha frente, cheia de si, sabendo de tudo e

julgando a vida de uma pessoa que ela nem mesmo conhece, e sussurro:

— Pra sua informação, Riley já seguiu em frente! Está morta! — E joga o cartão

amassado sobre a mesa, pouco me lixando para quem possa estar vendo.

Mas, sem perder a calma, ela retruca, sorrindo:

— Você sabe o que eu quis dizer.

Catorze

A festa já acabara havia muito tempo, todos os convidados já tinham ido embora,

quando, deitada em minha cama, fiquei pensando em Ava, no que ela dissera sobre Riley

estar presa por aqui, em como eu era culpada por isso. Sempre achei que minha irmã já

tivesse seguido em frente e viesse me visitar por vontade própria. Porque, tipo assim, não

sou eu quem a convida para vir me ver: é ela que aparece, quando bem entende. E quando

não está comigo... bem, provavelmente fica batendo perna em algum lugar do Céu. Sei que

Ava só está querendo ajudar, como uma espécie de irmã mais velha mediúnica, mas o que

ela não percebe é que não quero ser ajudada; que mesmo que eu deseje voltar a ser uma

garota normal e levar a vida que eu levava antes, compreendo também que tudo isso faz

parte de meu castigo. Esse dom terrível é o que mereço por todo o mal que causei, pelas

vidas que interrompi. Agora só me resta aceitar isso — e fazer o possível para não

prejudicar mais ninguém.

Quando, enfim, caí no sono, sonhei com Damen. Um sonho tão forte, tão intenso e tão

movimentado que parecia real. De manhã, no entanto, só restavam fragmentos desse

sonho, imagens fugidias, sem pé nem cabeça. A única lembrança clara era de nós dois

correndo por um vale gelado, varrido pelo vento — na direção de algo que eu não podia ver

muito bem.

— Que deu em você hoje? Por que tanto mau humor? — pergunta Riley, empoleirada

na beira de minha cama, vestindo uma fantasia de Zorro idêntica à que Eric usou na festa.

— O Hal oween já acabou, sabia? — digo, olhando para o chicote que ela bate contra

o chão.

— Dã. — Riley faz uma careta e continua a açoitar o carpete. — Gostei da fantasia, e

daí? Acho que vou me vestir assim todos os dias.

Diante do espelho, coloco os dois pequenos brincos de brilhante que sempre uso e

prendo os cabelos num rabo de cavalo.

— Não acredito que você vai continuar se vestindo assim — observa Riley, torcendo o

nariz de desgosto. — Achei que tivesse descolado um namorado. — Ela larga o chicote,

pega meu iPod e começa a bisbilhotar quais músicas estão gravadas.

Olho para trás, perguntando-me o que exatamente ela tinha visto.

— Alô-ou? Na festa? Na piscina? Ou será que você estava só ficando? Arregalo os

olhos, mais vermelha que um tomate.

— O que você sabe sobre ficar, garota? Só tem doze anos! E que história é essa de

me espionar?

Ela revira os olhos e diz:

— Me poupe, vai. Como se eu fosse perder meu tempo espionando você quando

tenho coisa muito melhor pra ver. Pra sua informação, apenas cheguei na piscina

exatamente na hora em que você estava empurrando a língua pra dentro da garganta do

Damen. Preferia mil vezes não ter visto aquilo, pode acreditar.

Balanço a cabeça e abro a gaveta da cômoda, transferindo minha irritação com Riley

para os moletons lá dentro.

— Bem, sinto muito decepcioná-la, mas o cara não é meu namorado porcaria

nenhuma. Nem falei com ele desde... — digo, odiando os embrulhos que sinto no

estômago. Depois, pego um moletom cinza e visto pela cabeça, destruindo completamente

o rabo de cavalo que acabei de fazer.

— Posso espioná-lo se você quiser. Ou assombrá-lo! — Ela ri.

Olho para Riley e exalo um suspiro. A ideia até que não é má; por outro lado, sei que

preciso tocar minha vida adiante, virar a página e esquecer tudo o que aconteceu.

— Fica fora dessa história, tá bom? — digo por fim. — Se você não se importa, prefiro

ter uma experiência normal no colégio.

— É você quem sabe. — Ela sacode os ombros e deixa o iPod de lado. — Mas, pra

seu governo, Brandon está disponível de novo.

Recolho minha pilha de livros e outros objetos e coloco na mochila, surpresa por não

me sentir nem um pouco melhor com a novidade.

— É verdade. A Rachel deu um toco nele na noite de Hal oween, ao pegar o cara

dando uns amassos numa coelhinha da Playboy. Só que não era uma coelhinha de

verdade, era a Heather Watson fantasiada.

— Sério? Heather Watson? Está brincando!

Tento visualizar Heather fantasiada de coelhinha da Playboy, mas não faz sentido.

— Palavra de honra. Você tinha que ver, a garota emagreceu uns dez quilos, tirou o

aparelho dos dentes, fez escova progressiva e agora parece outra pessoa. Infelizmente,

também tem se comportado como outra pessoa. Agora é uma... vagaba, entende? —

sussurra Riley. — Dessas que dão mole pra todo mundo. — E volta a chicotear o chão.

Levo um tempo para assimilar toda essa bizarrice.

— Sabe, é muito feio isso que você está fazendo, essa mania de bisbilhotar a vida das

pessoas — digo, mais preocupada com uma possível espionagem da minha própria vida do

que com a dos meus amigos. — É muita falta de educação, você não acha? — Jogo a

mochila nas costas e sigo para a porta do quarto.

Riley ri e diz:

— Não seja ridícula. É ótimo ficar em dia com o pessoal de nossa antiga vizinhança.

— Você vem comigo ou não? — pergunto, impaciente.

— Vou. E quem chegar por último é mulher do padre! — ela exclama. Sem pensar

duas vezes, dispara rumo à escada e desce escorregando pelo corrimão, a capa preta de

Zorro esvoaçando.

Quando chego à casa de Miles, ele já está esperando do lado de fora, dedilhando o

teclado do telefone.

— Só... mais... um... segundo... e... pronto! — Tão logo entra no carro, vira-se para

mim e diz: — Pode ir soltando a língua. Quero saber de tudo! Do início ao fim. Todos os

detalhes sórdidos, não me esconda nada.

— Do que você está falando? — Arranco com o carro e lanço um olhar de advertência

na direção de Riley, agora sobre o colo de Miles, soprando no rosto dele e rindo ao vê-lo

tentando ajustar o quebra-vento da janela.

Miles vira-se para mim, balançando a cabeça:

— Alô-ou? Do Damen, é claro! Ouvi dizer que vocês dois se atracaram à beira da

piscina, cenas de pegação explícita sob a luz do luar, beijos tórridos, mãos pra todo lado e...

— Não viaja, garoto. — Mesmo já sabendo do que se trata, digo isso, louca para dar

fim a esse tormento.

— Olhe, a notícia já se espalhou por aí, portanto nem adianta negar. Eu ia ligar pra

você ontem, mas papai confiscou meu telefone e me arrastou pro campo de beisebol, só

pra me ver rebatendo como uma garota! — Miles ri. — Você perdeu o espetáculo!

Desmunhequei o máximo que pude, ele ficou hor-ro-ri-za-do. Pra ver se o mala me deixa

em paz! Mas, voltando a você. O confessionário começa agora. Desembuche. —

Sacudindo a cabeça num gesto de impaciência, ele acrescenta: — Foi a maravilha que

todos nós imaginamos?

Dou de ombros e mais uma vez olho de relance para Riley, mandando que ela fique

quieta ou desapareça.

— Sinto muito desapontá-lo — digo finalmente. — Mas não rolou nada.

— Não foi isso que me contaram. A Haven disse que...

Sei muito bem o que a Haven disse, portanto não preciso que alguém repita em voz

alta.

— Tudo bem, a gente se beijou — vou logo dizendo. — Mas só uma vez. — Mesmo

sem olhar, posso ver a expressão de desconfiança no rosto dele, o risinho de malícia que

desponta nos lábios. — Ou duas, sei lá. Não estava contando — resmungo, e minhas

bochechas começam a arder, as mãos ficam ensopadas de suor, nem sei direito pra onde

olhar. Fico torcendo pra que Miles não perceba nada. Porque repassei o tal beijo tantas

vezes na cabeça que ele ficou tatuado em meu cérebro.

— E... — ele diz, ávido por mais detalhes.

— E... nada — digo, aliviada ao ver que Riley já se mandou.

— Ele não ligou? Não mandou um e-mail? Um torpedo? Não voltou à sua casa? —

Miles engole em seco, visivelmente transtornado, já imaginando o que isso pode significar

não só para mim, mas também para o futuro de nosso grupinho.

Balanço a cabeça e mantenho os olhos fixos no trânsito, irritada comigo mesma por

não ser capaz de lidar melhor com tudo isso, odiando o nó que sinto na garganta, as

lágrimas que ameaçam brotar a qualquer instante.

— Mas o que foi que ele disse antes de ir embora? Quais foram as últimas palavras

dele? — pergunta Miles, determinado a encontrar alguma faísca de esperança diante da

abominável realidade dos fatos.

Dobrando uma esquina, relembro nossa estranha e repentina despedida à porta. Em

seguida, olho para Miles, engulo em seco e digo:

— Ele tirou a pluma de minha peruca e pediu pra guardar de lembrança.

Só agora me dou conta de um mau sinal: ninguém leva um souvenir de um lugar ao

qual pretende voltar muitas vezes.

Sequer preciso ler o que Miles está pensando. Seus olhos já dizem tudo.

— Pode falar — eu digo, balançando a cabeça enquanto estaciono.

Apesar da decisão irrevogável de não pensar mais em Damen, confesso que estou um

tanto decepcionada ao chegar à aula de inglês e constatar que ele ainda não está na sala.

Isso, claro, faz com que eu pense nele mais ainda e, segundos depois, já estou à beira da

obsessão.

Quer dizer, para mim, nosso beijo foi algo bem mais sólido e transcendental que um

amasso de dois ficantes, mas isso não significa que ele pense da mesma forma. Só porque

vi estrelas e ouvi sininhos não quer dizer que ele tenha visto e ouvido também. Afinal, por

mais que eu tente, não consigo apagar da memória a imagem dele e Drina juntos em minha

casa, um perfeito Conde Fersen com sua idílica Antonieta. E eu ali, no banco de reservas,

emperiquitada e emperucada como uma perfeita idiota.

Estou prestes a ligar o iPod quando Stacia e Damen irrompem na porta, rindo e

tagarelando, dois botões de rosa branca na mão dela. Ele a acompanha até a carteira e

caminha em minha direção.

Imediatamente começo a remexer em meus papéis, fingindo que não estou vendo.

— E aí? — ele diz, e acomoda-se na carteira a meu lado. Como se nada tivesse

acontecido. Como se ele não tivesse dado em cima de mim e fugido às pressas menos de

48 horas antes.

Deixo a cabeça cair numa das mãos e forço um bocejo, como se estivesse entediada

ou exausta depois de inúmeras atividades interessantes, passando as páginas de um

caderno com dedos tão trêmulos que deixo meu lápis cair.

Depois de me abaixar para pegá-lo, dou de cara com uma tulipa vermelha sobre o

tampo da carteira.

— Que foi? Suas rosas brancas acabaram? — pergunto, e começo a revirar livros e

cadernos como se tivesse algo muito importante a fazer.

— Jamais daria a você uma rosa branca — ele diz, os olhos buscando os meus.

Mas não olho de volta. De jeito nenhum vou participar desse joguinho sádico. Apenas

pego minha mochila e finjo estar procurando algo dentro. E mentalmente solto um palavrão

quando vejo que ela está recheada de tulipas vermelhas.

— Pra você, só tulipas — diz Damen, sorrindo. — Só tulipas vermelhas.

— Ah, que ótimo pra mim — resmungo. Jogo a mochila no chão e escorrego para a

extremidade oposta da cadeira, o mais longe possível dele. Não faço a menor ideia do que

tudo isso possa significar.

Hora do almoço. Fico uma pilha de nervos só de pensar que daqui a pouco posso me

encontrar novamente com Damen. E com Haven; embora não tenhamos nos falado desde a

noite de sábado, aposto que ela ainda quer me ver pelas costas. E quando chego à nossa

mesa, apesar de todo o discurso que reparei durante a aula de química, fico completamente

sem palavras ao deparar com ela.

— Ora, ora, quem vem lá... — ela diz, olhando para mim.

Sento-me no banco ao lado de Miles, mas ele sequer nota minha presença, tão

ocupado que está com seus torpedos. Fico pensando se já não é hora de procurar novos

amigos. Não que alguém vá me aceitar, claro.

— Eu estava dizendo ao Miles — continua Haven — que vocês mandaram muito mal

de não terem ido pra Nocturne com a gente. Mas ele insiste em me ignorar. — Ela faz uma

careta na direção dele.

— Porque fui obrigado a ouvir você tagarelar durante toda a aula de história! Depois

você continuou falando, falando, falando, e acabei chegando atrasado à aula de espanhol.

— Ele balança a cabeça e segue digitando no telefone.

— Você está com ciúmes só porque perdeu a balada — retruca Haven, indiferente.

Depois olha para mim e tenta se corrigir: — Não que sua festa não estivesse boa, porque

estava, claro. Boa pra caramba. Só que... minha praia é outra, entende? Quer dizer... você

sabe do que estou falando, não sabe?

Limpo minha maçã na manga do moletom, nem um pouco disposta a ouvir sobre essa

tal de Nocturne, sobre a praia dela, muito menos sobre Drina. E quando enfim levanto o

rosto, levo um baita susto ao reparar que Haven trocou as lentes de contato amarelas por

novas, agora verdes.

Um tom de verde tão familiar que me deixa arrepiada.

Um verde que só pode ser descrito como... verde-Drina.

— Você devia ter visto! Tinha uma fila enorme na entrada, mas, assim que viram a

Drina, deixaram a gente passar na frente de todo mundo. E ninguém teve de pagar! Nem

pra entrar nem por nada! Uma noite inteira de boca-livre! Tem mais: acabei dormindo no

quarto dela. Drina está hospedada no St. Regis, numa suíte maravilhosa, mas só até

encontrar um apê definitivo. Ah!, você tinha de ver...Vista pro mar, jacuzzi, minibar

hiperabastecido, o diabo a quatro! — Haven fica olhando para mim com seus novos olhos

verde-esmeralda, esperando por um entusiasmo que simplesmente não sou capaz de

sentir.

Aproveito a oportunidade para examinar melhor o aspecto dela. O rimel agora está

mais suave, e a sombra, mais esfumada, bem ao estilo de Drina; o habitual batom

vermelho-sangue foi substituído por outro, mais próximo do rosa, também muito parecido

com o de Drina; até os cabelos, esticados a ferro desde que a conheço, agora estão mais

leves e ondulados, como os de Drina. Quanto às roupas, o gótico de sempre deu lugar a um

vestidinho de seda, meio vintage, um que certamente Drina escolheria para usar.

— Então, cadê o Damen? — ela pergunta, como se eu tivesse a obrigação de saber.

Dou uma mordida na maçã e faço que não sei.

— Que foi? Achei que vocês estivessem de rolo, não estão? — ela insiste.

Mas, antes que eu possa responder, Miles levanta o rosto do telefone e lança na

direção dela aquele olhar cuja tradução poderia ser: Cuidado, campo minado!

Haven passa os olhos por mim e por Miles, suspira e diz:

— Tudo bem, tudo bem. De qualquer modo, Ever, eu queria que você soubesse de

uma coisa. Não estou mais bolada com essa história do Damen, tá? Desculpe se andei

meio estranha com você nesses últimos dias. Já passou. Sério. — Ela sorri e oferece o

dedo mindinho para selar nossa paz.

Meio sem jeito, ofereço o meu também e, assim que entrelaçamos os dedos, entro em

sintonia com a energia dela, espantada ao ver que Haven realmente está sendo sincera.

Quer dizer, dois dias atrás ela me via como sua inimiga número 1, mas agora, mesmo sem

motivo aparente, tudo voltou ao normal.

— Haven... — De início fico na dúvida se devo seguir em frente, mas depois penso:

Ah, que se dane, não tenho nada a perder.

Ela olha para mim, sorrindo e esperando.

— É que... Bem, quando vocês estavam lá... na Nocturne... por acaso... vocês não...

viram o Damen? — Paro e espero, Miles me fulminando com o olhar, e Haven me

encarando, visivelmente confusa. — É que ele foi embora lá de casa pouco depois que

vocês saíram... então pensei que...

Haven faz que não com a cabeça.

— Não, não vi o cara — diz, e limpa o glacê dos lábios com a ponta da língua.

Mesmo sabendo que não devo, escolho esse momento para dar uma olhada geral nas

mesas espalhadas pelo pátio, como sempre organizadas num rigoroso sistema de castas.

Obedecendo à hierarquia alfabética, vou da mesa Z (nossa própria, a da minoria) à mesa A

(dos VIP's), morrendo de medo de encontrar o Damen e a Stacia por lá, trocando beijos

num leito de rosas brancas ou fazendo algo ainda pior.

Mas tudo está tranquilo, todos nas mesmas atividades de sempre.
Nenhuma flor

brotando do nada, pelo menos por hoje.

Só porque Damen não está lá.

Quinze

Já estou caída no sono quando Damen liga. Embora eu tenha
passado os últimos dois

dias tentando convencer a mim mesma de que não gosto dele, tudo
muda assim que ouço

sua voz.

— É muito tarde? — ele pergunta.

Apertando os olhos para enxergar os números verdes do
despertador, vejo que é

muito tarde, sim, mas respondo:

— Não, tudo bem.

— Você estava dormindo?

— Quase. — Ajeito os travesseiros contra a cabeceira da cama e me
recosto neles.

— Eu estava pensando... Será que posso dar uma passadinha aí?

Novamente olho para o despertador, apenas para confirmar a
insanidade da pergunta.

— Acho que não é uma boa idéia — digo.

Segue-se um silêncio tão demorado que chego a pensar que ele desligou.

— Desculpe não tê-la encontrado no almoço — ele diz finalmente.

— Nem na aula de

arte. Fui embora logo depois da aula de inglês.

— Hmm... sei — resmungo, sem saber direito o que falar, já que não somos um casal

nem nada. O cara não me deve satisfação alguma.

— Tem certeza de que é muito tarde? — ele pergunta, a voz grave e persuasiva. —

Quero muito vê-la. Não vou demorar.

Sorrio, felicíssima ao perceber essa pequena mudança: é ótimo saber que, só para

variar um pouco, agora sou eu quem está dando as cartas.

— A gente se vê amanhã na aula de inglês — digo, e mentalmente me cumprimento

com um tapinha nas costas.

— Que tal se eu passar aí pra buscar você? — ele sugere, quase fazendo com que eu

me esqueça de Stacia, de Drina, daquela estranha fuga da festa, de tudo. Por muito pouco

não me disponho a passar uma borracha em tudo e recomeçar do zero.

Mas não vou desistir assim tão facilmente. Portanto, obrigo meus lábios a dizerem:

— Miles vai de carona comigo. A gente se vê na aula de inglês.

E, antes de correr o risco de mudar de ideia, desligo e arremesso o celular para o

outro lado do quarto.

Na manhã seguinte, Riley pipoca na minha frente e diz:

— Ainda mal-humorada?

Reviro os olhos.

— Estou vendo que sim. — Ela ri e se empoleira na cômoda, os calcanhares batendo

contra as gavetas.

— E essa roupa aí, o que é? — pergunto enquanto guardo os livros na mochila. Hoje

minha irmã apareceu de saia rodada, corpete justo e uma longa cabeleira de cachos

castanhos.

— Elizabeth Swann — ela responde sorrindo.

Aperto os olhos, demorando um tempo para ligar o nome à pessoa.

— Aquela de Os Piratas... ?

— Claro, quem mais poderia ser? — Ela levanta os olhos e faz uma careta. — Então,

como estão você e o Conde Fersen?

Finjo que não ouvi. Jogo a mochila nas costas e vou em direção à porta do quarto.

— Você vem? — pergunto.

— Hoje, não. — Ela nega com a cabeça. —Tenho um compromisso.

— Como assim, "um compromisso"?

Mas Riley apenas balança a cabeça e pula da cômoda.

— Não é da sua conta — ela diz às gargalhadas. E some através da parede.

Miles atrasou-se hoje também; portanto, quando chegamos à escola, o estacionamento já está completamente lotado. A não ser pela melhor de todas as vagas.

A que fica lá no fundo.

Bem perto do portão de entrada.

Exatamente ao lado do carro de Damen.

— Como você fez isso? — pergunta Miles, recolhendo seus livros enquanto sai de

meu minúsculo carro vermelho, fitando Damen como se ele fosse o mágico mais sexy do

mundo.

— Fiz o quê? — pergunta Damen, olhando para mim.

— Guardar essa vaga. Pra estacionar aqui a pessoa tem que chegar, tipo, antes de o

semestre começar.

Damen ri, buscando meu olhar. Mas eu o cumprimento apenas com a cabeça, como

se estivesse diante do carteiro ou do zelador, não do cara que me deixou obcecada desde o

dia em que o conheci.

— O sinal já vai tocar — digo, cruzando o portão apressadamente e observando a

rapidez com que ele se move. Sem qualquer esforço aparente, Damen chega à porta da

sala bem antes de mim.

A caminho da carteira, passo efusivamente por Honor e Stacia, chutando a mochila de

Stacia sem a menor piedade. Tão logo vê Damen, ela diz:

— E aí, cadê minha rosa?

E morde a língua assim que ele responde:

— Desculpe, hoje não vai dar.

Já acomodado na carteira, ele lança um sorriso irônico em minha direção e diz:

— Alguém acordou com o pé esquerdo hoje. — E ri.

Mas apenas dou de ombros e jogo a mochila no chão.

— Pra que tanta pressa? — Damen se inclina para o meu lado. — O sr. Robins não

vem hoje.

— Como foi que... — digo, mas não consigo terminar a frase. Quer dizer, como ele

pode saber o que eu sei, isto é, que o sr. Robins ainda está em casa, de ressaca, remoendo

o fato recente de ter sido abandonado pela mulher e pela filha?

— Vi a substituta enquanto esperava por você — ele diz sorrindo. — Ela parecia meio

perdida, então fui com ela até a sala dos professores, mas a mulher estava tão confusa que

provavelmente vai se perder de novo e parar no laboratório de ciências.

Sei que Damen está dizendo a verdade, pois, assim que ele fecha a boca, vejo a tal

substituta se confundir e entrar na sala errada.

— Então, diz aí. O que fiz pra aborrecê-la tanto?

Levanto o rosto a tempo de ver Stacia cochichando no ouvido de Honor, ambas

olhando torto para mim e balançando a cabeça.

— Não ligue pra elas, não, são duas idiotas — ele sussurra, inclinando-se um pouco

mais e colocando a mão sobre a minha. — Desculpe se não tenho sido mais presente. É

que tive uma visita. Não deu pra fugir.

— Você está falando da Drina? — Quando acabo de perguntar morro de vergonha do

tom de ciúme que involuntariamente deixei escapar. Adoraria ser capaz de dar uma de

tranquila, como se não tivesse notado como a conjuntura mudou depois que a tal de Drina

entrou em cena. Mas não dá: não levo jeito para agir assim. Sou paranóica mesmo, e

pronto.

— Ever... — Damen tenta se explicar.

Mas, já que comecei, vou até o fim.

— Você tem visto a Haven ultimamente? Ela agora parece um clone da Drina. Está se

vestindo igualzinho à garota, agindo como ela, a ponto de mudar a cor dos olhos. Sério. Dê

uma passada em nossa mesa durante o almoço e você verá. — Falo como se a culpa de

tudo isso fosse inteiramente dele. Mas quando nossos olhares se cruzam, imediatamente

me deixo enfeitiçar, como uma faca velha sem forças para escapar de um poderoso ímã.

Damen respira fundo, balança a cabeça e diz:

— Ever, não é o que você está pensando.

Você não faz a menor ideia do que estou pensando, é o que me vem à cabeça, e me

esquivo.

— Por favor, me dê uma chance de eu me redimir. Quero levar você a um lugar

especial. Hem? Por favor.

Sinto na pele o calor do olhar dele, mas não vou correr o risco de olhar de volta. Quero

jogar duro, deixá-lo na dúvida. Prolongar esse momento o máximo possível. Portanto,

depois de me acomodar melhor na cadeira, olho rapidamente na direção dele e digo:

— Vamos ver.

Quando saio da aula de história, no quarto tempo, encontro Damen à minha espera na

porta da sala. Achando que ele está ali para me acompanhar até a mesa do almoço, digo:

— Só um minuto. Vou guardar a mochila no armário.

— Não precisa. — Ele sorri e passa o braço em minha cintura. — A surpresa começa

agora.

— Surpresa? — E quando olho nos olhos dele o mundo inteiro vai sumindo aos

poucos. Agora estamos apenas nós dois aqui, cercados de estática.

— Vou levá-la a um lugar muito especial. Tão especial que você vai perdoar meus

erros.

— Mas... e as aulas? A gente vai matar os últimos tempos, é isso? Apoio um dos

braços na cintura, como se estivesse muito preocupada com as matérias que vamos perder.

Pura encenação.

Damen ri. Chega mais perto e, roçando os lábios em meu pescoço, sopra a palavra

sim.

— Recuo assustada ao me ouvir perguntar **como** em vez de dizer **não**.

— Não se preocupe — ele diz, e sai me puxando pela mão. — Comigo você estará

sempre segura.

Dezesseis

— Disneylândia? — Desço de meu carro completamente surpresa. De todos os

destinos possíveis na Califórnia, este era o último da lista.

— Não existe lugar mais feliz — diz Damen, sorrindo. — Você já esteve aqui?

Faço que não com a cabeça.

— Ótimo, então serei seu guia. — Ele me oferece o braço e me conduz ao interior do

parque. Caminhando pela Main Street, tento imaginá-lo aqui antes. Um cara tão requintado,

tão descolado, tão sexy... Difícil imaginá-lo batendo perna no reino de Mickey Mouse. — No

meio da semana é bem melhor — ele comenta. — Fica mais vazio. Vem, quero lhe mostrar

minha parte favorita: Nova Orleans.

Paro no meio da rua e arregalo os olhos para ele.

— Você vem aqui tanto assim? A ponto de ter um lugar favorito? Achei que tivesse

acabado de se mudar.

— E acabei mesmo. Mas isso não significa que não tenha vindo aqui antes. — Ele ri e

me puxa em direção à Casa Mal-assombrada.

Em seguida visitamos Os Piratas do Caribe, e assim que saímos de lá ele pergunta:

— Então, de qual você gostou mais?

— Hmm... Os Piratas — concordo com a cabeça —, eu acho.

Damen olha para mim.

— Os dois são bem legais — explico. — Mas Os Piratas têm o Johnny Depp, né? O

que é uma grande vantagem, você não acha?

— Johnny Depp? — ele retruca, as sobrancelhas arqueadas. —
Então ele é meu

principal concorrente?

Não me dou o trabalho de responder. Correndo os olhos pela figura
de Damen (os

jeans escuros, a camisa preta de mangas compridas, as de sempre)
chego à conclusão de

que não tem ator de Hollywood que seja páreo para ele. Mas não
vou dar o braço a torcer,

claro.

— Quer ir de novo? — ele pergunta, com os olhos brilhando

E lá vamos nós e depois de volta à Casa Mal-assombrada. Na parte
final, em que os

fantasmas pegam carona em nosso carrinho, fico esperando que
Riley surja entre eles a

qualquer instante, rindo, acenando e fazendo suas palhaçadas. Em
vez disso, só aparecem

aqueles fantasmas da Disney, e deduzo que ela ainda esteja
ocupada com seu misterioso

compromisso.

Depois de mais algumas voltas nessas duas mesmas atrações,
Damen e eu sentamos

no Blue Bayou, o restaurante que fica dentro da área dos Piratas.
Tomando meu chá

gelado, olho para ele e digo:

— Olha só. Estou careca de saber que isto aqui é um parque enorme, com mais de

dois brinquedos, que não têm nada a ver com piratas ou fantasmas.

— É, parece que sim — ele diz, sorrindo. Depois espeto o garfo num pedacinho de lula

e leva até minha boca. — Antes tinha um lugar chamado Missão Marte. Ele era conhecido

por ser o lugar ideal para dar uns amassos, já que era bem escuro lá dentro.

— Não tem mais? — pergunto, e imediatamente sinto o rosto queimar de vergonha, ao

perceber quanto pareci afobada. — Não que eu quisesse ir nem nada. Perguntei só de

curiosidade.

Damen olha para mim com uma nítida expressão de malícia, e diz, negando com a

cabeça:

— Não, faz tempo que fecharam.

— Então você ia lá beijar quando tinha o quê, dois anos de idade?

— Dou uma

garfada no bolinho de champignon, esperando que esteja bom.

— Que nada — ele responde sorrindo. — Isso foi antes do meu tempo.

De modo geral, faço o possível para evitar lugares como este, tão congestionados de

pessoas, energias, auras e pensamentos. Mas na companhia de Damen tudo é diferente.

Sempre que nos tocamos, sempre que ele fala, tenho a impressão de que estamos

sozinhos no mundo.

Depois do almoço, continuamos nosso passeio e visitamos todos os brinquedos de

alta velocidade, evitando os que envolvem água, ou pelo menos os que nos deixam

ensopados. Assim que escurece, Damen me leva ao castelo da Bela Adormecida, e ficamos

ali, junto ao canal, esperando pelos fogos de artifício.

— Então estou perdoado? — ele diz a certa altura, os braços me envolvendo a cintura,

e começa a morder meu pescoço, meu queixo, minha orelha. Os fogos estouram de

repente, mas ficam distantes, quase inaudíveis, quando nossos corpos se tocam e os lábios

de Damen aproximam-se dos meus.

— Olhe só pra isso — ele sussurra, e aponta para os desenhos que vão se formando

na imensidão escura do céu: as espirais roxas, as cascatas douradas as fontes prateadas,

os crisântemos rosados e o grand finale: uma dúzia de tulipas vermelhas. Os estalos são

tão fortes e rápidos que chegamos a sentir o chão vibrando sob nossos pés.

Peralá. Tulipas vermelhas?

Viro-me para Damen com um enorme ponto de interrogação no olhar mas ele apenas

sorri e aponta o queixo para o céu. E embora as tulipas já estejam se desfazendo, a

imagem delas é consistente, gravada em minha mente.

Em seguida, ele me puxa para perto e sussurra em meu ouvido:

— Pronto, acabou. A balofa já está cantando.

— Você está chamando a Sininho de "balofa"? — digo, rindo.

Tomando-me pela mão, ele me leva aos portões de saída.

De volta ao estacionamento, entro no Miata e abro um sorriso quando Damen passa a

cabeça pela janela e diz:

— Não se preocupe, teremos vários dias como este. Da próxima vez, vou levá-la ao

Califórnia Adventure.

— Achei que a gente tivesse acabado de fazer isso, uma aventura na Califórnia —

digo sorrindo, mais uma vez espantada com a capacidade que ele tem de saber o que estou

pensando antes mesmo que eu diga alguma palavra. — Então, você vai na frente de novo?

— Coloco a chave na ignição e dou partida no carro.

— Não. — Ele nega com a cabeça, sorrindo. — Agora sou eu quem vai seguir você.

Quero ter certeza de que você chegou direitinho a sua casa.

Saindo do estacionamento, sigo pela autoestrada que vai para o sul e tomo o rumo de

casa. E quando olho pelo retrovisor não consigo conter um sorriso ao constatar que Damen

está bem ali, atrás de mim.

Eu tenho um namorado!

Um namorado lindo, sexy, inteligente e charmoso!

Que faz eu me sentir uma garota normal outra vez.

Que faz eu me esquecer a esquisitona que de fato sou.

Alcanço o banco do carona, tiro do plástico o moletom que ganhei de presente e passo

os dedos pelo Mickey costurado à malha, relembrando o momento em que Damen o

escolheu para mim.

— Repare que este aqui não tem capuz — ele disse, segurando o moletom a meu

lado, tentando acertar o tamanho ideal para mim.

— O que você está querendo dizer com isso? — Eu me olho no espelho. Ao que

parecia, Damen detestava meus moletoms de capuz tanto quanto Riley.

— Fazer o quê? — ele respondeu. — Prefiro você sem o capuz.

Novamente abro um sorriso quando me lembro do beijo que ele me deu na fila do

caixa, do calorzinho gostoso que senti nos lábios e...

De repente meu celular toca; olhando pelo retrovisor, vejo que Damen também está

segurando o dele.

— E aí? — digo baixinho, da forma mais sensual possível.

— Que voz melosa é essa, garota? — diz Haven. — Sinto muito decepcioná-la, mas

sou eu quem está falando, sua boa e velha amiga.

— Ah, desculpe. Tudo bem com você? — Dou seta indicando minha direção, de modo

que Damen saiba para onde estou indo.

Só que ele não está mais atrás de mim.

Corro os olhos por todos os retrovisores, mas não o encontro em nenhuma das pistas

da autoestrada.

— Você está me ouvindo? — pergunta Haven, claramente irritada.

— Desculpe, o que foi que você falou? — Diminuo a velocidade e dou uma rápida

olhada para trás, à procura do BMW preto de Damen. Um caminhão gigante passa por mim,

e o motorista faz um gesto obsceno pela janela.

— Falei que a Evangeline sumiu!

— Como assim, "sumiu"? — pergunto, hesitando em tomar a saída 133 da

autoestrada. Ainda nenhum sinal de Damen. Mas tenho certeza de que ele não me

ultrapassou.

— Liguei pro celular dela um milhão de vezes, mas ela não atendeu.

— E daí? — digo, doida para dar fim à conversa e me concentrar no sumiço de outra

pessoa.

— E daí que ela também não está em casa, e ninguém viu a garota desde a noite de

Halloween.

— Como assim? — Dou mais uma conferida nos retrovisores, outra
olhada para trás, e

nada de Damen. — Ela não voltou da boate com vocês?

— Não exatamente — diz Haven, meio sem jeito.

Depois de mais duas buzinas seguidas por gestos obscenos
desisto de esperar por

Damen. Assim que terminar de falar com Haven vou ligar para o
celular dele e esclarecer

tudo.

— Alô-ou? — ela diz do outro lado da linha, praticamente berrando.

— Poxa, Ever, se

você estiver ocupada e não puder conversar, fale logo! Posso ligar
pro Miles, O.K.?

Respiro fundo em busca de paciência.

— Haven, desculpe. É que estou dirigindo, meio distraída. Mas você
sabe tanto

quanto eu que o Miles ainda está na aula de teatro. Por isso você
ligou pra mim. — Passo

para a pista da esquerda e piso fundo no acelerador, a fim de
chegar em casa o mais rápido

possível.

— Deixe pra lá — ela resmunga. — Bem, não lhe contei isso ainda,
mas a Drina e eu

meio que fomos embora sem a Evangeline.

— Vocês o quê?

— É, da Nocturne. A garota, tipo... sumiu. Procuramos por toda parte, mas não a

encontramos. Achei que ela tivesse, sei lá, conhecido um cara e se mandado com ele. No

caso da Evangeline, isso não chega a ser nenhuma surpresa, e então nós, tipo...fomos

embora.

— Vocês a deixaram sozinha em Los Angeles? Na noite de Halloween? Quando todos

os malucos da cidade estão soltos na rua? —Tão logo as palavras saem de minha boca,

vejo a cena: as três garotas num lugar escuro, meio barra-pesada, Drina levando Haven

para a ala VIP para pegar alguma bebida, propositalmente deixando a Evangeline para trás.

A visão termina aí, mas tenho certeza de que não há garoto algum com ela.

— O que a gente podia fazer? Caramba, não sei se você sabe, mas a Evangeline tem

dezoito anos, pode fazer o que bem entende! Além disso, a Drina falou que ia ficar de olho

nela, mas depois perdeu a garota de vista também. A gente acabou de se falar. Ela está tão

arrasada quanto eu.

— Drina? Arrasada? — Reviro os olhos, achando isso difícil de acreditar. Drina não

me parece capaz de sentir o que quer que seja, muito menos remorso.

— Como assim? Você mal a conhece!

Contraio os lábios e acelero um pouquinho mais, em parte porque sei que esse trecho

da rodovia não tem polícia, mas também porque não vejo a hora de chegar em casa e

esquecer tudo isso: Haven, Drina, Evangeline, o sumiço de Damen... Mesmo sabendo que

não vou conseguir.

— Desculpa, vai — murmuro afinal, e desacelera para uma velocidade mais segura.

— Deixe pra lá. É que... bem, estou tão nervosa, me sentindo tão culpada... e não sei o

que fazer.

— Já ligou para os pais dela? — pergunto, apesar de já intuir a resposta.

— A mãe é alcoólatra e mora em algum buraco do Arizona; o pai se mandou quando

ela nem era nascida. E, acredite, o proprietário do apê onde ela mora só quer saber de

vagar o imóvel pra passá-lo adiante. Demos queixa na polícia, mas aparentemente eles não

estão nem aí.

— Eu sei — digo, e ajusto os faróis para a escuridão do cânion.

— Como assim, você sabe?

— Quer dizer, sei como você deve estar se sentindo — enrolo-me para explicar.

Haven suspira do outro lado da linha.

— Onde você está, afinal? — pergunta. — Por que não apareceu na hora o almoço?

— Estou cruzando o Laguna Canyon, voltando pra casa depois de passar a tarde na

Disneylândia. O Damen me levou. — A lembrança me faz sorrir, mas apenas por alguns

segundos.

— Caraca, isso é muito estranho — diz Haven.

— Nem me fale — digo, ainda achando que Damen e Disneylândia não têm mais que

algumas letras em comum, apesar de ter visto com meus próprios olhos quanto ele se

divertiu.

— Não, é que a Drina também estava lá. Fazia anos que não ia à Disney e queria ver

o que tinha mudado. Não é bizarro? Vocês não se cruzaram por lá?

— Hmm... não. — Apesar das pontadas no estômago, do suor nas mãos e repentina

sensação de medo, faço o possível para não demonstrar sinal de espanto.

— Ué. Estranho. Se bem que o lugar é enorme e vive entupido de gente — diz Haven,

rindo de si mesma.

— Tem razão — digo. — Mas, olha, agora preciso desligar. Nos vemos amanhã?

Antes que ela possa dizer qualquer palavra paro o carro no acostamento e procuro por

Damen na lista de chamadas recebidas do celular. Em vão. Porque a chamada dele

aparece como número privado.

Belo namorado esse que arrumei. Não sei o telefone da criatura, muito menos o

endereço.

Dezessete

Ontem à noite, quando Damen enfim ligou (quer dizer, acho que foi ele, porque o

número era privado), deixei o telefone tocar até cair na caixa postal. E hoje de manhã,

enquanto me arrumo para a escola, apago o recado sem sequer ouvir.

— Você não está nem um pouquinho curiosa? — pergunta Riley, rodopiando na

cadeira da escrivaninha, com uma roupa preta, tipo Matrix, e os cabelos penteados para

trás.

— Não. — Olho para o moletom de Mickey, ainda na sacola da loja, e escolho outro

para vestir. Outro que ele não tenha comprado para mim.

— Pelo menos você devia ter me ouvido. Agora eu poderia fazer um resumo de tudo

pra você.

— De novo: não. — Enrolo os cabelos na altura da nuca e uso um lápis para

prendê-los num coque.

— Também não precisa descontar no cabelo, né? Caramba, o que ele lhe fez? —

Riley ri. Mas, ao perceber que não vou responder nada, olha para mim e diz: — Não

entendo você. Por que essa raiva toda? Vocês se perderam na autoestrada e o cara

esqueceu de dar o número dele. Que mal há nisso? Quer dizer, quando foi que você ficou

assim tão paranoica?

Balanço a cabeça e me viro, sabendo que ela está coberta de razão.
Estou com muita

raiva. E sou paranóica, sim. Mais que isso: sou uma louca que se
irrita com qualquer

bobagem e sai por aí ouvindo pensamentos, vendo auras e sentindo
a presença de

espíritos. Acontece que minha irmã não sabe da história toda, e não
estou disposta a

contar.

Não sabe, por exemplo, que Drina nos seguiu até a Disney.

Nem que Damen sempre some quando a garota está por perto.

Prestando mais atenção na fantasia reluzente dela, pergunto:

— Até quando você vai brincar de Hal oween?

Riley cruza os braços e faz um bico.

— Até quando eu quiser — diz.

E quando vejo os lábios dela, trêmulos, ameaçando chorar, sinto-me
a pior das

criaturas.

— Poxa, Riley. Desculpe. Sinto muito se falei alguma bobagem. —
Pego minha

mochila e jogo sobre os ombros, desesperada por um pouco de paz,
não vendo a hora de

encontrar algum tipo de equilíbrio na vida.

— Não sente porcaria nenhuma — ela me encara, brava. — Está escrito em sua testa.

— Claro que sinto, Riley. Acredite, não quero brigar com você.

Ela balança a cabeça e levanta os olhos para o teto, batendo um dos pés no carpete.

— Então, você vem comigo? — Vou para a porta, mas Riley se recusa a responder.

Então respiro fundo e digo: — Ande logo, Riley. Você sabe que não posso me atrasar.

Resolva logo, vá.

Novamente ela balança a cabeça, agora de olhos fechados. Quando enfim os reabre,

eles estão vermelhos e marejados.

— Não tenho de estar aqui, você sabe! — diz.

Encosto na maçaneta da porta, impaciente. Preciso sair, mas sei que não posso. Não

depois do que acabei de ouvir.

— Do que você está falando?

— Digo, aqui! Tudo isso! Você e eu, nossos encontros. Eu não tinha de estar fazendo

isso!

Encaro minha irmã, sentindo um frio repentino na espinha. Não quero ouvir mais nada.

Fiquei de tal modo habituada com a presença de minha irmã que sequer cheguei a supor

que talvez ela preferisse estar em outro lugar.

— Mas... mas achei que você gostasse de vir aqui — digo com um nó na garganta, a

voz refletindo meu pânico.

— Claro que gosto. Mas talvez eu não esteja agindo certo. Talvez devesse estar em

outro lugar! Já parou pra pensar nisso? — Ela me encara, confusa, com uma expressão de

angústia.

Agora é oficial: vou chegar atrasada à escola. Mas de modo algum posso ir embora.

— Riley... do que exatamente você está falando? — pergunto.

Minha vontade é de voltar no tempo e recomeçar esta manhã a partir do zero.

— É que... bem, a Ava falou que...

— Ava? — Meus olhos praticamente saltam das órbitas.

— É. A vidente, lembra? Da festa de Hal oween. Aquela que podia me ver.

Balanço a cabeça e finalmente abro a porta, olhando sobre os ombros para dizer:

— Sinto muito decepcioná-la, mas essa Ava é uma pilantra. Uma charlatã. Uma

trambiqueira! Você não tem que dar ouvidos ao que ela diz. A mulher é doida!

Mas Riley dá de ombros e olha pra mim:

— Mas ela disse um monte de coisas interessantes...

Riley parece tão aflita e preocupada que me disponho a dizer o que for preciso para

acalmá-la.

— Olhe só. — Dou uma rápida espiada pelo corredor, mesmo sabendo que minha tia

já saiu para trabalhar. — Não quero mais ouvir falar sobre Ava. Digo, se você quiser

continuar se encontrando com ela, mesmo depois de tudo o que eu disse, tudo bem, não

posso fazer nada. Mas acorde: essa mulher não conhece a gente. Não tem o direito de

andar por aí julgando os outros nem muito menos o fato de nos encontrarmos. Essa vidente

de araque não tem nada a ver com nossa vida. O que a gente faz é problema nosso, só

nosso. — Vejo que Riley continua de olhos arregalados, os lábios ainda trêmulos, e está

quase chorando. Meu coração por pouco não se parte ao meio. — Olhe, realmente preciso

ir — sussurro. — Você vem ou não?

— Não — ela diz, tão birrenta quanto antes.

Então respiro fundo, balanço a cabeça e bato a porta atrás de mim.

Como o Miles foi esperto o bastante para não me esperar, hoje chego sozinha à

escola. O sinal já tocou, mas Damen ainda está no estacionamento, esperando ao lado do

carro, na segunda melhor vaga depois da minha.

— E aí? — ele diz, e inclina-se diante de minha janela para receber um beijo.

Mas eu só pego minha mochila e saio às pressas rumo ao portão.

— Sinto muito por termos nos perdido ontem — ele explica, correndo a meu lado. —

Liguei pro seu celular, mas você não atendeu.

Chegando ao portão, sacudo as grades de ferro o mais forte que posso, mas elas nem

se mexem. Fecho os olhos e apoio a testa nelas, sabendo que já é tarde demais e não há

nada que eu possa fazer.

— Você recebeu meu recado?

Deixo o portão e caminho rumo ao prédio da secretaria, antevendo a bronca terrível

que vou levar não só pelo atraso de hoje, mas também pelas aulas que matei ontem.

— Que foi que deu em você? — pergunta, segurando minha mão e me fazendo

derreter. — Achei que a gente tivesse se divertido, que você tivesse gostado de nosso

programa. Não gostou?

Encosto no murinho de tijolos do prédio e exalo um suspiro, mole feito uma gelatina,

completamente indefesa.

— Ou estava apenas sendo condescendente comigo? — Ele aperta minha mão, os

olhos suplicando por um mínimo de compreensão.

Estou a ponto de ceder, a poucos segundos de morder a isca, quando me desvencilho

da mão dele e me afasto, assolada pelas lembranças de ontem: o telefonema de Haven, o

sumiço repentino de Damen na autoestrada.

— Você sabia que a Drina também estava na Disney? — digo, e imediatamente

percebo como pareci mesquinha. Mas, agora que comecei, melhor terminar. — Por acaso

tem algo que eu deveria saber? Algo que você precise me contar? — Crispo os lábios, já

me preparando para o pior.

Mas ele apenas olha fundo em meus olhos e diz:

— Não estou interessado na Drina. Só em você.

Baixo o rosto, querendo acreditar, desejando que fosse tão simples assim. Mas

quando ele toma minha mão outra vez percebo que é mesmo simples, pois todas as minhas

dúvidas logo vão embora.

— Agora vem a parte em que você diz que também só se interessa por mim — ele

acrescenta, ainda me encarando.

Não sei ao certo o que dizer; meu coração bate tão forte que tenho certeza de que

Damen pode escutá-lo. Demoro demais, e o momento passa, já não cabe dizer mais nada.

Então, Damen passa o braço em minha cintura e me conduz de volta ao portão.

— Tudo bem. Leve o tempo que quiser. Não temos pressa, muito menos prazo de

validade. — Damen ri de si mesmo e acrescenta: — Mas agora você precisa ir pra sua aula.

— Mas a essa hora a gente tem de entrar pela secretaria — retruco, olhando de

soslaio para ele. — O portão está trancado, lembra?

— Ever, o portão não está trancado — ele diz, balançando a cabeça.
— Você não viu?

Tentei abrir, mas estava trancado! — lembrei a ele.

— Não confia em mim? — pergunta, rindo.

Olho para ele, sem saber o que responder.

— O que isso pode lhe custar? Mais alguns passos? Mais uns minutinhos de atraso?

Olho em dúvida para o prédio da secretaria, depois balanço a cabeça e resolvo ceder.

Voltamos juntos ao portão, que inexplicavelmente está aberto.

— Mas eu vi! E você viu também! — exclamo, sem a menor ideia de como isso pôde

acontecer. — Sacudi as grades com toda a força, e elas nem se mexeram!

Com toda a calma do mundo, Damen dá um beijinho em meu rosto e me conduz para

dentro, rindo ao dizer:

— Agora vá. E não se preocupe. O sr. Robins faltou de novo, e a substituta está tão

perdida quanto antes. O caminho está livre.

— Você não vem? — pergunto, voltando à carência de sempre, ao jeitinho grudento

que tanto detesto.

Mas ele apenas dá de ombros e diz:

— Sou emancipado. Faço o que quiser.

— Sim, mas... — Paro de repente, percebendo que o número de telefone não é a

única informação que me falta a respeito de Damen. Mal conheço o garoto. É muito

estranho: como ele consegue me deixar assim tão bem, como se eu fosse uma garota

normal outra vez, quando tudo relativo a ele é tão anormal?

Já estou a alguns passos de distância quando enfim me lembro de que ele ainda não

explicou o que aconteceu na autoestrada. Mas, antes que eu possa fazer qualquer

pergunta, Damen já está novamente a meu lado, segurando minha mão enquanto diz:

— Meu vizinho ligou. Os irrigadores de meu jardim tinham disparado e o gramado

estava alagando. Pisquei os faróis, mas vi que você estava no telefone, achei que não devia

incomodar.

Olho para nossas mãos entrelaçadas. Uma delas, bronzeada e forte; a outra, pálida e

fraca. As mãos de um casal bastante improvável.

— Agora vá. A gente se vê mais tarde, prometo. — Damen sorri e tira uma tulipa de

trás da minha orelha.

De modo geral, procuro não ficar relembrando minha vida antiga. Tento não pensar na

casa, nos amigos e na família que tinha, na pessoa que eu costumava ser. Mas, apesar do

talento que adquiri para represar essa tempestade de pensamentos, reconhecendo de

antemão os sintomas (os olhos que começam a arder, a respiração ofegante, a terrível

sensação de vazio e desespero), algumas vezes eles caem de paraquedas, sem qualquer

aviso prévio, e não me dão tempo para me preparar. Quando isso acontece, não me resta

alternativa senão me enroscar na cama e esperar que a tempestade passe.

O que é muito difícil de fazer no meio de uma aula de história.

Pois bem. Lá está o sr. Muñoz, discorrendo interminavelmente sobre Napoleão,

quando de repente minha garganta fecha, sinto uma pontada no estômago e uma

incontrolável ardência nos olhos. Fazer o quê? Levanto da carteira e saio correndo em

direção à porta, pouco me lixando para as advertências do professor e muito menos para as

risadas ao redor.

Ofuscada pelas lágrimas, lutando para respirar e sentindo um vazio terrível, sigo em

disparada pelo corredor e dobro uma esquina. Quando deparo com Stacia, é tarde para

desviar: eu a atropelo com tanta força que ela cai e rasga o vestido.

— Que mer... — Boquiaberta, ela corre os olhos pelas pernas estateladas e vê o rasgo

no tecido. Depois levanta o rosto para me encarar e, passando o punho pelo rasgo a fim de

mostrar o tamanho do prejuízo, diz: — Você arruinou meu vestido, sua estúpida!.

Apesar de querer ajudá-la, não posso. Não posso deixar que Stacia veja a dor que

está me consumindo.

Mas antes que eu possa seguir em frente ela me segura pela mão e tenta ficar de pé.

Imediatamente perco o ar diante da energia tão negativa e sombria que me invade através

da pele.

— Pra sua informação, esse vestido é de marca, tá? O que significa que você vai ter

de me dar outro igualzinho — ela diz, e aperta meus dedos com tanta força que receio

desmaiar. — Tem mais! — Os olhos faíscam de maldade.— Não vou deixar barato! Você

ainda vai se arrepender amargamente do que fez! Aliás, vai desejar nunca ter colocado os

pés nesta escola!

— Assim como você fez com a Kendra, não é? — digo, subitamente mais estável, com

o estômago revirando-se muito menos.

Ela reduz a pressão sobre meus dedos, mas não os solta.

— Foi você quem plantou aquelas drogas no armário dela, não foi? Destruiu a

reputação da garota pra que depois ninguém acreditasse nela, não é? — Apenas repito a

cena que vejo na cabeça.

Por fim ela solta minha mão e dá um passo atrás, lívida ao dizer:

— Quem foi que lhe contou? Você nem estudava aqui quando tudo isso aconteceu!

Dou de ombros, tranquila por saber que não inventei nada, embora isso nem venha ao

caso.

— Ah, tem mais — continuo, e vou avançando na direção de Stacia, livre de minha

tempestade pessoal, miraculosamente curada pelo medo que vejo estampado nos olhos

dela. — Sei que você cola nas provas, rouba seus pais, lojas e amigos. Mas pra você isso é

mais que justo, não é? Sei também que você grava todos os telefonemas e guarda todos os

e-mails e torpedos da Honor, caso ela ameace se virar contra você. Sei também que você

dá mole pro padrasto dela, que aliás é um ogro nojento. Mas infelizmente não para aí.

Também sei tudo sobre o sr. Barnes... ou Barnum? Você sabe de quem estou falando, não

sabe? De seu professor de história do ano passado, aquele que você tentou seduzir, mas

que não mordeu a isca, lembra? Depois você tentou chantagear o homem, ameaçando

contar tudo pro diretor da escola e pra mulher do coitado, que por sinal estava grávida. —

Balanço a cabeça de desgosto, mal acreditando que possa haver no mundo uma pessoa

tão egoísta, um comportamento tão sórdido e degradante.

No entanto, aqui está ela, bem à minha frente, olhos arregalados e lábios trêmulos,

perplexa diante da revelação de seus segredos mais sórdidos. E em vez de me sentir mal

ou culpada pelo que estou fazendo, usando meu dom dessa maneira, é mais gratificante do

que eu poderia imaginar ver essa criatura tão deplorável e egoísta, essa covarde que me

atormenta desde o primeiro dia de aula, reduzida a uma trêmula e suada pilha de nervos. E

agora que minha dor pessoal já ficou para trás, não vejo motivo para me calar.

— Quer que eu continue? Porque, pode acreditar, ainda tenho muito que dizer. Seu

lixo está cheio até a tampa. Você já sabe disso, não sabe?

Continuo avançando na direção dela, e Stacia vai recuando tropegamente, tentando

se afastar o máximo possível.

— O que é você? Uma espécie de bruxa? — ela sussurra, e dá uma olhada no

corredor à procura de ajuda, uma saída, qualquer coisa que a livre de mim.

Apenas dou uma risada. Não confesso nada, também não nego. Só quero que a

garota pense duas vezes antes de se engraçar comigo de novo.

Mas Stacia para de repente, recobra a calma e olha firme em meus olhos.

— Por outro lado, é a sua palavra contra a minha — ela diz sorrindo. — Em quem você

acha que as pessoas vão acreditar? Em mim, a garota mais popular que esta escola já viu,

ou em você, a maior esquisitona encapuzada que já apareceu por aqui?

Eu não tinha pensado nisso.

Alisando o rasgo no vestido, ela balança a cabeça e diz:

— Fique longe de mim, sua louca! Caso contrário juro por Deus que você vai se arrepender.

Depois vem pisando firme em minha direção e, ao passar por mim, esbarra em meu

ombro com tanta força que por pouco não o desloca. Stacia não está mesmo de



brincadeira.

Quando chego à mesa do almoço, faço o possível para conter o espanto, pois Haven

está com os cabelos roxos, e não sei se devo fazer algum comentário.

— Não precisa fingir que não viu — ela diz, rindo. — Sei que ficou horrível. Ontem,

logo depois que a gente se falou, tentei pintar meu cabelo de vermelho, daquele tom lindo

de cobre que a Drina usa, sabe? Mas, como você pode ver, não deu muito certo. — Ela

examina uma mecha roxa e faz uma careta. — Pareço uma berinjela no palito. Mas só por

mais algumas horas, porque, depois da escola, a Drina vai me levar a um salão chiquérrimo

em Los Angeles. Desses que as celebridades frequentam e que os simples mortais têm que

reservar horário com um ano de antecedência, sabe? Só que ela descolou uma vaga pra

mim no último minuto. Impressionante, ela é muito bem-relacionada, é maravilhosa.

— Cadê o Miles? — pergunto, nem um pouco disposta a ouvi-la falar da

impressionante Drina e seus contatos maravilhosos.

— Tá decorando o texto dele. Um grupo de teatro amador vai fazer uma montagem de

Hairspray, e ele quer ver se descola o papel principal.

— Mas o papel principal não é feminino? — Ao abrir minha bolsa térmica encontro

meio sanduíche, um saco de batatas fritas, um cacho de uvas e... mais tulipas.

— Sei lá. Ele tentou me convencer a participar dos testes também, mas teatro não tem

nada a ver comigo, né? Então, cadê aquele moreninho gostoso que atende por seu

namorado? — ela pergunta, abrindo o guardanapo e forrando a mesa para o cupcake de

morango.

Sacudo os ombros, mais uma vez me dando conta de que ainda não sei o número de

Damen, nem o endereço.

— Provavelmente aproveitando sua condição de emancipado — digo,

desembrulhando meu sanduíche e dando uma mordida. — Alguma notícia da Evangeline?

— Nenhuma. — Ela balança a cabeça negativamente. — Mas saca só isto aqui. —

Haven sobe a manga da blusa e exhibe o pulso.

Sobre a pele clara vejo, com os olhos apertados, o desenho tosco de uma tatuagem

semiacabada, o contorno circular de uma cobra abocanhando o próprio rabo. Embora seja

apenas um esboço, por um instante vejo a tal cobra rastejando, mas assim que pisco os

olhos ela se congela outra vez.

— O que é isso? — sussurro, assustada com a energia que capto no ar, perplexa com

o medo que ela me faz sentir.

— Era pra ser surpresa. Quando estiver pronta eu mostro. — Haven sorri. — Na

verdade, eu nem devia ter contado nada. — Ela desce a manga da blusa e espia ao redor.

— Quer dizer, prometi que não contaria a ninguém. Mas acho que fiquei pilhada demais. Às

vezes sou péssima pra guardar segredos. Principalmente os meus.

Olho para minha amiga, tentando entrar em sintonia com a energia dela, encontrar

alguma explicação lógica para as pontadas horríveis que sinto no estômago, mas sem

nenhum sucesso.

— Prometeu pra quem? Que história é essa? — pergunto, percebendo o tom fechado

de cinza e as bordas frouxas, esgarçadas, de sua aura.

Mas ela apenas ri e fecha os lábios com um zíper imaginário.

— Esqueça. Você vai ter de esperar.

Dezoito

Voltando da escola, chego em casa e encontro Damen à minha espera nos degraus

da entrada, sorrindo de um modo que limpa as nuvens do céu e, com elas, todas as minhas

dúvidas.

— Como você passou pela portaria? — pergunto, certa de que não liguei para permitir

a entrada dele.

— Charme e um carro bacana funcionam sempre. — Ele ri, fica de pé e limpa a poeira

da parte de trás de sua calça preta. — Então, como foi seu dia?

Dou de ombros, sabendo que estou quebrando a mais fundamental de todas as

regras: a de nunca convidar um estranho para entrar em casa, mesmo que seja seu suposto

namorado.

— Ah, o de sempre — digo. — A substituta falou que nunca mais vai voltar, a sra.

Machado pediu que eu nunca mais voltasse...

Olhando de relance para Damen, fico tentada a continuar inventando histórias, pois

vejo que ele não está prestando a menor atenção. Embora sacudindo a cabeça como se

estivesse ouvindo, ele parece preocupado, distante.

Na cozinha, enfio a cabeça na geladeira e pergunto:

— E você? Fez o que o dia inteiro? —Tiro uma garrafa de água mineral e ofereço a

Damen, mas ele agradece com a cabeça e dá um gole em sua bebida vermelha.

— Dei um passeio de carro, surfei e fiquei esperando o sinal tocar pra ver você de

novo — ele responde sorrindo.

— Bastava ter ficado na escola — digo. — Aí você não ia ter de esperar.

— Tentarei me lembrar disso amanhã. — Ele ri.

Apoiada na bancada, fico rodopiando a tampinha da garrafa de água, aflita por estar

sozinha com Damen neste casarão vazio, com tantas perguntas por fazer, sem a menor

ideia de como iniciar.

— Quer ir lá pra piscina? — digo afinal. Talvez o ar fresco e o céu aberto me deixem

um pouco mais calma.

Mas ele faz que não com a cabeça e me toma pela mão.

— Prefiro ir lá pra cima — diz —, dar uma olhada em seu quarto.

— Como você sabe que meu quarto fica lá em cima? — pergunto, olhando

desconfiada para ele.

— Os quartos ficam sempre na parte de cima, não ficam? — ele responde rindo.

Fico na dúvida: não sei se devo ceder aos caprichos dele ou arrumar um jeito educado

de evitá-lo. Mas Damen aperta minha mão e diz:

— Vem, prometo que não vou morder. — Depois abre um sorriso tão irresistível que

só me resta um desejo: que Riley não esteja à minha espera no quarto.

Mas assim que chego ao topo da escada ela irrompe da minha sala de estudos e vai

logo dizendo:

— Ah, minha irmã, sinto muito! Eu não queria brigar com... Ôpa! — Ela para de

repente e arregala olhos de coruja para nós dois.

Mas continuo andando para meu quarto como se nada tivesse visto, torcendo para

que minha irmã tenha o bom senso de dar o fora e só voltar mais tarde. Bem mais tarde.

— Parece que você deixou a televisão ligada — diz Damen, e entra na sala de estudos

e TV conjugada ao quarto. Por pouco não avanço em Riley quando vejo que ela segue atrás

dele, olhando-o de cima a baixo, e começa a saltitar, sacudindo os polegares em sinal de

aprovação.

Apesar das minhas caretas de súplica, ela se esborracha no sofá e planta os dois pés

nos joelhos de Damen.

Furiosa com a falta de desconfiômetro da pentelha, saio a passos firmes para o

banheiro, apostando que cedo ou tarde ela fará alguma besteira,
algo maluco que me

deixará em maus lençóis. Arranco o moletom e inicio minha rotina
de todos os dias: escovo

os dentes com uma das mãos, passo desodorante com a outra,
enxáguo a boca e visto uma

camiseta limpa. Depois desfaço o rabo de cavalo, passo um
pouquinho de brilho nos lábios,

espiro um perfume e volto à sala. Riley ainda está lá, examinando
o interior das orelhas de

Damen.

— Venha dar uma olhada na varanda — digo, louca para afastá-lo
de minha irmã. — A

vista é linda.

Mas ele faz que não com a cabeça e diz:

— Mais tarde. — Depois bate no sofá para que eu sente a seu lado,
e Riley logo

começa a pular de alegria.

Por um instante fico observando Damen: ele ali, inocentemente
achando que está

sozinho no sofá, sem desconfiar de nada, quando na verdade a
espetada que sente no

lóbulo da orelha, a coceira nos joelhos, o friozinho no pescoço, tudo
isso é cortesia de

minha finada irmãzinha.

— Hmm... esqueci minha água no banheiro — digo, firmando os olhos em Riley e

dando meia-volta para sair, achando que ela virá atrás de mim caso ainda tenha um algum

juízo na cabeça.

Mas Damen levanta e diz:

— Permita-me.

E quando se levanta para sair, espremido entre o sofá e a mesinha, ele nitidamente se

desvia das pernas de Riley, que balançam sobre a borda.

Assim que ficamos sozinhas, eu e minha irmã trocamos caretas, mas, antes que eu

possa dizer qualquer palavra, ela já se desmaterializou no ar.

— Aqui está — diz Damen, jogando a garrafa em minha direção e livremente cruzando

o mesmo espaço que, minutos antes, ele cruzou com tanta cautela. Ao perceber minha cara

de espanto, pergunta: — Que foi?

Apenas balanço a cabeça e volto os olhos para a TV, dizendo a mim mesma que tudo

não passou de uma boba coincidência. Que de modo algum ele poderia ter visto Riley.

— Então, me diga: como é que você consegue?

A essa altura estamos ao lado da piscina, esparramados numa espreguiçadeira

depois de devorarmos uma pizza quase inteira. Ou melhor: depois que eu devorei uma

pizza quase inteira, já que Damen parece mais com uma modelo que com um garoto,

dessas que empurram a comida para um lado, depois para o outro, enrolam, enrolam e não

dão mais que duas ou três mordidas. Ele bebericou seu líquido vermelho muito mais do que

comeu.

— Consigo o quê? — ele pergunta, o braço levemente descansando em minha

barriga, o queixo roçando meu ombro.

— Tudo! Sério. Você nunca faz dever de casa, mas sabe todas as respostas. Pega um

pincel, molha na tinta e, voilà, dali a pouco pintou um Picasso muito melhor que o próprio

Picasso! Por acaso você é ruim em algum esporte? Desses que não têm coordenação

motora alguma? Por que você não confessa agora?

Ele exala um suspiro.

— Bem, nunca fui grande coisa no beisebol. — Depois sussurra em meu ouvido: —

Mas, sem falsa modéstia, sou fera no futebol e mando razoavelmente bem no surfe.

— Então deve ser a música. Aposto que você não sabe nem onde fica o dó.

— Me dê um violão e toco alguma melodia pra você ouvir. Ou um piano, um violino,

um saxofone...

— Então o que é? Deixa de onda, vai. Todo mundo manda mal em alguma área!

Conta pra mim!

— Por que você quer saber? — ele pergunta, e me puxa para mais perto. — Por que

arruinar essa imagem perfeita que faz de mim?

— Porque fico me sentindo uma retardada, uma trapalhona sempre que estou a seu

lado. Detesto isso. Sério, sou medíocre em tantos assuntos! Preciso saber que você tem

algum defeito também. Vou me sentir melhor. Diga pra mim, vá.

— Você não é nada medíocre — ele diz, roçando o nariz em meus cabelos, a voz séria

demais.

Mas me recuso a desistir. Preciso saber de alguma característica que o torne mais

humano, pelo menos um pouco.

— Só um defeitinho, sério. Por favor. Mesmo que você tenha de mentir. É por uma boa

causa: minha autoestima.

Tento me virar para vê-lo melhor, mas Damen aperta seu abraço, deixando-me

imobilizada. Depois dá um beijinho em minha orelha e sussurra:

— Você quer mesmo saber?

Faço que sim com a cabeça, o coração batendo a mil, o sangue pulsando

freneticamente nas veias.

— Sou péssimo em relacionamentos.

Olhando fixamente para o fogo no aquecedor do jardim, tento imaginar o que ele quis

dizer com isso. Tudo bem, fui eu que insisti para que ele respondesse, mas não fazia

questão de uma resposta tão séria assim.

— Hmm... se importa de explicar um pouquinho melhor? — pergunto afinal, com um

risinho nervoso. Nem sei se quero mesmo alguma explicação. E se a Drina tiver alguma

relação com isso? Detestaria ter de tocar no assunto.

Damen me aperta ainda mais, respirando fundo. E fica assim por tanto tempo que dá a

impressão de que nunca mais vai abrir a boca para dizer o que quer que seja. Mas ele

finalmente diz:

— É que... sempre acabo decepcionando as pessoas.



— Mas você só tem dezessete anos! — Desvencilho-me do abraço para olhar nos

olhos dele. — Quantas decepções você pode ter causado até agora?

Mas em vez de responder ele se joga sobre mim e sussurra em meu ouvido:

— Que tal um mergulho?

Mais uma prova da perfeição de Damen: ele sempre guarda uma sunga no carro.

— Sabe como é, na Califórnia a gente nunca imagina quando vai precisar de uma —

ele diz, parado à beira da piscina, sorrindo para mim. — Também tenho uma roupa de

mergulho. Será que devo buscar?

— Não sei — digo, e entro pelo lado fundo da piscina, fumacinhas de vapor subindo a

meu redor. — Você vai ter de pagar pra ver.

Ele aproxima-se da borda e finge testar a temperatura da água com o pé.

— Nada disso — digo. — Vai ter de pular de uma vez.

— Posso dar um salto mortal?

— Cambalhota, canhão, o que você quiser — respondo rindo. Depois, ele dá um

perfeito salto carpado, emergindo a meu lado.

— Perfeito! — diz, os cabelos lambidos para trás, o rosto ensopado, os cílios

pontilhados por gotas minúsculas. E quando acho que vai me dar um beijo, mergulha

novamente e nada para o outro lado.

Então respiro fundo, engulo meu orgulho e nado atrás dele.

— Assim está bem melhor — ele diz, e me puxa para um abraço.

— Tem medo do fundo? — pergunto, meus pés quase alcançando o chão.

— Eu estava me referindo a você. Devia se vestir assim mais vezes.

Dou uma rápida conferida em meu corpo desbotado, que quase se confunde com o

branco do biquíni, e tento evitar uma crise de insegurança diante do corpo perfeitamente

esculpido e bronzeado à minha frente.

— Muito melhor que aqueles jeans e moletons, não acha? — Damen ri. Não sei ao

certo o que dizer, portanto nada digo.

— Mas acho que você faz o que tem de fazer, certo? — ele acrescenta.

Corro os olhos por seu rosto em busca de alguma pista, suspeitando que ele queria

dizer algo mais, como se conhecesse os motivos que de fato tenho para me vestir do jeito

que me visto.

— Está na cara que você teme a ira de Stacia e de Honor. Aquelas duas não gostam

muito de concorrência, não é? — Damen leva meus cabelos para trás das orelhas e faz um

carinho em meu rosto.

— Por acaso estou concorrendo com elas a algo? — digo, lembrando-me das rosas

brancas que volta e meia ele dá a Stacia, do bate-boca com a garota hoje na escola, da

ameaça que ela certamente pretende cumprir. Damen nada fala, apenas fica olhando para

mim, por um tempo aparentemente interminável, longo o bastante para que o clima se

desfaça entre nós e eu me afaste dele.

— Ever, nunca houve competição alguma! — ele diz, e vem atrás de mim.

Mas vou por baixo d'água até a borda e saio da piscina o mais depressa possível,

sabendo que devo agir rápido: se deixar que ele se aproxime, não vou conseguir dizer o

que preciso, as palavras vão evaporar de minha boca.

— Como é que eu vou saber, se uma hora você está de um jeito, depois está de

outro? — pergunto, as mãos trêmulas, a voz incerta, o coração querendo deixar tudo isso

de lado e voltar ao anoitecer romântico que vinha rolando até agora. Mas sei que preciso

ser firme e seguir adiante, aconteça o que acontecer. — Quer dizer, uma hora você fica me

olhando desse jeito, cheio de carinho, depois fica dando o maior mole pra Stacia, quase se

derretendo por ela!

Franzo os lábios e espero que ele diga algo, observando-o sair da piscina também e

vir caminhando em minha direção, lindo, molhado, quase cintilante. Mal consigo respirar.

— Ever, eu... — Ele suspira de olhos fechados. Ao abri-los, dá mais um passo à frente

e diz: — Nunca tive a intenção de magoar você. Juro. — Depois passa o braço a meu redor

e busca meu olhar. Quando enfim cedo e olho de volta, ele continua: — Em nenhum

momento quis ser leviano. Sinto muito se dei a impressão de que estava brincando com

seus sentimentos. Falei que não era bom nesse tipo de assunto. — Por fim ele sorri e,

passando os dedos por meus cabelos molhados, traz mais uma tulipa vermelha.

Olho fixamente para ele, fazendo uma rápida vistoria de seu corpo. Nenhuma manga

de camisa para esconder algum objeto, nenhum bolso, nada. Apenas um par de ombros

largos, um peitoral definido, um abdômen tanquinho, enfim, um maravilhoso corpo seminu,

apenas com uma sunga molhada... e a maldita tulipa em uma das mãos.

— Como você faz isso? — pergunto, segurando a respiração, cansada de saber que

em minha orelha não havia tulipa alguma.

— Faço o quê? — ele retruca, e novamente abraça minha cintura, puxando-me para

mais perto.

— As tulipas, as rosas, essas coisas todas! — sussurro, fazendo o que posso para

ignorar as mãos que tocam minha pele, que me deixam tão aquecida, tão sonolenta, quase

embriagada.

— Mágica — ele responde sorrindo.

Afasto-me dele, busco uma toalha e me cubro com ela.

— Por que você nunca fala a sério? — A essa altura já me pergunto se não me meti

numa grande enrascada, se ainda tenho tempo para cair fora.

— É sério! — ele resmunga. Veste a camiseta, recolhe o restante das roupas, procura

suas chaves e sai correndo. Antes de chegar ao portão, no entanto, vira-se para trás e diz:

— Sabine acabou de chegar!

E embrulhada na toalha úmida, morrendo de frio, vejo em silêncio meu misterioso

namorado sumir na escuridão da rua.

Dezenove

Chegando ao estacionamento da escola no dia seguinte, não vejo Damen. Desço do

carro, jogo a mochila nas costas e sigo para a aula, já me preparando para o pior, dizendo a

mim mesma para ser forte, para segurar a onda.

Mas, assim que chego à sala, fico completamente imóvel. Olhando feito uma boba

para a porta verde, incapaz de abri-la.

Uma vez que meus poderes mediúnicos evaporam sempre que o assunto envolve

Damen, só o que consigo ver é o pesadelo que eu mesma fabrico na cabeça. Nele, Damen

está debruçado sobre a carteira de Stacia, rindo e flertando, tirando rosas de todos os

lugares e de todas as maneiras, e finge que nem me vê quando me arrasto rumo ao fundo

da sala: apenas vira o rosto para se concentrar exclusivamente nela.

Não vou aguentar. Sério, não tenho forças para tanto. Porque, embora Stacia seja

terrível, cruel e sádica, ela é terrível, cruel e sádica de um jeito direto, sem mistérios. A

crueldade dela está lá, escrita na testa para quem quiser ler.

Eu, por outro lado, sou paranoica e arredia, tenho um milhão de segredos que não

posso dividir com ninguém, vivo escondida sob um capuz e um par de óculos escuros e levo

nos ombros um fardo muito difícil de carregar. Nem de longe sou uma pessoa simples,

descomplicada.

Mais uma vez levo a mão à maçaneta, e me repreendo: Isso é ridículo. O que você vai

fazer? Abandonar a escola? Você ainda tem um ano e meio pela frente! Portanto, pare de

frescura e entre logo nesta sala!

Mas minha mão começa a tremer, recusando-se a colaborar. Estou prestes a fugir

daqui quando um garoto surge atrás de mim, limpa a garganta e diz:

— E aí, vai entrar ou não vai? — E acrescenta mentalmente: Louca esquisita! Então

respiro fundo e por fim entro na sala. E fico mais arrasada ainda quando vejo que Damen

não está lá.

Na hora do almoço chego ao pátio e corro os olhos por todas as mesas à procura de

Damen, mas não o encontro em parte alguma. Então sigo para a mesa de sempre e chego

lá ao mesmo tempo que Haven.

— Seis dias e ainda nenhum sinal da Evangeline — ela diz. Larga a caixinha do

cupcake sobre a mesa e acomoda-se à minha frente.

— Você já perguntou ao pessoal do grupo de anônimos? —
interroga Miles,

sentando-se a meu lado e abrindo sua garrafa de isotônico.

Haven revira os olhos e diz:

— Num grupo de anônimos todo mundo é anônimo, Miles.

Agora é Miles quem revira os olhos e diz:

— Eu estava me referindo à mentora dela.

— Não é mentora, garoto, é madrinha. Claro que já falei com ela,
mas a mulher nada

sabe. Drina acha que estou fazendo tempestade em copo d'água,
que estou me

preocupando à toa.

— Ela ainda está aqui? — Miles a olha com intensidade. Percebendo
o tom da

pergunta, fico ansiosa pela resposta que está por vir, tanto quanto
Miles. Quase tudo que

tem a ver com Damen e Drina é terreno minado para Haven.

— Está, Miles, ela agora mora aqui. Por quê? Algum problema? —
ela pergunta,

desconfiada.

Miles dá de ombros e toma um gole de sua bebida.

— Problema nenhum — responde em seguida. Mas os pensamentos
dizem o

contrário, e a aura, antes amarela, fica escura e opaca enquanto ele cria coragem para

dizer o que realmente quer. — Só que...

— Só que o quê? — Haven encara Miles, os olhos apertados.

— Bem, é que...

Eu o encaro, pensando: Vá, Miles, diga tudo o que está em sua cabeça! Diga que essa

tal de Drina não vale nada! É uma garota arrogante que só traz problemas e está levando

nossa amiga para o mau caminho! Eu também acho tudo isso. Então, ande, diga: essa

Drina é treva!

Miles hesita um pouco, as palavras empacadas na ponta da língua, e eu mal consigo

respirar enquanto espero que elas venham à tona. Depois de um tempo, no entanto, ele

exala um longo suspiro, balança a cabeça e diz:

— Deixe pra lá.

Olho para Haven, que crispa o rosto numa expressão de fúria, a aura expandindo-se

em labaredas igualmente furiosas, prenunciando a explosão que virá daqui a três, dois,

um...

— Sinto muito, Miles, mas, agora que você começou, vá até o fim. Se tem algo a dizer,

desembuche logo e fale. — Ela encara Miles, não se lembrando sequer do cupcake que

tirou da caixa, tamborilando os dedos na mesa enquanto espera por uma resposta.

Percebendo que ela não vem, continua: — Qual é, Miles? E você também, Ever. Só porque

fica muda aí isso em nada diminui sua culpa.

Miles arregala os olhos para mim, perplexo, as sobrancelhas arqueadas. Sei que devo

me pronunciar, fazer um escândalo qualquer perguntando exatamente do que sou culpada.

Mas, na verdade, já sei a resposta. Sou culpada por não gostar de Drina. Por não confiar

nela. Por perceber algo estranho, até mesmo sinistro, na garota. E pela total incapacidade

de disfarçar minhas desconfianças.

Haven balança a cabeça e revira os olhos, tão irritada que praticamente cospe as

palavras ao dizer:

— Vocês dois nem a conhecem! Que direito têm de fazer algum julgamento? Fiquem

sabendo que gosto da Drina. Faz pouco tempo que a gente se conhece, mas ela tem se

mostrado uma amiga muito melhor do que vocês!

— Não é verdade! — berra Miles, os olhos faiscando. — Mas que maluq...

— Sinto muito, mas é verdade. Vocês dois apenas me toleram, suportam minha

companhia, mas não me entendem do jeito que a Drina entende. Ela e eu gostamos das

mesmas coisas, temos os mesmos interesses. Drina não quer me transformar em outra

pessoa, como vocês no fundo querem fazer. Ela me aceita do jeito que sou.

— Ah, é? Então, foi por isso que ela mudou seu look inteiro, porque aceita você do

jeito que é?

Haven fecha os olhos e conta até dez para não avançar em Miles. Depois, olha para

ele, levanta-se, recolhe seus pertences e diz:

— Miles, me deixe. E você também, Ever.

— Ah, senhoras e senhores, acompanhem a mais dramática saída!
— zomba Miles.

— Caramba, você está brincando, né? Perguntei se a garota ainda estava aqui, só isso! E

você solta os cachorros pra cima de mim! Ficou doida, mulher? Sente aí, vá! Relaxe.

Haven balança a cabeça e se apoia na mesa, deixando à mostra a tatuagem no pulso,

já pronta, mas ainda vermelha e inflamada.

— Como é mesmo que isso chama? — pergunto, olhando para a cobra que morde o

próprio rabo. Sei que se trata de um símbolo qualquer, uma espécie de criatura mítica, mas

não me lembro do nome.

— Uróboro — responde Haven. E quando esfrega o dedo na tatuagem, juro que vejo a

tal cobra espichar a língua em minha direção.

— O que isso significa?

— É um símbolo antigo da alquimia — diz Miles. — Representa a vida eterna, a

criação a partir da destruição, a vida a partir da morte, a imortalidade, algo assim.

Haven e eu ficamos boquiabertas, mas ele simplesmente dá de ombros e diz:

— O que foi? Sou um cara informado, ora.

Novamente reparando na tatuagem, digo:

— Parece que está inflamada. Você devia dar uma olhada nisso.

Mas logo percebo que falei besteira, pois Haven baixa a manga da blusa com um

gesto brusco e, com a aura flamejante, diz:

— Não tem nada de errado com a minha tattoo, ela está perfeita.
Eu estou bem. Aliás,

desculpem-me por tocar no assunto, mas não pude deixar de
reparar que nenhum de vocês

dois está preocupado com Damen, que, por sinal, faz dias que não
dá as caras nesta

escola! Que história é essa?

Miles baixa os olhos para o celular, eu faço cara de paisagem.
Haven não deixa de ter

razão. E a observamos balançar a cabeça, pegar seu cupcake e sair
a passos firmes.

— Você pode me explicar o que acabou de acontecer aqui? —
pergunta Miles, vendo

Haven ziguezaguear apressada pelo labirinto de mesas, rumo a
lugar nenhum.

Mas nem me importo com isso. Só consigo ter um pensamento: a
cobra no pulso de

minha amiga, virando a cabeça para me encarar com olhos
vidrados.

Paro o carro diante de casa e encontro Damen à minha espera,
recostado no BMW.

Sorrindo, ele vem a meu encontro, abre minha porta e diz:

— E aí, como foi a aula?

Pego minhas coisas e desço sem dizer nada.

— Ah, ainda está brava comigo — ele diz enquanto me segue até a entrada de casa.

Embora não encoste um dedo em mim, sinto o calor que emana de seu corpo.

— Não estou brava — resmungo, abrindo a porta e jogando minha mochila no chão.

— Ainda bem. Porque fiz reserva para dois num lugar aí e, como você não está brava

comigo, suponho que vá aceitar meu convite.

Olho para ele, examinando os jeans escuros, as botas e um suéter preto e molinho,

que só pode ser de cashmere, e imagino qual será a surpresa da vez.

Ele retira meus óculos e fones de ouvido e os joga no aparador do hall .

— Confie em mim, você não vai precisar de toda essa defesa — diz. Depois baixa meu

capuz, passa o braço por minha cintura e me conduz porta afora, rumo ao BMW.

— Pra onde está me levando? — pergunto e me esborracho no banco do passageiro,

completamente sem postura, sempre ansiosa para ceder às extravagâncias dele. — Tenho

um monte de deveres da escola a fazer...

Ele acomoda-se na direção e diz:

— Relaxe, você pode estudar depois, prometo.

— Depois, quando? — Olho furtivamente para ele e me pergunto se um dia ainda vou

me acostumar a tanta beleza, ao calor desse olhar, a essa lábia com a qual sempre

consegue o que quer.

Damen sorri e dá partida no carro sem nem girar a chave na ignição.

— Antes das badaladas de meia-noite, prometo — responde. — Agora aperte o cinto,

porque vamos decolar.

Damen pisa fundo, muito fundo, quando dirige. Portanto, quando entramos no

estacionamento e deixamos o carro com o manobrista, fico com a impressão de que

chegamos ali em cinco minutos.

— Que lugar é este? — pergunto, admirando os prédios verdes e a placa em que se lê

ENTRADA LESTE. — Entrada para o quê?

— Acho que sua resposta vem vindo ali. — Damen ri, envolvendo-me com os braços

enquanto quatro puros-sangues suados passam por nós, puxados por seus cavaliços,

seguidos de um jóquei de jaqueta verde e rosa, calças de montaria brancas e um par de

botas pretas sujas de lama.

— Um hipódromo? — digo espantada. Assim como no outro dia, quando fomos para a

Disney, eu jamais poderia imaginar que seria trazida para um lugar destes.

— Não é um hipódromo qualquer. É o hipódromo de Santa Anita, um dos melhores do

mundo. — Ele acena positivamente com a cabeça. — Agora vamos, porque temos reserva

para as 15h15 no FrontRunner.

— No quê? — pergunto, estática.

— Relaxe, é só um restaurante. — Damen ri. — Ande, venha, não quero perder as

apostas.

— Hmm, por acaso isso não é ilegal? — digo, mesmo sabendo que estou parecendo

uma estraga-prazeres. Mas Damen é tão inconsequente, tão impulsivo e tão...

despreocupado com a lei.

— Comer é ilegal? — Ele ri, mas vejo que já está ficando um tanto impaciente.

— Não, estou falando de apostar, jogar, que seja, você sabe.

Ele ri e balança a cabeça.

— Isto aqui é um turfe, Ever. Um lugar de corridas de cavalo, não é uma rinha de

galos. Agora venha. — Ele aperta minha mão e me puxa para um elevador.

— Mas não é preciso ter vinte e um anos?

— Dezoito — ele resmunga e aperta o botão do quinto andar.

— Então. Tenho dezesseis e meio.

Damen balança a cabeça e inclina-se para me dar um beijo.

— Regras existem para serem quebradas. Caso contrário, a vida seria muito chata.

Pronto, chegamos.

Atravessamos um corredor e alcançamos um amplo salão decorado com diferentes

tonalidades de verde. Damen para de frente para o pódio e cumprimenta o maître como se

estivesse diante de um amigo que não vê há muito tempo.

— Ah, sr. Auguste, que prazer em vê-lo! Sua mesa já está pronta, venha comigo.

Damen toma minha mão e me conduz pelo salão, repleto de casais, aposentados,

homens solitários, grupos de mulheres, pais com seus filhos... nenhuma mesa livre senão a

nossa, que fica bem na altura da linha de chegada, com uma linda vista para a pista e para

as colinas verdes do horizonte.

— Tony virá imediatamente para atendê-los. Posso trazer seu champagne?

Damen olha para mim e faz que não com a cabeça. Ligeiramente corado, diz:

— Hoje, não.

— Pois bem. As apostas começam em cinco minutos.

— Champagne? — sussurro, arqueando as sobrancelhas.

Mas Damen simplesmente dá de ombros e abre o programa dos páreos.

— Que tal o Spanish Fly? — Ele olha para mim e, sorrindo, emenda:

— Estou falando

do cavalo, não do afrodisíaco.

Mas estou ocupada demais para responder, observando o cenário à minha volta,

procurando assimilar todos os detalhes. O restaurante não só é enorme, como também está

completamente lotado bem no meio da semana. Aliás, no meio da tarde! E essas pessoas

todas apostando? Será que não trabalham? Tenho a impressão de que vim parar num

mundo novo de cuja existência eu nem sequer suspeitava. Fico pensando se é aqui que

Damen passa todo o seu tempo livre.

— Então, o que você diz? Quer apostar? — Ele olha rapidamente para mim antes de

fazer algumas anotações.

— Apostar? — Faço que não com a cabeça. — Eu não saberia nem por onde

começar.

— Bem, eu poderia explicar tudo: as estatísticas, os prognósticos, a genealogia dos

animais... Mas como não temos muito tempo, por que você não dá uma olhada rápida neste

programa e diz apenas o que sente, os nomes que chamam sua atenção. Sempre deu certo

comigo.

Com o programa nas mãos, corro os olhos pelos nomes e levo um susto quando três

deles praticamente saltam à minha frente numa ordem específica:

— Que tal Spanish Fly em primeiro lugar, Acapulco Lucy em segundo e Son of Buddha

em terceiro? — digo, sem fazer a menor ideia de como cheguei a essas escolhas, mas

bastante confiante nelas.

— Lucy em segundo, Buddha em terceiro... — ele murmura, anotando tudo no boleto

de apostas. — E quanto você quer apostar? O mínimo é de dois dólares, mas você pode ir

bem mais alto que isso, claro.

— Dois dólares está ótimo — digo, subitamente insegura, nem um pouco disposta a

fazer um rombo em minhas finanças só por causa de um palpite.

— Tem certeza? — pergunta Damen, parecendo decepcionado.

— Tenho. — Concordo com a cabeça.

— Bem, acho que você fez boas escolhas, então vou apostar cinco. Cinco, não, dez.

— Não faça isso! — digo. — Quer dizer, nem sei por que escolhi esses nomes!

— Pois vamos descobrir daqui a pouco — ele retruca e levanta-se da mesa. Pego

minha carteira, mas Damen não me deixa pagar. —Você me reembolsa depois, quando

receber sua parte do rateio. Agora preciso ir ao guichê. Peça o que quiser quando o garçom

aparecer.

— E você, vai querer o quê? — pergunto, mas Damen sai tão rápido que nem mesmo

me ouve.

Quando ele volta, os cavalos já estão todos perfilados na linha de saída. Em poucos

segundos é dada a largada, e eles irrompem de seus respectivos boxes, inicialmente

formando um grande borrão escuro na pista, mas se distanciando uns dos outros logo

depois da primeira curva, disparados rumo à linha de chegada. Imediatamente fico de pé

quando vejo que meus três escolhidos estão tomando a dianteira e quase tenho uma

síncope quando eles cruzam a chegada exatamente na ordem em que apostei.

— Caramba, a gente ganhou! A gente ganhou! — exclamo, sorrindo enquanto Damen

se inclina para me dar um beijinho de comemoração. — É sempre tão divertido assim? —

digo e observo Spanish Fly trotar para a área de premiação e receber as guirlandas de

flores com as quais será fotografado.

— Quase sempre. — Damen faz que sim com a cabeça. — Mas nada supera a

primeira vez que a gente ganha, essa é sempre a melhor.

— Bem, no meu caso, nem deve ser tanto dinheiro assim — digo, já arrependida de

não ter confiado em minha intuição e arriscado alguns trocados a mais.

— Já que só apostou dois dólares, deve ter ganhado algum valor em torno de oito...

— Oito dólares? Só isso? — Aperto os olhos, um tanto desapontada.

— Oitocentos, Ever — completa Damen, rindo. — Para ser mais exato, 880 dólares e

60 centavos. Você acertou a trifeta, isto é, os três primeiros lugares na ordem correta.

— Tudo isso só com dois dólares? — pergunto, agora entendendo por que ele tem

uma mesa cativa neste lugar.

Damen faz que sim com a cabeça.

— E você, ganhou quanto? — pergunto. — Apostou dois dólares também?

— Não. — Ele sorri. — Na verdade, perdi. Feio. Sou ganancioso, apostei na

quadrifeta. Quer dizer, acrescentei outro cavalo além dos três que você sugeriu, mas ele

ficou para trás. Mas não se preocupe, na próxima eu me recupero.

Dito e feito. Quando fomos ao guichê depois do oitavo e último páreo, embolsei um

total de 1.645 dólares e 80 centavos, enquanto Damen embolsou muito mais, já que acertou

os cinco primeiros cavalos na ordem exata em que eles chegaram.
E como foi o único a se

arriscar nessa modalidade, o primeiro em muitos dias, ganhou 536
mil dólares e 41

centavos — com uma aposta de apenas dez dólares.

— Então, gostou do programa? — ele pergunta, seu braço me
envolvendo para me

conduzir à saída.

— Agora entendo por que você anda tão sumido das aulas. Afinal,
não tem nem

comparação, né? — Começo a rir, talvez por conta da adrenalina em
função de minhas

vitórias. Acho que enfim encontrei uma utilidade rentável para
meus poderes mediúnicos.

— Venha comigo, quero comprar um presentinho para você com a
grana que acabei

de ganhar. — Damen me leva para a gift shop do hipódromo.

— Não precisa, por favor...

Mas ele aperta minha mão e sussurra em meu ouvido:

— Faço questão. Além do mais, estou podendo, não estou? Só tem
uma condição.

Olho para ele.

— Qual?

— Nada de moletons com capuz, O.K.? — ele diz, rindo. — Qualquer coisa, menos

moletom.

Depois de muitas risadas e de sugestões como um boné de jóquei, um cavalo em

miniatura, uma ferradura de bronze para pendurar em meu quarto, acabamos decidindo por

uma pulseira de prata com cristaizinhos. Mas só depois de me assegurar de que eram

cristais mesmo, e não diamantes, pois aí já seria demais, apesar de todo o dinheiro que ele

acabara de faturar.

— Agora, aconteça o que acontecer, você nunca vai se esquecer desse dia — ele diz,

e coloca a pulseira em meu braço enquanto esperamos pelo carro.

— Como eu poderia me esquecer de um dia desses? — pergunto, olhando fixamente

para meu pulso, depois para ele.

Entramos no carro, e só então percebo certa melancolia no olhar de Damen, uma

tristeza tão comovente que essa, sim, merece ser esquecida.

A viagem de volta me parece ainda mais rápida que a de ida e, chegando em casa,

tenho uma súbita vontade de que esse dia nunca termine.

— Olhe só para isso — diz Damen, apontando para o relógio. — Bem antes da

meia-noite, como prometido. — E quando ele se inclina para me beijar, retribuo com tanto

entusiasmo que por pouco não arrasto o garoto para o banco do carona.

— Posso entrar? — ele sussurra, tentando-me com beijos que começam na orelha,

descem pelo pescoço e chegam à clavícula.

Solto-me daquele abraço e faço que não com a cabeça, perplexa comigo mesma.

Sabine está em casa e preciso estudar, mas não é só isso. Já é hora de me impor um

pouco. Não posso continuar cedendo tão facilmente às vontades dele.

— A gente se vê na escola amanhã — digo ao sair do carro, antes que ele me faça

mudar de ideia. — Lembra, Bay View? Aquele lugar que você costumava frequentar?

Damen desvia o olhar e solta um suspiro.

— Não vai dizer que pretende sumir... de novo? — pergunto.

— Essa história de escola é tão maçante, não sei como você consegue.

— Como eu consigo? — Olhando de relance para fora, vejo que Sabine nos espia pela

janela. Assim que ela se afasta, volto o rosto para Damen e digo: — Bem, faço apenas do

modo como você também costumava fazer: levanto da cama, troco de roupa e vou. E às

vezes basta prestar um pouquinho de atenção na aula que a gente acaba aprendendo algo.

— Assim que digo isso, percebo que acabei de mentir. Porque, na verdade, não aprendi

nada durante quase um ano naquela escola. Quer dizer, é difícil aprender alguma coisa

quando a gente meio que sabe tudo. Embora isso não seja algo que a gente tenha em

comum.

— Tem de haver um jeito melhor — ele resmunga, uma expressão de súplica no olhar.

— Bem, só pra seu governo: matar aulas, ou abandonar a escola, não é o jeito melhor

pra nada. Não se você quiser entrar para uma universidade e fazer algo da vida. — Outra

mentira. Bastam mais dois ou três dias como este no turfe para que Damen, ou qualquer

outra pessoa, possa viver bem. Muito mais que bem.

— Tudo bem — ele diz, rindo. —Vamos fazer do seu jeito. Pelo menos por enquanto.

A gente se vê amanhã.

Ainda estou a meio caminho da porta de casa quando ele pisa fundo no acelerador e

sai em disparada rua afora.

Vinte

Na manhã do dia seguinte, enquanto me arrumo para a escola, Riley (que hoje veio

fantasiada de Mulher Maravilha) empoleira-se na cômoda e começa a revelar uma série de

segredos das celebridades que ela anda espionando. Cansada de bisbilhotar a vida de

nossos velhos amigos e vizinhos, ela agora direcionou sua mira para Hollywood e vem

fazendo um trabalho bem melhor que qualquer uma dessas revistas de fofocas que povoam

as bancas de jornal.

— Mentira! — Olho surpresa pra ela. — Caramba! Miles vai pirar quando souber!

— Você não faz ideia — diz Riley, balançando a cabeleira preta com uma expressão

de tédio, como se já tivesse visto mais, muito mais do que devia. — Nada é o que parece.

Sério. Tudo é uma grande ilusão, como os filmes que eles fazem. Pode acreditar, esses

assessores de imprensa têm de fazer mágica pra manter tanta sujeira em segredo.

— Quem mais você espiou? — pergunto, já me coçando de curiosidade. Por que não

pensei nisso antes? Por que nunca me ocorreu sintonizar a energia das celebridades

enquanto estou vendo TV ou folheando uma revista? — E aquela história sobre...

Estou prestes a perguntar sobre os boatos que andam circulando sobre minha atriz

predileta quando Sabine coloca a cabeça para dentro do quarto e diz:

— História? Que história?

Olho rapidamente para Riley, que se dobra na cômoda de tanto rir, e solto um pigarro

antes de dizer:

— Hmm, nada. Eu não disse nada.

Sabine me olha de um jeito esquisito. Riley balança a cabeça, inconformada, e diz:

— Muito bom, Ever. Bem convincente.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunto a Sabine, dando as costas para Riley e

me concentrando no verdadeiro motivo para a visitinha de minha tia: ela foi convidada para

passar o fim de semana fora e não sabe como me dar a notícia.

Sabine entra no quarto, postura ereta demais, passos firmes ao caminhar, depois

respira fundo e senta na beira da cama, nervosamente enroscando um fio solto da colcha

azul enquanto procura a melhor maneira de iniciar o assunto.

— Jeff me convidou para passar o fim de semana fora — diz finalmente. Mas achei

que devia falar sobre isso com você antes.

— Quem é Jeff? — pergunto, virando o rosto na direção dela enquanto coloco os

brincos. Sei muito bem quem é esse Jeff, mas achei prudente perguntar.

— Você o conheceu na festa. Ele veio de Frankenstein. — Sabine levanta os olhos

para mim, tomada de culpa, sentindo-se a pior das criaturas, um péssimo exemplo. Sua

aura, no entanto, resplandece de tão rosa, de tanta alegria.

Vou colocando vários livros na mochila, ganhando tempo enquanto decido o que falar.

Por um lado, o tal Jeff nem de longe é a pessoa que diz ser. Por outro, a julgar pelo que

vejo, ele realmente gosta dela e não representa perigo algum. Poxa, faz tempo que não vejo

minha tia tão feliz assim. Não tenho coragem de contar toda a verdade a ela. Além do mais,

o que eu poderia dizer?

Olha, esse tal de Jeff.. o banqueiro milionário... não é exatamente quem ele diz ser. Na

verdade, ainda mora com a mamãezinha dele! Só não me pergunte como fiquei sabendo

disso. Mas confie em mim, eu sei.

Não. Não dá. Além disso, os relacionamentos têm um mecanismo todo próprio, cada

passo acaba rolando em seu devido tempo. Eu mesma tenho lá minhas questões para

resolver. Tipo assim, agora que meu relacionamento com Damen está começando a se

estabilizar, agora que estamos mais próximos um do outro, mais parecidos com um casal

de verdade, tenho pensado se já não é hora de parar com o jogo duro e dar o passo

seguinte. E com a Sabine fora de casa por dois dias... bem, talvez uma oportunidade como

essa custe a pintar outra vez.

— Vá, sim, tia! Divirta-se um pouco! — digo finalmente, convencida de que cedo ou

tarde ela mesma vai descobrir toda a verdade e tocar a vida adiante.

Ela abre um sorriso, tanto pela felicidade quanto pelo alívio. Depois, levanta da cama e

vai para a porta do quarto, mas para antes de sair.

— Vamos viajar hoje, depois do trabalho — diz. — Jeff tem uma casa em Palm

Springs, a menos de duas horas daqui. Portanto, se você precisar de alguma coisa, não

estaremos muito longe.

Errata: é a mãe dele quem tem uma casa em Palm Springs.

— Vamos voltar no domingo. Olhe, se você quiser receber seus amigos aqui, tudo

bem, a não ser que... será que a gente precisa ter aquela conversinha?

Congelo, pois sei exatamente aonde minha tia quer chegar com essa tal

"conversinha". Parece até que leu meus pensamentos. Mas depois percebo que ela está

apenas tentando ser responsável e cumprir com o papel de "mãe".

— Não, tia, não será necessário — respondo, fazendo que não com a cabeça. —

Estou ligada, pode confiar.

Então pego minha mochila e reviro os olhos quando vejo Riley dançando em cima da

cômoda, cantando aos berros:

— Fes-ta! Fes-ta! Fes-ta!

Sabine, por sua vez, parece tão aliviada quanto eu por não ter de passar pela

"conversinha" do sexo.

— A gente se vê no domingo, então — ela diz.

— A gente se vê no domingo.

— Juro por Deus, ele joga no seu time — digo, entrando no estacionamento e já

sentindo o calorzinho do olhar de Damen muito antes de vê-lo.

— Eu sabia! — exclama Miles. — Eu sabia que ele era gay. Estava na cara! Como foi

que você ficou sabendo?

Opa. Não posso divulgar minha verdadeira fonte, confessar que minha irmãzinha

morta agora é a mais eficaz de todos os paparazzi de Hollywood.

— Nem lembro mais — respondo e desço do carro. — Só sei que é verdade.

— O que é verdade? — Damen pergunta sorrindo, aproximando-se para beijar minha

bochecha.

— Jo... — começa Miles.

Mas não deixo que ele termine, não quero mostrar meu lado fútil, aquele que é

obcecado pela vida de celebridades, assim tão cedo em nossa história.

— Não é nada. É que... você sabia que o Miles ganhou o papel de Tracy Turnblad em

Hairspray? — pergunto e começo a tagarelar um longo discurso sobre o assunto,

despejando frases sem nenhum sentido, até que Miles se despede de nós e vai para sua

aula.

Assim que ele se afasta, Damen para e diz:

— Escute só, tenho uma ideia melhor. Que tal a gente comer alguma coisa por aí?

Lanço um olhar de Ficou maluco? na direção dele e continuo andando, mas não vou

muito longe, pois logo ele me alcança e me puxa pela mão.

— Ah, vamos. — Damen dá uma de suas risadas contagiantes, os olhos fixos nos

meus.

— Não vai dar — sussurro e olho aflita ao redor, sabendo que se demorarmos mais

um segundo vamos chegar atrasados. — Além disso, já tomei meu café.

— Ever, por favor! — Ele fica de joelhos, olha para mim suplicante e junta as mãos

como se fosse rezar. — Se você tiver um pingo de consideração pela minha pessoa, por

favor, não me faça entrar neste lugar!

Mordo os lábios, tentando não rir. Jamais poderia imaginar que um dia veria meu

namorado, sempre tão lindo, elegante e sofisticado, suplicando de joelhos. Apesar disso,

faço que não com a cabeça e digo:

— Ande, levante daí porque o sinal já vai... — E o sinal toca antes mesmo de eu

terminar a frase.

Sorrindo, Damen fica de pé, limpa as calças e, me abraçando pela cintura, afirma:

— É como dizem: melhor faltar à aula que chegar atrasado.

— Quem diz? Isso parece você falando.

— Pode ser. — Ele dá de ombros. — Mas tenho uma certeza: há um milhão de coisas

mais interessantes que a gente pode fazer numa manhã como esta. Poxa, Ever — ele

aperta minha mão —, você sabe que a gente não precisa ir à aula hoje. E você não precisa

vestir nada disto. — Damen retira meus óculos e baixa o capuz do moletom. — Porque o fim

de semana começa agora!

Apesar de todos os motivos que tenho para não faltar à aula, por que o fim de semana

precisa esperar até depois das três da tarde, como em todas as sextas-feiras, quando se

tem o olhar de Damen, tão profundo e convidativo? Não penso duas vezes, imediatamente

entro na onda dele.

E mal reconheço minha própria voz ao dizer:

— Depressa, antes que tranquem o portão.

Vamos em carros separados. Embora não tenhamos combinado nada, é óbvio que

não temos hora para voltar. Seguindo Damen pelo sem-fim de curvas do litoral, não posso

deixar de ficar maravilhada com a paisagem à volta: o branco ofuscante das praias, o azul

profundo do mar. Meu coração se dilata de gratidão, e me sinto sortuda por morar aqui, por

ter este lugar maravilhoso como lar. Mas quando me lembro do porquê de vir parar aqui...

tudo muda de figura.

A certa altura Damen entra num pequeno estacionamento à direita e eu paro na vaga

ao lado da dele, sorrindo ao vê-lo descer para abrir minha porta.

— Já esteve aqui antes? — ele pergunta.

Olho para um casebre de ripas brancas, à nossa frente, e faço que não com a cabeça.

— Sei que você não está com fome, mas os shakes deste lugar são os melhores do

mundo. Você não pode deixar de experimentar o de tâmara com malte, ou o de chocolate

com pasta de amendoim, ou os dois, se quiser. É por minha conta.

— Milk-shake de tâmara? Sei não. Me parece ruim...

Damen ri e me puxa rumo ao balcão. Pede um de cada sabor e, quando eles chegam,

sentamos num banco de madeira azul e ficamos ali, admirando o mar.

— Então, de qual você gostou mais? — ele pergunta.

Novamente experimento um e outro; ambos são tão cremosos que retiro a tampa dos

copos para comer de colher.

— Os dois são ótimos. Mas, pra minha surpresa, acho que o de tâmara é melhor. —

Passo os copos para Damen experimentar também, mas ele faz que não com a cabeça e

os devolve sem dar um único gole. Mais uma de suas esquisitices para cima de mim.

Quer dizer, não são apenas os truques de mágica, nem os sumiços ocasionais. Além

de tudo, o garoto nunca come.

No entanto, tão logo isso me passa pela cabeça, Damen pega um canudinho e dá um

longo gole num dos shakes. Depois beija meu rosto com os lábios gelados.

— Que tal se a gente descer para a praia? — sugere.

Ele me pega pela mão e seguimos por uma trilha no mato, ombro a ombro, trocando

os shakes de vez em quando, muito embora seja eu quem beba na maior parte do tempo.

Chegando à areia, tiramos os sapatos, dobramos a bainha das calças e caminhamos à

beira-mar, sentindo a água gélida nos pés e nos tornozelos.

— Você surfa? — pergunta Damen a certa altura, depois recolhe meu copo vazio e o

guarda dentro do outro.

— Não, não surfo — respondo, escalando um monte de pedras.

— Quer uma aula? — E sorri.

— Nesta água fria? Não, muito obrigada.

Chegamos a uma pequena enseada de areia seca e quentinha, um alívio para meus

pés já dormentes e azuis de tanto frio.

— Tenho roupas de neoprene — insiste Damen.

— São forradas de pele? — brinco, alisando a areia com os pés, deixando uma área

plana para que a gente possa sentar.

Mas Damen novamente me puxa pela mão e me leva para o outro lado, das piscinas

naturais, até que chegamos a uma caverna natural, escondida.

— Nunca soube da existência deste lugar — digo, admirando as paredes de rocha

lisinha, a areia recentemente varrida, as toalhas e pranchas de surfe empilhadas num dos

cantos.

— Ninguém sabe — ele diz, sorrindo. — Por isso minhas coisas ainda estão aqui. Elas

se confundem com as pedras, a maioria das pessoas passa direto e nada vê. Se bem que a

maioria das pessoas passa direto pela vida sem enxergar um palmo diante do nariz.

— E você, como foi que encontrou este lugar? — pergunto, sentando-me no cobertor

verde que Damen abriu no meio da caverna.

— Sei lá. — Ele dá de ombros. — Acho que não sou como a maioria das pessoas.

Ele se deita a meu lado e insiste para que eu me deite também. Em seguida, com a

cabeça apoiada na palma da mão, fica me olhando por tanto tempo que me deixa sem

graça.

— Por que você se esconde nesses jeans largos e nesses moletoms com capuz? —

sussurra, acariciando meu rosto, colocando meus cabelos pra trás de minhas orelhas. —

Você não faz ideia de como é linda, faz?

Franzo os lábios e desvio o olhar, gostando do que sinto ao ouvir essas palavras. Mas

não quero prosseguir no assunto, não estou nem um pouco disposta a me explicar, a expor

as razões que tenho para ser do jeito que sou. Claro que Damen preferiria mil vezes a Ever

que fui um dia, mas agora é tarde. Essa Ever morreu, e me deixou no lugar dela.

Uma lágrima brota em meus olhos, e eu tento virar para escondê-la de Damen. Mas

ele me segura firme, sem me deixar mexer, e seca minha tristeza com os próprios lábios,

depois me beija.

— Ever... — sussurra, a voz grave, os olhos brilhantes. Em seguida se reacomoda no

cobertor e deixa o corpo pesar sobre o meu, esquentando-me confortavelmente, logo me

deixando com calor.

Corro os lábios pela face dele, pelas linhas retas do queixo,
ofegando quando nossos

quadris começam a se buscar, deixando vir à tona todos os desejos
e sentimentos que

tanto lutei para reprimir. Mas estou cansada de lutar, de me conter.
Quero apenas ser

normal outra vez. E o que haveria de mais normal do que isto?

Damen tira meu moletom, e eu fecho os olhos, cedendo,
entregando-me, permitindo

que ele desabotoe meus jeans e os tire também. Assentindo no
toque firme de suas mãos,

na pressão dos dedos, dizendo a mim mesma que esse maravilhoso
turbilhão de

sensações em meu peito só pode ser um sentimento: Amor.

Mas quando sinto o polegar dele sob o elástico de minha calcinha,
prestes a baixá-la,

levanto-me rapidamente e o afasto de mim. Meio a contragosto,
porque na verdade quero ir

adiante e dar mais esse passo em nossa relação. Mas não aqui, não
agora e não desta

maneira.

— Ever... — sussurra Damen, os olhos buscando os meus. Apenas
faço que não com

a cabeça e viro para o lado, sentindo o calorzinho gostoso desse corpo perfeito que se

enrosca ao meu, os lábios em meu ouvido, dizendo: — Tudo bem. Não tem problema. Juro.

Agora, durma um pouquinho.

— Damen? — Acordo assustada, espremendo as pálpebras para enxergar melhor na

penumbra, tateando o espaço vazio a meu lado várias vezes, até me convencer de que

realmente estou sozinha. — Damen? — chamo de novo, os olhos correndo pela caverna,

mas a única resposta que recebo é o barulhinho distante das ondas que quebram.

Visto o moletom e saio cambaleando para a praia. Sob a luz rosada do crepúsculo,

procuro por Damen de uma ponta a outra. Mas não o encontro.

Voltando à caverna, deparo com o bilhete que ele deixou sobre minha mochila:

Fui surfar. Volto logo. — D

Ainda com o papel na mão, corro de volta à praia e esquadrinho o mar em busca de

surfistas, sobretudo do meu surfista. Mas vejo apenas dois vultos distantes, tão louros e

pálidos que jamais poderiam ser Damen.

Vinte e um

Quando entro em minha rua, fico surpresa ao avistar alguém nos degraus da porta de

entrada; quando chego mais perto de casa, porém, fico mais surpresa ainda ao constatar

que esse alguém é Riley.

— E aí? — digo, pegando a mochila e batendo a porta do carro um pouquinho mais

forte do que o necessário.

— Calma! — ela diz, encarando-me. — Achei que você fosse me atropelar!

— Desculpa, achei que fosse o Damen — explico, já entrando no hall .

— Xi i... O que foi que ele aprontou desta vez? — ela brinca.

Não me dou o trabalho de responder e destranco a porta. Não vou entregar o ouro tão

fácil assim.

— O que houve? — pergunto, levando Riley para dentro. — Você se trancou do lado

de fora?

— Engraçadinha... — Riley revira os olhos, vai para a cozinha e se acomoda em um

dos bancos altos da bancada.

Jogo minha mochila sobre a mesa e, vasculhando a geladeira, pergunto:

— Que bicho mordeu você hoje? — Olho para Riley, imaginando um motivo para ela

estar tão quieta, pensando que talvez meu mau humor seja contagioso.

— Bicho nenhum — ela responde, olhando fixamente para mim, o queixo plantado

entre as mãos.

— Não é o que parece. — Em vez do pote de sorvete que realmente quero, pego uma

garrafa de água e me recosto na bancada de granito. Só então reparo no estado em que

Riley se encontra: a fantasia de Mulher Maravilha toda amarrotada, a cabeleira preta toda

embaraçada.

— Então, o que você pretende fazer? — Riley muda de assunto. Está de tal modo

inclinada no banco que ameaça cair e se machucar a qualquer instante. Não que isso possa

acontecer, claro. — Quer dizer, esse é o sonho de qualquer adolescente, não é? A casa só

pra você, ninguém pra vigiar... — Em seguida mexe as sobrancelhas de um jeito malicioso,

mas ao mesmo tempo forçado, como se quisesse disfarçar seu real estado de espírito.

Dou um gole na água, sem saber ao certo o que dizer. Chego a pensar em me abrir

com ela e tirar dos ombros o peso de todos os meus segredos: os bons, os ruins e os

absolutamente revoltantes. Seria ótimo se eu pudesse me aliviar um pouco, dividir com

alguém esse fardo que até agora venho carregando sozinha. Mas olhando para Riley

lembro que ela passou boa parte da vida esperando para completar treze anos, vendo cada

ano que passava como um a menos para chegar à importante adolescência. Talvez por isso

ainda esteja aqui. Não teve a chance de realizar seu sonho em vida, por minha culpa, e

agora só lhe resta uma alternativa: fazê-lo através de mim.

— Bem, sinto muito desapontá-la — respondo afinal. — Mas a essa altura você já

sabe o fracasso que sou no quesito sonhos de adolescência. — Olho para Riley

timidamente e fico vermelha quando ela sacode a cabeça, concordando. — Quando a gente

morava no Oregon eu mandava bem à beça, não mandava? Tinha um monte de amigos...

Um namorado... Era chefe de torcida! Pois é. Tudo isso ficou pra trás. Acabou. J-Á E-R-A.

Agora, os dois amigos que consegui fazer em Bay View estão brigados, o que significa que

raramente falam comigo. E mesmo que, por razões totalmente inexplicáveis, por obra de

um verdadeiro milagre, eu tenha tido a sorte de descolar um namorado lindo, gostoso e tudo

mais... bem, na verdade nem tudo está como deveria ser. Tipo assim, quando ele não age

estranhamente ou quando não some sem dar explicação, evaporando no ar, ele tenta me

sequestrar da aula e me levar pra algum lugar. Para apostar em cavalos de corrida,

passeios absurdos assim. Sei não, acho que ele é má influência. — De repente percebo,

tarde demais, que falei muito mais do que devia.

Mas quando olho para Riley novamente, vejo que ela nem mesmo está ouvindo:

apenas encara a bancada enquanto passeia o indicador pelos desenhos do granito, a

cabeça claramente em outro lugar.

— Olha, promete que não vai ficar brava comigo? — diz, afinal, com olhos tão

arregalados e sombrios que me dão arrepios. — Passei o dia todo com a Ava.

Ah, não quero ouvir. Definitivamente, não quero ouvir isso!, penso, os lábios

apertados. Apoio-me na bancada e me preparo para o que está por vir.

— Sei que você não gosta dela, mas... Sei lá, acho que algumas opiniões da Ava são

boas, ela até me fez pensar nelas. Sabe, nas escolhas que fiz. E quer saber? Quanto mais

eu penso, mais acho que ela tem razão.

— Tem razão em quê? — pergunto, apesar do nó que sinto na garganta. Hoje o dia

começou mal, depois só piorou. E infelizmente ainda está longe de acabar.

Riley levanta o rosto, mas desvia o olhar logo em seguida, ainda passando os dedos

pelo granito, quando diz:

— A Ava falou que eu não devia estar aqui. Que meu lugar não é aqui.

— E você, acha o quê? — Mal consigo respirar, desejando não ter de ouvir nada

disso. Não quero perder minha irmã, não posso perdê-la, não agora. Nem nunca. Riley é

tudo o que me restou.

— Bem, eu... — Ela para de mexer os dedos e olha para mim. — Acontece que eu

gosto de estar aqui. Nunca vou ser adolescente, claro, mas pelo menos posso viver sua

adolescência. Um pouco como pegar uma carona nela, entende?

Ouvindo isso, fico arrasada, culpada; eu estava certa em minhas suspeitas. Mas tento

brincar para levantar um pouco a bola.

— Poxa, Riley, com tanta carona melhor por aí...

Minha irmã revira os olhos e suspira:

— Não é? — Mas logo baixa os olhos e diz: — Mas... e se a Ava estiver com razão? E

se for mesmo errado eu ficar aqui o tempo todo?

Antes que eu possa responder, no entanto, a campainha toca na porta da frente,

distraíndo-me por alguns segundos. E quando dou por mim Riley não está mais lá.

— Riley! Riley! — grito, olhando por toda a cozinha. — Cadê você?
— Continuo

gritando, rezando para que ela reapareça, pois nossa conversa não pode parar onde parou.

— Riley, volte aqui! Por favor! — Porém, quanto mais eu tento, mais percebo que estou

gritando com as paredes.

A campainha toca de novo, uma vez, depois duas. É o toque de Haven. Preciso

atender.

— O porteiro me deixou entrar — ela vai logo dizendo, irrompendo no hall, os olhos

borrados de rímei por causa das lágrimas, os cabelos agora ruivos totalmente

despenteados. — Encontraram a Evangeline. Ela está morta.

— O quê? Tem certeza? — Estou prestes a fechar a porta quando Damen estaciona o

carro lá fora e vem correndo em nossa direção. — A Evangeline... — começo a dizer, tão

chocada com a notícia que acabo me esquecendo de que decidi odiá-lo.

— Eu sei, eu sei — ele diz. E vendo o estado de Haven, pergunta: — Tudo bem com você?

Ela faz que não com a cabeça e seca os olhos com a manga da blusa.

— Quer dizer, eu nem conhecia a garota direito, a gente saiu algumas vezes juntas, só

isso. Mesmo assim... É horrível demais! Só de pensar que talvez eu tenha sido a última

pessoa a vê-la viva...

— Com certeza, você não foi a última pessoa a ver a Evangeline viva.

Olho boquiaberta para Damen, inicialmente achando que se trata de uma piada de

péssimo gosto. Mas ele nem de longe parece estar brincando: está muito sério, com o olhar

perdido, distante.

— Mas é que... eu me sinto muito responsável, sabe? — balbucia Haven, novamente

aos prantos. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus... — ela repete não sei quantas vezes, e

deixa o rosto cair entre as mãos.

Estou prestes a abraçá-la, para confortá-la de alguma forma,
quando ela novamente

levanta a cabeça e seca os olhos.

— Olhe, passei aqui só pra dar a notícia, achei que você deveria
saber — diz, e ergue

o braço para sacudir as chaves do carro. — Mas agora preciso ir.
Ainda não falei com a

Drina.

Sem saber, Haven põe o dedo bem no centro da minha ferida. Olho
torto para Damen,

fulminando-o. Embora a amizade de Haven com Drina pareça obra
do acaso, tenho certeza

de que não é. Não consigo deixar de achar que Damen, de algum
modo, está metido nesta

história.

Mas ele nem sequer repara em minhas reações: subitamente toma
o braço de Haven

e examina a tatuagem inflamada no pulso.

— O que é isto aqui? — pergunta sério, controlando a voz, mas sem
conseguir

esconder certa preocupação.

Haven, no entanto, recolhe o braço com um gesto brusco e cobre a
tatuagem com a

mão.

— Não é nada — diz, visivelmente irritada. — A Drina já me deu um negócio aí pra

usar, uma espécie de pomada. Falou que demora uns três dias pra ficar bom.

— Essa pomada... estaria aí com você? — pergunta Damen, agora nitidamente

preocupado.

— Não. — Haven faz que não com a cabeça, já à porta. — Deixei em casa. Caramba,

que foi que deu em vocês, afinal? Mais alguma pergunta? — Ela olha alternadamente para

nós dois, a aura flamejando em tons fortes de vermelho. — Detesto ser interrogada desta

maneira! Só passei aqui porque achei que vocês iam querer saber da Evangeline, mas, pelo

visto, estão mais preocupados com minha tatuagem e em fazer comentários estúpidos que

com a morte dela! Querem saber? Fui. — Haven sai pisando firme de volta ao carro,

ignorando meus chamados.

O que será que aconteceu com minha amiga? Faz dias que anda assim, irritadiça,

distante. Desde que conheceu essa tal de Drina nem a reconheço mais.

Ela entra no carro, bate a porta e sai de ré.

— Perfeito! — digo a Damen. — Evangeline morreu, Haven está com ódio de mim... e

— você me deixou sozinha numa caverna! Espero que pelo menos tenha pegado umas ondas

iradas! — Cruzo os braços e balanço minha cabeça negativamente.

— Pra falar a verdade, fiz isso, sim — ele responde sem titubear. — E quando voltei à

caverna você não estava mais lá. Vim correndo pra cá.

Olho pra ele desconfiada, comprimo os lábios. Mal acredito no que acabo de ouvir.

— Sinto muito, mas essa eu não vou engolir. Catei você por toda parte, mas só vi dois

surfistas na água. Dois surfistas louros! Portanto, nenhum deles era você.

— Ever, olhe para mim. Preste bastante atenção no meu estado. Como você acha que

fiquei assim?

Dou uma olhada nele e percebo os cabelos molhados, a roupa de neoprene ainda

pingando água no chão.

— Mas eu olhei! Andei pra todo lado naquela praia, procurei de uma ponta à outra! —

exclamo, certa do que vi. Ou, neste caso, do que não vi.

Damen nem se abala.

— Ever... Nem sei o que dizer, mas não abandonei você. Estava surfando. Juro.

Agora, será que dá pra você me buscar uma toalha? E um pano de chão?

Vamos para o quintal, de modo que ele possa lavar sua roupa de surfar. Enquanto ele

faz isso, deito numa das espreguiçadeiras, observando-o. Apesar de todas as minhas

certezas, não é impossível que eu tenha bobeadado em algum momento. Tipo, a tal enseada

era bem grande. E eu estava muito, muito irritada.

— Então, como foi que você ficou sabendo da morte da Evangeline?

— pergunto,

observando-o esticar a roupa no bar da piscina. Não pretendo deixar barato. — E que

história é essa com a Drina, a Haven e aquela tatuagem medonha? E, só pra constar: ainda

não engoli essa história de que você estava surfando. Sério. Porque, acredite, procurei por

toda parte, mas você não estava em lugar nenhum.

Damen se vira para mim, mas não responde. Encarando-me por trás dos cílios fartos e

compridos, com seu corpo perfeito embrulhado apenas em uma toalha, caminha em minha

direção com passos tão graciosos e firmes quanto os de um gato selvagem.

— A culpa é toda minha — diz afinal, assentindo com a cabeça ao se sentar a meu

lado, tomando minha mão nas dele, largando-a pouco depois. — Não sei até que ponto

estou... — Só então levanta os olhos, mostrando neles uma tristeza que eu jamais julgaria

possível. — Talvez fosse melhor a gente...

— Você está... terminando comigo, é isso? — pergunto sussurrando, quase sem ar

nos pulmões, um balão subitamente esvaziado. Todas as minhas suspeitas agora se

confirmam: Drina, a praia... tudo.

— Não, não é isso. É que... — Virando o rosto, ele deixa tanto a frase quanto a mim

em suspenso.

E quando fica claro que Damen não tem a menor intenção de continuar, digo:

— Olha, seria ótimo se você parasse de falar em código e concluísse pelo menos uma

frase, explicando que diabos está acontecendo. Até agora só sei que a Evangeline morreu,

que o pulso da Haven está quase apodrecendo de tão inflamado, que você me abandonou

numa caverna porque não conseguiu o que queria e que agora está me dando um fora. —

Olhando para ele, fico esperando que a qualquer momento Damen vá dar uma explicação

razoável para todos esses fatos e mostrar que não há nenhuma relação entre eles. Ao

contrário do que sugere minha intuição.

Ele fica mudo por um tempo, olhando para a piscina, mas finalmente levanta o rosto e

diz:

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Demorou tanto para responder que fico na dúvida se devo acreditar ou não. Ele

respira fundo e continua:

— Encontraram a Evangeline no cânion de Malibu. — Agora ele está aparentemente

mais seguro do que está dizendo, visivelmente relaxado e controlado. — Eu estava vindo

pra cá quando ouvi no rádio. Quanto ao pulso da Haven, está inflamado, sim, mas isso

costuma acontecer com tatuagens. — Neste instante ele desvia o olhar, e eu sinto um frio

na espinha só de pensar no que está por vir, na parte que me caberá. Antes de prosseguir,

no entanto, ele toma minha mão e, com a pontinha do indicador, vai redesenhando as linhas

da palma. — A Drina pode ser uma pessoa carismática, envolvente; talvez por isso a

Haven, que é meio perdida na vida, tenha se encantado tanto por ela. Achei que você fosse

ficar feliz, pois sua amiga largou do meu pé pra pegar no da Drina. — Ele aperta meus

dedos e abre um sorriso. — Agora não há ninguém entre nós.

— Mas talvez haja algo entre nós — retruco, quase sussurrando. Sei que deveria estar

mais preocupada com a morte da Evangeline e com o pulso da Haven, mas a esta altura

não consigo pensar em nada além deste rosto bronzeado à minha frente, deste olhar

profundo, destes lábios que me puxam feito um par de ímãs. Meu sangue ferve nas veias.

— Ever, não abandonei você naquela caverna. Jamais forçaria você a fazer algo

contra a própria vontade. acredite em mim. — Ele toma meu rosto entre as mãos e, roçando

a boca na minha, diz: — Sei esperar.

Vinte e dois

Haven se recusava a atender nossas ligações, mas conseguimos falar com Miles.

Depois que o convencemos a nos encontrar após o ensaio, ele apareceu com Eric, e

passamos uma noite deliciosa, nós quatro, comendo, nadando e vendo filmes trash de

terror. Foi ótimo estar na companhia de amigos de uma forma tão relaxante. Quase me

esqueci de Riley, Haven, Evangeline, Drina e da praia.

Quase não percebi a expressão distante no rosto de Damen sempre que ele achava

estar sozinho.

Quase ignorei a tensão que ele tão habilmente tentava esconder.

Quase, mas não totalmente.

E embora eu tenha deixado bastante claro que Sabine estava fora da cidade e que ele

poderia passar a noite aqui se quisesse, Damen se mandou sorrateiramente assim que

peguei no sono.

Então, quando ele apareceu à minha porta hoje de manhã com café, muffins e um

sorriso no rosto, confesso que fiquei um tanto aliviada.

Ligamos de novo para o celular da Haven, deixamos mais de um recado, mas

ninguém precisa de poderes mediúnicos para saber que ela não quer falar com a gente.

Então ligamos para a casa dela e falamos com Austin, que diz não ter a menor ideia de por

onde anda a irmã mais velha. Não tenho motivo algum para duvidar dele.

Passamos o dia quase todo na piscina, e já estou discando para pedir mais uma pizza

quando Damen toma o celular de minha mão e diz:

— Sou eu quem vai fazer o jantar.

— Você sabe cozinhar? — pergunto. Nem sei por que estou surpresa, pois até agora

não vi nada que Damen não fosse capaz de fazer, e bem.

— É você quem vai dizer — ele responde sorrindo.

— Precisa de ajuda? — ofereço, muito embora meus dotes culinários se resumam a

ferver água e despejar leite no cereal.

Ele faz que não e vai para o fogão. Subo para tomar banho e trocar de roupa. Assim

que ele me chama para dizer que o jantar está pronto, eu desço. Fico impressionada

quando chego à sala e deparo com a mesa toda posta com a melhor toalha, a melhor louça

e os melhores talheres da Sabine, além de velas e um vaso de cristal repleto de... tulipas

vermelhas, quem diria?

— Mademoiselle — ele diz, com entonação e sotaque perfeitos, e puxa uma cadeira

para mim, sorrindo.

— Não acredito no que estou vendo! — exclamo, admirada com a quantidade de

pratos alinhados, com tanta comida à frente, o que me fez pensar que estaríamos

esperando mais gente.

— Só para você — ele sorri, respondendo à pergunta que sequer tive tempo de fazer.

— Só pra mim? E você, não vai comer?

Damen serve meu prato com legumes perfeitamente cozidos, carne grelhada e um

molho tão diferente que nem sei o que é.

— Claro que vou — responde sorrindo. — Mas fiz pensando sobretudo em você. Uma

garota não pode viver só de pizza, não é?

— Não tenha tanta certeza disso — digo rindo, dando uma garfada na carne

suculenta.

Ao longo do jantar, noto mais uma vez que Damen mal toca na comida. Aproveito a

oportunidade para fazer as perguntas que sempre tive vontade de fazer, mas das quais

sempre acabo me esquecendo no momento em que ele olha para mim. Questões sobre a

família, a infância, as inúmeras mudanças de cidade, a emancipação. Em parte porque

tenho curiosidade de saber, mas em especial porque acho estranho namorar alguém sobre

quem sei tão pouco. E quanto mais falamos, mais fico surpresa com a quantidade de

semelhanças entre nossas vidas. Por exemplo, ambos somos órfãos, embora Damen tenha

perdido os pais bem mais cedo que eu. Ele não dá muitos detalhes sobre nada, mas

também não sou lá das mais falantes quando o assunto é o passado. Portanto, não insisto.

— Então, entre todas essas cidades, de qual você mais gostou? — pergunto, o prato

já vazio à minha frente, nem uma migalha para contar a história. Sinto aquela preguiçinha

gostosa de quem está de barriga cheia.

— Desta aqui — ele responde sorrindo. Damen não comeu praticamente nada, mas

se saiu muito bem revirando a comida.

Aperto os olhos, sem acreditar mesmo nele. Tudo bem, Orange County até que é

legal, mas nem de longe se compara com as grandes cidades europeias, certo?

Percebendo minha cara de espanto, Damen diz:

— Juro, sou muito feliz aqui!

— Por acaso você não era feliz em Roma, Paris, Nova Délhi ou Nova York?

Ele sacode os ombros, novamente estampando no olhar aquela tristeza misteriosa,

dando mais um gole em sua estranha bebida vermelha.

— Isso aí que você está bebendo, o que é? — pergunto.

— Isto aqui? — Ele sorri, levantando a garrafa para que eu veja melhor. — Segredo de

família. — Ele rodopia o recipiente duas ou três vezes, e o líquido parece cintilar ou faiscar à

medida que bate no vidro, parecendo uma estranha mistura de vinho, sangue e pó de

diamante.

— Posso provar? — Nem sei se quero mesmo colocar isso na boca, mas estou

curiosa.

Damen faz que não com a cabeça.

— Você não vai gostar. Parece remédio. Talvez porque seja mesmo remédio.

Meu estômago embrulha enquanto olho para ele, e começo a pensar numa série de

doenças terríveis e graves, dessas que não curam nunca. Eu sabia que ele era bom demais

para ser verdade, penso.

— Mas não precisa se preocupar — ele diz rindo, e toma minha mão. — É que às

vezes fico meio sem energia, e isto aqui ajuda.

— Mas você compra onde? Na farmácia? — Procuo por um rótulo na garrafa,

qualquer informação que me dê uma pista, mas não encontro nada.

— Já disse, receita de família. — Damen sorri, dá seu último gole na bebida e se

levanta da mesa, seu prato ainda cheio. — Que tal um mergulho agora? — sugere.

— Mas a gente não tem de esperar uma hora depois de comer? Ele ri e me puxa pela

mão.

— Não se preocupe. Não vou deixar você se afogar.

Já que havíamos passado a tarde inteira na piscina, decidimos tomar um banho de

jacuzzi, em vez de nadar. Mas quando nossos dedos começam a enrugam feito ameixas

secas, saímos da água e, embrulhados em toalhas enormes,
subimos para meu quarto.

Damen me segue até o banheiro. Assim que jogo a toalha molhada
no chão, ele se

aproxima por trás e me abraça, com tanta força, que nossos corpos
por pouco não se

fundem. E quando sinto os lábios dele em minha nuca, sei que é
preciso esclarecer alguns

pontos enquanto meu cérebro ainda está funcionando.

— Hmm, você pode ficar se quiser — falo baixinho, afastando-me e
sentindo as

bochechas queimarem de vergonha quando ele me encara com um
olhar de quem está se

divertindo com a situação. — Eu quero que você fique. Só que... sei
lá, acho que a gente

não devia... você sabe, né?

Caramba, onde será que eu estou com a cabeça? Alô-ou! É claro
que ele sabe!

Quantas vezes amarelei na última hora e tirei o time de campo,
como aconteceu na

caverna? Se liga, garota! O que você está fazendo? Qualquer pessoa
da sua idade mataria

por uma oportunidade dessas, um fim de semana inteiro sem nada
para fazer, só de

bobeira, sem pai nem mãe por perto, nem ninguém para segurar vela! E no entanto lá vem

ocê, estabelecendo um monte de regras bobas, sem nenhum motivo pra...

Damen coloca um dedo sob meu queixo e ergue meu rosto em direção ao seu.

— Ever, por favor. A gente já conversou sobre isso — sussurra, colocando meus

cabelos por trás de minhas orelhas, logo encostando os lábios em meu pescoço. — Não

estava brincando quando disse que sei esperar. Já esperei tanto tempo para encontrar

ocê... Posso esperar mais ainda.

Com o corpo quentinho de Damen enroscado ao meu, com o sopro da respiração dele

em minha nuca, em dois minutos pego no sono. De início achei que fosse ficar incomodada

em dormir na presença dele; bobagem, saber que ele está por perto é justamente o que me

faz relaxar.

Mas quando acordo às três e quarenta e cinco e vejo que ele não está na cama, jogo

as cobertas para o lado e corro até a janela, relembrando cada minuto do episódio na

caverna enquanto procuro pelo carro dele na rua, ficando surpresa ao perceber que ainda

está no mesmo lugar.

— Procurando por mim?

Viro para trás e deparo com Damen à porta do quarto. Meu coração dispara, o rosto

enrubesce feito um pimentão.

— Ah, você está aí... É que... bem, rolei na cama e você não estava ao meu lado,

então... — balbucio, sentindo-me ridícula, vergonhosamente encabulada pela carência.

— Desci para beber um copo d'água — ele explica sorrindo e me puxa de volta para a

cama.

Mas quando me deito, acidentalmente passo a mão pelo lado em que ele estava

dormindo e sinto o lençol frio, abandonado, como se há muito tempo não houvesse alguém

ali.

Quando acordo pela segunda vez, vejo que estou novamente sozinha. Mas, ao ouvir

barulhos na cozinha, visto meu roupão e desço para averiguar.

— Faz tempo que você se levantou? — pergunto, admirada com a cozinha

imaculadamente limpa, a bagunça de ontem substituída por uma infinidade de pãezinhos e

roscas diferentes que com certeza não brotaram por geração espontânea nos armários.

— Sou madrugador — responde Damen. —Achei melhor limpar a cozinha antes de

passar no supermercado. Talvez tenha exagerado um pouco, mas não sabia o que você iria

querer. — Ele sorri, contorna a bancada e vem me dar um beijo no rosto.

Dou um gole no suco de laranja que ele colocou à minha frente.

— Quer um pouco? — pergunto. — Ou você ainda está de jejum?

— Jejum, eu? — Ele arqueia as sobrancelhas e me encara.

Eu reviro os olhos.

— Poxa, Damen, você come como um passarinho. Só bebe esse seu... remédio e fica

empurrando a comida no prato, pra lá e pra cá. Perto de você eu me sinto uma porca.

— Ah, é? Então olhe só para isto. — Sorrindo, ele pega um donut, crava os dentes no

glacê e arranca um bom pedaço, mas demora uma eternidade para mastigá-lo.

Dou de ombros e olho pela janela, ainda desacostumada com o clima da Califórnia,

uma sucessão aparentemente interminável de dias lindos, muito embora o inverno já esteja

para começar.

— Então, o que a gente vai fazer hoje? — pergunto, virando-me para ele.

Damen confere as horas no relógio e depois olha para mim.

— Preciso ir daqui a pouco — diz.

— Mas a Sabine só vai voltar mais tarde! — resmungo, odiando a forma como minha

voz parece a de uma menina mimada e carente e o frio no estômago que sinto quando vejo

Damen tirar do bolso as chaves do carro.

— Tenho umas coisas para fazer em casa. Sobretudo se você quiser me ver na escola

amanhã — ele diz, e se aproxima para afagar com os lábios minha nuca, minha orelha, meu

rosto...

— Ah, sim, a escola... A gente ainda frequenta? — brinco. Por sorte não entro na pilha

de ficar pensando nas consequências que virão depois de tantas aulas matadas.

— Você é a única pessoa que acha importante essa parada de escola. Por mim, todo

dia seria sábado.

— Mas aí o sábado viraria um dia como outro qualquer, sem nada de especial —

argumento e dou uma mordida no donut. — E a vida seria uma chatice, sem nada pra fazer,

nenhum objetivo pra alcançar, só um ócio maçante e interminável. Depois de um tempo,

não seria tão bom assim.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Mas e aí? Que "coisas" misteriosas são essas que você tanto precisa fazer em

casa? — pergunto, curiosa para saber um pouco mais da rotina dele, daquilo que ele

normalmente faz quando não está comigo.

— Hmm... coisas — ele responde rindo, sem conseguir esconder certa pressa para

sair.

— Bem, talvez eu possa... — Mas antes que eu consiga terminar a frase ele faz que

não com a cabeça.

— Esqueça — ele logo diz. —Você não vai lavar minhas roupas. — Damen muda o

peso do corpo de uma perna para a outra como se estivesse se aquecendo para uma

corrida.

— Mas quero ver onde você mora. Nunca estive na casa de um emancipado antes,

estou curiosa. — Apesar de minha tentativa de soar despreocupada, mais uma vez dou

uma de criancinha carente.

Damen faz que não com a cabeça e olha para a porta como se precisasse dela para

viver.

Tudo bem, sei que já é hora de jogar a toalha, mas não resisto a uma última tentativa:

— Mas por quê? — pergunto, ansiosa por uma explicação qualquer. Damen olha para

mim, tenso, e diz:

— Porque minha casa está uma bagunça. Um pandemônio. Não quero que você veja

e faça uma ideia errada de minha pessoa. Além disso, não vou ter cabeça para arrumar

nada com você por perto, né? Você só me distrai. — Ele sorri, mas obviamente está falando

da boca para fora, pois os olhos, impacientes, estão dizendo outra coisa. —A gente se fala

hoje à noite. — Ele dá as costas e sai rumo à porta da cozinha.

— E se eu quiser segui-lo, você vai fazer o quê?

Meu risinho nervoso evapora tão logo ele se vira para dizer:

— Não me siga, Ever.

Assim que Damen vai embora, pego o celular e ligo para Haven, que mais uma vez

não atende. Desta vez nem me dou o trabalho de deixar um recado. Já deixei um milhão

deles; ela que me ligue se quiser. Portanto, depois de tomar um banho, vou para a

escrivania, determinada a colocar os estudos em dia. Mas não vou muito longe, pois

meus pensamentos voltam para Damen e suas misteriosas esquisitices, as quais não posso

mais ignorar.

Tipo: como é que ele sempre sabe o que estou pensando, sendo que eu, com toda a

minha mediunidade, não consigo captar absolutamente nada da cabeça dele? Como, em

apenas dezessete anos de vida, ele teve tempo de morar em tantos lugares diferentes e

aprender tanta coisa, como arte, futebol, surfe, culinária, literatura, história e o diabo a

quatro? E a rapidez com que ele se move, literalmente formando um borrão no ar? E as

rosas, as tulipas, a caneta mágica? Sem falar no fato de em uma hora ele falar como um

garoto de sua idade, mas depois se transformar num Darcy, ou num Heathcliff ou qualquer

outro personagem das irmãs Brontë. E aquele dia em que ele se desviou de Riley como se

a tivesse visto? E a aura dele, cadê? E essa Drina, que também não tem aura? E, por falar

nela, tenho certeza de que Damen está me escondendo algo sobre a relação que os dois

têm. E agora, para completar, não quer que eu vá até a casa dele.

Mesmo depois que a gente dormiu junto.

Tudo bem, a gente só dormiu, mas ainda assim acho que mereço resposta para

algumas de minhas perguntas, senão todas. Não vou chegar ao ponto de invadir a escola

para bisbilhotar o registro dele, mas... conheço alguém que faria isso por mim.

Só não sei se devo envolver Riley nesta história. Além disso, não faço a menor ideia

de como invocá-la, já que nunca precisei fazer isso antes. Será que devo, assim, chamar

por ela? Acender uma vela? Fechar os olhos e fazer um pedido?

Acender vela, não, seria sinistro demais. Portanto, vou para o centro do quarto, aperto

os olhos com bastante força e digo:

— Riley? Riley, se você estiver ouvindo... preciso muito falar com você. Na verdade,

preciso de um pequeno favor. Mas se você não quiser ajudar, tudo bem, vou entender. Não

vou ficar bolada com você, porque sei que é meio estranho. Olha, estou me sentindo meio

pateta aqui, falando comigo mesma, então, se você estiver ouvindo, será que pode mandar

algum tipo de sinal?

E quando Kel y Clarkson começa a berrar em meu aparelho de som, cantando a

música que Riley sempre costumava cantar, abro os olhos e dou de cara com minha irmã,

bem à minha frente, rindo histericamente.

— Poxa, Ever, você estava a um segundo de fechar a cortina, acender uma vela e

buscar o tabuleiro Ouija!

— Ai, estou me sentindo uma idiota — digo, roxa de vergonha.

— Era o que você parecia, mesmo — ela diz às gargalhadas. — Então, deixe eu ver

se entendi direito: você quer que sua irmãzinha aqui espione seu namorado, é isso?

— Como você sabe? — pergunto assustada.

— Ah, me poupe. — Riley revira os olhos e se esborracha na cama.
— Por acaso você

acha que é a única aqui que consegue ler pensamentos?

— E como você sabe disso? — digo, já um tanto nervosa. Que mais será que ela

sabe?

— Foi a Ava que contou. Mas não fique brava, tá? Porque isso explica muito do estilo

equivocado que você tem vestido ultimamente.

— E esse seu estilo equivocado aí? — pergunto, apontando para o modelito Guerra

nas Estrelas com que ela apareceu hoje.

Mas Riley simplesmente dá de ombros e diz:

— Então, você quer ou não quer saber onde seu namorado mora?

Vou para a cama e me sento ao lado dela.

— Honestamente? Estou meio na dúvida. Quer dizer, claro que eu quero saber onde

ele mora, mas não sei se é certo meter você nesta história.

— Mas... e se eu já soubesse? — ela diz, movendo as sobrancelhas.

— Não me diga que você andou bisbilhotando a escola? — pergunto, pensando no

que mais ela teria feito no tempo em que ficamos sem nos ver. Mas ela apenas ri.

— Fiz muito melhor. Segui o cara até a casa dele.

— Quando? Como?

Ela balança a cabeça, impaciente.

— Até parece que eu preciso de um carro pra ir aonde me dá na telha, né, Ever? Além

do mais, sei que você está toda apaixonadinha aí. Até entendo, porque o cara, vamos

combinar, não é de jogar fora. Mas... lembra aquele dia em que ele deu a impressão de ter

me visto?

Faço que sim com a cabeça. Afinal, como poderia me esquecer de um fato desses?

— Então, também achei muito estranho. Portanto, resolvi fazer uma pequena

investigação.

— E aí? — pergunto, morta de curiosidade.

— E... bem, não sei direito como dizer, espero que você não me interprete mal. Mas

esse tal de Damen... sei lá, ele é um tanto estranho. Quer dizer, o cara mora numa mansão

enorme em Newport Coast, o que já é bastante esquisito pra alguém da idade dele. Porque,

bem, como foi que ele conseguiu tanta grana? O cara nem trabalha!

Imediatamente me lembro daquele dia no hipódromo. Mas acho melhor não tocar no

assunto.

— Mas isso nem é o mais estranho — continua Riley. — O mais esquisito de tudo é

que a casa está completamente vazia! Não tem nenhuma cadeira, nenhuma mesa, nada.

— Coisa de homem, né? — digo, apesar de não ver motivo algum para defender

Damen.

— Sim, mas não deixa de ser muito estranho. A única mobília que ele tem consiste em

uma televisão de tela plana e um daqueles suportes de parede pra colocar o iPod. Sério.

Mais nada. E, acredite, andei pela casa inteira. Quer dizer, menos num quarto lá, que

estava trancado.

— E desde quando você precisa destrancar a porta pra entrar em algum lugar? —

Afinal, até paredes a garota pode atravessar quando quer.

— Acredite, não foi a porta trancada que me impediu de entrar. Eu mesma me travei.

Caramba, Ever, não é porque estou morta que não posso sentir medo.

— Mas... não tem tanto tempo assim que ele se mudou pra cá —
digo, mais uma vez

fabricando desculpas feito uma boboca codependente da pior
espécie. — Talvez não tenha

tido tempo pra comprar móveis e tudo mais. Talvez por isso não
quisesse que eu fosse lá,

que visse a casa do jeito que está. — Repassando mentalmente o
que havia acabado de

dizer, não tive como não pensar: Caramba, meu caso é mais grave
do que eu pensava.

Riley balança a cabeça, impaciente, e olha para mim como se
estivesse prestes a

revelar, de uma tacada só, toda a verdade sobre Papai Noel, o
Coelhinho da Páscoa e a

Fada dos Dentes. Mas desiste e diz:

— Talvez você devesse ir lá pra ver com os próprios olhos.

— Como assim? — pergunto, certa de que ela está escondendo
algo.

Mas Riley nada diz: apenas se levanta da cama, vai para o espelho
e, com muitas

caras e bocas, ajeita a fantasia.

— Riley? — digo, determinada a descobrir o porquê de tanto
mistério.

— Olhe — ela diz finalmente, virando-se para mim. — Talvez eu
esteja enganada. Sei

lá, sou apenas uma pré-adolescente, não tenho muita experiência.
E provavelmente não é

nada, mas...

— Mas...

Ela respira fundo.

— Ainda acho que você devia ver com os próprios olhos.

— E como é que a gente chega lá? — pergunto, já pegando as chaves do carro.

— A gente, vírgula. Tire essa ideia da cabeça. Tenho certeza de que ele pode me ver.

— Pode me ver também, Riley, esqueceu-se disso?

Mas ela finca o pé e diz:

— Nem pensar. Posso desenhar um mapa se você quiser.

Riley não é lá a melhor das cartógrafas; então, em vez de desenhar um mapa, faz uma

lista das ruas pelas quais devo seguir e indica onde devo virar à direita ou à esquerda, pois

sempre me confundo com essa história de Norte, Sul, Leste e Oeste.

— Tem certeza de que não quer vir comigo? — insisto, pegando a bolsa e saindo

rumo ao corredor.

Ela faz que sim com a cabeça e desce as escadas atrás de mim.

— Ei, Ever.

Eu me viro.

— Você bem que podia ter me contado sobre sua mediunidade. Se eu soubesse, não

teria zoadado você tanto por causa de suas roupas.

— E você, pode mesmo ler minha mente? — pergunto, já à porta do hall .

— Só quando você tenta se comunicar comigo — ela responde, sorrindo. E explica: —

Deduzi que cedo ou tarde você iria querer que eu espionasse seu namorado. Mas Ever...

De repente, ela fica séria, aparentemente preocupada. Viro-me novamente em sua

direção.

— Olhe, Ever... Se eu sumir por uns tempos... não é porque estou chateada com você,

tentando puni-la nem nada assim, tá? Prometo que vou continuar dando uns pulinhos aqui,

só pra saber se está tudo bem e tal. Mas devo ficar um tempinho sem aparecer. Acho que

vou andar meio ocupada.

Sinto um frio na barriga, o pânico ameaçando chegar.

— Mas vai aparecer de novo, não vai?

— Claro que vou. Só que... bem, prometo voltar, só não posso dizer quando — ela diz,

e abre um sorriso visivelmente forçado.

— Você não está pensando em me abandonar, está? — Prendo a respiração, aflita, e

só solto o ar quando vejo Riley negar com a cabeça. — Ótimo. Então... boa sorte!

Minha vontade é abraçar minha irmã e convencê-la a ficar, mas, sabendo que não

posso, sigo adiante e entro no carro.

Vinte e três

Damen mora em um condomínio fechado. Detalhe que Riley se esqueceu de contar.

Talvez porque um enorme portão de ferro e um pequeno batalhão de seguranças

uniformizados não sejam nenhum obstáculo para ela. Então, para mim também não vão

ser.

Sorrindo para a moça à portaria, abro a janela do carro e digo:

— Bom-dia. Meu nome é Megan Foster. Jody Howard está me esperando. Ela confere

a tela do computador e procura pelo nome que acabei de ver na terceira linha da lista de

pessoas com permissão para entrar.

— Deixe isto em sua janela — diz e sai da cabine para me entregar um crachá

amarelo com a palavra VISITANTE e a data escritas. — Só um lembrete: é proibido

estacionar no lado esquerdo das ruas; pare apenas no direito.

Atravesso o portão e sigo adiante, rezando para que ela não note quando passo direto

pela rua de Jody, seguindo para a casa de Damen.

Estou quase no topo de uma colina quando leio o nome seguinte em minha lista de

ruas e dobro duas vezes à esquerda, chegando ao final do quarteirão. Só quando estaciono

o carro é que percebo a loucura que acabei de fazer.

Quer dizer, que espécie de psicopata eu sou? Quem, em sã consciência, pensaria em

convocar a irmã morta para espionar seu namorado? Por outro lado, minha vida não tem

nada nem remotamente normal; então, por que meus relacionamentos seriam diferentes?

Ainda no carro, procuro acalmar a respiração, apesar das cambalhotas que meu

coração dá e do suor que encharca minhas mãos. E quando observo a limpa, organizada e

abastada vizinhança, percebo que não poderia ter escolhido dia pior para me infiltrar no

maldito condomínio.

Em primeiro lugar, o dia está lindo e ensolarado, o que significa que as pessoas estão

todas fora de casa: pedalando na rua, passeando com o cachorro ou trabalhando no jardim.

Assim fica difícil espionar. Além do mais, como até agora só me preocupei em chegar aqui,

não tenho a menor ideia sobre o que fazer em seguida; em nenhum momento arquitetei um

plano.

Não que isso vá fazer alguma diferença. Quer dizer, na pior das hipóteses, o que pode

acontecer? Damen me pega no flagra e confirma que sou uma louca? Depois do ataque de

carência que dei hoje na cozinha ele decerto já sabe disso.

Finalmente desço do carro e sigo para a casa dele, a última de uma rua sem saída

com palmeiras e gramados impecáveis. Mas procuro não dar nenhuma bandeira do que

estou fazendo: ando com a maior naturalidade do mundo, como se tivesse todo o direito de

estar aqui, e de repente me vejo diante da enorme porta dupla de Damen, sem saber o que

fazer.

Dou um passo para trás e examino as janelas. Todas estão fechadas. E mesmo sem

saber o que vou dizer, crio coragem, toco a campainha, controlo a respiração e espero

alguns minutos.

Nenhuma resposta, então toco outra vez. Nada. Tento a maçaneta, mas a porta está

trancada. Então volto à rua, contorno a casa e, olhando ao redor para ver se não há

vizinhos por perto, entro pelo portão lateral que dá para os fundos.

Esgueirando-me junto das paredes, mal olhando para a piscina com cascatas, ou para

o jardim, vou direto para uma porta de vidro, que, obviamente, também está trancada.

Estou a ponto de desistir e voltar para casa quando ouço uma vozinha na cabeça,

dizendo: A janela, perto da pia. Na mosca: a tal janela está entreaberta, o bastante para que

eu passe os dedos pela fresta e termine de abri-la.

Apoio minhas mãos no peitoril e uso toda a minha força para subir e me pôr para

dentro. Agora é oficial: invadi a casa de Damen.

Sei que não devo continuar. Não tenho nenhum direito de fazer isto. O mais correto

seria dar o fora daqui e voltar correndo para o carro, retornar à segurança e ao aconchego

de minha própria casa enquanto é tempo. Mas a mesma vizinha de antes insiste em que eu

continue, e, uma vez que cheguei até aqui, vamos lá, vejamos onde isso vai dar.

Dou uma olhada pela cozinha, ampla e vazia; pelo escritório, vazio também; pela sala

de jantar, sem mesa nem cadeiras; pelo banheiro, com apenas um sabonete e uma toalha

preta, e durante todo esse tempo fico pensando que Riley estava coberta de razão: o lugar

está totalmente vazio, mas de um jeito diferente; parece abandonado, chega a dar arrepios.

Nenhum livro, nenhuma foto, nenhum objeto pessoal. Nada além do assoalho de madeira

escura, das paredes brancas, dos armários vazios e de uma geladeira repleta daquele

líquido estranho que Damen está sempre bebendo. Na sala de televisão, vejo a TV de tela

plana que Riley mencionou, uma poltrona reclinável que ela não mencionou, além de uma

pilha grande de DVDs estrangeiros cujos títulos não sei traduzir. Em seguida, paro ao pé da

escada, e mais uma vez cogito ir embora, acreditando já ter visto mais que o suficiente. Mas

acabo cedendo ao inexplicável impulso de subir.

Apoio-me no corrimão e levo um susto logo no primeiro degrau, que range sob meus

pés — um rangido estridente e inusitadamente alto, em razão do espaço vazio. Mesmo

assim sigo adiante e, chegando ao andar de cima dou de cara com a tal porta que Riley

encontrou trancada. Mas que agora está entreaberta.

Insegura, fico esperando que a vizinha em minha cabeça dê alguma dica sobre o que

fazer, mas só o que ouço é o coração retumbar enquanto empurro a porta à minha frente. E

ele por muito pouco não vem à boca quando vejo o que está do outro lado: um cômodo de

tal modo requintado e grandioso que parece ter vindo direto do Palácio de Versalhes.

Ainda à porta, lentamente corro os olhos pelo cenário ao meu redor: as finas

tapeçarias nas paredes, os tapetes antigos, os lustres de cristal, os candelabros dourados,

as pesadas cortinas de seda, o sofá de veludo, a mesa de tampo de mármore, os livros

antigos em cima dela. Nos lambris das paredes, uma infinidade de quadros com moldura

folheada a ouro, todos retratando Damen em trajes de diferentes séculos. Num desses

quadros, ele monta um cavalo branco, espada de prata à cintura, e veste exatamente a

mesma casaca com que apareceu na festa de Hal oween.

Aproximando-me para ver melhor, examino o ombro da casaca em busca do furo que,

na festa, em tom de brincadeira, ele atribuiu ao fogo de artilharia. Fico aterrorizada por

localizar o pontinho esgarçado no pano. Pasmada, perguntando a meus botões que truque

endiabrado poderia ser esse, deslizo os dedos pela tela até alcançar a pequena placa de

bronze logo abaixo dela:

DAMEN AUGUSTE ESPOSITO, MAIO DE 1775

No quadro ao lado, meu coração dispara quando vejo um Damen serio embrulhado

num terno escuro e sóbrio, cercado de pinceladas azuis, a placa informando:

DAMEN AUGUSTE, RETRATADO POR PABLO PICASSO EM 1902

E no seguinte, espirais de textura grossa formam a silhueta de

DAMEN ESPOSITO, RETRATADO POR VINCENT VAN GOGH

E por aí vai: as quatro paredes estão inteiramente cobertas por retratos de Damen,

sempre assinados por grandes mestres da pintura.

De joelhos bambos e olhos arregalados, afundo meu corpo no sofá de veludo, tonta

com a infinidade de explicações que tento fabricar, cada uma mais ridícula que a outra.

Depois de um tempo, pego o livro mais próximo e abro na primeira página, em que se lê:

Para Damen Auguste Esposito. Assinado por William Shakespeare.

Jogo o livro no chão e pego o seguinte, O morro dos ventos uivantes, dedicado a

Damen Auguste e assinado por Emily Brontë.

Todos os livros estão dedicados a Damen Auguste Esposito, ou Damen Auguste, ou

apenas Damen. Todos assinados por autores já mortos há mais de um século.

Com o coração batendo a mil e as mãos trêmulas, fecho os olhos e procuro trazer a

respiração de volta ao normal, dizendo a mim mesma que tudo não passa de uma grande

brincadeira, que Damen é um maluco fanático por história, um colecionador de

antiquidades, um falsificador que exagerou na dose. Talvez esses quadros façam parte de

um patrimônio de família, passado de geração a geração ao longo dos anos, herdado por

avôs, bisavôs e tataravôs homônimos de Damen e fisicamente muito parecidos com ele.

Mas quando olho novamente em torno de mim, o frio que sinto na espinha me coloca

frente a frente com a verdade incontestável: esses quadros e objetos não são meras

antiguidades de um colecionador, muito menos simples heranças. São objetos pessoais de

Damen, o tesouro que ele vem colecionando ao longo dos anos.

Ainda tonta e trêmula, levanto do sofá e volto cambaleando para o corredor,

sentindo-me agitada, instável, louca para sair daquele quarto sinistro, daquele mausoléu

sufocante e repulsivo, daquela casa medonha que mais parece uma cripta. Minha vontade é

de ficar o mais longe possível daquele lugar e nunca mais, sob hipótese alguma, colocar os

pés ali outra vez.

Mas assim que desço as escadas ouço um grito estridente e assustador, seguido de

um gemido longo e abafado. Sem pensar, corro de volta para o andar de cima, seguindo na

direção do som até o final do corredor, e irrompo no último quarto, onde encontro Damen

esparramado no chão, as roupas rasgadas e o rosto salpicado de sangue, enquanto Haven

se debate e geme sob o peso do corpo dele.

— Ever! — ele grita e rapidamente fica de pé, empurrando-me para trás quando

começo a chutar, a esmurrar e a morder, numa tentativa desesperada de alcançar minha

amiga.

— O que você fez com ela? — grito. Olhando para os dois, noto o rosto pálido de

Haven, os olhos revirando na órbita, e percebo que não tenho tempo a perder.

— Ever, fique calma, por favor — ele diz, tranquilo e seguro demais para alguém que

acabou de cometer uma atrocidade qualquer.

— O QUE VOCÊ FEZ COM ELA? — berro outra vez, redobrando a força dos chutes e dos

murros, esperneando e usando toda a força que consigo, mas não sou páreo para Damen.

Ele me segura com apenas uma das mãos enquanto se defende com a outra, sem ao

menos piscar.

— Ever, por favor, deixe-me explicar — diz, desviando-se de meus chutes furiosos.

Vendo minha amiga estatelada no chão, sangrando profusamente, contorcendo-se de

dor, tenho um estalo e me dou contador isso ele não queria que eu viesse aqui!

— Não é nada disso. Você está completamente equivocada. Tudo bem, eu não queria

que você visse isto, mas não é o que você está pensando.

Damen me ergue no ar como se tivesse nas mãos uma boneca de pano; apesar de

meus golpes incessantes, não exibe no rosto uma única gota de suor.

Mas estou pouco me lixando para ele. Aliás, para mim também. Só quero saber da

Haven, cujos lábios estão ficando roxos e a respiração cada vez mais fraca.

— O que você fez com ela? — insisto, encarando-o com todo o ódio de que sou

capaz. — O que você fez com ela, seu monstro?!

— Ever, por favor, escute — ele suplica.

Apesar de toda a raiva e de toda a adrenalina, ainda sinto o formigamento quentinho

que as mãos dele provocam em minha pele, e luto intensamente para ignorar essa

sensação. Gritando, esperneando e chutando, tento feri-lo nas partes mais vulneráveis,

mas nunca acerto o alvo, pois Damen é muito mais rápido que eu.

— Você não pode ajudá-la, confie em mim. Só eu posso agir.

— Você não está ajudando a Haven, está matando! — grito.

Ele faz que não com a cabeça e com uma expressão de cansaço no olhar sussurra:

— Não é nada disso.

Tento me desvencilhar outra vez, mas sem sucesso: nada posso contra Damen. Então

desisto. Deixo o corpo amolecer e fecho os olhos, dando-me por vencida. E penso: Pronto.

Acabou. Chegou minha hora.

Mas tão logo Damen me solta no chão dou o chute mais forte que posso, desta vez

acertando o alvo, e saio correndo ao encontro da Haven. Quando tomo a mão dela para

sentir o pulso, vejo dois buraquinhos ensanguentados no centro da tatuagem medonha e,

desesperada, suplico para que ela se mantenha firme, que continue respirando. E tiro o

celular do bolso a fim de ligar para a emergência.

Mas Damen surge por trás, arranca o telefone de minha mão e diz:

— Eu preferiria não ter de fazer isto.

Vinte e quatro

Quando acordo, vejo que estou em meu quarto, deitada ao lado de Sabine. Em seu

rosto, uma expressão de alívio; nos pensamentos, só preocupação.

— Bom-dia! — ela diz sorrindo. —Você deve ter tido um fim de semana daqueles,

hem?

Ainda sonolenta, olho antes para ela e, depois, para as horas no despertador. Salto da

cama, apressada.

— Tudo bem com você? — Sabine vem atrás de mim. — Ontem à noite, quando

cheguei, você já estava dormindo. Não está doente, está?

Vou para o chuveiro, sem saber o que responder. Sei que não estou doente, mas nem

imagino como pude dormir tanto.

— Quer me contar algo? — pergunta Sabine, à porta do banheiro. — Algo que eu deva

saber?

Fecho os olhos e relembro o fim de semana: a praia, Evangeline, Damen preparando o

jantar e dormindo aqui em casa, o café da manhã no domingo.

— Não... não aconteceu nada — respondo finalmente.

— Então é melhor você se apressar, senão vai se atrasar para a escola. Tem certeza

de que está bem?

— Tenho — digo, num tom firme de voz, com o máximo de segurança que consigo

produzir. Abro as torneiras e, sem ter certeza se menti ou falei verdade para Sabine, entro

na ducha.

Durante todo o caminho até a escola Miles não fala de outro assunto que não seja

Eric. Sem deixar de fora detalhe algum, conta toda a história do término deles na noite de

domingo, via torpedos, e tenta me convencer de que não está nem aí, de que nem se

lembra mais do garoto, o que prova justamente o contrário.

— Você nem está me ouvindo, né? — esbraveja.

— Claro que estou — respondo entredentes, parando num sinal vermelho a um

quarteirão da escola e pela enésima vez relembrando todos os acontecimentos de meu fim

de semana, que mais uma vez termina no café da manhã. Por mais que eu tente, não

consigo me lembrar de nada que tenha acontecido depois.

— Não é o que parece — devolve Miles, e vira o rosto para a janela.
— Quer dizer, se

eu estiver amolando, é só falar. Porque uma coisa é certa: pra mim,
esse Eric nem existe

mais. Já lhe contei daquela vez em que ele...

— Miles, você falou com a Haven nesse fim de semana? —
pergunto, rapidamente

olhando para ele antes de o sinal abrir, estranhando o pavor que
senti só de mencionar o

nome dela.

Miles faz que não com a cabeça.

— E você? — pergunta ele.

— Acho que não — digo, e arranco com o carro.

— Você acha? — Ele arregala os olhos, mexendo-se no banco.

— Não desde sexta-feira, pelo menos.

Entro no estacionamento, e meu coração dá um salto triplo quando
vejo Damen no

mesmo lugar de sempre, recostado no BMW, esperando por mim.

— Bem, pelo menos um de nós ainda tem uma chance de viver feliz
para todo o

sempre — diz Miles, que acena para Damen, que vem para meu
lado com uma tulipa

vermelha nas mãos.

— Bom-dia! — ele diz sorrindo, entrega-me a flor e beija meu rosto.

Resmungo qualquer frase sem sentido e sigo para o portão. O sinal toca a meio

caminho: Miles sai correndo para sua sala e Damen me puxa pela mão até a aula de inglês.

— O sr. Robins já está a caminho — ele sussurra em meu ouvido, segurando meus

dedos ao me levar para nosso lugar da sala. Quando passamos por Stacia, ela faz uma

cara horrível para mim, esticando a perna para que eu tropece, mas muda de ideia no

último segundo e a puxa de volta. — Ele parou de beber, cismou que quer conquistar a

mulher de novo.

Apertando o passo para me afastar dele, que continua falando em meu ouvido, chego

à carteira e tiro os livros da mochila, sem entender por que me sinto assim, tão esquisita e

nervosa com a presença de meu próprio namorado. Levo a mão ao capuz para ligar o iPod

e entro em pânico quando vejo que ele ficou em casa.

— Você não precisa mais desse iPod — diz Damen, e pousa a mão na minha para

acariciar os dedos. — Agora tem a mim.

Fecho os olhos, sabendo que o sr. Robins vai chegar em apenas três, dois, um...

— Ever — sussurra Damen, correndo o indicador sobre as veias de meu pulso —,

você está bem?

Crispo os lábios e faço que sim com a cabeça.

— Ótimo. — Ele se cala por alguns segundos e depois diz: — Adorei nosso fim de

semana, espero que você tenha gostado também.

Abro os olhos assim que o sr. Robins entra na sala, percebendo que ele não está mais

com a cara inchada e vermelha, apesar de suas mãos continuarem um pouco trêmulas.

— Ontem foi muito divertido, você não acha? — Damen continua.

Olhando diretamente nos olhos dele, minha pele formigando só pela mão dele estar

sobre a minha, faço que sim com a cabeça, pois sei que essa é a resposta que ele quer

ouvir. Mesmo não tendo certeza de ter falado a verdade.

As horas seguintes se reduzem a um grande borrão de aulas e confusão mental, e só

quando chego à mesa de almoço é que fico sabendo o que de fato aconteceu ontem.

— Nem acredito que vocês entraram naquela água gelada! — diz Miles, mexendo seu

iogurte e olhando para mim.

— Ela usou uma roupa de neoprene — diz Damen. — Aliás, você a esqueceu lá em

casa.

Desembrulho meu sanduíche sem me lembrar de nada disso. Eu nem tenho uma

roupa de neoprene. Ou será que tenho?

— Hmm... isso não foi na sexta? — pergunto, corando de vergonha quando me lembro

de tudo o que aconteceu naquele dia. Damen faz que não com a cabeça.

— Não, você não surfou na sexta — responde Damen. — Fui eu que surfei. Mas

ontem você teve uma aula comigo.

Retiro a casca do pão de forma e tento me lembrar de algo mais, no entanto nada me

vem à cabeça.

— E ela mandou bem? — pergunta Miles, lambendo a colher e olhando de Damen

para mim.

— O mar estava meio flat, não tinha muito que fazer. Passamos a maior parte do

tempo deitados na areia, debaixo de um cobertor. Nisso ela mandou muito bem, sim —

brinca Damen.

Olho para ele, cogitando se estava com ou sem roupa de neoprene debaixo do tal

cobertor, se algo aconteceu entre a gente. Será possível que tentei compensar pelo que

rolou, ou não rolou, na sexta, e depois apaguei da memória?

Miles vira para mim com uma interrogação no olhar, mas dou de ombros e cravo os

dentes no sanduíche.

— A que praia vocês foram? — ele pergunta.

Como não me lembro de nada, viro para Damen.

— Crystal Cove — ele responde, dando um gole em sua bebida.

Miles balança a cabeça e revira os olhos.

— Não me digam que vocês se transformaram num desses casais em que só o cara

pode falar. Digo, é ele quem pede sua comida no restaurante também?

Olho para Damen, mas antes que ele possa responder Miles continua:

— Foi pra você que eu perguntei, Ever.

Busco na memória as duas últimas vezes em que comemos num restaurante: uma vez

na Disney, naquele dia maravilhoso, mas que terminou de modo tão estranho, e outra no

hipódromo, quando ganhamos todo aquele dinheiro.

— Não, Miles, sou eu quem pede minha comida — respondo. E depois: — Me

empresta aí o Sidekick, vai.

Miles tira o Sidekick do bolso e o empurra em minha direção.

— Esqueceu seu telefone em casa, foi?

— Esqueci, e quero mandar um torpedo pra Haven, saber onde ela está. Estou com

uma sensação estranha com relação a ela. — Não consigo parar de pensar nela. Mal

consigo explicar direito o que é para mim mesma, que dirá para eles.

Já estou digitando os números no minúsculo teclado quando Miles diz:

— Haven está em casa, doente. Uma gripe, sei lá. Além disso, está arrasada por

causa da Evangeline. Mas jurou pra mim que não está mais com raiva da gente.

— Mas você não disse que não havia falado com ela? — Largo o telefone e olho para

Miles, absolutamente segura do que ouvi no carro.

— Mandei um torpedo durante a aula de história.

— Então ela está bem? — pergunto, os nervos inexplicavelmente à flor da pele.

— Botando as tripas pra fora de tanto vomitar, debulhando-se em lágrimas por causa

da amiga que morreu... tirando isso, está bem, sim.

Ora, não faz sentido incomodar minha amiga se ela não está legal; portanto, devolvo o

Sidekick para Miles, que no mesmo instante retoma a ladainha sobre Eric, e Damen coloca

sua mão sobre minha perna. Vou ouvindo o que ele diz, ora mordiscando meu sanduíche,

ora sacudindo a cabeça feito um robô, mas incapaz de me desligar.

Vá entender: Damen resolve assistir a todas as aulas justamente no dia em que eu

daria tudo para não vê-lo. Ao fim de cada aula, saio da sala e deparo com ele à porta,

esperando aflito por mim, perguntando se estou bem. E isso já está me dando nos nervos.

Portanto, depois da aula de artes, no último tempo, quando nos encontramos no

estacionamento, ele se oferece para me acompanhar até minha casa.

— Se você não se importar, preciso de um tempinho só pra mim — respondo.

— Está tudo bem com você? — ele pergunta pela milionésima vez.

Faço que sim com a cabeça e entro no carro, louca para fechar a porta e ir embora.

— Preciso resolver alguns assuntos, mas a gente se vê amanhã, O.K.?

Sem esperar a resposta engato a ré e vou embora.

Já em casa, sinto-me tão exausta que subo direto para o quarto, planejando tirar uma

soneca antes de Sabine chegar e ficar se preocupando comigo também. Mas quando

acordo no meio da noite, com o coração a mil e as roupas ensopadas de suor, tenho a

inefável sensação de que não estou sozinha no quarto.

Aperto o travesseiro contra o peito, como se as penas de ganso pudessem oferecer

algum tipo de proteção, e passeio os olhos pelo breu do quarto.

— Riley? — sussurro, mesmo tendo certeza de que não é ela quem está aqui.

Controlo a respiração e ouço um ruído próximo à porta da varanda, um barulhinho

discreto e abafado, como o de chinelos sendo arrastados no carpete.

— Damen? — sussurro, e me surpreendo comigo mesma. Não tenho motivo para

achar que é ele quem está aqui. Então aperto as pálpebras para enxergar melhor, mas só

vejo escuridão.

E dali a pouco escuto outro ruído, algo como um suave sussurro.

Tateando a parede, encontro o interruptor e acendo a luz. Assim que me acostumo à

clareza repentina, procuro pelo invasor, e quase fico desapontada quando não encontro

ninguém. Tinha certeza absoluta de que não estava sozinha.

Ainda com o travesseiro entre os braços, levanto da cama e tranco a porta da varanda.

Dou uma olhada no closet e debaixo da cama, tal como fazia o papai anos atrás, quando

procurava o bicho-papão para mim. Sem nada encontrar, volto para a cama, perguntando a

mim mesma se meu sonho pode ter desencadeado todo esse medo.

Um sonho semelhante ao que tive antes, em que estava correndo contra a ventania de

um cânion escuro, embrulhada em um vestido branco muito fininho, inútil contra o frio.

Fustigados pelo vento, parecia que meus ossos iam congelar. Mas quase não me importei;

com os pés descalços chapinhando na lama, segui correndo na direção de um refúgio que

nem mesmo conseguia ver. Sei apenas que estava correndo para uma luz que brilhava

suavemente. E fugindo de Damen.

Vinte e cinco

Quando chego à escola no dia seguinte, paro na vaga de sempre, salto do carro e

passo direto por Damen para ir ao encontro da Haven, que espera por mim junto ao portão.

E apesar de toda a minha aversão ao contato físico, planto as mãos sobre os ombros de

minha amiga e a puxo para um grande abraço.

— O.K., O.K., eu também amo você. — Ela ri e me empurra para trás. — Caramba,

Ever, até parece que eu ia ficar bolada com vocês pro resto da vida!

Os cabelos pintados de vermelho estão lambidos e sem vida, o esmalte preto das

unhas está lascado, as olheiras estão mais escuras que de costume e o rosto está

indiscutivelmente pálido. Embora ela afirme que está bem, não me contendo e avanço para

mais um abraço.

— Como você está se sentindo? — pergunto, examinando-a com atenção, tentando

ler alguma informação nela. No entanto, exceto pela aura cinzenta, fraca e translúcida, não

consigo ver quase nada.

— O que foi que deu em você, mulher? — ela pergunta, afastando-me dela.— Por que

está pegajosa desse jeito? Logo você, que vive se escondendo debaixo de um capuz,

ouvindo iPod?

— Fiquei sabendo que você estava doente, e como você não deu as caras ontem... —

De repente me sinto ridícula por agir desta forma com a Haven.

— Já sei o que aconteceu — diz Haven, rindo e assentindo com a cabeça. — A culpa

é toda sua, não é? — Ela aponta para Damen. — Foi você que derreteu o coração gelado

de minha amiga e a transformou numa boboca sentimental, numa manteiga derretida, não

foi?

Damen ri, mas não com os olhos.

— Foi só uma gripe — ela diz. Miles lhe dá o braço, e atravessamos juntos o portão. —

Mas fiquei muito triste com essa parada da Evangeline, acho que isso me fez piorar muito.

Quer dizer, tive tanta febre que até desmaiei algumas vezes.

— Sério? — digo, afastando-me do Damen para caminhar ao lado dela.

— Sério. Foi muito bizarro. À noite eu ia pra cama usando uma roupa, depois

acordava usando outra, totalmente diferente. E quando procurava pela roupa que tinha

usado antes, não encontrava. Era como se ela tivesse sumido no ar ou algo do tipo,

entende?

— Mas aquele seu quarto é uma zona, né, Haven? — Miles ri. — Ou talvez você

estivesse alucinando. Isso acontece quando se está com muita febre.

— Pode ser. Mas todos os meus lenços pretos sumiram. Tive de pegar este aqui

emprestado de meu irmão. — Haven pega a ponta do lenço azul que está usando e o

rodopia.

— E ninguém estava em casa para cuidar de você? — pergunta Damen, surgindo

atrás de mim. Ele toma minha mão e entrelaça os dedos nos meus, despachando uma onda

de calor pelo meu corpo inteiro.

Haven sacode a cabeça, impaciente, e revira os olhos.

— Pra cuidar de mim? É ruim, hem! Sou praticamente emancipada, que nem você.

Além disso, minha porta ficou trancada o tempo todo. Eu podia ter morrido ali dentro que

ninguém ficaria sabendo.

— E Drina? — pergunto, sentindo um frio na espinha só de dizer o nome dela.

Haven olha para mim de um jeito estranho e diz:

— Drina está em Nova York. Viajou na sexta à noite. Bem, espero que vocês não

peguem essa gripe. Ainda que eu tenha tido uns sonhos muito legais, sei que vocês não

vão curtir. — Ela para a poucos metros de sua sala e recosta-se na parede.

— Por acaso você sonhou com um cânion? — pergunto, largando a mão do Damen e

aproximando-me da Haven, tão perto que ficamos cara a cara.

Ela ri e me empurra para trás.

— Peraí, amiga, você ultrapassou seu limite. Não, não sonhei com cânion nenhum. Só

com umas coisas bem góticas, difíceis de explicar. Só sei que tinha muito sangue.

E tão logo ela fala, assim que ouço a palavra "sangue" vejo tudo escuro e sinto o corpo

amolecer, caindo para trás.

— Ever! — exclama Damen, amparando-me segundos antes de eu me esborrachar no

chão. — Ever... — ele sussurra, sua voz carregada de preocupação.

E quando abro os olhos, que encontram os dele, percebo algo estranho, uma

expressão intensa que me parece bastante familiar. Mas se alguma lembrança viria à tona,

ela é prontamente apagada pela voz de Haven:

— É assim que começa. Quer dizer, só fui desmaiar um tempo depois, mas tudo

começou, definitivamente, com uma vertiginosa tonteira.

— De repente ela está grávida — diz Miles, para quem quiser ouvir.

— Ah, não estou mesmo — digo, surpresa com minha súbita melhora, agora que

estou apoiada nos braços fortes e quentes de Damen. — Não foi nada, juro. — Com certo

esforço, fico de pé e me afasto dele.

— Você devia levar essa garota pra casa — Miles diz a Damen. — Ela não está nada

bem.

— Também acho — Haven concorda com a cabeça. — Sério, amiga, você deveria

descansar um pouco. Não vai querer passar pelo que eu passei.

Bato o pé e digo que quero ficar, mas ninguém me dá ouvidos. E quando dou por mim,

Damen está com o braço em minha cintura, levando-me para o carro dele.

— Isso é ridículo — digo assim que saímos do estacionamento. — Sério, estou bem.

Sem falar na encrenca que a gente vai arrumar se matar aula outra vez.

— Não vamos arrumar encrenca alguma, Ever. — Damen me espia de relance, logo

voltando os olhos para o trânsito. — Só para refrescar sua memória: você desmaiou

naquele corredor. Teve sorte de eu estar lá para ampará-la.

— Mas aí é que está! Você estava lá pra me amparar! E agora estou bem. Juro. Quer

dizer, se você estivesse mesmo tão preocupado comigo, deveria ter me levado pra

enfermaria da escola. Não precisava me sequestrar.

— Não estou sequestrando ninguém — ele diz, claramente irritado.

— Só quero cuidar

de você, Ever, ter certeza de que está bem.

— Ah, então agora você é médico! — Balanço a cabeça, descrente, e reviro os olhos.

Mas Damen nada diz. Apenas segue adiante pela Coast Highway, passando direto

pela rua que leva à minha casa, por fim parando diante de um imponente portão.

— Onde você está me levando? — pergunto, vendo-o cumprimentar a moça da

portaria, familiar a mim. Ela sorri e nos deixa passar.

— Minha casa — ele resmunga.

Subimos por uma colina, virando aqui e acolá, até que chegamos a uma rua sem

saída e paramos o carro numa ampla garagem vazia.

Puxando-me pela mão, Damen me conduz através de uma cozinha perfeitamente

equipada até uma sala íntima, chiquérrima, muito diferente do que se poderia esperar da

casa de um estudante que mora sozinho. Mãos na cintura, corro os olhos pela requintada

decoreção: o aconchegante sofá de chenile, os abajures lindos, os tapetes persas, a

coleção de quadros abstratos nas paredes...

— Tudo isto é seu? — pergunto. Na mesinha de centro, de madeira escura, vejo

diversos livros de arte, velas e uma fotografia minha, emoldurada.
— Quando foi que você

tirou esta foto aqui? — Examino a foto de perto. Não tenho a menor
lembrança de ter sido

fotografada por ele.

— Você fala como se nunca tivesse vindo aqui antes — ele diz,
acenando para que eu

me sente.

— E nunca vim mesmo. — Dou de ombros.

— Veio, Ever — insiste Damen. — No domingo. Depois da praia.
Aliás, sua roupa de

neoprene ficou aqui, está pendurada lá em cima. Agora, sente-se.
— Ele dá tapinhas no

sofá. — Quero que você descanse.

Deixo o corpo cair nas macias almofadas do sofá, ainda com o
porta-retratos nas

mãos, tentando lembrar quando a tal foto tinha sido tirada. Nela,
meus cabelos estão soltos,

meu rosto está ligeiramente corado e estou usando um moletom
pêssego, que eu nem

sequer me lembrava de ter. E, embora esteja sorrindo, meus olhos
estão sérios e tristes.

— Tirei naquele dia na escola. Quando você não estava olhando.
Prefiro fotos assim,

espontâneas. É a única maneira de capturar a verdadeira essência de uma pessoa — ele

diz, tomando de volta o porta-retratos e colocando-o sobre a mesa.
— Agora feche os olhos

e procure descansar enquanto preparo um chá para você.

Dali a pouco ele volta à sala, deposita uma xícara quentinha em minhas mãos e cobre

minhas pernas com uma pesada manta de lã.

— Tudo isso é muito bom, mas não é necessário — digo, colocando a xícara sobre a

mesa e conferindo as horas no relógio. Se sair agora mesmo, ainda posso chegar à escola

para o segundo tempo. — Sério, estou ótima. Acho melhor a gente voltar.

— Ever, você desmaiou — ele diz, sentando-se a meu lado, apreciando meu rosto

enquanto me faz um carinho nos cabelos.

— Essas coisas acontecem — retruco, envergonhada pelo trabalho que estou dando,

sobretudo quando sei que estou bem.

— Não sob minha supervisão — ele sussurra, deslizando os dedos para a cicatriz em

minha testa.

— Não! — exclamo e bruscamente afasto a cabeça antes que ele possa me tocar.

— Qual o problema? — ele pergunta assustado.

— Não quero que você fique gripado também — minto, nem um pouco disposta a

admitir a verdade: essa cicatriz é para mim, e só para mim. Um lembrete constante,

assegurando que eu nunca esqueça. Por isso não deixei que fizessem uma cirurgia

plástica, que "consertassem" minha testa. Não há conserto para tudo o que aconteceu.

Essa culpa é só minha. Essa dor é só minha. Por isso escondo minha cicatriz debaixo da

franja.

Mas Damen ri e diz:

— Eu nunca fico doente.

Fecho os olhos e balanço a cabeça, impaciente.

— Só faltava isso. Você nunca fica doente.

Ele pega a xícara na mesa e insiste para que eu beba. Dou um pequeno gole, mas

interrompo para dizer:

— Vejamos. Você não fica doente, mata não sei quantas aulas mas só tira dez em

todas as provas, pega um pincel e, voilà, reproduz um Picasso melhor que o próprio pintor,

cozinha tão bem quanto um chef cinco estrelas, já foi modelo em Nova York antes de se

mudar pra Santa Fé, mas depois de ter morado em Londres, na Romênia, em Paris, no

Egito... Não trabalha, é emancipado e mora nesta casa deslumbrante que só pode ter

custado muitos milhões de dólares. Tem um carro caríssimo e...

— Roma — ele diz, sério.

— O quê?

— Morei em Roma, não na Romênia, como você disse.

Reviro os olhos.

— Tanto faz. Só estou dizendo que... — As palavras param na ponta da língua.

— Sim? — Damen se inclina em minha direção. — Você está dizendo que...

Engulo em seco e desvio o olhar, subitamente aturdida com uma dúvida que há muito

vem me remoendo. Algo sobre Damen, sobre essa qualidade quase sobrenatural que ele

tem. Será que é um fantasma, como a Riley? Não, impossível, todo mundo vê o cara,

penso.

— Ever — ele diz, e toma meu rosto entre as mãos, virando-me para ele. — Ever, eu...

Mas antes que ele possa dizer qualquer palavra, pulo do sofá, jogo a manta no chão e

vou para a porta da sala, nem me dando o trabalho de virar o rosto para dizer:

— Me leve pra casa.

Vinte e seis

Damen mal tem tempo de estacionar direito quando salto do carro, corro para dentro

de casa e subo as escadas em disparada, saltando dois degraus de cada vez, rezando para

que a Riley esteja no quarto. Preciso vê-la, conversar com ela sobre os pensamentos

malucos que andam rondando minha cabeça. Riley é a única com quem posso me abrir, a

única capaz de me entender.

Procuro por ela em minha salinha de estudos, no banheiro, na varanda, gritando seu

nome, sentindo-me estranha, aflita, angustiada, tomada de um pânico que mal consigo

explicar. Mas Riley não está em parte alguma.

Então me jogo na cama e, enroscando o corpo até formar um novelo humano, revivo

toda a dor que foi perder minha irmã e meus pais.

— Ever, meu amor, você está bem? — Sabine joga a bolsa em uma cadeira e

ajoelha-se a meu lado, encostando a mão fria em minha pele suada e quente.

Fecho os olhos e faço que sim com a cabeça. Apesar do desmaio na escola e da

exaustão dos últimos dias, sei que não estou doente. Pelo menos não do jeito que ela

pensa. A situação é muito mais complicada que isso. E a cura, não tão fácil.

Fico de lado e, enxugando as lágrimas com a fronha do travesseiro, digo:

— É que... bem, às vezes... às vezes não consigo me controlar, sabe? E o tempo não

tem tornado mais fácil lidar com isso. — Sinto um nó na garganta, e as lágrimas brotam de

novo em meus olhos.

Visivelmente comovida, Sabine olha para mim e diz:

— Olha, acho que isso nunca vai passar. Essa dor pela perda, essa sensação de

vazio. Acho que a gente precisa se acostumar, sabe? Aprender a conviver com tudo isso. —

Ela sorri e enxuga meu rosto com a mão.

Depois se deita a meu lado, e para minha surpresa não me afasto dela. Apenas fecho

os olhos e me permito sentir sua dor, a minha também, até que nossos sentimentos se

misturam num só, num único martírio que parece não ter começo nem fim. E ficamos assim

por um bom tempo, chorando juntas, conversando de um modo que nunca conversamos

antes, abrindo o coração como deveríamos ter feito desde o início. Se eu não tivesse

fechado as portas para ela. Se não a tivesse mantido longe de mim.

Quando enfim se levanta para preparar o jantar, Sabine vasculha sua bolsa e diz:

— Olha só o que encontrei no porta-malas do carro. Você me emprestou logo depois

que chegou aqui, e eu acabei me esquecendo de devolver.

Ela joga um moletom pêssigo em minha direção.

O moletom do qual eu já havia me esquecido por completo.

Que só usei na primeira semana de escola.

E que estava usando na fotografia de Damen, apesar de ainda não nos conhecermos.

Chegando à escola no dia seguinte, passo direto por Damen, pela maldita vaga que

ele sempre guarda para mim, e paro o carro onde parece ser praticamente o outro lado do

mundo.

— Ficou doida? — pergunta Miles, boquiaberto. — Por que não parou lá atrás? Olha

só o tanto que a gente vai ter de andar agora!

Bato a porta do carro e sigo marchando pelo estacionamento, passando direto por

Damen, que espera por mim apoiado no BMW.

— Alô-ou! — exclama Miles, segurando meus braços à força. — Alto, moreno, bonito e

sensual a estibordo! Você passou direto por ele, o que está acontecendo? Vocês brigaram?

— Não está acontecendo nada — resmungo e continuo em frente.

Da última vez que olhei, Damen estava logo atrás de mim, mas quando chego à sala e

vou para minha carteira ele já está lá. Então visto o capuz e ligo o iPod, determinada a

ignorá-lo enquanto o sr. Robins faz a chamada.

— Ever — ele sussurra.

E eu olho direto para a frente, focada na careca precoce do sr. Robins, apenas

esperando minha vez de dizer "presente".

— Ever, sei que você está chateada. Mas posso explicar. Continuo olhando para a

frente, fingindo não escutar.

— Ever, por favor — suplica Damen.

Mas ajo como se ele nem estivesse ali. E quando o sr. Robins chega a meu nome,

Damen exala um suspiro, fecha os olhos e diz:

— Tudo bem. Mas lembre: foi você quem pediu.

De um segundo a outro um terrível uooooonc! ressoa por toda a sala e dezenove

cabeças caem sobre o tampo de suas respectivas carteiras.

As de todo mundo, menos a de Damen e a minha.

Olho assustada à volta, boquiaberta, buscando uma explicação para o que acabou de

acontecer. Depois viro o rosto para Damen, fulminando-o com o olhar.

Mas ele apenas dá de ombros e diz:

— Isto é justamente o que eu queria evitar.

— O que você fez? — Correndo os olhos pelos corpos desfalecidos, subitamente

chego a uma terrível conclusão: — Meu Deus, você os matou! Você matou todo mundo! —

berro, o coração retumbando tão alto que seguramente Damen pode ouvir.

Mas ele faz que não com a cabeça e diz:

— Poxa, Ever. Quem você acha que eu sou? Claro que não matei ninguém. Eles

estão... na hora da sesta, só isso.

Chego para a ponta da cadeira, os olhos fixos na porta da sala, arquitetando um meio

de fugir.

— Você pode até tentar, mas não irá muito longe — diz ele, com a maior calma do

mundo. — Não viu que cheguei aqui antes de você, mesmo tendo saído depois? — E cruza

as pernas, encarando-me tranquilamente.

— Você pode ler minha mente? — sussurro, e sinto o rosto queimar quando me

lembro de certos pensamentos um pouco constrangedores que tive nos últimos dias.

— Quase sempre — ele responde. — Quer dizer... Pensando bem, sempre.

— Desde quando? — Olho fixamente para ele e, enquanto uma parte de mim quer

aproveitar a primeira oportunidade para dar o fora daqui, a outra quer obter algumas

respostas antes de minha provável morte.

— Desde o primeiro dia em que a vi — ele sussurra, os olhos ainda plantados em mim,

duas fogueiras que aquecem meu corpo.

— E quando foi que você me viu pela primeira vez? — pergunto, a voz trêmula,

lembrando-me da foto sobre a mesa dele, imaginando desde quando ele vem me

perseguindo.

— Não estou perseguindo você! — Damen ri. — Pelo menos não do modo que você

está pensando.

— E por que devo acreditar nisso?

— Porque nunca menti para você.

— Está mentindo agora!

— Nunca menti sobre as questões importantes — ele diz e desvia o olhar.

— Ah, é? E aquela foto que você tirou mesmo antes de se matricular nesta escola?

Em que lugar ela vem em sua lista de questões importantes a dividir num relacionamento?

Damen exala um suspiro e, aparentemente cansado, diz:

— E em sua lista? Em que lugar vem o fato de que você lê os pensamentos dos

outros, enxerga auras e conversa com sua irmãzinha morta?

— Você não sabe nada a meu respeito. — Levanto, as mãos suadas e trêmulas, o

coração batendo a mil por hora. Corro os olhos pelos corpos inertes à volta, Stacia com a

boca escancarada, Craig roncando tão alto que chega a tremer, o sr. Robins com uma

expressão de felicidade e paz que nunca vi em seu rosto. — É a escola inteira ou só esta

sala?

— Não sei, mas acho que é a escola inteira — ele assente, sorrindo ao olhar em volta,

claramente satisfeito com seu truque de mágica.

Sem dizer mais nada, salto da carteira, corro para a porta e saio em disparada pelo

corredor, atravessando o pátio e a secretaria — onde todo mundo dorme também —, até

chegar ao estacionamento. Mas, quando enfim alcanço meu carro, encontro Damen à

minha espera, com minha mochila na ponta dos dedos.

— Eu não disse? — Ele pisca o olho e me entrega a mochila.

Parada diante dele, apavorada e suando dos pés à cabeça,
subitamente me lembro de

todos aqueles acontecimentos que apaguei da memória: Haven se
contorcendo no chão

daquele quarto horripilante, o rosto ensanguentado de Damen...
Claro, foi ele que fez

alguma coisa para impedir que eu me lembrasse de tudo isso! Sei
que não sou páreo para

alguém como ele, mas não pretendo deixar barato.

— Ever! — Damen clama, vindo em minha direção, mas para de
repente. —Você acha

que fiz tudo isso para depois matar você? — ele diz angustiado, os
olhos freneticamente

buscando os meus.

— Não era esse o plano? — digo, com os olhos surpresos.— Para a
Haven, tudo não

passou de um sonho, de um delírio gótico por causa da febre. Só eu
sei de toda a verdade.

Só eu sei o monstro que você realmente é. Só não entendo por que
você não matou nós

duas quando teve oportunidade! Por que se deu o trabalho de
apagar tudo isso de minha

memória?

— Ever, eu jamais a machucaria — ele diz, os olhos revelando dor.
—Você entendeu

tudo errado! Eu não estava tentando matar a Haven; pelo contrário, estava tentando

salvá-la Mas você não quis escutar!

— Mas vi com meus próprios olhos! Ela parecia estar quase morrendo! — Olhando

diretamente nos olhos dele, mas recusando o calor que eles emitem, aperto os lábios numa

tentativa de fazê-los parar de tremer.

— Porque ela estava quase morrendo! — ele exclama, parecendo irritado. — Aquela

tatuagem no pulso da Haven estava tão inflamada que... a estava matando. Quando você

entrou na sala, eu estava chupando o pulso dela, do mesmo modo que a gente suga o

veneno de alguém que acabou de ser picado por uma cobra!

— Sei muito bem o que vi. — Balanço a cabeça, impaciente.

Damen fecha os olhos, aperta a ponta do nariz e respira fundo antes de olhar para

mim e dizer:

— Sei que parece estranho, que é difícil acreditar em minha história. Tenho tentado me

explicar, mas você não deixa! Fiz tudo isso apenas para chamar sua atenção. Porque, Ever,

confie em mim... você entendeu tudo errado!

Ele me encara, os olhos escuros e intensos, as mãos abertas e relaxadas no ar, mas

continuo não acreditando em uma única palavra que ele diz. Em absolutamente nada.

Damen teve centenas de anos, talvez milhares, para aperfeiçoar seus truques de mágica.

Que, aliás, são incríveis, mas não passam disto: truques de mágica. Mal acredito no que

estou prestes a dizer, mas só há uma explicação possível, por mais maluca que pareça,

para tudo isto que está acontecendo.

— Por que você não volta pro seu caixão, pra sua cripta, ou pra onde quer que você

morava antes de aparecer por aqui? — Tenho a impressão de que estou sufocando, presa

a um terrível pesadelo, esperando que ele chegue logo ao fim. — Por que não vai embora e

me deixa em paz?

Damen fecha os olhos e balança a cabeça, incrédulo. Reprime uma risada, depois diz:

— Ever, não sou um vampiro.

— Ah, é? Então prove! — digo, convencida de que estou a um passo (ou uma cabeça

de alho, ou uma estaca de madeira, ou um rosário) de colocar um ponto final nesta história.

Mas ele apenas ri.

— Não seja ridícula. Vampiros não existem.

— Sei muito bem o que vi na sua casa — digo, mais uma vez me lembrando de

Haven, do sangue na boca de Damen, do quarto sinistro, sabendo que logo ele também

verá isso em minha mente. E o que dizer da amizade dele com Maria Antonieta, Picasso,

Van Gogh, Emily Brontë e Shakespeare? Essas pessoas nem viveram na mesma época!

Ele olha para mim e diz:

— Bem, só a título de curiosidade, também fui amigo de Leonardo da Vinci, Botticelli,

Francis Bacon e Albert Einstein. Além de John, Paul, George e Ringo, claro. — Percebendo

a interrogação em meu olhar, ele explica: — Os Beatles, Ever, caramba! — E, rindo,

emenda: — Poxa, agora estou me sentindo um ancião!

Fico ali, mal conseguindo respirar, aturdida, mas com juízo suficiente para recuar

quando Damen dá um passo adiante.

— Não sou vampiro, Ever. Sou um imortal. Eu reviro os olhos.

— Vampiro, imortal... que diferença isso faz? — disparo furiosa, achando ridículo

discutir rótulos em uma circunstância como esta.

— Não é tão ridículo assim — argumenta Damen —, pois há uma grande diferença.

Veja bem: o vampiro é uma criatura ficcional, existe apenas nos livros, nos filmes e, como

em seu caso, em imaginações férteis. — Ele ri. — Ao passo que eu sou um imortal. O que

significa que tenho vagado pelo mundo durante séculos, num único ciclo contínuo de vida.

Entretanto, ao contrário da fantasia que você criou na cabeça, minha imortalidade não

envolve chupar sangue de ninguém, nem sacrificar humanos, nem recorrer a qualquer outra

bestialidade que você possa ter imaginado.

De repente me lembro da estranha bebida vermelha que Damen vive tomando e me

pergunto se ela não tem alguma relação com a longevidade dele. Uma espécie de suco da

imortalidade, sei lá.

— Suco da imortalidade... — Ele ri. — Essa é boa. Imagina só as possibilidades

comerciais de uma bebida dessas! — Mas quando vê que não estou rindo, fica sério

novamente e diz: — Ever, preste atenção. Você não precisa ter medo de mim. Não sou

perigoso, muito menos o monstro que você está pensando. Jamais faria algo para

machucá-la. Sou apenas alguém que viveu por muito tempo. Tempo demais, talvez. Mas

isso não faz de mim um monstro. Sou um imortal, só isso. E receio que...

Ele ergue os braços como se fosse me abraçar, mas recuo na mesma hora, apesar

das pernas trêmulas. Não quero ouvir mais nem uma palavra do que ele tem a dizer.

— Você está mentindo! — sussurro, meu coração cheio de fúria. — Essa história toda

é doida! Você é doido!

Ele balança a cabeça e me olha com certa tristeza, como se estivesse arrependido.

Depois dá um passo adiante e diz:

— Lembra quando você me viu pela primeira vez? Aqui mesmo neste

estacionamento? Você bateu os olhos em mim e teve a impressão de que me conhecia de

algum lugar, não foi? E ontem, quando acordou do desmaio e deparou com meu rosto a um

palmo do seu. Você quase lembrou, estava a um passo de me reconhecer, mas acabou se

distraído com uma coisa qualquer, foi ou não foi?

Olho para Damen, imóvel, perplexa, intuindo exatamente o que ele vai dizer, mas me

recusando a ouvir.

— Não! — exclamo, e dou outro passo para trás, completamente tonta, prestes a

perder o equilíbrio e me esborrachar no chão.

— Fui eu quem encontrou você aquele dia, no campo. Fui eu quem trouxe você de

volta!

Balanço a cabeça sem acreditar, os olhos encharcados de lágrimas.

— Não!

— Aqueles olhos que você viu ao... voltar a si... Aqueles olhos eram meus, Ever. Eu

estava lá, bem a seu lado. Eu salvei você. Sei que você lembra. Estou lendo seus

pensamentos.

— Não! — berro, tapando as orelhas e fechando os olhos. — Pare com isso! —

continuo gritando, sem querer ouvir mais nada.

— Ever... — A voz de Damen invade meus pensamentos e sentidos.

— Sinto muito,

mas é verdade. No entanto você não precisa ter medo de mim.

Neste instante, caio de joelhos no chão, o rosto encostado nas pernas, e irrompo

numa violenta crise de choro, dessas em que a gente se sacode toda.

— Você não tinha o direito de fazer isso, de interferir dessa maneira! Agora sou uma

aberração, e a culpa é sua! Por sua causa estou presa nesta vida horrível! Por que você

não deixou que eu morresse em paz?

— Não ia suportar perder você outra vez — ele diz baixinho, e se ajoelha ao meu lado.

— Não desta vez. Não de novo.

Levanto os olhos para encará-lo. Não faço a menor ideia do que ele quis dizer, mas

também não quero saber de explicações. Já ouvi muito mais do que sou capaz de digerir e

quero que isto acabe logo. Só quero que ele me deixe em paz.

Damen balança a cabeça, mortificado com minha agonia.

— Ever, por favor, não pense que isso...

— Quer dizer então que... por um motivo qualquer você me trouxe de volta à vida

enquanto minha família inteira morria, é isso? — Olho fixamente para ele, e minha tristeza

subitamente dá lugar a uma fúria incontrollável.

— Por quê? Por que você faria algo assim? Quer dizer, se está dizendo verdade, se é

tão poderoso a ponto de ressuscitar os mortos, por que você não salvou minha família

também? Por que só salvou a mim?

Damen recua com a hostilidade de meu olhar, com as flechas de ódio que lanço na

direção dele.

— Não sou tão poderoso assim — diz. — Além disso, era tarde demais, eles já tinham

seguido adiante. Mas você... você hesitou um pouco. Achei que quisesse viver.

Então é verdade, penso com os olhos fechando, recostando-me no carro. Então

realmente a culpa é toda minha. Porque fiquei para trás, vagando naquele maldito campo,

distraída com aquelas árvores e flores que pareciam pulsar. Enquanto meus pais e minha

irmã atravessavam a ponte. E eu, burra, mordi a isca dele.

Damen olha rapidamente para mim, depois vira o rosto.

Ah, como o destino é irônico! A única vez que tenho vontade de matar alguém, essa

pessoa é, ou pelo menos se diz, imatável.

— Vá embora! — digo afinal. Arranco do pulso a pulseirinha que ganhei no hipódromo

e arremesso contra ele. Quero esquecer aquele dia, Damen, tudo! Já vi e ouvi muito mais

do que sou capaz de suportar. — Vá... embora! Nunca mais quero ver sua cara outra vez!

— Ever, por favor não diga isso se não for verdade — ele suplica, a voz incerta,

emocionada.

Coloco as mãos na cabeça, cansada demais para chorar, abalada demais para dizer o

que quer que seja. Sabendo que ele pode ler minha mente, fecho os olhos e penso:

Você falou que jamais seria capaz de me machucar, mas olhe só para o que fez!

Estragou tudo, arruinou minha vida, e pra quê? Pra que eu ficasse sozinha no mundo? Pra

que eu vivesse o restante da eternidade como uma aberração? Eu odeio você, Damen! Eu

o odeio, por tudo o que me fez! Pela aberração em que me transformou! Eu o odeio por ser

tão egoísta! Nunca mais quero botar os olhos em você!

Mantendo a cabeça entre as mãos, num balanço para a frente, contra o volante do

carro, e para trás, deixo fluírem os pensamentos que me vêm à cabeça.

Deixe que eu volte a ser uma pessoa normal. Eu imploro! Suma de minha vida e me

deixe em paz! Porque eu o odeio, eu o odeio, eu o odeio, eu o...

Quando enfim levanto o rosto, vejo que estou cercada de tulipas. Centenas de

milhares delas, todas vermelhas. As pétalas macias e sedosas refletindo o sol da manhã,

cobrindo todos os carros à minha volta. Tonta e trôpega, fico de pé e afasto as flores de

cima de mim. Nem preciso olhar para saber que quem as enviou não está mais por perto.

Vinte e sete

Foi estranho atravessar a aula de inglês sem Damen a meu lado, segurando minha

mão, sussurrando em meu ouvido, fazendo eu me desligar do mundo. Acho que fiquei de tal

modo habituada à presença dele que acabei esquecendo como Stacia e Honor podem ser

cruéis. Mas quando vejo as duas trocando sorrisinhos irônicos e torpedos (do tipo:

Aberração idiota, não foi à toa que ele se mandou), percebo que só me resta buscar refúgio

no capuz, no iPod e nos óculos escuros.

E também não posso deixar de perceber a ironia da situação. Não é que eu não tenha

entendido a piada. Pois, para alguém que teve uma crise de choro no estacionamento,

implorando ao namorado imortal que sumisse do mapa, de modo que ela pudesse ser uma

garota normal outra vez... bem, obviamente a piada sou eu.

Em minha nova vida sem Damen, todos os pensamentos ao redor, os ruídos e as

cores que a todo o instante assolam meus sentidos, são tão incômodos e avassaladores

que meus ouvidos estão sempre chiando, os olhos não param de lacrimejar e as

enxaquecas atacam tão de repente, invadindo minha cabeça, sequestrando meu corpo,

provocando tantos enjoos e tonteiças que mal consigo agir.

Engraçado. Eu estava com tanto medo de contar a Miles e Haven sobre meu

rompimento com Damen que uma semana inteira se passou sem que o nome dele sequer

fosse mencionado. E, mesmo assim, fui eu quem tocou no assunto depois. Acho que eles já

estavam tão acostumados às faltas dele que nem chegaram a estranhar este último e mais

prolongado sumiço.

Portanto, certo dia, durante o almoço, limpei a garganta, olhei para eles e dei a notícia:

— Só pra informação de vocês, Damen e eu terminamos. — E antes que eles

pudessem falar, levantei a mão e disse: — E ele foi embora.

— Embora? — ambos disseram, dois pares de olhos arregalados à minha frente, dois

queixos caídos, os dois se recusando a acreditar.

Mesmo sabendo que meus amigos estavam preocupados comigo e que eu devia a

ambos uma boa explicação, finquei o pé e dei o assunto por encerrado.

Com a sra. Machado, no entanto, não foi assim tão fácil. Alguns dias depois de Damen

ter ido embora ela se aproximou de meu cavalete e, fazendo o possível para evitar contato

visual com o desastre do meu Van Gogh, disse:

— Sei que você e Damen eram muito próximos e que deve estar difícil para você,

então achei que devia lhe dar isto aqui. Aposto que vai achar extraordinário. — E me

entregou uma tela.

Simplesmente larguei a tela no chão, apoiada sobre o cavalete, e continuei a pintar.

Claro que o trabalho de Damen era extraordinário; tudo o que ele fazia era extraordinário.

Por outro lado, uma pessoa que vagou pelo mundo durante séculos teve tempo suficiente

para aprender um monte de coisas.

— Você não vai nem olhar? — ela perguntou, surpresa com minha falta de interesse

na obra-prima que Damen havia criado a partir de outra obra-prima.

Virando-me para ela, abri um sorriso forçado e disse:

— Não, mas obrigada pelo presente.

Quando o sinal enfim tocou, fui embora com a tela debaixo do braço e a joguei no

porta-malas do carro sem ao menos dar uma espiada. E quando Miles quis saber o que era,

apenas inseri a chave na ignição e disse:

— Nada de importante.

Caramba, com isto eu não contava: a solidão que agora estou sentindo. Não me dava

conta de quanto dependia do Damen e da Riley para preencher as lacunas, para remendar

os cacos de minha vida. Embora minha irmã tivesse avisado que sumiria durante um tempo,

depois que se passaram três semanas, entrei em pânico.

Pois dizer adeus a Damen, meu namorado gato, imortal e muito possivelmente do mal,

foi mais difícil do que estou disposta a admitir. Mas dizer adeus a Riley é muito mais do que

sou capaz de suportar.

Sábado, quando Miles e Haven me convidam para acompanhá-los em sua

peregrinação anual pelo Festival de Inverno, o Winter Fantasy, não penso duas vezes antes

de aceitar. Já é hora de sair de casa, deste buraco em que me encontro, e voltar ao mundo

dos vivos. Essa será minha primeira vez no festival, e, por isso, eles mal podem esperar

para me mostrar todas as atrações.

— Não é tão bom quanto o Sawdust Festival, no verão — diz Miles, depois que

compramos nossos ingressos e atravessamos o portão.

— Porque é melhor — diz Haven, saltitando à nossa frente e virando o rosto para

sorrir.

— Bem, tirando o frio, pra mim tanto faz — diz Miles —, já que os dois têm sopradores

de vidro. E essa sempre é minha parte favorita.

— Por que será, hem? — ironiza Haven, rindo e passando o braço pelos ombros de

Miles.

Vou caminhando ao lado deles, a cabeça girando em razão de toda a energia gerada

pelo acúmulo de pessoas, de todas as cores, visões e ruídos que me cercam como em

espiral. Chego a pensar que deveria ter ficado em casa, onde tudo é quieto e mais seguro.

Visto o capuz do moletom e estou prestes a ligar o iPod quando Haven se vira para

mim e diz:

— Sério? Você realmente vai fazer isso aqui?

Em atenção a ela, e a Miles também, retiro os fones e os coloco de volta no bolso. Por

mais que eu queira blindar a confusão à minha volta, não quero que meus amigos se sintam

excluídos também.

— Andem logo, vocês duas! — diz Miles. — Vocês têm de ver o soprador de vidro! É

sensacional! — Indo atrás dele, passamos por um Papai Noel bastante convincente e por

diversos ourives, até pararmos diante de um homem que fabrica vasos multicoloridos

usando apenas a própria boca, um longo tubo metálico e fogo. —
Eu preciso aprender a

fazer isso — suspira Miles, completamente maravilhado.

Parada ao lado dele, fico olhando a espiral de cores liquefeitas que
aos poucos toma a

forma de um vaso, depois passo ao estande vizinho, onde estão
expostas umas bolsas

bastante legais.

Pesco da prateleira uma bolsa pequena marrom de couro
supermacio e penso que

pode ser um ótimo presente de Natal para Sabine, algo que ela
jamais ousaria comprar,

mas que talvez queira secretamente.

— Quanto é esta aqui? — pergunto, e estremeço quando minha voz
reverbera na

cabeça como se fosse o som interminável de um trompete.

— Cento e cinquenta.

Olhando para a vendedora (uma mulher de túnica de batique, jeans
desbotados e um

pingente de prata com o símbolo da paz), vejo que ela está
disposta a baixar o preço, e

muito. Mas meus olhos ardem tanto e minha cabeça lateja de tal
modo que não tenho

disposição para pechinchar. Na verdade, minha vontade é uma só: voltar para casa.

Devolvo a bolsa à prateleira e já vou me afastando quando a tal mulher diz:

— Mas pra você é 130.

Mesmo sabendo que ela está disposta a dar um desconto bem maior, agradeço

educadamente e sigo adiante.

Até que alguém se aproxima por trás e diz:

— Poxa, você e eu sabemos que ela chegaria a 95. Por que desistiu tão rápido?

E, quando me viro, vejo uma mulher baixinha, de cabelos muito vermelhos, cercada de

uma radiante aura púrpura.

— Ava — ela se apresenta, e estende a mão.

— Eu sei — digo, fazendo questão de não cumprimentá-la.

— Como tem passado? — ela pergunta, sorrindo como se eu não tivesse acabado de

ser incrivelmente fria e grosseira, o que me irrita ainda mais.

Dou de ombros e viro o rosto para o estande do soprador de vidros, procurando por

Miles e Haven, e sinto a primeira pontada de pânico quando não os vejo.

— Seus amigos estão na fila da barraquinha de comida mexicana.
Mas não se

preocupe, vão pedir algo para você também.

— Eu sei — digo, mesmo não sabendo de nada. Minha cabeça lateja
demais para

captar o que quer que seja.

E assim que faço menção de me afastar ela me toma pelo braço e
diz:

— Ever, quero que você saiba que minha oferta ainda está de pé.
Realmente gostaria

de ajudá-la. — Ela sorri.

Meu primeiro instinto é soltar o braço e sair correndo, para o lugar
mais longe possível,

mas assim que ela me tocou minha cabeça parou de latejar, os
ouvidos pararam de chiar e

os olhos pararam de produzir lágrimas. Mas de repente lembro
quem ela é realmente: a

mulher terrível que roubou minha irmã. Então, com uma cara de
ódio, desvencilho-me dela

e digo:

—Você não acha que já ajudou até demais? — Franzo os lábios,
encarando-a. — Já

roubou a Riley de mim, o que quer agora? — Engulo em seco,
tentando não chorar.

Ava olha para mim, as sobrancelhas franzidas de preocupação, a aura num lindo e

vibrante tom de violeta.

— Ninguém rouba uma pessoa de outra. Riley é dona do próprio nariz. Além disso,

sempre vai estar a seu lado, mesmo que você não possa vê-la — diz e ergue o braço para

me tocar novamente.

Mas não lhe dou ouvidos. Tampouco deixo que ela toque em mim novamente, por

maior que seja o efeito calmante de suas mãos.

— Olha... deixe-me em paz, tá — digo, afastando-me. — E fique longe de mim. Tudo

estava bem entre mim e Riley antes de você aparecer.

Mas ela não se mexe. Fica exatamente onde está, encarando-me daquele jeito

irritante de tão calmo.

— Sei de suas dores de cabeça — diz baixinho. — Você não precisa viver assim, Ever.

Posso ajudar, acredite em mim.

No entanto, por mais que eu queira me ver livre dessas dores, assim como do

constante ataque de pensamentos alheios, dou meia-volta e fujo em disparada, desejando

nunca mais ter de vê-la.

— Quem era aquela? — pergunta Haven, mergulhando um pedaço de tortilha no

potinho de molho enquanto me sento a seu lado e dou de ombros.

— Ninguém — sussurro, a palavra esfuziando em meus ouvidos.

— Parece com aquela vidente da festa.

Recebo o prato de comida que Miles me entrega e tiro o garfinho de plástico da

embalagem.

— A gente não sabia o que você ia querer, então pedimos um pouco de tudo — ele

diz. — Então, comprou a bolsa?

Faço que não com a cabeça e imediatamente me arrependo, pois a dor é quase

insuportável.

— Cara demais — digo, cobrindo a boca enquanto mastigo, lacrimejando com a

reverberação que se produz em minha cabeça. — E você, comprou um vaso? — Nem

preciso ler os pensamentos de Miles para saber que ele não comprou, já que não vejo

sacola alguma a seu lado.

— Não. Só gosto de ver o cara soprando aquele tubo. — Ele ri e dá um gole em sua

bebida.

— Peraí, galera. É o meu celular que está tocando? — Haven vasculha entre as

tralhas de sua bolsa enorme, quase um armário portátil.

— Claro que é o seu celular — diz Miles. — Quem mais nesta mesa teria um ringtone

de Marilyn Manson? — E dá uma mordida no recheio do taco, ignorando o taco

propriamente dito.

— Parou com os carboidratos? — pergunto, observando-o comer.

— Parei. Só porque a Tracy Turnblad é gorda não significa que eu tenha de ser

também.

Dou um gole no Sprite e olho para Haven. E quando vejo a expressão de felicidade no

rosto dela logo deduzo quem está do outro lado da linha. Ela nos dá as costas, tapa o outro

ouvido e diz:

— Caramba, achei que você tivesse sumido... Estou na rua com Miles... Ever está com

a gente, também... É, estão bem aqui do meu lado... certo. — Ela tapa o bocal do celular e,

com os olhinhos brilhando, vira-se para nós e diz: — A Drina está mandando um beijo! —

Depois espera que a gente mande de volta, mas isso não acontece. Então revira os olhos,

levanta-se da mesa e sai andando. — Eles estão mandando um beijo, também — diz.

Miles balança a cabeça e olha para mim.

— Eu não mandei beijo pra ninguém. Você mandou?

Digo que não e misturo o feijão com o arroz.

— Lá vem encrenca. — Ele olha para a Haven e novamente sacode a cabeça, em tom

de desaprovação.

Mesmo intuindo que Miles tem razão, não sei ao certo o que ele quis dizer com

"encrenca". Pois a energia deste lugar está borbulhando e rodopiando feito uma sopa

cósmica, grossa e empelotada demais para digerir.

— Como assim? — pergunto.

— Não é óbvio?

Dou de ombros, a cabeça latejando demais para ser possível captar qualquer

obviedade.

— Essa amizade entre as duas... sei lá, é muito sinistra. Quer dizer, uma paixãozinha

inocente entre duas garotas é uma coisa. Mas isso que rola entre elas? Não faz sentido

algum. É sinistro demais.

— Sinistro como? — Separo um pedaço do taco e olho para ele.

Miles afasta o arroz para o canto e dá uma garfada apenas no feijão. Só então

responde:

— Sei que o que vou dizer é horrível, mas juro que não estou falando por mal... Mas é

quase como se ela estivesse transformando a Haven numa espécie de discípula.

Arqueio as sobrancelhas.

— Discípula?

— É. Uma devota, uma adoradora, um clone, uma miniatura dela... Sei lá, isso tudo é

muito...

— Sinistro — completo.

Ele dá um gole em sua bebida, olha para Haven e depois para mim.

— Repare só como ela está igualzinha a Drina — diz. — As roupas, as lentes de

contato, os cabelos vermelhos, a maquiagem... E anda se comportando do mesmo jeito

também. Ou pelo menos tentando.

— É só isso, ou tem algo mais? — pergunto, cogitando se Miles sabe de algo

específico ou se está apenas captando uma vibe no ar.

— E precisa de mais alguma coisa? — pergunta ele, admirado.

Dou de ombros e abandono o taco no prato, já sem nenhuma fome.

— Cá entre nós, tem coisa mais sinistra que aquela tatuagem? Cara, o que é aquilo?

— sussurra Miles, virando o rosto para ver se Haven não está ouvindo. — Quer dizer, eu sei

que é um uróboro, mas o que será que isso significa pras duas? Será que é a última moda

do vampire chic? Porque Drina nem gótica é. Aliás, nem sei o que ela pretende ser, com

aqueles vestidinhos caretas de seda, com aquelas bolsas que combinam com os sapatos.

Será que é uma espécie de culto? Uma sociedade secreta? E aquela infecção nojenta?

No-jen-to. Nem um pouco normal, como ela acha. Sei não, mas acho que foi por causa

dessa infecção que ela ficou doente.

Franzo os lábios e fico olhando para Miles, sem saber direito o que dizer, o que revelar

daquilo que descobri. Por outro lado, fico me perguntando que motivos posso ter para

guardar os segredos do Damen — os quais conferem uma dimensão totalmente nova para

a palavra sinistro. Segredos que, pensando bem, não têm nada a ver comigo. Mas como

demoro muito a falar, Miles prossegue com seu discurso, fazendo com que eu mantenha o

cofre trancado, pelo menos por hoje.

— Essa coisa toda nem é... saudável — ele diz, fazendo uma careta de nojo.

— Que coisa? — pergunta Haven, acomodando-se a meu lado e jogando o celular de

volta na bolsa.

— Não lavar as mãos depois de usar o banheiro — responde Miles sem titubear.

— Era sobre isso que vocês estavam falando? — Haven olha com desconfiança para

nós dois. — Até parece que vou acreditar.

— Verdade! A Ever nunca lava as mãos, e eu estava falando dos riscos que ela está

correndo. E dos riscos que a gente está correndo por causa dela. — Miles balança a

cabeça, em tom de desaprovação, e olha para mim.

Reviro os olhos, roxa de vergonha, mesmo sabendo que se trata de uma mentira

deslavada. Haven mergulha a cabeça na bolsa e, depois de retirar uns três ou quatro

batons, um BaByliss e um monte de balinhas velhas há muito tempo sem o papel,

finalmente encontra o cantil de prata que estava procurando, desenrosca a tampa e começa

a despejar em nossos copos uma boa quantidade de um líquido transparente e sem cheiro.

— Tudo isso é muito engraçado, mas é óbvio que vocês estavam falando de mim —

ela diz e abre um sorriso. — Mas querem saber? Estou tão feliz que não vou ligar.

Ergo o braço, determinada a impedi-la de batizar meu refrigerante. Faz tempo que

jurei nunca mais botar uma gota de vodca na boca, desde aquela vez no acampamento de

verão de minha escola no Oregon, em que passei a noite inteira vomitando depois de ter

bebido mais do que devia de uma garrafa que Rachel havia contrabandeado. Mas, assim

que toco o pulso de Haven, fico apavorada ao ver um calendário pipocar à minha frente,

com o 21 de dezembro circulado em vermelho.

— Relaxe, garota! Deixe de ser careta! Se joga um pouco, vá! —
ela diz, e revira os

olhos. —Vocês não vão perguntar por que estou tão feliz?

— Não, porque você vai contar de qualquer jeito — diz Miles,
empurrando o prato

depois de ter comido toda a proteína e deixado o resto para os
pombos.

— Tem razão, Miles, vou mesmo. Mas não custa nada perguntar,
né? Bem, foi Drina

quem ligou. Ela ainda está em Nova York, entregando-se às
compras como se não

houvesse amanhã. Até comprou uns produtinhos pra mim, dá pra
acreditar? — Com os

olhos brilhando, Haven espera qualquer manifestação de
entusiasmo, mas como Miles e eu

nada dizemos, ela apenas faz uma careta e continua: — Olha, ela
mandou beijos pra vocês

dois, que não se deram o trabalho de mandar beijos de volta. Aliás,
não fiquem achando

que ela não percebeu, tá? — E depois de nos fulminar com o olhar,
diz: — Daqui a alguns

dias ela estará de volta. Acabou de me convidar pra uma festa
hiperdescolada, mal posso

esperar.

— Quando? — pergunto, fazendo o possível para não demonstrar o pânico que de

fato estou sentindo. Aposto que é no dia 21 de dezembro.

Mas Haven simplesmente sorri e balança a cabeça.

— Sinto muito, mas não posso dizer. Prometi que não ia dizer.

— Por quê? — Miles e eu perguntamos juntos.

— Porque é uma festa superexclusiva, nome na porta e tudo, e eles não querem um

bando de penetras tentando entrar.

— E por acaso é assim que você vê a gente? Como "um bando de penetras"?

Haven dá de ombros e toma um demorado gole de sua bebida.

— Isto está errado! — protesta Miles. — Somos seus melhores amigos, então, por lei,

você tem de contar tudo pra gente!

— Não desta vez — diz Haven. — Jurei que não contaria. Mas estou tão pilhada que

acho até que vou explodir!

Tento captar algo dos pensamentos dela, mas não consigo. Minha cabeça dói demais,

meus olhos estão lacrimejando muito e as auras de todo mundo se confundem numa só.

Nem me lembro da vodca quando dou um gole no refrigerante, que desce arranhando pela

garganta, viaja por minha corrente sanguínea e imediatamente me deixa tonta.

Preocupando-se ao ver minha cabeça balançar, Haven pergunta: — Você ainda está

doente? Melhor pegar leve, então. Talvez ainda não esteja totalmente curada.

— Curada do quê? — Olho rapidamente para ela, tomo um segundo gole de Sprite,

depois um terceiro, meus sentidos perdendo o fio a cada nova golada.

— Da gripe! Da febre! Dos sonhos! Lembra aquele dia em que você desmaiou na

escola? Falei que o enjoo e as tonteiras eram só o início, não falei? Aliás, se você tiver os

sonhos, prometa que vai me contar, porque eles são irados!

— Que sonhos?

— Eu não lhe contei sobre os meus?

— Não com detalhes. — Depois de mais um gole, observo que, apesar da tonteira,

minha cabeça está mais clara, mais focada, aos poucos livrando-se das visões, das cores,

dos ruídos e dos pensamentos alheios.

— Foi muito frenético! Não vá ficar brava comigo, mas o Damen estava em alguns

deles. Não que algo tenha rolado entre a gente, não foi um sonho daqueles. Na verdade,

ele estava me defendendo, tipo assim, lutando contra as forças do mal pra me salvar, sabe?

Muito bizarro. — Ela ri. — Ah! por falar nisso, Drina esteve com ele em Nova York.

Olho fixamente para Haven e sinto um frio repentino no corpo inteiro, apesar da vodca

que corre no sangue. Mas quando dou outro gole o frio vai embora, levando junto minha dor

e minha aflição.

Então bebo mais um pouquinho.

E um pouquinho mais.

Depois digo, apertando os olhos:

— Por que foi que você me contou isso? Mas Haven apenas dá de ombros e diz:

— Ah, foi Drina que mandou falar.

Vinte e oito

Depois do festival, voltamos ao carro de Haven, damos uma rápida passada na casa

dela para reabastecer o cantil e seguimos para a cidade. Estacionamos numa rua qualquer,

entupimos o parquímetro de moedas e nos precipitamos avançando
trôpegos pela calçada,

um do lado do outro, braços entrelaçados, fazendo com que os
pedestres desviem de nós,

cantando "(You Never) Cal Me When You're Sober" a plenos
pulmões. Completamente

desafinados. E quase molhando as calças de tanto rir quando
alguém passa por nós e torce

o nariz.

Ao passarmos diante de uma dessas livrarias New Age que dão
consultas de tarô,

reviro os olhos e finjo que nem a vi, feliz da vida por não mais fazer
parte desse mundo,

graças aos efeitos da vodca. Enfim, livre.

Atravessamos a rua e vamos para a praia. Mais ou menos na altura
do Hotel Laguna

nos esborrachamos na areia e ali ficamos, completamente tontos,
braços e pernas

entrelaçados, passando o cantil de mão em mão até esvaziá-lo por
inteiro.

— Droga! — resmungo e jogo a cabeça para trás, dando tapinhas
no cantil, tentando

extrair dele a última gota.

— Fique fria, garota — diz Miles. — Curta a onda e relaxe.

Mas não quero relaxar. E já estou curtindo a onda. Só quero ter certeza de que ela vai

continuar. Agora que minha mediunidade foi para o espaço, faço questão de que ela fique

por lá.

— Querem ir lá pra casa? — digo, enrolando a língua, torcendo para que Sabine

esteja fora, para que a gente possa tomar a vodca que sobrou do Hal oween e continuar

com nossa festinha.

— Sem chance — diz Haven, fazendo que não com a cabeça. — Estou um lixo. Acho

até que vou largar o carro na rua e voltar engatinhando pra casa.

— E você, Miles? — digo, quase suplicando, não querendo que a festa acabe. Esta é

a primeira vez que me sinto assim, tão leve, tão livre e tão normal, desde que... bem, desde

que o Damen foi embora.

— Não vai dar — ele diz. — Jantar em família. Sete e meia em ponto. Gravata

opcional. Camisa de força obrigatória. — Às gargalhadas, cai para trás na areia, e Haven se

joga por cima dele.

— Mas, e eu? Vou fazer o quê? — Cruzo os braços e olho torto para meus amigos,

que riem e rolam na areia, sem nem ouvir o que acabei de dizer.

Na manhã seguinte, embora tenha dormido mais que a cama, o primeiro pensamento

ao abrir os olhos é: Minha cabeça não está latejando!

Pelo menos, não do modo habitual.

Depois rolo para o lado e pesco a garrafa de vodca que escondi debaixo da cama,

ontem à noite. Dou um gole demorado e fecho os olhos para saborear o quentinho do

álcool, primeiro na língua, depois na garganta.

E quando Sabine coloca a cabeça para dentro de meu quarto a fim de ver se já

acordei, fico em êxtase ao constatar que não vejo nem uma pontinha de aura em torno dela.

— Estou acordada! — Rapidamente escondo a garrafa sob o travesseiro, salto da

cama e corro para abraçar minha tia, ansiosa para ver que tipo de energia será trocada

entre nós, feliz da vida quando nada acontece. — O dia está lindo, não está? — digo e abro

um sorriso, os lábios ainda um pouco anestesiados, custando a obedecer.

Sabine olha para a janela, depois para mim.

— Se você está dizendo... E dá de ombros.

Olhando pelas vidraças da varanda vejo que o dia está cinzento e chuvoso. De

qualquer modo, não estava me referindo ao tempo. Estava pensando em mim mesma.

Na nova Ever. Na versão melhorada de Ever. A Ever normal, que só vê, ouve e sente

o que todo o mundo vê, ouve e sente.

— Esse tempinho me faz lembrar o Oregon... — digo, tiro minha camisola e vou para o

chuveiro.

Assim que entra no carro, Miles olha para mim de cima a baixo e diz:

— Que diabos deu em...

Olho para minhas roupas (minissaia jeans, suéter e sapatilhas de balé; relíquias que

Sabine guardou de minha vida antiga) e gosto do que vejo, sorrindo.

— Sinto muito, mas não entro no carro de estranhos — ele diz e abre a porta,

ameaçando sair.

— Sou eu, juro! Palavra de honra! Até onde eu sei, pelo menos — retruco às

gargalhadas. — E feche logo essa porta! Não quero ninguém caindo do meu carro, fazendo

a gente se atrasar!

— Não estou entendendo lhufas — continua Miles, boquiaberto. — Quer dizer, quando

foi que isso aconteceu? Como aconteceu? Ainda ontem você praticamente usava uma

burca, e agora parece que assaltou o armário de Paris Hilton!

Olho para ele em tom de reprovação.

— Com muito mais classe, claro — diz Miles.

Sorrio e piso fundo no acelerador. As rodas do Miata derrapam no asfalto molhado e

só voltam ao normal quando lembro que não posso mais contar com meu radar interno e

Miles começa a berrar.

— Caramba, Ever, que foi que deu em você? Nossa, você ainda está chapada?

— Claro que não! — respondo, talvez um pouco rápido demais. — É que... resolvi sair

da concha, sabe? Só isso. Sou um pouquinho tímida nos primeiros... muitos... meses —

digo rindo. — Mas pode acreditar. Esta é a Ever de verdade. — Só espero que ele caia em

minha conversa.

— Mas você tinha de escolher logo o dia mais horrível e mais chuvoso do ano pra sair

da concha?

— Pra mim o dia está lindo, Miles. Você nem calcula quanto. Essa chuva me faz

lembrar o Oregon.

Quando enfim chegamos ao estacionamento, paro na primeira vaga que encontro e

salto do carro, seguida de Miles; nossas mochilas fazem às vezes de guarda-chuvas e

nossos passos fazem com que a lama respingue em nossas pernas. Ao ver Haven

tremendo de frio, gotejante, minha vontade é de sair pulando de alegria sob uma marquise

porque não enxergo aura nenhuma nela.

— Meu Deus, Ever, que foi que...— ela diz, olhos arregalados me olhando de cima a

baixo.

— Vocês dois precisam aprender a terminar suas frases — brinco.

— Estou falando a sério, quase não a reconheci! — ela exclama, ainda chocada.

Miles dá uma risada, passa os braços sobre nossos ombros e nos conduz para dentro.

— Não ligue, não — diz. — É que pra Miss Oregon aqui o dia está lindo.

Chegando à aula de inglês, respiro aliviada por não estar vendo ou ouvindo algo que

eu não deveria. Stacia e Honor estão cochichando uma com a outra, fazendo caretas para

minhas roupas, meus sapatos, meus cabelos e até minha maquiagem, mas passo direto por

elas, na maior tranquilidade. Sei que estão falando horrores a meu respeito, mas não

escuto esses horrores, o que faz toda a diferença. E quando as vejo olhando para mim

outra vez, sorrio e fico dando tchauzinho até que elas, assustadas, deixam-me em paz.

No entanto, na aula de química, no terceiro tempo, quase não sinto mais a onda do

álcool. No lugar dela, uma avalanche de ruídos, cores e visões que por pouco não me

sufocam.

A certa altura levanto a mão e peço permissão para sair ao corredor, já

completamente sufocada ao atravessar a porta.

Cambaleando, vou para meu armário e tento lembrar a combinação de números para

destrancá-lo.

Será 24-18-12-3? Ou 12-18-3-24?

Olho à volta no corredor, a cabeça latejando, os olhos lacrimejando, e subitamente me

lembro da sequência correta: 18-3-24-12. Reviro a pilha de livros e papéis, jogando-os no

chão sem o menor cuidado, fazendo com que tudo fique em volta dos meus pés, até

encontrar a garrafa de "água" que escondi entre eles, já pressentindo o delicioso alívio que

está por vir.

Destampo a garrafa, jogo a cabeça para trás e dou um longo gole, seguido de outro, e

mais outro, e mais outro. Torcendo para que a onda dure pelo menos até o almoço, dou o

último gole quando escuto:

— Espere aí. Sorria. Não? Tudo bem. Já consegui o que queria.

E quase tenho um treco quando viro o rosto e dou de cara com Stacia, exibindo a foto

que acabou de tirar. Lá estou eu no visor, perfeitamente focada, entornando vodca goela

abaixo.

— Quem diria que você é tão fotogênica, hem? É tão raro termos a chance de ver

você sem ser escondida debaixo daquele capuz... — ela diz sorrindo, olhando para mim de

cima a baixo.

Fico olhando para ela e, embora meus sentidos estejam anestesiados pelo álcool, sei

exatamente quais são as intenções da garota.

— Pra quem você quer que eu mande primeiro? Sua mãe? — Stacia arqueia as

sobrancelhas e tapa a boca como se estivesse horrorizada. — Ai, não, desculpe, meus

pêssames. Mas e se eu mandasse para sua tia? — Ou então posso mandar pra um de seus

professores, o que você acha? Ou talvez pra todos eles? Não? É verdade, melhor mandar

direto pro diretor, né? Um só coelho, uma só cajadada. Não tem erro. É morte certa, como

dizem.

— Isto aqui é uma garrafa de água — digo. Recolho os livros do chão e os jogo de

volta no armário com toda a displicência que consigo fingir, como se não estivesse nem um

pouco preocupada; sei que ela tem muito mais capacidade de captar medo que um cão

farejador. — O que você tem aí é uma foto minha bebendo água. Qual o problema?

— Água? — Ela ri. — Sei. Muito original de sua parte, devo acrescentar. Ninguém

nunca pensou nisso antes, esconder vodca numa garrafa de água mineral... — Ela revira os

olhos. — Ah!, poupe-me, Ever. Seus dias nesta escola estão contados. Basta um único

testequinho de bafômetro e... Adeus, Bay View; olá, "Escola para Perdedores e Viciados".

Olhando para Stacia à minha frente, tão segura de si, tão petulante, sei que ela está

com a faca e o queijo na mão, pois me pegou literalmente com a boca na botija. Mesmo que

as evidências pareçam apenas circunstanciais, tanto ela quanto eu sabemos que não são.

Ambas sabemos da verdade.

— O que você quer? — pergunto afinal, quase sussurrando. Sei que todos têm um

preço, e ao longo do último ano ouvi pensamentos e tive visões suficientes para saber que

Stacia também tem o seu.

— Pra início de conversa, quero que você pare de me aporrinhar — ela diz, cruzando

os braços diante do peito e afundando a câmera sob a axila, longe de meu alcance.

— Mas não aporrinho você — digo, já enrolando um pouco a língua.
— É você que me

aporrinha.

— Au contraire. — Ela me observa, sorrindo, mas me execrando com o olhar. — Ter

de olhar pra sua cara todo santo dia já é uma grande aporrinhação.

— Você quer o quê? Que eu peça transferência pra outra turma de inglês? —

pergunto, ainda com a maldita garrafa nas mãos, sem saber ao certo o que fazer com ela:

guardar de volta no armário ou escondê-la na mochila. De um jeito ou de outro, Stacia vai

me dedurar, e a garrafa será confiscada.

— Você sabe que ainda me deve um vestido novo, não sabe? Desde aquele dia em

que me atropelou feito uma louca neste mesmo corredor.

Então é isso: chantagem. Ainda bem que ganhei aquele dinheiro todo no hipódromo.

Vasculho minha mochila e retiro a carteira, nem um pouco incomodada em

reembolsá-la se for para colocar um ponto final nessa história.

— Quanto é? — pergunto.

Ela me encara durante um tempo, calculando o tamanho do rombo que poderá fazer.

— Bem, como eu disse antes, era um vestido de marca, difícil de substituir, então...

— Cem dólares? — digo e tiro um Ben Franklin da carteira.

Stacia revira os olhos e diz:

— Até entendo que você não tenha a menor noção de moda, mas sinto muito, amor,

você vai ter de aumentar essa sua oferta. Isso aí não dá nem pra começar — ela diz, os

olhos fixos em meu bolo de dinheiro.

Sabendo que os chantageadores nunca se dão por satisfeitos e sempre voltam em

busca de mais, acho prudente lidar com isso agora, antes que vá longe demais.

— Olhe só, amor — digo sorrindo, lembrando-me do que vi no dia de nossa trombada.

— Nós duas sabemos que você comprou aquele vestido numa ponta de estoque de beira

de estrada, quando voltava de Palm Springs para casa. Vou reembolsar o que pagou: 85

dólares, se não me falha a memória. Portanto, pega logo esta nota de 100 e pode ficar com

o troco.

Ela me olha de cima a baixo, abre um sorriso forçado e enfim pega a nota,

guardando-a no bolso. Depois olha de relance para a garrafa em minhas mãos e diz:

— Então, não vai me oferecer um drinque?

Se ontem alguém tivesse dito que hoje eu estaria escondida no banheiro da escola,

enchendo a cara com Stacia Mil er, eu jamais acreditaria. No entanto, é exatamente isso

que fiz. Fomos juntas para o banheiro e nos agachamos num cantinho para entornar uma

garrafa de água mineral recheada de vodca.

Nada como dividir vícios e segredinhos para aproximar as pessoas. E quando Haven

entrou e nos encontrou assim, arregalou os olhos e disse:

— Que borra é essa aqui?

Dobrando-me de tanto rir, deixei o corpo cair no chão, enquanto Stacia, enrolando a

língua, os olhos quase fechando, disse:

— Ih. A góxxxxica chegou. Zentaí.

— Por acaso perdi alguma coisa? — pergunta Haven, encarando-nos com uma

expressão de desconfiança. — Isso é pra ser engraçado?

Falou de um jeito tão sério, tão autoritário, tão ridículo e tão não divertido que só nos

fez rir ainda mais. Depois, pisando firme, saiu do banheiro e bateu a porta. Stacia e eu

imediatamente voltamos a beber.

No entanto, só porque enchi a cara com ela no banheiro, isso não significa que agora

tenho acesso à mesa dos VIP's. Nem me dou o trabalho de tentar. Vou direto para meu

lugarzinho de sempre, tão tonta e confusa que leva um tempinho até eu perceber que não

sou bem-vinda ali também.

Despejo o corpo no banco, arrasto os olhos para Haven e Miles e desando a rir, por

nenhum motivo aparente. Pelo menos não para eles. Se os dois pudessem ver a própria

cara, aposto que estariam rindo também.

— Que foi que deu nela? — pergunta Miles, largando o roteiro que estava lendo.

— Está chapada — responde Haven, séria. —Totalmente chapada. Peguei a garota

entornando uma garrafa de vodca no banheiro. E sabe com quem, com tanta gente pra

escolher? Stacia Mil er.

Miles deixa o queixo cair e enruga a testa de um jeito tão engraçado que não me

contenho: caio na gargalhada outra vez.

E percebendo que não fico quieta, ele se aproxima do banco, aperta meu braço e diz:

— Shhh! — Olhando à volta para ver se ninguém está ouvindo, continua: — Sério,

Ever, pirou de vez? Caramba! Desde que o Damen foi embora você anda tão...

— Tão o quê? — Puxo o braço com tanta força que perco o equilíbrio e por muito

pouco não vou ao chão, mas me ajeito a tempo de ver Haven balançar a cabeça com uma

expressão de censura. —Vá, Miles, desembuche — digo, olhando para ele. — E você

também, Haven, desembuche aí. — Mas a língua está tão pesada que as sílabas se

misturam num arrastado disimbuje.

— Você quer que a gente disimbuje? — pergunta Miles. — Tudo bem, mas seria ótimo

se a gente soubesse o que isso significa. — Ele vira para Haven. — Você sabe o que quer

dizer disimbuje?

— Parece alemão — ela diz, olhando torto em minha direção.

Reviro os olhos e levanto para ir embora, mas as pernas não me obedecem e caio de

joelhos no chão.

— Aaaaai! — grito e me jogo de volta no banco, abraçando as pernas, os olhos

apertados pela dor que eu sinto.

— Vá, beba um pouquinho disto aqui. — Miles oferece sua garrafa de isotônico. — E

pode ir passando as chaves. Nem morto que eu vou entrar num carro com você nesse

estado.

E não entraria mesmo. Miles volta sozinho para casa, dirigindo o Miata.

E eu com minha tia Sabine.

Ela me acomoda no banco do carona, vai para a direção e arranca com o carro. Assim

que atravessa o portão do estacionamento, balança a cabeça, em reprovação, e, muito

séria, diz:

— Expulsa? Um dia você está na lista de honra da escola e no outro é expulsa! Como

é que se explica uma mudança dessas?

Fecho os olhos e pressiono a testa contra a janela, aproveitando o friozinho do vidro

na pele.

— Não fui expulsada — resmungo. — Fui suspensa, lembra? Foi você mesma que

conseguiu a redução de pena. Aliás, com muita competência. Agora sei por que ganha

tanta grana como advogada. — Olho pelo canto do olho para Sabine, a tempo de ver o

efeito das palavras que acabo de dizer: no rosto dela, a expressão de preocupação logo dá

lugar a outra, de espanto e ofensa, de um modo que nunca vi. E mesmo sabendo que

deveria estar arrasada de vergonha e culpa, a verdade é que... bem, não fui eu quem pedi

para ela litigar em minha defesa, alegando circunstâncias atenuantes, dizendo que meu

comportamento deveria ser analisado sob o prisma da gravidade de minha situação, do

custo emocional impingido a alguém que recentemente perdeu toda a família.

Ainda que tenha agido de boa-fé, acreditando em cada palavra do que disse, isso não

significa que ela tenha dito a verdade.

Pois a verdade é: por mim, ela não teria movido uma palha sequer para impedir minha

expulsão.

Quando me pegaram diante do armário, a onda da vodca passou imediatamente e os

acontecimentos do dia voltaram à minha cabeça feito o trailer de um filme que eu preferiria

não ver: desde o momento em que me esqueci de fazer Stacia deletar a foto até a conversa

que tive com o diretor da escola, quando soube que a denúncia havia sido feita por Honor e

que Stacia havia voltado para casa depois de uma terrível "intoxicação alimentar". Mas não

antes de pedir a Honor que entregasse a foto e relatasse sua "preocupação" ao diretor

Buckley.

Devo admitir: mesmo tendo consciência da grande encrenca em que me meti, ou

melhor, enorme, e das consequências permanentes que terei de enfrentar (Isso estará para

sempre em seu currículo!), não posso deixar de tirar o chapéu para Stacia. Ora, a garota

não só cumpriu com a promessa de me destruir, sujando minha barra tanto na escola

quanto com minha tia, como também voltou para casa 100 dólares mais rica e ainda por

cima livre das encrencas em que se meteria! Isso não deixa de ser admirável.

Pelo menos de um modo calculista, sádico e sinistro.

Por outro lado, graças aos esforços coletivos de Stacia, Honor e do sr. Buckley,

amanhã não tenho de ir à escola. Nem depois de amanhã. Nem no dia seguinte. O que

significa que terei a casa toda só para mim, o dia inteiro, todos os dias: a privacidade de que

preciso para continuar bebendo e exercitando minha tolerância. Pelo menos enquanto

Sabine estiver no escritório.

Porque, agora que encontrei o caminho para a paz, não vou deixar que ninguém se

meta nele.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — ela pergunta, sem saber como lidar

comigo. — Será que agora vou ter de esconder toda a bebida de casa? Colocar você de

castigo? — Ela balança a cabeça em desaprovação. — Ever, eu estou falando com você! O

que deu em você hoje, Ever? O que está se passando em sua cabeça? Quer que eu arrume

alguém para ajudar você? Se quiser, conheço um excelente terapeuta especializado em

casos de luto como o seu.

Nem preciso virar o rosto para saber que Sabine está olhando para mim; sinto na pele

a preocupação que emana do rosto dela. Mas fecho os olhos e finjo que estou dormindo.

Afinal, que explicação eu poderia dar? Como despejar nos ombros de minha tia toda essa

história maluca sobre auras, visões, espíritos e ex-namorado imortal? Embora ela tenha

contratado uma vidente para o Hal oween, fez isso apenas de brincadeira, um modo

inocente de animar a festa. Sabine é dessas pessoas que pensam só com o lado esquerdo

do cérebro: é racional, organizada, tem um compartimento para tudo na vida, vê as coisas

ora em preto, ora em branco, evitando o cinza ao máximo. E se viesse a saber de todos os

meus segredos (caso eu fosse estúpida a ponto de revelá-los), seguramente faria mais do

que arrumar alguém para me ajudar, não pensaria duas vezes antes de me internar em um

hospício.

Tal como prometido, Sabine esconde todas as bebidas alcoólicas da casa antes de

sair para o trabalho, mas, assim que ela vira as costas, busco na despensa todas as

garrafas de vodca que sobraram do Halloween, que ela havia guardado em uma prateleira

alta e das quais nem se lembrava mais. Subo com elas para o quarto e me joga na cama,

feliz da vida com as três semanas inteiras sem aula. Vinte e um dias, longos e gloriosos,

estendidos à minha frente como um banquete diante de um gato faminto. Uma semana por

causa da suspensão e outras duas por conta das férias de inverno, providenciais. E

pretendo aproveitar cada segundo, apenas vendo a vida passar, atravessando os dias num

único torpor embalado a vodca.

Recostada no travesseiro, abro a primeira garrafa com a firme intenção de saborear

cada gole, deixando que o álcool percorra todo o caminho entre a garganta e a corrente

sanguínea para só depois dar o gole seguinte. Nada de pressa, nada de afobação. Apenas

um fluxo lento e contínuo de goles até que minha cabeça se acalme novamente e o mundo

volte a brilhar. Até que o álcool me transporte a um lugar bem mais feliz do que este. A um

mundo sem lembranças. A uma história de vida sem perdas.

A um lugar em que vejo apenas o que está lá para ser visto.

Vinte e nove

Na manhã do dia 21 de dezembro desço à cozinha e, apesar da ressaca

avassaladora, da cabeça que roda e da vista embaralhada, dou uma de atriz e preparo meu

café da manhã normalmente: quero que a Sabine vá trabalhar convencida de que tudo está

bem, de modo que eu possa voltar ao quarto e novamente me anestésiar de vodca.

Assim que ouço o barulho do carro dela na garagem, despejo o cereal no triturador da

pia, subo para o quarto, tiro a garrafa que escondi debaixo da cama e a abro, contando os

segundos para dar o primeiro gole do dia e afogar nele minhas dores, ansiedades e medos,

esvaziando a mente por completo.

Por algum motivo, no entanto, não consigo parar de olhar para o calendário sobre a

escrivadinha, a data de hoje saltando do papel, gritando e acenando para mim, só faltando

me cutucar. Então pulo da cama e paro diante dele, do quadradinho vazio que não marca

nenhum compromisso, nenhum aniversário, nenhuma tarefa a cumprir, nada, a não ser as

palavras SOLSTÍCIO DE INVERNO em letras miúdas, informação importante para quem fez o

calendário, mas não para mim.

Volto para a cama, afundo a cabeça em um monte de travesseiros empilhados e dou

mais um longo gole na garrafa, fechando os olhos ao sentir o quentinho gostoso que corre

por minhas veias e cala os ruídos da mente — o que Damen costumava provocar apenas

com o olhar.

Dou mais um gole, depois outro, rápido demais, nem um pouco preocupada em

cumprir o que havia prometido a mim mesma menos de 24 horas antes. Mas agora que tirei

do baú a lembrança de Damen faço questão de apagá-la novamente. Então continuo a

beber, gole atrás de gole, engasgando aqui, tossindo acolá, até que finalmente consigo

dormir, e a imagem de Damen evapora.

Quando acordo, percebo uma estranha sensação de paz e segurança, uma alegria

interior que só os apaixonados conhecem. Como se eu estivesse cercada apenas de raios

dourados de sol, muito segura, protegida, feliz. Então fecho os olhos com força,

determinada a permanecer nesse mesmo lugar, a prolongar esse momento de felicidade

para sempre. Até que sinto uma cosquinha na ponta do nariz, quase imperceptível, e

novamente abro os olhos, saltando da cama logo em seguida, os braços recolhidos contra o

peito, o coração em disparada. Quando observo, sobre meu travesseiro, uma pluma preta.

A mesma pluma que usei na fantasia de Maria Antonieta.

A que Damen guardou como lembrança.

E agora tenho certeza de que ele esteve aqui.

Vendo as horas no relógio, custo a acreditar que pude dormir tanto. E ao correr os

olhos pelo quarto vejo, pendurada em uma das paredes, a pintura que eu havia deixado no

porta-malas do Miata, colocada ali para que eu visse. No entanto, não é a versão de Damen

para Mulher de Cabelos Amarelos, tal como eu pensava, mas a imagem de uma garota de

pele muito branca e cabelos claros correndo através de um cânion escuro e nebuloso.

Igualzinho ao cânion dos meus sonhos.

E sem saber por quê, pego meu casaco, calço o primeiro par de chinelos que encontro

e corro para o quarto de Sabine. Pego as chaves do meu carro, que ela havia escondido

numa gaveta, e desço às pressas para a garagem, sem fazer a menor ideia de minha

motivação, muito menos do destino que devo tomar.

Sigo pela Pacific Coast Highway rumo ao norte e vou direto para o centro de Laguna

Beach. Costurando o tráfego geralmente engarrafado diante da praia, desviando da

multidão de pedestres, viro na Broadway. Assim que consigo me livrar do movimento das

ruas, piso fundo no acelerador, sempre obedecendo a meus instintos. A certa altura, já

muito longe do centro, dobro à direita antes de cortar um carro, paro no estacionamento da

reserva ambiental, desço do carro e coloco nos bolsos as chaves e o celular antes de seguir

pela trilha à frente.

A neblina está espessa, dificultando a visão, e apesar da voz que me aconselha a

voltar para casa, dizendo que é loucura andar sozinha numa escuridão dessas, não consigo

parar: impelida por uma força que não sei de onde vem, sigo adiante como se meus pés se

movessem por conta própria e não me restasse opção além de obedecer.

Enterro as mãos nos bolsos do casaco, tilintando de frio, e avanço na trilha,

tropeçando aqui e ali, sem fazer a menor ideia de onde ela vai dar, até agora sem qualquer

destino em mente. Só vou saber quando chegar.

De repente, dou uma topada contra uma pedra e caio no chão, uivando de dor. Mas

quando o celular toca os uivos já deram lugar a um mero gemido.

— Sim — digo, ofegando ao me esforçar para ficar de pé.

— É assim que você atende ao telefone agora? Comigo não está funcionando, não.

— Fale, Miles. — Espano a terra que ficou em mim e continuo pela trilha, agora com

um pouco mais de atenção.

— Eu só queria dizer que você está perdendo o maior babado. E como agora todo o

mundo sabe que você é chegada a um agito, achei que devia chamá-la. Pra falar a verdade,

eu nem devia esperar muito, pois a parada é mais engraçada que divertida. Digo, você tinha

de ver, um bando de góticos, centenas deles, enchendo o cânion de ponta a ponta. Parece

até uma convenção de dráculas ou algo do tipo.

— A Haven está aí também? — pergunto, sentindo um súbito frio no estômago ao

mencionar o nome dela.

— Está, procurando pela Drina. Lembra a tal festa sobre a qual ela não queria contar?

Pois é. É isto aqui. A garota não consegue guardar segredo, nem os dela mesma.

— Achei que elas não estivessem mais nessa onda de gótico.

— A Haven também. Está pê da vida porque não se vestiu adequadamente.

Chegando ao topo de uma colina, avisto um vale inundado de luz.

— Você falou que está num cânion, não falou?

— Falei.

— Pois é, eu também. Quer dizer, estou quase chegando — digo, e vou descendo

pela encosta da colina.

— Peralá. Você está aqui?

— Estou. Caminhando em direção à luz.

— Passou pelo túnel antes? Hahaha... Entendeu? Túnel, luz? — E quando percebe

que eu não respondi, continua: — Mas, peraí, como foi que você ficou sabendo da parada?

Bem, acordei meio chapada com uma pluma fazendo cócegas em meu nariz e um

quadro sinistro pendurado em uma parede do quarto, então fiz o que qualquer maluco faria

em meu lugar: peguei um casaco, calcei os chinelos e saí por aí, dirigindo de camisola!

Sabendo que não posso dizer nada disso, fico muda, o que deixa Miles ainda mais

desconfiado.

— Foi Haven que lhe contou, não foi? — ele pergunta. — Pois ela jurou que só tinha

contado pra mim. Quer dizer, não me leve a mal, mas...

— Não, Miles. Juro que não foi ela quem contou. Simplesmente fiquei sabendo. Enfim,

estou quase chegando, a gente se vê daqui a pouco... isto é, se não me perder na neblina.

— Neblina? Mas não tem neb...

Mas antes que ele possa terminar o telefone é bruscamente arrancado de minha mão.

— Olá, Ever — diz Drina, sorrindo. — Falei que a gente iria se encontrar de novo.

Trinta

Sei que devo correr, gritar, fazer alguma coisa. No entanto, não consigo sair do lugar,

os chinelos de borracha pregados ao chão como se tivessem criado raízes. E mantenho os

olhos grudados em Drina, perguntando-me não só como vim parar aqui mas também o que

a garota terá em mente.

— O amor é uma grande cilada, não acha? — Sorrindo, com a cabeça inclinada para o

lado, ela me olha de cima a baixo.—Justo quando você encontra o homem de seus sonhos,

um cara que parece bom demais pra ser verdade, você descobre, de uma hora pra outra,

que ele é mesmo bom demais pra ser verdade! Pelo menos, pra você. E dali a pouco se vê

sozinha, arrasada e, vamos combinar, chapada a maior parte do tempo. Mas devo

confessar: me diverti muito acompanhando essa sua derrocada para o mundo dos vícios

juvenis. Tão previsível, tão... clichê. Entende? Uma mentirinha aqui, outra ali, os pequenos

furtos, as portas trancadas... Toda a sua energia direcionada para descolar uma biritá. O

que facilitou, e muito, minha vida. Pois a cada gole que dava você enfraquecia suas

defesas. Bloqueava os estímulos externos, tudo bem, mas também ficava mais vulnerável,

mais aberta, mais fácil de manipular. — Ela aperta meu braço, as unhas afiadas cravadas

em meu pulso, e me puxa para perto. Tento me desvencilhar, mas não consigo. Drina é

monstruosamente forte.

— Ah!, os mortais. — Ela contrai os lábios. — Alvos sempre tão fáceis! Adoro brincar

com vocês! Por acaso você acha que montei todo este circo pra nada? Claro, poderia ter

optado por algo mais simples. Poxa, se quisesse, teria acabado com você lá em seu quarto,

quando ainda estava preparando o terreno. Teria sido bem mais rápido e menos trabalhoso.

Por outro lado, nem de perto seria tão divertido. Pra nós duas, não acha?

Com os olhos ainda cravados em Drina, não posso deixar de notar a perfeição do

rosto dela, o corte igualmente perfeito dos cabelos e do vestido de seda preta, justo e solto

nos lugares certos, tudo isso acentuando uma beleza de tirar o fôlego. E quando ela corre a

mão pelos cabelos vermelho-cobre, vejo o uróboro tatuado no pulso, que some um segundo

depois, no tempo em que pisquei os olhos.

— Então, vejamos. Você achou que era o Damen quem a estava chamando aqui,

convocando sua presença, contra sua vontade. Sinto muito decepcioná-la, Ever, mas sou

eu quem está por trás de tudo isso, de toda essa encenação. Simplesmente adoro o dia 21

de dezembro, você não? O solstício de inverno, a noite mais longa do ano, com todos

aqueles góticos ridículos festejando num cânion qualquer. — Ela faz que não está nem aí,

seus elegantes ombros subindo e descendo, revelando o uróboro ora sim, ora não. —

Desculpe se fui teatral demais. Mas é isso que torna a vida mais interessante, concorda

comigo?

Novamente tento me desvencilhar, mas Drina crava as unhas ainda mais fundo, por

pouco não tirando sangue de meu braço.

— Digamos que eu decidisse soltá-la — ela continua. — O que você faria? Fugiria de

mim? Sou muito mais rápida. Gritaria por sua amiga? Ops, não vai dar. Haven nem está

aqui. Parece que mandei sua amiga pra festa errada, no cânion errado. Neste exato

momento, está andando de um lado pro outro feito uma barata tonta, procurando por mim

no meio daquela multidão de pretensos vampiros! — Ela ri. — Achei que você gostaria de

um encontro mais íntimo. — Ela de novo olha para mim de cima a baixo. — Hoje você é

minha convidada de honra.

— O que você quer de mim? — pergunto, cerrando os dentes de tanta dor quando

Drina aumenta a pressão contra meu braço, ameaçando reduzir meus ossos a pó.

— Não me apresse — ela retruca, as pálpebras apertadas sobre os magníficos olhos

verdes que me encaram. — Tudo a seu tempo. Onde estávamos mesmo? Antes de você

cometer a grosseria de me interromper? Ah, sim, falávamos de você, de como veio parar

aqui, de como as coisas não aconteceram do modo que imaginava. Mas na vida nada é o

que imaginamos, certo? Nunca foi. E receio que nunca será. Veja bem, Damen e eu nos

conhecemos há muito tempo. Há muito, muito, muito tempo. E, no entanto, apesar de todos

esses anos juntos, apesar de nossa longevidade, você sempre dá um jeito de se colocar em

nosso caminho.

Baixo os olhos, perguntando-me como pude ser tão estúpida, tão ingênua. Essa

história nunca teve nada a ver com Haven. Apenas comigo.

— Oooh, não seja tão cruel assim com você mesma. Não é a primeira vez que

comete o mesmo erro. Eu fui a responsável pela sua morte em... quantas vidas, mesmo? —

Ela dá de ombros. — Sei lá, já perdi as contas.

De repente me lembro daquele dia no estacionamento da escola, em que Damen

disse que não suportaria me perder outra vez. Mas quando vejo a expressão de ódio no

rosto de Drina, sabendo que ela é capaz de ler minha mente, procuro não pensar em mais

nada.

Sem largar de meu braço, ela começa a andar a meu redor, obrigando-me a girar

sobre os pés, circulando a língua por dentro da boca.

— Vejamos — diz. — Se não me falha a memória, e ela nunca falha, nas últimas

vezes que nos encontramos, você e eu brincamos de um joguinho chamado Doce ou

Travessura. E devo adiantar que você não se saiu lá muito bem em nenhuma das vezes.

Mesmo assim, por incrível que pareça, você nunca se cansa de brincar! Então pensei:

talvez ela queira tentar de novo.

Encaro Drina, a essa altura já estou tonta de tanto girar, sem falar no álcool que ainda

corre em minhas veias. Mas nem por isso deixo de notar a ameaça velada nas palavras

dela.

— Já viu um gato matando um rato? — Sorrindo, com os olhos brilhando, Drina passa

a língua em torno dos lábios como se estivesse salivando. — Sabe como o gato gosta de

brincar com sua presa estúpida, prolongando a agonia dela até se cansar da brincadeira e

terminar o serviço?

Fecho os olhos, sem querer ouvir mais nada. Ora, se ela quer tanto me matar, por que

não acaba logo com isso?

— Pois então, isso seria o doce, pelo menos para mim. — Ela ri. — Mas... e a

travessura? Não está curiosa pra saber qual é a travessura? — Vendo que não vou

responder, ela suspira e diz: — Poxa, você é um tanto burrinha, hem? Mas vou dizer assim

mesmo. A travessura é a seguinte: finjo que deixo você ir embora, depois cruzo os braços e

fico olhando você correr em círculos, tentando escapar, até que fica exausta e desiste. Aí

vou lá e recolho meu doce. Então, o que vai ser? Morte lenta ou morte agonizantemente

lenta? Mas escolha depressa, porque o tempo está correndo!

— Por que você quer me matar, afinal? — pergunto, olhando para ela. — Por que não

me deixa em paz? Damen e eu nem estamos mais juntos! Faz semanas que a gente não se

vê!

No entanto ela apenas ri.

— Nada pessoal, Ever. Mas, por algum motivo, minha relação com Damen sempre

fica melhor depois que você é... eliminada.

Apesar de ter pedido uma morte rápida ainda há pouco, mudei de ideia. Recuso-me a

desistir sem lutar. Mesmo que esteja fadada a perder.

Drina balança a cabeça e me encara, visivelmente decepcionada.

— Tudo bem — diz. — Você escolheu a travessura, certo? Então vá, corra!

Ela solta meu braço, e eu fujo correndo pelo cânion, sabendo que provavelmente não

há nada nem ninguém que possa me salvar, mas determinada a pelo menos fazer uma

tentativa.

Afasto os cabelos dos olhos e corro cegamente pela névoa, com a esperança de

reencontrar a trilha e voltar pelo mesmo caminho até o carro. Os pulmões ameaçam

explodir em meu peito, os chinelos não tardam a ficar para trás, mas continuo correndo,

pisando em cascalho frio e cortante, tentando ignorar os galhos secos que vão fincando em

meus flancos e a certa altura arrancam meu casaco. Correndo rumo à vida — mesmo não

tendo certeza de realmente querer vivê-la.

E enquanto corro lembro-me de outra ocasião em que tive de correr assim.

Mas, como no sonho, não faço a menor ideia de como tudo termina.

Acabo de chegar à clareira que leva de volta à trilha quando Drina irrompe da névoa e

interpõe-se em meu caminho.

Tento esquivar-me, desviando e seguindo adiante, mas, na maior calma do mundo,

ela levanta a perna e me passa uma rasteira, fazendo com que eu caia de cara no chão.

Estatelada, meu rosto sobre uma poça de meu próprio sangue, ouço a risada de

escárnio que ela lança em minha direção. E quando tento levar minha mão ao rosto, meu

nariz tomba para o lado, quebrado.

Cuspindo terra, sangue e dentes, reunindo as forças que ainda me restam, finalmente

consigo ficar de pé. E observo quando Drina balança a cabeça e diz:

— Cruzes, Ever. Você está horrível! — E com uma cara de nojo, emenda: — Horrível

demais! Não entendo o que Damen viu em você.

Sinto dores no corpo inteiro e mal consigo respirar. A boca está empapada de sangue,

deixando um gosto amargo e metálico na língua.

— Bem, suponho que você queira saber de todos os detalhes, ainda que não vá se

lembrar deles da próxima vez. Mas é sempre divertido ver sua cara de espanto quando

explico tudo o que fiz. — Ela ri. — Não sei por que, mas por algum motivo nunca me canso

desta cena em particular, apesar de já tê-la visto um milhão de vezes. Além disso, para ser

bastante honesta, devo admitir que quanto mais prolongada sua
agonia, maior meu prazer.

Assim como as preliminares do sexo, entende? Quer dizer, claro que
não entende. Por mais

que você volte, vida após vida, sempre acaba morrendo virgem. O
que seria muito triste se

não fosse tão engraçado. — Drina deixa escapar mais um de seus
risinhos irônicos. —

Então, por onde começo? Vamos ver, vamos ver... — ela diz,
olhando para mim com os

lábios crispados, as unhas vermelhas tamborilando na cintura. — Já
sei. Bem, em primeiro

lugar, como você já deve ter deduzido, fui eu quem trocou o quadro
que estava no

porta-malas de seu carro. Quer dizer, você como a Mulher de
Cabelos Amarelos de

Picasso? Na-na-ni-na-não! Simplesmente não dá. Cá entre nós,
Picasso teria ficado furioso.

Apesar de tudo, eu realmente o amo. O Damen, claro. Não aquele
espanhol velhote. — Ela

ri. — E quanto à pluma preta, fui eu também. — Revirando os olhos,
ela bufa: — Damen às

vezes é tão... piegas. Ah, também fui eu quem plantou aquele
sonho em sua cabeça. Meses

de preparação, de mistério... Um toque de classe, não acha? E não,
não vou explicar todos

os comos e porquês. Demoraria muito. Além do mais, na atual conjuntura, nada disso é

relevante. Pena que você não morreu naquele acidente, Ever, pois teria poupado a nós

duas toda essa amolação. Você faz ideia do estrago que causou? Quer dizer, por sua culpa

Evangeline está morta, e Haven... bem, essa escapou por um triz. Poxa, Ever, quanto

egoísmo de sua parte!

Ela olha para mim, mas me recuso a falar, o que talvez signifique uma confissão de

culpa.

Drina ri e diz:

— Agora que você vai partir desta para a melhor, não custa nada confessar, né? —

Erguendo a mão direita como se fosse fazer um juramento solene, ela continua: — Eu,

Drina Magdalena Auguste — e pisca para mim ao dizer "Auguste" —, confesso que eliminei

Evangeline, também conhecida como June Porter. Que, aliás, não estava contribuindo com

nada, só ocupando espaço, portanto não merece consideração alguma. Eu precisava tirar a

garota do caminho para ter acesso direto a Haven. — Ela sorri, seus olhos me encarando.

— Sim, tal como você suspeitava, roubei sua amiga Haven de propósito. O que é muito fácil

no caso dessas pessoas perdidas e mal-amadas que só precisam de um pouquinho de

atenção para comer bem aqui, na palma de nossa mão. E, sim, também convenci a garota a

fazer aquela tatuagem que por pouco não a matou, mas só porque não conseguia decidir se

queria matá-la de uma vez por todas ou matá-la para depois trazê-la de volta como uma

imortal. Faz tempo que não tenho uma discípula, sabe, e eu adorava ter uma. Por outro

lado, a indecisão sempre foi meu ponto fraco. Diante de tantas opções, e de uma eternidade

inteira pra experimentar cada uma delas, bem, às vezes fica difícil resistir à ganância e

escolher uma só! — Ela sorri feito uma criança que acabou de fazer uma travessura e nada

mais. — De qualquer modo, hesitei por muito tempo e Damen acabou interferindo, sendo o

altruísta sentimentalóide que sempre foi. E depois... Bem, o restante você já sabe. Ah, já ia

esquecendo: também fui eu quem conseguiu aquele papel para o Miles na peça. Mas

justiça seja feita: é muito provável que ele tivesse chegado lá por conta própria, o garoto é

extremamente talentoso. Mas eu não podia correr nenhum risco, então me infiltrei na

cabeça do diretor e garanti o voto a favor de seu amigo. Quanto a Sabine e Jeff? Obra

minha também. Você há de convir: mandei muito bem, não mandei? Imagine só, sua tia

advogada, bonita, inteligente e bem-sucedida, apaixonando-se por aquele zero à esquerda!

— Ela ri. — Patético, mas ao mesmo tempo muito engraçado, não acha?

Mas por quê? Por que tudo isso?, penso, incapacitada de falar em razão dos tantos

dentes quebrados e do sangue que me faz engasgar. Mas sequer preciso abrir a boca para

dizer o que quer que seja, já que Drina pode ler meus pensamentos. Por que envolver tanta

gente, por que não perseguir só a mim?

— Eu queria mostrar como sua vida pode ser solitária. Provar como é fácil para as

peessoas abandonar você em favor de algo melhor, mais excitante. Você está sozinha, Ever.

Sozinha, isolada, mal-amada. Leva uma vida patética, que dificilmente vale a pena ser

vivida. Portanto, como você pode ver, estou lhe prestando um favor.
— Ela sorri. — Embora

você não vá ter como me agradecer.

Olho para Drina, perguntando-me como uma pessoa tão extraordinariamente linda

pode ser tão feia por dentro. Em seguida, olhando bem fundo nos olhos dela, rezando para

não ser notada, dou um pequeno passo para trás.

Nem estou mais com Damen! Brigamos faz muito tempo! Por que você não vai atrás

dele e me deixa em paz? Por que cada uma não segue seu caminho e esquece que tudo

isso aconteceu?, penso, procurando distraí-la.

Drina ri e revira os olhos.

— acredite em mim — diz. — Se tem alguém aqui que vai esquecer que tudo isso

aconteceu, esse alguém é você! Além do mais, as coisas não são tão simples assim. Você

não faz a menor ideia de como elas funcionam, faz?

É verdade, não faço mesmo.

— Veja bem. O Damen é meu. Sempre foi. Mas, infelizmente, você sempre acaba

aparecendo em nosso caminho, em seu estúpido, patético, monótono e repetitivo ciclo de

vida. E, já que insiste nisso, cabe a mim encontrá-la e matá-la a cada vez.

Ela dá um passo em minha direção, e quando recuo piso a sola descalça e

ensanguentada do pé em uma pequena pedra pontiaguda, apertando os olhos e contraindo

o rosto com a dor insuportável.

— Você acha que isso dói? — diz Drina, às gargalhadas. — Ainda não viu nada,

garota!

Então olho desesperada pelo cânion, em busca de uma saída qualquer, que me ajude

a escapar. Dou um segundo passo atrás, mas novamente tropeço e vou ao chão,

aproveitando a oportunidade para pegar a primeira pedra que vejo, grande e pontuda, e a

arremesso contra Drina. A pedra acerta em cheio sua boca, abrindo um talho profundo nos

lábios.

Nem um pouco intimidada, Drina dá uma longa risada, a ferida em seu rosto cheia de

sangue, deixando à mostra dois dentes quebrados. Mas, para meu horror, volta ao normal

em questão de segundos, os dentes novamente perfeitos, a boca sem traço algum de

sangue, a mesma beleza impecável de sempre.

— Quanta falta de imaginação, Ever... — suspira. — Tente algo diferente, garota,

quero me divertir um pouco!

Drina coloca-se à minha frente, mãos na cintura, sobrancelhas arqueadas, mas fico

exatamente onde estou, recusando-me a fugir, a dar a cartada seguinte. Não quero dar a

ela o prazer de me fazer de boba outra vez. Além disso, tudo o que ela falou antes é

verdade. Minha vida é um desastre total. Pior, um desastre que acaba resvalando para

todas as pessoas que me cercam.

Fico imóvel enquanto vejo Drina avançar em minha direção, sorrindo ao pensar no que

está por vir, sabendo que meu fim está próximo. Então fecho os olhos e lembro aquele

momento pouco antes do acidente, quando eu ainda era uma garota saudável e feliz,

cercada pela família que tanto amava. A imagem me vem tão clara à mente que posso

sentir o couro quentinho do banco do carro sob as pernas, o rabo de Buttercup batendo

contra minha coxa; posso ouvir Riley cantando a plenos pulmões, feito uma maluca, completamente desafinada; posso ver o rosto sorridente da mãe quando ela se vira para trás

e faz um carinho nos joelhos de minha irmã, e os olhos do papai,
que me observa pelo

retrovisor com um delicioso sorriso de cumplicidade nos lábios.

Saboreando cada sensação, cada cheiro, cada ruído e cada emoção,
como se

novamente estivesse ali, faço o possível para não deixar esse
momento escapar,

ruminando-o na mente. Quero que ele seja minha última lembrança
antes de partir: a

lembrança de meu último momento de verdadeira felicidade.

Ainda estou perdida em meus pensamentos quando, de repente,
ouço Drina exclamar

assustada:

— Que diabos é isto agora?

Abrindo os olhos, vejo a expressão de choque em seu rosto, o
queixo caído, os olhos

arregalados que me examinam de cima a baixo. Então me examino
também, e mal posso

acreditar no que vejo: a camisola está novamente perfeita, os pés
não estão mais

ensanguentados, os joelhos não têm nenhum arranhão. Correndo a
língua pela boca, sinto

que todos os dentes estão lá outra vez, intactos, e levando a mão
ao nariz vejo que ele está

tão sólido como sempre foi. Não faço a menor ideia do que aconteceu, mas sei que preciso

agir rápido, antes que seja tarde demais.

Drina recua perplexa, cheia de dúvidas, quando vou avançando em direção a ela. Não

sei o que trará o próximo passo, muito menos o seguinte. Sei apenas que estou correndo

contra o tempo.

— Então, o que vai ser? — digo. — Doce ou travessura?

Trinta e um

De início ela apenas me encara com os olhos verdes arregalados, incrédula, mas

depois ergue o queixo e escancara a boca, revelando seus dentes. Antes que possa entrar

em ação, porém, arremeto contra ela, determinada a dar o primeiro golpe, a derrubá-la

enquanto é tempo. Antes de alcançá-la, no entanto, vejo a poucos metros de distância um

círculo de luz dourada, uma espécie de véu cintilante que acena para mim, como em meus

sonhos. Mesmo sabendo que foi Drina quem fabricou esses sonhos, e que decerto estou

diante de uma armadilha, não consigo me conter: ando em direção à luz.

Saio tropeçando através da neblina reluzente, banhada por uma claridade tão amável,

morna e aconchegante que logo me vejo livre de todos os receios e temores, ficando

tomada de paz. Até que pouso num campo de relva muito verde, a queda amortecida pela

grama.

Olhando ao redor, vejo flores com pétalas que parecem iluminadas por dentro,

cercada de árvores tão altas que chegam a roçar o céu, os galhos cedendo ao peso de

frutos maduros e apetitosos. E enquanto admiro a paisagem, deitada em silêncio,

lentamente digerindo cada detalhe, tenho a estranha sensação de que já estive aqui antes.

— Ever.

De um pulo fico de pé e preparo-me para lutar. E quando vejo que estou diante de

Damen, dou um passo atrás, desconfiada, sem saber ao certo de que lado ele está: do meu

ou do de Drina.

— Ever, fique tranquila. Está tudo bem — ele diz sorrindo, oferecendo sua mão.

Mas fico onde estou, imóvel, nem um pouco disposta a morder a isca. Olho ao redor à

procura de Drina, dando outro passo para trás.

— Ela não está aqui — ele afirma, encarando-me. — Você está segura. Somos só nós

dois, você e eu.

Hesito um instante, sem saber se devo acreditar nele ou não, achando difícil estar

segura ao lado de alguém como Damen. Encarando-o de volta, avalio minhas opções (que

na verdade não são muitas), até que finalmente pergunto:

— Onde estamos? — Mas, no fundo, o que quero saber é: Estou morta?

— Você não está morta, isso eu posso garantir — ele responde rindo, depois de ler

meus pensamentos. — Está em Summerland. — E percebendo a interrogação em meu

olhar, explica: — É um tipo de lugar intermediário. Como se fosse uma sala de espera. Uma

dimensão entre as dimensões, se assim preferir.

— Dimensões? — Aperto os olhos sem entender, a palavra soa estranha, enigmática,

pelo menos do modo como foi usada. E quando Damen estende o braço para pegar minha

mão, recuo rapidamente, pois sei que não consigo ver nada com clareza quando ele me

toca.

Resignado, ele dá de ombros e acena para que eu o siga através de uma campina

onde todas as flores, árvores e filetes de grama balançam suavemente, oscilando para um

lado e para o outro como se estivessem em uma dança infinita.

— Feche os olhos — ele sussurra. E diante da minha recusa, insiste:
— Por favor.

Então, concordo, mas não sem deixar uma pequenina fresta entre as pálpebras.

— Confie em mim, Ever. Pelo menos desta vez.

Por fim faço o que ele pede e fecho os olhos por completo.

— E agora? — pergunto.

— Agora imagine algo.

— Como assim? — No entanto, mesmo sem entender, imagino a figura de um

elefante.

— Imagine outra coisa, rápido!

Assustada, abro os olhos e dou de cara com um elefante de proporções titânicas vindo

em nossa direção. E fico maravilhada quando, também por obra de minha imaginação, ele

se transforma em uma borboleta, uma linda e inofensiva borboleta-monarca, que pousa na

pontinha de meu dedo.

— Como foi que... — Olho confusa para Damen, e depois para a borboleta de antenas

pretas e irrequietas.

Ele ri.

— Quer tentar de novo?

Franzo os lábios e olho para ele, não resistindo à tentação e procurando pensar em

algo melhor que um elefante ou uma borboleta.

— Vá, é muito divertido! — encoraja Damen. — Nunca me canso desta brincadeira!

Então fecho os olhos e imagino a borboleta transformar-se num pássaro e segundos

depois, ao reabri-los, vejo uma linda arara de múltiplas cores empoleirada em meu dedo.

Mas quando ela deixa um nojento fiapo de titica branca em meu antebraço, Damen oferece

uma toalha e diz:

— Que tal algum animal... mais limpinho?

Então coloco o bicho na grama e, assim que ele alça voo, aperto os olhos uma terceira

vez, séria, compenetrada, firmando o pensamento. Quando abro os olhos de novo, Orlando

Bloom está bem na minha frente.

Damen rosna alguma frase e balança a cabeça, desconsolado.

— Ele é de verdade? — pergunto baixinho, boquiaberta ao ver Orlando Bloom

sorrindo e piscando para mim.

Damen faz que não com a cabeça.

— Você não pode materializar pessoas reais, apenas a imagem delas. Felizmente o

galã aí vai sumir daqui a pouco.

E quando ele de fato some não posso deixar de ficar um pouquinho triste.

— O que está acontecendo, afinal? — pergunto, olhando para Damen. — Onde

estamos? E como tudo isso é possível?

Damen sorri e faz surgir um belo cavalo branco. Depois me ajuda a montar na sela e

fabrica outro cavalo para si, um preto, igualmente lindo.

— Vamos dar um passeio — diz, e me conduz por uma trilha.

Cavalgando lado a lado, atravessamos um vale salpicado de flores e árvores, à

margem de um riacho de águas cristalinas, que refletem as cores do arco-íris. E quando

vejo minha arara pousada ao lado de um gato, vou em direção a ela, pronta para gritar

"Xô!", mas Damen puxa as rédeas de meu cavalo e me traz de volta à trilha, dizendo:

— Não se preocupe. Aqui não há inimigos. Só paz.

Continuamos cavalgando em silêncio, sem pressa alguma, apenas admirando a

extraordinária paisagem à nossa volta. Mas as perguntas não demoram a fervilhar em

minha cabeça. Nem sei por onde começar.

— Aquele véu de luz que você viu? — pergunta Damen. — Fui eu quem o colocou ali.

— No cânion?

— Sim. E em seu sonho também.

— Mas a Drina disse que era ela quem produzia aqueles sonhos...

— Olhando para o

Damen, não posso deixar de notar a segurança com que ele cavalga, a postura elegante na

sela. Mas depois me lembro da pintura que vi em sua casa, aquela em que ele aparece

montando um cavalo branco com uma espada na cintura. Agora está explicado: ele teve

tempo de sobra para aprender a montar.

— Drina mostrava o cânion, mas era eu quem mostrava a saída.

— Saída? — digo, o coração retumbando outra vez.

Damen ri e balança a cabeça.

— Não esse tipo de saída. Já disse, você não está morta. Na verdade, está mais viva

que nunca. E agora é capaz de materializar coisas, o que bem entender. A última palavra

em gratificação instantânea! — Ele ri novamente. — Mas eu vou logo avisando: não venha

aqui muitas vezes, porque é viciante!

— Quer dizer então que você e Drina criavam juntos os meus sonhos? — pergunto,

olhando de esguelha para ele, tentando compreender melhor os eventos bizarros que se

sucederam nos últimos tempos. — Assim... em parceria?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Poxa, não tenho controle nem sobre meus próprios sonhos? — pergunto, minha

voz ficando aguda, e eu sem gostar nada do som resultante.

— Sobre esse em particular, não.

Olho para ele chocada, balançando a cabeça em reprovação.

— E você não acha isso um pouco invasivo demais? Caramba! E por que você não fez

nada pra evitar que esse sonho horrível se transformasse em realidade?

Damen vira-se para mim e, com os olhos cansados e tristes, diz:

— Eu não sabia que era a Drina. Eu apenas observava seus sonhos e, vendo o pavor

que você sentia com eles, resolvi indicar o caminho para este lugar.

— E por que a Drina não me seguiu até aqui? — pergunto, e novamente olho ao redor

para ver se ela não está por perto.

Damen estica o braço e toma minha mão, pressionando meus dedos.

— Porque ela não podia ver a luz, só você podia.

Olho desconfiada para ele. Tudo isso é muito estranho. Nada faz sentido.

— Não se preocupe, com o tempo você entenderá. Por enquanto, tente apenas

aproveitar um pouquinho.

— E por que tenho essa impressão de que já estive aqui antes?

— Porque foi aqui que a encontrei.

Olho para ele, perplexa.

— Na verdade, encontrei seu corpo ao lado do carro, mas sua alma já tinha vindo para

cá, estava perambulando por aí. — Ele para os dois cavalos, me ajuda a descer e me

conduz até um gramado quentinho, banhado pela luz dourada do vale, tão cintilante que

aparentemente não emana de nenhum lugar específico. E segundos depois materializa um

sofá de almofadas grandes e macias, com apoios para nossos pés. — Quer acrescentar

algo? — pergunta.

Fecho os olhos e imagino uma mesinha de centro, algumas luminárias, um belo tapete

persa e diversos objetos de decoração; e quando abro os olhos novamente estamos no

centro de uma sala a céu aberto, perfeitamente mobiliada.

— Mas... e se chover? — pergunto.

— Não diga iss...

Tarde demais, a essa altura já estamos completamente ensopados.

— Os pensamentos têm poder — explica Damen, produzindo um enorme

guarda-chuva, o aguaceiro resvalando para o tapete. — Na Terra também é assim, só que

demora um pouco mais. Mas aqui em Summerland é instantâneo.

— Isso me faz lembrar uma frase que mamãe sempre dizia:
Cuidado com seus

desejos, porque eles podem se realizar! — Começo a rir.

Ele concorda com a cabeça.

— Pois é. Agora você sabe de onde isso vem. Mas... que tal
mandarmos essa chuva

embora para que a gente possa se secar? — diz Damen, sacudindo
a cabeleira molhada

em minha direção.

— Mas como é que...

— Basta pensar num lugar ensolarado — ele responde sorrindo.

E dali a pouco estamos no meio de uma linda praia de areia rosada.

— Excelente. Mas vamos parar por aí, certo? — Damen ri quando
fabrico uma felpuda

toalha azul e um mar turquesa para combinar.

E tão logo me recosto na toalha, fechando os olhos contra o calor,
ele confirma o que

já vinha se insinuando em minha cabeça, mas que até então eu não
havia escutado com

todos os efes e erres.

— Ever... você já sabe que sou um imortal. E você também é.

Não é todo dia que alguém escuta uma notícia dessas.

— Então é isso... nós dois somos imortais — digo abrindo um dos olhos para vê-lo, ao

mesmo tempo espantada com a naturalidade de meu tom de voz diante de uma conversa

tão bizarra quanto esta. Por outro lado, estou em Summerland. O que pode haver de mais

bizarro do que isto? — Mas foi você que me fez uma imortal naquele dia do acidente?

Damen faz que sim com a cabeça.

— Como? Tem alguma relação com aquela bebida vermelha?

Ele respira fundo, depois responde:

— Tem.

— Mas e eu? Por que não tenho de tomar aquilo toda hora, como você faz?

— Vai chegar um momento em que vai precisar também — ele responde, os olhos

voltados para o mar.

Ainda confusa com toda essa história, sento na toalha e, enroscando um fiapinho solto

do pano, lembro que num passado não muito distante eu considerava minha mediunidade

uma maldição, um fardo difícil de carregar. Imagina agora que sou uma imortal.

— Não é tão ruim quanto parece — diz Damen, pousando a mão sobre a minha. —

Olhe só para este lugar...Tem coisa melhor do que isto?

— Mas por quê? Quer dizer, por acaso não passou pela sua cabeça que talvez eu não

quisesse ser uma imortal? Que talvez você não devesse interferir, apenas deixar que eu

seguisse meu caminho?

Damen encolhe-se, baixa o rosto, mas quando o ergue novamente não olha para mim:

olha para o mar, para a paisagem ao redor, menos para mim.

— Em primeiro lugar — diz —, você está coberta de razão. Fui egoísta. Para ser

sincero, estava pensando muito mais em mim do que em você quando decidi salvá-la. Não

suportaria perdê-la outra vez, não depois de... — Ele para de repente e balança a cabeça.

— De qualquer modo, não tinha certeza de que havia funcionado. Quer dizer, sabia que

tinha trazido você de volta, mas não quanto tempo isso duraria. Só tive certeza de que você

era mesmo imortal agora há pouco, naquele cânion.

— Você estava me observando no cânion? — olho fixamente para ele, mal

acreditando no que acabei de ouvir.

Ele assente com a cabeça.

— Quer dizer que você estava lá?

— Não exatamente. Estava observando você... a distância. — Ele coça o queixo e

diz:— São tantas explicações...

— Deixa eu ver se entendi direito: você estava me observando..."a distância", tudo

bem, mas ainda assim podia ver tudo o que estava acontecendo. E não tentou me salvar?

— A essa altura já estou tão furiosa que mal consigo respirar, falando em alto e bom som.

— Só quando você mesma quis ser salva. Foi aí que produzi o véu de luz e fiz você se

sentir atraída por ele.

— Quer dizer então que ia me deixar morrer? — Me afasto dele, buscando colocar o

máximo de distância entre nós.

Damen olha para mim completamente sério ao dizer:

— Se era isso que você queria, sim. — Ele balança a cabeça. — Ever, da última vez

que nos falamos, lá no estacionamento da escola, você disse que estava com ódio de mim

por causa do que fiz: porque fui egoísta, porque separei você de sua família, porque trouxe

você de volta. Não gostei do que ouvi, claro, mas, pensando melhor, vi que você estava

certa. Eu não tinha nada que interferir em sua vida. E então, no cânion, quando você se

deixou levar por todo aquele amor... bem, foi esse amor que a salvou, que restaurou seu

corpo, e foi então que eu soube.

Mas, e no hospital? Por que não pude me restaurar lá? Por que tive de passar por todo

aquele sofrimento de fraturas e contusões, de braços e pernas engessados? Por que não

pude... regenerar, como fiz lá no cânion?, penso, braços cruzados diante do peito, sem

engolir os argumentos de Damen.

— Só o amor pode curar. A raiva, a culpa e o medo apenas destroem, apenas nos

afastam de nossas potencialidades reais. — Damen me olha fixamente.

— Tem mais um detalhe — digo, fulminando-o com o olhar. — Você pode ler meus

pensamentos, mas eu não posso ler os seus. Isso não é justo.

Ele ri.

— Você quer realmente ler meus pensamentos? Achei que meu ar de mistério fosse

uma das características que você gostava a meu respeito.

Baixo os olhos para os joelhos, as bochechas ardendo em chamas quando me lembro

de alguns dos pensamentos aos quais ele teve acesso.

— Há maneiras de se proteger... Talvez você devesse procurar a Ava.

— Você conhece a Ava? — disparo, subitamente me sentindo vítima de uma

conspiração.

Damen faz que não com a cabeça.

— Eu a conheço apenas indiretamente — explica. — Só por meio de seus

pensamentos.

Virando o rosto, vejo uma família de coelhinhos saltitando pela areia. Depois,

novamente olhando para Damen, digo:

— E o hipódromo? O que foi aquilo?

— Premonição. O mesmo que aconteceu com você.

— Mas... e aquele páreo que você perdeu?

Ele ri.

— Às vezes preciso perder, senão as pessoas ficam desconfiadas.
Mas depois

recuperei o prejuízo, foi ou não foi?

— E as tulipas?

Ele sorri.

— Poder da mente. Materializo as tulipas do mesmo modo que você materializou

aquele elefante e esta praia. Uma simples questão de física quântica. A consciência produz

matéria onde antes só havia energia. Não é tão difícil quanto as pessoas acham.

Olho desconfiada para ele, ainda sem entender direito, por mais simples que ele ache

que seja.

— Nós criamos nossa própria realidade. E, sim, você pode fazer isso em casa — ele

diz já se antecipando à pergunta seguinte, a que acabou de se formar em minha cabeça. —

Na verdade, você já fazia tudo isso, só não tinha consciência, pois os resultados levavam

mais tempo para acontecer.

— Com você eles não demoram nada.

Damen ri.

— É que minha estrada já é longa. Tive tempo suficiente para aprender uns truques.

— Quanto tempo? — encaro Damen e pergunto, lembrando-me dos quadros e objetos

que vi em sua casa, querendo saber exatamente quem é essa pessoa com quem estou

lidando.

Ele suspira e desvia o olhar.

— Muito tempo.

— E agora eu também vou viver pra sempre?

— Isso é com você. — Ele dá de ombros. — Se não quiser, não precisa fazer nada

disso. Basta tirar isso da cabeça e tocar a vida para frente. E soltar as amarras quando for a

hora certa. Apenas dei a você uma capacidade, uma opção, mas a escolha ainda é sua.

Olhando para o mar, para as águas que parecem faiscar de tão brilhantes, acho difícil

acreditar que tudo isso seja obra apenas de minha vontade. E embora seja muito divertido

brincar com esses poderes mágicos, meus pensamentos logo se voltam para questões

mais sombrias.

— Preciso saber o que aconteceu com Haven. Naquele dia que peguei você... — Sinto

um arrepio só ao lembrar. — E Drina? Ela também é imortal, não é? Foi você que a

imortalizou? E como foi que tudo isso começou? Como foi que você se tornou imortal?

Aliás, como é que alguém se torna imortal? Você sabia que ela matou Evangeline e quase

matou Haven também? E aquele quarto sinistro em sua casa, o que é aquilo?

— Pode repetir a pergunta, por favor? — ele ri.

— Ah, mais uma. Que diabos Drina quis dizer quando falou que já me matou não sei

quantas vezes?

— Ela disse isso? — Damen arregala os olhos, lívido.

— Disse. — Ainda me lembro da presunção e da arrogância no olhar dela quando fez

a revelação. — E com a maior empáfia. "Ih, lá vamos nós outra vez, sua mortal estúpida,

você sempre cai nesta armadilha, blá-blá-blá." Achei que você estivesse vendo tudo, que

tivesse ouvido a cena toda.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não vi nem ouvi a cena toda, cheguei lá tarde demais — ele resmunga. — Meu

Deus, Ever, a culpa é toda minha, só minha. Eu devia saber, jamais podia ter envolvido

você nesta história, não podia tê-la deixado sozinha...

— Ela também disse que viu você em Nova York. Ou pelo menos falou pra Haven que

viu.

— Ela mentiu — resmunga. — Não fui para Nova York. — E quando Damen olha para

mim, vejo tanta dor em sua expressão que estico o braço para tomar sua mão entre as

minhas, comovida com tanta tristeza, com tanta vulnerabilidade, querendo apenas ajudá-lo

de alguma forma a esquecer isso. Então beijo os lábios que já esperam pelos meus, muito

inclinada a perdoá-lo seja lá do que for.

— O beijo fica mais doce a cada encarnação — ele brinca. Depois exala um suspiro,

recua um pouco e afasta os cabelos de meu rosto. — Mas nunca passamos do beijo. E só

agora sei por quê. — Ele encosta a testa na minha, preenchendo-me de uma alegria sem

precedentes, de um amor que me consome por inteiro, depois lê meus pensamentos,

suspira novamente e se afasta para dizer: — Ah, sim, suas perguntas. Por qual começar?

— Que tal pelo começo?

Damen assente com a cabeça e olha para longe, talvez para o fio de sua própria

meada, e eu cruzo as pernas, preparando-me para o que está por vir.

— Meu pai era um sonhador — ele diz afinal. — Um artista, um diletante das ciências

e da alquimia, o que era muito comum numa época em que...

— Que época? — pergunto, ávida por nomes, datas, lugares... qualquer informação

concreta que possa ser pesquisada depois, não apenas uma ladainha filosófica de ideias

abstratas.

— Muito tempo atrás. — Ele ri. — Sou um pouquinho mais velho que você.

— Sim, mas quantos anos você tem exatamente? Quer dizer, com que diferença de

idade estou lidando aqui? — pergunto, e mal acredito quando ele sacode a cabeça,

recusando-se a responder.

— Tudo de que você precisa saber é que meu pai, assim como os amigos alquimistas

dele, acreditava que tudo podia ser reduzido a um único elemento, e que se você

conseguisse isolar esse elemento depois poderia criar o que quisesse com ele. Meu pai se

dedicou a essa teoria durante anos, criando fórmulas, abandonando fórmulas, e mais tarde,

quando ele e minha mãe... morreram, dei continuidade a essa pesquisa, até que finalmente

consegui aperfeiçoá-la.

— E quantos anos você tinha? — insisto.

— Era muito jovem.

Ele ri.

— Então você ainda pode envelhecer?

— Sim. Envelheci até certo ponto, depois parei. Sei que você prefere a teoria dos

"congelados no tempo", dos vampiros, mas isso é fantasia, Ever, não é a vida real.

— Tudo bem, e então... — falo, ansiosa por mais.

— Então, meus pais morreram, fiquei órfão. Como você sabe, na Itália, de onde

venho, os sobrenomes muitas vezes indicam a origem ou a profissão das pessoas.

"Esposito" significa "exposto", ou "órfão". Esse nome me foi dado, mas deixei de usá-lo faz

mais de um século, já que não se aplica mais.

— E por que você não usou seu sobrenome verdadeiro?

— É complicado. Papai era... perseguido. Então achei melhor me distanciar.

— E Drina? — pergunto, sentindo a garganta apertar só de mencionar esse nome.

— "Poverina", ou "pobrezinha". Ela e eu éramos tutelados pela Igreja, foi assim que

nos conhecemos. Mais tarde, quando ela ficou doente, achei que não fosse suportar

perdê-la, então fiz com que ela tomasse minha bebida também.

— Ela disse que vocês eram casados. — Franzo os lábios, minha garganta quente e

obstruída, sabendo que ela não disse exatamente isso, mas sugeri quando deu seu nome

completo, um nome de casada.

Damen mais uma vez desvia o olhar, balança a cabeça e resmunga algo entre os

dentes.

— Então é verdade? — pergunto, o estômago embrulhado, o coração palpitando.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não do jeito que você pensa. Poxa, faz tanto tempo que tudo isso aconteceu...

Esse casamento já não tem a menor importância.

— Já que é assim, por que vocês não se divorciaram? Digo, já que não teve

importância. — Minhas bochechas ficam quentes, os olhos, marejados.

— Você queria o quê? Que eu procurasse um juiz com uma certidão de casamento

nas mãos, uma certidão de vários séculos atrás, e pedisse divórcio?

Crispo os lábios e olho em volta, sabendo que ele tem razão. Mas ainda assim...

— Ever, por favor. Você precisa entender. Você está por aqui faz apenas dezessete

anos, pelo menos nesta encarnação, mas eu... eu já estou na estrada há séculos! Tempo

mais que suficiente para cometer alguns enganos. E embora possa ser crucificada por

muitas escolhas, minha história com Drina seguramente não é uma delas. As coisas eram

diferentes naquele tempo. Eu era diferente. Era vaidoso, superficial e extremamente

materialista. Só pensava em mim mesmo, só queria me dar bem. Mas assim que conheci

você tudo mudou, e quando a perdi, bem... não sabia que uma dor tão grande fosse

possível. Mas depois, quando você reapareceu... — Ele para de repente e olha ao longe. —

Reencontrei você, mas logo em seguida a perdi novamente. Uma vez, duas vezes, três

vezes... Um eterno ciclo de amor e perda... pelo menos até agora.

— Quer dizer então que a gente... reencarna? — digo, estranhando a palavra assim

que ela sai da minha boca.

— Você, sim. Eu, não. — Ele dá de ombros. — Estou sempre aqui, sempre o mesmo.

— E quem fui eu? — pergunto. Mesmo sem saber se acredito mesmo nisso tudo, acho

fascinante o conceito da reencarnação. — E por que não me lembro de nada?

Damen sorri, aliviado com a mudança de assunto.

— A viagem de volta para o mundo dos vivos passa pelo rio do Esquecimento. Não é

para as pessoas se lembrarem de nada, estão aqui para aprender, para evoluir, para quitar

as dívidas cármicas. Sempre recomeçando do zero até encontrar o próprio caminho.

Porque a vida, Ever, não é uma prova com consulta a vidas passadas.

— Então você não está quebrando as regras, permanecendo aqui, lembrando de

tudo?

— Alguns diriam que sim.

— E como você sabe de tudo isso, se nunca passou pela experiência da

reencarnação?

— Tive anos de sobra para estudar alguns dos grandes mistérios da vida. E ao longo

do caminho tive a sorte de encontrar os mais fantásticos professores. Quanto às suas vidas

passadas, tudo de que você precisa saber é que sempre foi mulher.

— Ele sorri e coloca

meus cabelos para trás. — Sempre muito linda. E sempre muito importante para mim.

Volto os olhos para o mar e produzo algumas ondas só pelo prazer de produzi-las,

mas depois desfaço tudo. Onda, mar, praia... tudo. E trago de volta a sala a céu aberto em

que estávamos antes.

— Mudança de cenário? — pergunta Damen, rindo.

— Sim. Mudei o cenário, mas o assunto continua o mesmo.

Ele suspira.

— Então, depois de anos à sua procura, finalmente consigo reencontrá-la... e o

restante você já sabe.

Respiro fundo e olho para o abajur a meu lado, acendendo-o e apagando-o várias

vezes, tentando digerir essa avalanche de informações.

— Faz muitos anos que me afastei de Drina, mas ela tem o péssimo hábito de

reaparecer. Naquela noite... no hotel, lembra? Quando você nos viu juntos! Eu estava

tentando convencê-la a seguir seu caminho e me deixar em paz de uma vez por todas. Não

consegui, óbvio. E, sim, sei que ela matou Evangeline, porque aquele dia na praia, quando

você acordou sozinha na caverna...

Eu sabia! Sabia que ele não estava surfando!, penso, os olhos apertados.

— Eu tinha acabado de encontrar o corpo dela, mas era tarde demais para agir.

Também sabia a respeito de Haven, mas, no caso dela, felizmente pude ajudar.

— Então era lá que você estava naquela noite... em que disse que tinha descido pra

beber água, não foi?

Damen faz que sim com a cabeça.

— E sobre o que mais você mentiu pra mim? — pergunto, os braços cruzados diante

do peito. — Naquela noite da festa, por exemplo, pra onde você foi depois que saiu lá de

casa?

— Voltei para casa — ele responde, os olhos intencionalmente fixos nos meus. —

Assim que vi o jeito que Drina olhou pra você, bom, achei prudente me afastar. Só que não

consegui. Por mais que tentasse, não podia ficar longe de você. — Ele balança a cabeça.

— Bom, agora você já sabe de tudo. Agora entende o motivo de meus sumiços naquele

período.

Não digo nada. Apenas dou de ombros e desvio o olhar. Não pretendo dar o braço a

torcer assim tão fácil, mesmo que ele esteja dizendo a verdade.

— Ah, e quanto ao meu quarto "sinistro", é assim que você chama, né? Acontece que

aquele quarto é o meu lugar feliz. Mais ou menos como as lembranças que você tem

daqueles derradeiros momentos de felicidade ao lado de sua família. — E quando ele olha

para mim, desvio o olhar, envergonhada por ter dito o que disse. — Mas devo confessar: ri

muito quando percebi que você pensou que eu fosse um vampiro!

— Ah, mas você há de convir: se tem imortais circulando por aí, por que não haveria

de ter lobisomens, duendes, magos e fadinhas também? Poxa, Damen, você fala como se

tudo isso fosse absolutamente normal!

Ele fecha os olhos e respira fundo. Quando os abre novamente, diz:

— Para mim é normal. Esta é a minha vida. E a sua também, se você optar por ela.

Não é tão ruim quanto você acha Ever, juro que não é.

Damen me encara por um bom tempo e, embora parte de mim ainda queira odiá-lo por

tudo o que ele me fez, simplesmente não consigo. E quando sinto aquele calorzinho

aconchegante, aquele delicioso formigamento na pele, olho para a mão que ele está

segurando e digo:

— Para com isso.

— Com o quê? — Ele olha para mim com uma expressão de cansaço, um semblante

pálido.

— Esse calorzinho, esse formigamento, você sabe. Pode ir parando com isso! — digo,

o coração oscilando entre o amor e o ódio.

— Não estou fazendo nada disso, Ever. — Ele continua olhando para mim.

— Claro que está! Você faz isso acontecer através dos seus... deixe pra lá. — Cruzo

os braços e reviro os olhos, sem saber em que tudo isso pode dar.

— Não sou eu quem está produzindo isto. Juro. Nunca recorri a nenhum truque para

seduzi-la.

— Ah, não? E as tulipas? Ele sorri.

— Você não faz a menor ideia do que elas significam, faz?

Viro o rosto sem dizer nada.

— As flores têm significados. Não há nada sem propósito.

Respiro fundo e uso a imaginação para reorganizar a mesa à minha frente, uma vez

que, infelizmente, não posso reorganizar minha própria cabeça.

— Tenho tantas coisas para lhe ensinar... — continua Damen. — Mas a vida de um

imortal não se resume a diversões e jogos. É preciso tomar cuidado, prosseguir com

cautela. — Ele se cala um instante e me olha, para ter certeza de que estou ouvindo. — É

preciso resistir à tentação de fazer mau uso de seus poderes. Veja o que aconteceu com

Drina, por exemplo. Você também precisa ser discreta. O que significa que não pode dividir

o que sabe com ninguém, absolutamente ninguém, entendeu?

Dou de ombros e penso: Dane-se. Sei que Damen leu meus pensamentos quando se

aproxima para dizer:

— É sério, Ever. Você não pode contar nada a ninguém. Promete para mim?

Olho para ele.

Damen ergue as sobrancelhas e sacode minhas mãos junto com as dele, ansioso.

— Palavra de escoteiro — resmungo, e viro o rosto novamente.

Respirando aliviado, ele solta minha mão, recosta-se nas almofadas e diz:

— Mas já que estamos abrindo o verbo, você precisa saber que a escolha é sua.

Ainda pode fazer a travessia, se quiser. Aliás, poderia ter morrido naquele cânion, mas

optou por ficar.

— Mas eu já estava prontinha pra morrer! Na verdade, queria morrer!

— Você se reabilitou com suas lembranças, com o amor que sente por sua família.

Como eu disse antes, os pensamentos criam. E em seu caso eles criaram a cura e a força.

Se quisesse mesmo morrer, você teria simplesmente desistido. Num nível mais profundo de

consciência, você decerto já sabia que queria continuar viva.

E antes que eu possa perguntar por que ele se infiltrava em meu quarto enquanto eu

estava dormindo, Damen diz:

— Não é o que você está pensando.

— Então o que é? — pergunto, mesmo sem ter certeza de que realmente quero saber.

— Eu ia lá apenas para... observar. Aliás, nem sei como você podia me ver, já que eu

estava... transmutado, digamos assim.

Abraço os joelhos e os aperto contra o peito. Embora não faça a menor ideia do que

seja "transmutado", sei que tenho bons motivos para ficar devidamente apavorada. Ele dá

de ombros.

— Ever, eu me sinto responsável por você, e...

— E queria dar uma conferida na mercadoria, não é? — Olho pra ele, minhas

sobrancelhas arqueadas.

Mas Damen apenas ri e diz:

— Devo confessar, adoro aqueles seus pijaminhas de flanela.

Reviro os olhos.

— Você disse que se sente responsável por mim, como... como um pai?. — Não

posso deixar de rir diante da cara de espanto que ele faz.

— Claro que não, Ever! Mas... só estive em seu quarto uma única vez naquela noite

em que nos vimos no hotel. Se alguém esteve lá outras vezes...

— Drina! — Sinto um frio na espinha quando imagino a criatura rondando meu quarto,

espiando minha vida. — Você tem certeza de que ela não pode dar as caras por aqui? —

Mais uma vez olho à volta.

Damen toma minha mão para me tranquilizar e reafirma:

— Drina nem sabe que este lugar existe. Muito menos como chegar aqui. Para ela,

você apenas sumiu no ar.

— Mas como foi que você chegou aqui? Já morreu alguma vez, como eu?

Ele faz que não com a cabeça.

— Há dois tipos de alquimia: a física, que conheci por intermédio de meu pai, e a

espiritual, que descobri por conta própria depois de intuir que havia algo maior que o mundo

da matéria. Algo mais... grandioso, sabe? Para chegar aqui, tive de estudar muito e praticar

mais ainda. Cheguei a estudar M.T. — E vendo minha cara de pateta, ele explica sorrindo:

— Meditação Transcendental. Com Maharishi Mahesh Yogi.

— Hmm, se você está tentando me impressionar, não está funcionando, porque não

tenho a menor ideia do que isso significa.

Ele dá de ombros.

— Digamos que levei centenas de anos para traduzir a alquimia do físico para o

mental. Mas você... desde que chegou a este campo, recebeu uma espécie de "passe para

os bastidores". Suas visões e sua telepatia são subprodutos disso.

— Agora está explicado por que você tanto detesta aquela escola — digo, procurando

desviar o assunto para algo concreto, algo que eu realmente consiga entender. — Quer

dizer, você deve ter se formado... tipo assim, um bilhão, um trilhão de anos atrás, certo? —

E vendo ele recuar, percebo que coloquei o dedo em uma ferida aberta: sua idade real. O

que é engraçado, já que foi ele mesmo quem optou pela eternidade. — Quer dizer, pra que

passar por tudo aquilo de novo? Por que você se deu o trabalho de se matricular?

— É aí que você entra — ele diz, sorrindo.

— Ah, então é isto: você vê uma garota de jeans largões e capuz na cabeça e gosta

tanto que decide entrar na escola de novo só pra ficar ao lado dela?

— Mais ou menos isso — ele ri.

— Você não podia ter arrumado outro jeito de se aproximar de mim? Isso não faz

sentido algum. — Balanço a cabeça e reviro os olhos, novamente aflita com as dúvidas e

perguntas, mas só até Damen, passeando o indicador por minha bochecha, olhar fundo em

meus olhos e dizer:

— O amor nunca faz sentido.

Ouçõ isso e fico ao mesmo tempo tímida, eufórica e insegura. Então, limpo a garganta

e digo:

— Mas você não disse que mandava mal demais no amor? — direciono meu olhar

para ele, as pálpebras apertadas, meu estômago duro e gelado feito uma bolinha de gude.

E me perguntando: por que não consigo apenas ser feliz quando o garoto mais lindo do

planeta se declara para mim? Por que insisto tanto nessa negatividade?

— Minha esperança era que desta vez fosse diferente — ele sussurra.

Desvio o olhar e, com a respiração embaralhada por pequenos espasmos, quase

arfando, digo:

— Não sei se estou pronta para enfrentar tudo isso. Ainda não sei o que vou fazer.

Damen puxa-me firmemente contra seu peito, envolve-me em seus braços e diz:

— Não precisa decidir nada agora.

E quando recuo vejo uma expressão perdida e distante nos olhos dele.

— Que foi? — pergunto. — Por que está me olhando desse jeito?

— Porque sou péssimo com despedidas — ele responde, forçando um sorriso que

nunca passou por seu rosto. — Está vendo? Agora são duas áreas em que mando mal à

beça: o amor e as despedidas.

— Talvez tenham a ver uma com a outra. — Aperto os lábios, evitando chorar. — Pra

onde você está indo, afinal? — digo, fazendo o máximo para manter a calma e a

neutralidade na voz, apesar dessa estranha sensação de que estou morrendo por dentro,

com o coração se recusando a bater, os pulmões implorando por ar.

Damen dá de ombros e desvia o olhar, mas não responde.

— Vai voltar um dia?

— Depende de você. — Em seguida, ele ergue o rosto para dizer: — Ever, você ainda

me odeia?

Faço que não com a cabeça, mas mantendo nosso olhar.

— Você me ama?

Começo a olhar em volta. Mesmo sabendo que sim, que amo este garoto até o último

fio de cabelo, com todas as células do corpo e todas as gotas de sangue, que estou

fervendo de tanto amor, que o coração só falta explodir, mesmo sabendo de tudo isso não

consigo trazer as palavras à boca. Por outro lado, se ele realmente pode ler meus

pensamentos, eu nada preciso dizer. Ele já devia saber.

— Mas é sempre bom ouvir — ele diz, afastando meus cabelos para trás da orelha,

roçando os lábios contra minha face. — Assim que se decidir, sobre mim, sobre a

imortalidade, basta estalar os dedos que eu volto na mesma hora. Tenho toda a eternidade

a meu dispor; você verá que sou bastante paciente. — Ele sorri e leva a mão ao bolso, de

onde tira a pulseirinha que me deu de presente no hipódromo; a que eu arremessei contra

ele no estacionamento da escola. — Posso? — Ele gesticula.

Com a garganta apertada demais para dizer o que quer que seja, faço que sim com a

cabeça, e Damen coloca a pulseira em meu pulso. Em seguida, aperta meu rosto entre as

mãos, afasta a franja para o lado e beija a cicatriz na testa, inundando-me com todo o amor

e todo o perdão que decididamente não mereço. E quando tento me afastar ele me segura

com mais força, daquele jeito, e diz:

— Ever, você precisa perdoar a si mesma. Nada do que aconteceu é culpa sua.

— Você não sabe de nada. — Mordo um dos lábios.

— Sei que você se responsabiliza por alguma coisa que não foi culpa sua. Sei que

ama sua irmã mais que tudo na vida, e que todo dia se pergunta se está agindo certo ao

encorajar as visitas dela. Conheço você, Ever. Sei tudo a seu respeito.

Viro o rosto, as bochechas ensopadas com as lágrimas que não quero mostrar.

— Nada disso é verdade — digo. — Você entendeu tudo errado. Sou uma aberração,

e coisas ruins acontecem com todo mundo que se aproxima de mim, mesmo que seja eu o

alvo da vez. — E balanço a cabeça, sabendo que não mereço ser feliz, que não mereço

esse tipo de amor.

Damen me abraça novamente, com seu toque calmo e eficiente, mas não apaga a

verdade dos fatos.

— Agora preciso ir — ele diz baixinho. — Mas, Ever... se você realmente quiser meu

amor, se quiser mesmo ficar comigo, terá de aceitar quem somos. Vou entender se não

puder.

Então me aproximo para beijá-lo, ávida pelos lábios dele, pelo delicioso aconchego de

seu amor, e a emoção vai se expandindo em meu peito até que transborda pelos poros,

preenchendo cada fresta, cada sulco, cada centímetro cúbico do espaço à minha volta.

E quando abro os olhos outra vez, estou de volta a meu quarto, sozinha.

Trinta e dois

— Então, o que aconteceu afinal? Procuramos por você em toda parte, mas não

achamos. Pensei que você estivesse a caminho.

Rolo na cama, dando as costas para a janela e xingando a mim mesma por não ter

inventado uma desculpa com antecedência, o que agora me coloca na terrível tarefa de

improvisação.

— Eu estava, mas... Bom, de repente comecei a sentir umas cólicas e...

— Parou, parou — interrompe Miles. — Sério, não quero ouvir mais nada.

— Perdi alguma coisa? — pergunto e fecho os olhos para ler os pensamentos dele, as

palavras rolando à minha frente como um letreiro de telejornal: Eca! Que nojo! Por que elas

insistem em falar desses assuntos?

— Fora o fato de que Drina não apareceu? Não, nada de nada. Passei a primeira

parte da noite catando ela com Haven, e a segunda, tentando convencê-la de que a festa

seria muito melhor sem ela. Olhe, juro por Deus, parece até que aquelas duas estão

namorando. Nunca vi uma amizade tão sinistra assim. É verdade, Ever — ele diz sério,

depois cai na gargalhada. Miles adora fazer piada com meu nome.

Arrastando o corpo, desço da cama e me dou conta de que este é o primeiro dia

depois de uma semana que acordo sem ressaca. E mesmo sabendo que essa é uma ótima

notícia, isso não muda o fato de que nunca me senti tão mal assim.

— Então, que tal a gente dar uma passada rápida no shopping e fazer umas

comprinhas de Natal?

— Não vai dar — digo. — Ainda estou de castigo. — Vasculhando minha gaveta,

encontro o moletom que ganhei de Damen na Disney e relembro aqueles dias que

antecederam a grande virada, antes que minha vida passasse de muito estranha a

definitivamente bizarra.

— Até quando vai esse castigo?

— Sei lá. — Jogo o celular sobre a cômoda e visto um moletom verde-limão, sabendo

que tanto faz até quando vai meu castigo. Se quiser sair, saio, e daí? Basta chegar em casa

antes de Sabine. Afinal de contas, não é lá muito fácil controlar alguém com meus poderes

mediúnicos. Por outro lado, o castigo imposto por minha tia é a desculpa perfeita para que

eu fique quietinha em casa, longe da energia caótica das multidões, e é basicamente por

isso que tenho andado na linha.

Pego o telefone de volta a tempo de ouvir Miles dizer:

— Tudo bem. Então me liga quando estiver liberada de novo.

Visto os jeans e vou para a escrivaninha. Apesar da cabeça latejante, das mãos

trêmulas e dos olhos que ardem, estou determinada a passar o dia longe do álcool, de

Damen e das viagens ilícitas para o plano astral. Deveria ter sido mais insistente e

exigido que ele me mostrasse como me proteger das intempéries da mediunidade. Quer

dizer, por que a solução sempre acaba voltando para Ava?

Depois de um tempo, Sabine bate de leve na porta e viro quando ela entra no quarto,

abatida e triste, os olhos vermelhos, a aura cinzenta com pontinhos escuros. Logo me dou

conta de que tudo isso tem a ver com Jeff e com o fato de que ela finalmente descobriu a

montanha de mentiras do picareta. Mentiras que eu poderia ter desmascarado desde o

início, poupando minha tia de todo esse sofrimento, se não tivesse pensado primeiro em

mim mesma.

— Ever — ela diz, parando ao lado de minha cama. — Andei pensando e... bem, não

estou à vontade com essa história de castigo, e você já é quase uma adulta, merece ser

tratada como tal, então decidi que...

Que já é hora de acabar com essa bobagem, penso, terminando a frase em minha

cabeça. Mas quando percebo que a Sabine ainda atribui meu comportamento às perdas

que tive, fico roxa de vergonha.

—... que já é hora de acabar com essa bobagem. — Ela sorri, um gesto de paz que

não mereço. — Mas quem sabe você não mudou de ideia quanto à possibilidade de

conversar com alguém, porque conheço um terapeuta que...

Faço que não com a cabeça antes que ela possa terminar, mesmo sabendo que suas

intenções são as melhores possíveis. Não quero ouvir falar de terapia. E quando Sabine se

vira para sair, de repente me vejo dizendo:

— Tia, que tal a gente jantar fora hoje?

Ela hesita diante da porta, claramente surpresa com a proposta.

— Por minha conta. — Abro um sorriso para encorajá-la, já me perguntando o que vou

fazer para tolerar uma noite inteira num restaurante apinhado de gente. Quanto à conta,

tudo bem, posso recorrer à grana que ganhei no hipódromo.

— Acho uma ótima ideia — ela diz, tamborilando os nós dos dedos na parede antes de

sair para o corredor. — Chego em casa por volta das sete.

Assim que a porta bate lá embaixo, Riley cutuca minhas costas e berra:

— Ever! Ever! Você pode me ver?

— Caramba, Riley, você quase me mata de susto! E por que está berrando desse

jeito? — Nem sei por que a recebo com todo esse mau humor, já que é uma grande

felicidade ver minha irmã outra vez.

Ela balança a cabeça e joga-se na cama.

— Pra sua informação, faz dias que estou tentando falar com você. Achei até que você

não podia mais me ver, já estava começando a pirar!

— Eu perdi minha capacidade. Mas só porque comecei a beber, acredita? E muito. Fui

suspensa da escola e tudo mais. Uma confusão. — Balanço a cabeça em reprovação.

— Eu sei — ela assente com a cabeça, as sobrancelhas franzidas de preocupação. —

Estava acompanhando tudo, muitas vezes pulando à sua frente, gritando, assobiando e

batendo palma, fazendo qualquer coisa pra chamar sua atenção, mas você estava chapada

demais pra me ver ou ouvir. Lembra aquela vez, quando a garrafa voou de suas mãos? —

Riley sorri e dobra-se numa reverência. — Pois é, fui eu. Aliás, sorte sua eu não ter

quebrado a porcaria da garrafa bem na sua cabeça. Que diabos aconteceu com você,

garota?

Dou de ombros e baixo os olhos para o chão. Sei que devo uma explicação à minha

irmã, qualquer uma que a deixe mais tranquila, mas não sei por onde começar.

— Sabe o que é? Essa energia toda a meu redor começou a me sufocar, eu não

estava mais aguentando. E quando descobri que o álcool aliviava isso tudo, acho que quis

prolongar a paz que estava sentindo, sabe? Não queria voltar pra confusão de antes.

— E agora?

— E agora... — Hesito, olhando para ela. — Agora voltei pra confusão de antes!

Sóbria e miserável outra vez! — digo às gargalhadas.

— Ever... — Riley evita me encarar, até que consegue e diz: — Por favor, não fique

brava comigo, mas acho que você deveria procurar Ava. — E antes que eu possa ter um

ataque, ela ergue a mão e suplica: — Escute o que eu tenho a dizer, certo? Realmente acho

que ela pode ajudá-la. Na verdade, sei que ela pode. Ela tem tentado, mas você não deixa.

Mas agora... bem, é óbvio que você está ficando sem opções. Quer dizer, ou você volta a

beber, ou passa o restante da vida trancada neste quarto, ou vai falar com a Ava. Ninguém

precisa ser um gênio pra saber qual é a melhor opção, né?

Apesar da enxaqueca, balanço a cabeça, olho para ela e digo:

— Olha, sei que você está encantada com essa mulher e tal. Tudo bem, é uma

escolha sua. Mas essa Ava não tem nada pra me oferecer, então... me poupe, vai. Não

quero mais ouvir o nome dela.

Riley balança a cabeça, impaciente:

— Você está enganada, Ever. Porque Ava pode ajudá-la, sim. Além do mais, o que é

que custa dar uma ligada pra ela?

Fico ali, chutando a beirada da cama e encarando o chão, remoendo o fato de que

minha vida só fez piorar depois que a tal Ava apareceu. E quando finalmente levanto o

rosto, percebo que a Riley não só trocou as fantasias de Hal oween pelas roupas normais

de uma garota de doze anos (jeans, camiseta e um par de All Star), mas também ficou mais

embaçada, difusa, quase transparente.

— Que foi que aconteceu naquele dia em que você foi até a casa do Damen? — ela

pergunta. — Vocês ainda estão juntos?

Mas não quero falar de Damen, nem saberia por onde começar. Além disso, sei que

ela está tentando desviar o assunto, evitar qualquer comentário sobre seu novo aspecto.

— O que está acontecendo com você? — pergunto, a voz aguda e frentica. — Por que

está desbotando assim?

Mas ela apenas sacode os ombros e diz:

— Não tenho muito tempo.

— Como assim, "não tem muito tempo"? Você vai voltar, né? — digo, quase gritando.

E sinto um frio na espinha quando ela se despede e vai embora, deixando em seu lugar um

cartãozinho amassado com o telefone de Ava.

Trinta e três

Antes mesmo de estacionar, vejo que ela já espera por mim à porta.

Ou a mulher é realmente vidente, ou está aí desde que a gente desligou o telefone.

— Olá, Ever, seja bem-vinda — ela diz sorrindo e conduz-me até uma sala muito

bem-decorada.

Correndo os olhos pelo lugar, os porta-retratos, os livros de arte sobre mesas de

centro, o conjunto de sofás e cadeiras, fico espantada com a normalidade de todo o cenário.

— Você esperava o quê? Paredes roxas e bolas de cristal? — Ela ri e acena para que

eu a siga até uma cozinha bastante arejada, de piso claro e eletrodomésticos de inox,

iluminada por uma claraboia. — Vou fazer um chazinho pra gente — diz, e coloca a água

para ferver. Depois me oferece uma cadeira à mesa.

Observo Ava preparando a infusão, colocando biscoitos em um prato e

acomodando-se à minha frente. Só então digo:

— Hmm, desculpe por ter sido tão... grossa com você... e tudo mais. — E dou de

ombros, envergonhada da minha própria falta de jeito.

Mas Ava apenas sorri e coloca a mão sobre a minha. No momento em que

estabelecemos contato, imediatamente me sinto melhor.

— Fico feliz que tenha vindo — ela diz. — Eu estava muito preocupada com você.

Com os olhos voltados para baixo, para a toalhinha verde sobre a mesa, fico sem

saber por onde começar. Mas é Ava quem está no comando, portanto é ela quem começa:

— Tem visto Riley? — pergunta, os olhos fixos em mim. Poxa, precisava começar logo

por aí?

— Tenho — digo, finalmente. — E pra sua informação ela está com um aspecto bem

estranho. — Franzo os lábios e desvio o olhar, convencida de que Ava é a responsável pelo

estado de minha irmã, de alguma forma.

Mas ela apenas ri. Ela ri!

— Confie em mim. — Ela assente com a cabeça, tomando um gole do chá. — Não há

nada de errado com Riley.

— Confiar em você? — devolvo, e balanço a cabeça enquanto ela bebe do chá e

mordisca um biscoito, naquela serenidade que tanto me irrita. — Por que eu deveria? Foi

você que fez uma lavagem cerebral em minha irmã! Foi você que convenceu Riley a se

afastar de mim! — berro, já arrependida de ter vindo. Poxa, que erro colossal.

— Ever, sei que você está chateada e que adora sua irmã, mas por acaso você tem

noção do que ela sacrificou para ficar a seu lado?

Volto os olhos para a janela, admirando as plantas do jardim, a fonte, a estatueta de

Buda, preparando-me para a resposta estúpida que estou prestes a ouvir.

— A eternidade.

Reviro os olhos.

— Ora, tempo é o que não falta à minha irmã!

— Estou falando de algo maior.

— Ah, é? Como o que, por exemplo? — pergunto, já achando que o melhor a fazer é

largar este biscoito e me mandar logo daqui. Essa Ava é uma doida varrida, uma picareta,

que fala as coisas mais absurdas como se fosse autoridade no assunto.

— Se Riley continuar aqui com você, não poderá ficar com eles.

— Eles?

— Seus pais e Buttercup — ela explica, correndo o indicador pela borda da xícara

enquanto olha para mim.

— Mas como você sabe sobre...

— Por favor, Ever, achei que já tivéssemos virado essa página. — Ela olha firme em

meus olhos.

— Isso é ridículo — resmungo, mais uma vez desviando o olhar, perguntando-me o

que Riley pode ter visto nesta pessoa.

— Será? — Ela afasta os cabelos castanhos do rosto, revelando uma testa lisinha,

livre de qualquer preocupação.

— Tudo bem, vou fingir que acredito. Mas já que você sabe tanto, então me diga: pra

onde Riley vai quando não está comigo? — pergunto, encarando-a de volta e pensando:

Agora eu quero ver.

— Fica vagando por aí. — Ela levanta a xícara e bebe mais um gole do chá.

— Vagando? Ah, tá bom. — Eu rio. — Até parece que você sabe.

— Ela não tem opção, uma vez que escolheu ficar com você.

Novamente olho para a janela, morta de raiva, dizendo a mim mesma que não tem

como isso ser verdade.

— Sua irmã não atravessou a ponte.

— Mentira. Eu vi quando ela atravessou. Acenou pra mim e tudo mais. Todos eles

acenaram. Sei disso porque estava lá.

— Ever, não tenho dúvidas de que você estava lá e viu tudo isso, mas o que estou

dizendo é que Riley não chegou ao outro lado. Parou a meio caminho e voltou para

encontrá-la.

— Sinto muito, mas você está enganada — digo. — Não foi nada disso que

aconteceu. — Meu coração começa a bater mais forte quando relembro aquele último

momento, os sorrisos, os acenos, e depois... depois nada, eles sumiram, enquanto eu

implorava e lutava para que voltassem. Mas foram levados, e eu fiquei para trás. Por culpa

exclusivamente minha. Era eu quem devia ter ido no lugar deles. Tudo que sai errado tem a

ver comigo.

— Riley voltou no último segundo — continua Ava. — Quando ninguém estava

olhando e seus pais já tinham atravessado com Buttercup. Foi sua própria irmã quem me

contou, Ever, já falamos sobre isso um milhão de vezes. Seus pais seguiram em frente,

você voltou à vida e ela ficou esquecida para trás. Agora passa a maior parte do tempo

visitando você, a mim, velhos amigos e vizinhos... E algumas celebridades sórdidas. — Ela

sorri.

— Você sabe sobre isso também? — digo, arregalando os olhos.

Ava faz que sim com a cabeça e diz:

— Tudo isso é muito natural. Mas a maioria das entidades acaba se cansando logo.

— Entidades?

— Entidades, espíritos, fantasmas... Tudo isso dá no mesmo. Mas os que já fizeram a

travessia são um tanto diferentes.

— Então quer dizer que Riley ainda não fez?

Ava faz que sim com a cabeça.

— Você precisa convencê-la a partir.

Balanço a cabeça, pensando que essa decisão não é minha.

— Mas ela já partiu! Quase não vem me ver mais! — resmungo, fulminando-a com o

olhar como se ela fosse responsável por tudo isso. E é.

— Você precisa dar sua bênção. Dizer a ela que vai ficar bem.

— Olhe só — digo, já cansada desta conversa, desta mulher intrometida, dizendo o

que devo e o que não devo fazer da minha própria vida. — Vim aqui em busca de ajuda,

não pra ficar ouvindo essas histórias. Se a Riley quer ficar por aqui, problema dela. Só

porque tem doze anos, isso não significa que vá me obedecer. A garota é muito teimosa,

sabia?

— É mesmo? Será que ela puxou a quem, hem? — diz Ava, que dá mais um gole no

chá, mas sem tirar os olhos de mim.

No entanto, mesmo sabendo que sua intenção era fazer uma brincadeira, fico de pé,

pronta para ir embora se preciso for, lembrando-me do que o papai costumava dizer sobre

as negociações: "O segredo é estarmos sempre dispostos a abandonar a mesa." Com os

olhos úmidos e a cabeça latejando, digo:

— Olhe, se você desistiu de me ajudar, é só falar.

Ela me encara por alguns instantes e faz sinal para que eu me sente de novo.

— Como quiser. — E então respira fundo. — O que você precisa fazer é o seguinte.

Quando Ava me acompanha até a porta, fico surpresa ao constatar que já está escuro.

Acho que o tempo passou sem que eu percebesse, enquanto ela me ensinava o passo a

passo da meditação, a me controlar, a criar meu próprio escudo para a mediunidade.

Embora tenhamos começado com o pé esquerdo, sobretudo ao falarmos de Riley, estou

feliz por ter vindo. É a primeira vez desde muito tempo que me sinto assim, completamente

normal. Sem o apoio do álcool ou de Damen.

Agradeço novamente e vou para o carro, mas ela me chama antes que eu possa

entrar.

— Ever?

E quando levanto o rosto vejo seu corpo emoldurado apenas pela luz suave da

varanda, sua aura já não está mais visível.

— Queria muito que você me deixasse mostrar como se desfazer do escudo — ela

diz. — Você verá: vai acabar sentindo falta de sua mediunidade.

Mas o assunto já foi discutido, mais de uma vez. Além disso, já tomei minha decisão e

não pretendo voltar atrás. Agora é: olá vida normal, adeus mediunidade, imortalidade,

Damen, Summerland e tudo quanto é esquisitice. Desde o acidente, só tive um desejo: ser

normal outra vez. E agora que consegui, não vou titubear.

Faço que não com a cabeça e entro no carro, novamente olhando quando ela diz:

— Ever, pense no que falei, por favor. Você entendeu tudo errado.
Despediu-se da

pessoa errada.

— Do que você está falando? — pergunto, já ansiosa para chegar
em casa e começar

a curtir minha nova vida.

Mas Ava apenas sorri e diz:

— Você sabe do que estou falando.

Trinta e quatro

Agora que meu castigo acabou e que estou livre da mediunidade,
passo boa parte dos

dias na companhia de Miles e de Haven, encontrando-os para um
cafezinho, fazendo

compras no shopping, vendo filmes, batendo perna na cidade,
assistindo aos ensaios de

Hairspray, feliz da vida por estar de volta à normalidade. E na
manhã de Natal, quando

Riley aparece, fico aliviada ao constatar que ainda posso vê-la.

— Ei, espere aí! — ela diz, bloqueando minha passagem à porta do
quarto. — Você

não vai abrir seus presentes sem mim, né? — E sorri tão radiante
que sua imagem parece

quase sólida, sem nenhum resquício do desbotamento de antes. —
Sei o que você vai

ganhar. — Ela força uma risada. — Quer uma dica?

— Nem meia dica! — respondo rindo, fazendo que não com a cabeça. — Estou

adorando não saber de nada, pra variar.

Riley vai para o centro do quarto e executa uma série perfeita de estrelas acrobáticas.

— E por falar em surpresas — e dá um sorriso —, o Jeff comprou um anel pra Sabine!

Dá pra acreditar numa histórias dessas? Saiu da casa da mãe, arrumou um apartamento só

pra ele e está implorando pra Sabine voltar!

— Sério? — digo, feliz ao constatar que minha irmã abandonou de vez as fantasias e

parou de copiar minhas roupas: hoje apareceu com um jeans desbotado e duas camisetas

sobrepostas.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Mas a Sabine vai devolver o presente, claro. Aliás, pelo menos eu acho. Nem

ganhou ainda, então a gente vai ter de esperar pra ver. Mas as pessoas são tão previsíveis,

você não acha?

— Você continua espionando celebridades por aí? — pergunto, ávida por uma fofoca

qualquer.

Riley faz uma careta e revira os olhos.

— Parei completamente. Já estava ficando viciada, sabe? Além do mais, é sempre o

mesmo enredo: elas enfiam o pé na jaca... quer dizer, nas compras, na comida ou nas

drogas, e depois vão pra reabilitação. Jaca, culpa e internação, o mesmo ciclo vicioso de

sempre. É muito chato.

Dou uma boa risada, em vez do abraço que realmente gostaria de dar. Estava

morrendo de medo de perdê-la.

— Está olhando o quê? — ela pergunta desconfiada.

— Você.

— E?

— E estou tão feliz que você esteja aqui... e que eu ainda consiga vê-la! Achei que

tinha perdido esse dom quando Ava me ensinou a fazer o tal escudo.

Riley sorri e diz:

— Pra falar a verdade, perdeu, sim. Tive de dar uma turbinada em minha energia,

senão você não ia conseguir me ver. Aliás, até usei um pouquinho da sua. Não está se

sentindo meio cansada?

Dou de ombros.

— Só um pouquinho. Mas é que acabei de acordar.

— Tudo bem. O importante é que estou aqui.

— Riley... — olho para ela —, diga pra mim. Você continua... visitando a Ava? —

pergunto, segurando a respiração enquanto espero pela resposta.

Ela faz que não com a cabeça.

— Que nada. Também parei com isso. Agora vamos lá pra baixo, estou doida pra ver

sua cara quando você desembrulhar o iPhone! Oops! — Ela ri, colocando uma das mãos

sobre a boca e atravessando de costas a porta fechada do quarto.

— Você vai mesmo ficar? — pergunto baixinho, e saio ao corredor, abrindo a porta da

forma tradicional. — Quer dizer, você não tem nenhum compromisso? Algum lugar pra ir?

Riley acomoda-se no corrimão e desce escorregando, sorrindo e olhando para trás ao

dizer:

— Compromisso nenhum. Lugar nenhum. Agora, não mais!

Sabine devolveu o anel, ganhei um iPhone novo e Riley voltou a me visitar todos os

dias, por vezes até indo comigo para a escola. Miles começou a namorar um dos

dançarinos de apoio de Hairspray; Haven pintou os cabelos de castanho-escuro,

excomungou o gótico, começou o doloroso processo de apagar sua tatuagem com laser,

queimou todos os vestidos à la Drina e adotou o look emo. O Anonovo veio e foi embora,

comemorado com uma reunião simples em minha casa, que incluiu cidra para mim (a essa

altura eu já estava oficialmente sóbria), champanhe contrabandeado para meus amigos e

um banho de jacuzzi à meia-noite: uma festinha recatada para os padrões, porém bastante

divertida. Stacia e Honor continuaram olhando torto para mim, como sempre fizeram, ou

talvez um pouco mais nos dias em que me viam vestindo algo bacana, o sr. Robins tocou

sua vida adiante (sem a filha e sem a mulher) e a sra. Machado continuou torcendo o nariz

para meus quadros na aula de educação artística. E, entre tudo isso, Damen.

Como o cimento num muro de tijolos, como a cola na encadernação de um livro, ele

tem preenchido todos os espaços vazios de minha vida, mantendo a coesão das partes, a

solidez de toda a estrutura. Sempre que faço uma prova na escola, lavo os cabelos, faço

uma refeição, assisto a um filme, escuto uma música ou tomo um banho de jacuzzi, penso

nele, consolada apenas por saber que ele anda por aí em algum lugar — ainda que eu

tenha decidido ficar sozinha.

E eis que chega o Valentine's Day. A essa altura Haven e Miles já estão apaixonados

— mas não um pelo outro. E embora sentemos juntos na hora do almoço, daria no mesmo

se eu estivesse sozinha. Eles estão ocupados demais digitando em seus respectivos

Sidekicks para notar minha existência, enquanto meu iPhone permanece a meu lado,

silencioso e ignorado.

— Cara, isso é hilário! Vocês não vão acreditar em como ele é inteligente! — diz Miles

pela milionésima vez, levantando o rosto do torpedo que acabou de receber, vermelho de

tanto rir, já pensando na resposta que precisa dar agora.

— Caramba, Josh acabou de mandar, tipo assim, trocentas músicas! E eu nem

mereço tanto... — resmungo Haven, digitando seu torpedo.

Embora eu esteja feliz por ambos, feliz por eles estarem felizes e tudo mais, não

consigo pensar em outro assunto que não seja a aula de artes no sexto tempo: não sei se

vou ou não à aula da sra. Machado. Porque hoje na Bay View não só é Valentine's Day

como também é o Dia do Coração Secreto. O que significa que finalmente serão

distribuídos aqueles pirulitos em forma de coração, com um cartãozinho rosa amarrado no

palito, que eles vêm empurrando nos alunos durante toda a semana. Miles e Haven estão

seguros de que receberão os seus, muito embora seus respectivos namorados não

estudem aqui; quanto a mim, só espero chegar ao fim do dia sem maiores arranhões e com

um mínimo de sanidade mental.

Mas devo admitir: depois que abandonei o pacote capuz/iPod/óculos escuros o

interesse masculino por mim só aumentou. Não que eu tenha me interessado por alguém.

Porque a verdade é a seguinte: não tem nenhum garoto nesta escola, ou neste planeta, que

se compare a Damen. Nenhum. Zero. Simplesmente não é possível.
E, tipo assim, não

tenho a menor intenção de baixar meus padrões, pelo menos por
enquanto, só para dizer

que estou namorando.

Mas quando toca o sinal do sexto tempo chego à conclusão de que
não posso matar

aula. Meus dias de delinquente juvenil já ficaram para trás. Então
respiro fundo e vou para a

sala, já pensando no desastre de minha obra mais recente. Agora
temos de fazer uma

pintura ao estilo de um "ismo" qualquer. Escolhi o cubismo, depois
de cometer o engano de

achar que seria fácil. Não é. Pelo contrário, é muito difícil.

Já na sala, alguém se aproxima por trás, e quando me viro para ver
quem é dou de

cara com um garoto apontando um pirulito em minha direção.
Achando que é um engano,

nada digo e volto para minha tela. E quando o tal garoto cutuca
minhas costas de novo nem

me dou o trabalho de olhar.

— Garota errada, meu amigo — digo apenas.

Ele resmunga alguma palavra, depois limpa a garganta para dizer:

— Você não é a Ever?

Faço que sim com a cabeça.

— Então pegue logo este pirulito. — Ele balança a cabeça, impaciente. — Tenho uma

caixa inteira pra entregar antes do fim da aula.

O garoto arremessa o pirulito em minha direção, e, assim que se afasta, largo o carvão

na mesa para ler o bilhete, que diz:

Pensando em você.

Sempre.

Damen

Trinta e cinco

Chegando em casa, subo em disparada para o quarto, louca para mostrar a Riley o

pirulito que fez o sol brilhar e os passarinhos cantarem, virando meu dia de cabeça para

baixo, muito embora eu nada queira com o remetente.

Mas quando a encontro ali, sozinha no sofá, segundos antes de ela se virar para mim,

percebo algo no aspecto dela, talvez o corpinho miúdo, a expressão solitária, que me fazem

lembrar o que Ava disse: que eu havia me despedido da pessoa errada. E o ar foge de

meus pulmões.

— Oi — ela diz com um sorriso amarelo. — Você nem acredita o que acabei de ver na

Oprah. Um cachorro que perdeu as duas patas da frente e ainda assim consegue...

Jogo a mochila no chão, sento a seu lado e confisco o controle remoto, apertando o

botão de mudo.

— Que foi, garota? — ela reclama, querendo sua Oprah de volta.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Hmm... vendo televisão, esperando por você... — Ela junta os olhos e bota a língua

para fora. — Dã.

— Não, o que eu quero saber é o que você está fazendo aqui. Por que não está... em

outro lugar?

Riley repuxa os lábios para o lado e volta os olhos para a TV, o corpo rígido, o rosto

imóvel, preferindo uma Oprah muda a mim.

— Por que você não está com mamãe, papai e Buttercup? — insisto, e noto o ligeiro

tremor que desponta no lábio inferior dela, a princípio muito discreto, mas que logo se

intensifica, fazendo com que eu me sinta péssima, de tal modo que preciso fazer um

esforço especial para dizer: — Riley... É que... talvez fosse melhor você não vir mais aqui.

— Você está me despejando, é isso? — Ela pula do sofá, os olhos esbugalhados de

ofensa.

— Não, Riley, não é nada disso, é que...

— Você não pode impedir que eu venha aqui, tá bom? — ela esbraveja, andando de

um lado para outro no quarto. — Eu posso fazer o que eu quiser! Qualquer coisa! E você

nada pode fazer pra me impedir!

— Eu sei, Riley, eu sei. Mas também não acho certo ficar botando pilha pra você vir.

Ela cruza os braços e arma um bico, depois se joga de novo no sofá e começa a

balançar as pernas como sempre faz quando está com raiva, triste, frustrada ou os três

sentimentos juntos.

— É que... bem, durante um tempo você andou ocupada com outras coisas, em outros

lugares, e me parecia muito feliz com o que fazia. Mas agora não sai mais daqui, e estou

achando que é só por minha causa. Olhe, mesmo que eu não suporte nem imaginar como

seria minha vida sem você, o mais importante pra mim é que você esteja feliz. E... ficar por

aí espionando vizinhos e celebridades, vendo Oprah a tarde inteira enquanto eu não chego,

sei lá, não acho que essa seja a melhor forma de agir. — Paro um instante para respirar

fundo, desejando não ter de continuar, mas sabendo que preciso. — Porque, mesmo que

suas visitas sejam indiscutivelmente a parte mais legal de meu dia... não posso deixar de

achar que há outro lugar, um lugar melhor, pra você estar.

Riley olha fixamente para a TV enquanto olho para ela; fica muda por um tempo, mas

logo diz:

— Pra sua informação, eu sou feliz. Estou perfeitamente bem e feliz. Aqui mesmo. —

Ela balança a cabeça, revirando os olhos, e então cruza os braços sobre o peito. — Às

vezes venho pra cá, outras vezes vou pra outro lugar. Um lugar chamado Summerland, que

é muito legal, caso você não lembre. — E olha de soslaio para mim.

Faço que sim com a cabeça. Claro que lembro, como iria esquecer? Riley se recosta

nas almofadas e cruza as pernas.

— Então, tenho o melhor dos dois mundos inteiramente a meu dispor. Qual é o

problema?

Franzo os lábios, olhando pra ela, mas não pretendo me deixar levar por sua

argumentação. Sei que estou agindo certo, a única atitude que posso tomar.

— O problema é que... acho que existe um lugar mais legal ainda. Um lugar onde

mamãe, papai e Buttercup estão esperando por você, e...

— Olhe, Ever — ela me interrompe —, sei que você acha que ainda estou aqui porque

queria muito fazer treze anos e, como isso não vai acontecer, agora estou vivendo sua

adolescência por tabela. Tudo bem, pode até ser, mas por acaso você já parou pra pensar

que talvez eu esteja aqui porque eu também não conseguiria viver sem você? — Riley olha

para mim com os olhinhos piscando freneticamente, e antes que eu possa responder ela

ergue a mão e continua: — Primeiro fui andando atrás deles, porque afinal os filhos sempre

andam atrás dos pais, né? Mas depois vi que você tinha ficado pra trás, então voltei pra

buscá-la, mas quando cheguei lá você já tinha ido embora, e não consegui encontrar a

ponte outra vez. Depois... bem, depois fiquei presa aqui. Mas então conheci umas pessoas

que já estão por aqui há muitos anos, quer dizer, há muitos anos terrenos, e elas foram me

mostrando coisas e...

— Riley... — começo a dizer, mas novamente sou interrompida.

— E só para a sua informação, já estive, sim, com mamãe, papai e Buttercup, e eles

estão ótimos. Na verdade, mais que isso, estão felizes. Só querem que você pare com essa

mania de ficar se culpando o tempo todo. Eles podem ver você. Você sabe disso, não

sabe? Mas você não pode vê-los, nem ninguém que já tenha atravessado a ponte. Só os

que ficaram para trás, como eu.

Mas não estou nem um pouco interessada em quem posso ou não posso ver. Ainda

estou empacada naquela parte em que meus pais querem que eu pare de me sentir

culpada, mesmo sabendo que os velhos só estão tentando amenizar minha situação, como

qualquer pai ou mãe faria com uma filha. Porque a verdade é a seguinte: aquele acidente

foi, sim, por minha culpa. Se eu não tivesse obrigado papai a voltar só porque eu tinha

esquecido em casa uma porcaria de suéter, o das líderes de torcida de Pinecone Lake, a

gente não estaria naquele lugar, naquele ponto da estrada, no exato momento em que um

cervo estúpido irrompeu em nossa frente, obrigando nosso carro a desviar, despencar num

barranco e bater de frente numa árvore, matando todo mundo, menos eu.

Culpa minha. E de mais ninguém.

Mas Riley balança a cabeça e diz:

— Se for pra culpar alguém, esse alguém é o papai, já que sabemos que não se deve

dar uma guinada brusca quando um animal entra na pista. Tem de atropelar, não há outro

jeito. Mas você e eu sabemos que papai jamais faria isso, então ele tentou salvar a gente,

mas acabou salvando o cervo. Por outro lado, talvez a culpa seja do próprio bicho. Quer

dizer, ele não tinha nada que ir pro asfalto quando tinha uma floresta inteira à disposição.

Ou talvez a culpa seja da mureta de proteção, que deveria ser mais forte, de um material

mais resistente, sei lá. Ou talvez do fabricante do carro, por não ter feito uma direção ou um

freio que prestasse. Ou talvez... — Ela para e olha para mim. — Na verdade, o que estou

querendo dizer é o seguinte: a culpa não é de ninguém. Foi só um acidente e pronto. Aquilo

tinha de acontecer.

Engulo a seco, tentando reprimir o choro. Seria ótimo se pudesse acreditar nisso, mas

não consigo. Porque sei de tudo. De toda a verdade.

— Todos nós já aceitamos isso, e você precisa aceitar também. Tudo indica que sua

hora ainda não tinha chegado.

Tinha, sim! Mas Damen apareceu, e eu me deixei levar!

Ainda lutando contra as lágrimas, volto o rosto para a TV. Oprah acabou, e no lugar

dela está o Dr. Phil, um careca radiante com uma boca enorme que não para de se mexer.

— Lembra aquele dia em que você me viu toda desbotada, quase transparente? —

continua Riley. — Era porque eu estava me preparando pra fazer a travessia. Cada dia eu

chegava um pouquinho mais perto do outro lado da ponte. E quando decidi dar o último

passo... bem, foi quando pareceu que você mais precisava de mim.
E eu não suportaria

deixar você. Aliás, não posso abandoná-la de jeito nenhum.

No entanto, por mais que eu a queira ao meu lado, já privei minha
irmã de uma vida na

Terra, não sou eu quem vai privá-la de uma vida no Além.

— Riley, já é hora de você partir — digo baixinho, talvez porque
parte de mim não quer

que ela me ouça. Mas tão logo as palavras escapam da boca, sei
que estou tomando a

atitude certa, então repito o que acabei de dizer, agora mais alto,
sem o menor traço de

dúvida ou hesitação. — Realmente acho que você devia ir — repito,
mal acreditando em

meus próprios ouvidos.

Riley levanta do sofá, os olhinhos murchos de tristeza, as bochechas
brilhando com as

lágrimas cristalinas.

Apesar do nó na garganta, digo:

— Olhe, você não faz ideia do tanto que me ajudou. Nem sei o que
teria feito sem sua

ajuda. Você é o único motivo que tenho pra sair da cama todos os
dias e colocar um pé na

frente do outro. Mas agora estou melhor, e já é hora de você... —
Mas não consigo

continuar, engasgada com minhas próprias palavras.

— Mamãe falou que você acabaria me mandando de volta... — diz
Riley, sorrindo.

Olho para ela, sem entender direito o que acabei de ouvir.

— Ela falou: Um dia sua irmã finalmente vai crescer e tomar a
atitude certa.

E tão logo ela diz isso nós duas caímos na gargalhada. Rindo do
absurdo da situação.

Rindo da mania que mamãe tinha de dizer: "Um dia você vai
crescer e..." Rindo para aliviar

um pouco a tensão e a dor de nossa despedida. Rindo apenas
porque rir é bom pra

caramba!

Quando acabamos e rir, olho para ela e pergunto:

— Mas você ainda vai aparecer de vez em quando só pra dar um
alô, não vai?

Ela faz que sim com a cabeça, olhando em volta.

— Claro que vou. Mas acho que você não vai poder me ver, já que
não pode ver

mamãe e papai.

— E em Summerland? Será que lá eu consigo ver você? — pergunto,
lembrando que

posso procurar Ava novamente e pedir a ela que retire o escudo,
mas só para que eu

consiga visitar Riley em Summerland, nada mais.

— Sei lá. De qualquer modo, vou fazer o possível pra mandar algum
tipo de sinal, algo

pra você saber que estou bem, algo assim... a minha cara.

— Tipo o quê? — pergunto, já sentindo um frio na barriga ao vê-la
desbotar. Não

achava que podia ser tão rápido assim. — E como é que eu vou
saber? Como posso ter

certeza de que o sinal é seu?

— Você vai saber, confie em mim. — Ela sorri, dá um tchauzinho e
evapora.

Trinta e seis

Assim que Riley se vai, não me contenho e começo a chorar, mesmo
sabendo que fiz

o que tinha de fazer, mas ainda achando que seria ótimo se não
doesse tanto. Fico assim

por algum tempo, enroscada no sofá, o corpo dobrado numa bolota,
relembrando tudo o

que ela disse sobre o acidente, que não tinha sido realmente minha
culpa. Quem dera se eu

pudesse acreditar nisso, mas sei que não é verdade. Quatro vidas
foram tiradas naquele

dia, e tudo por minha causa.

Tudo por causa de um maldito suéter azul de líder de torcida.

"Compro outro pra você", papai disse, olhando-me nos olhos pelo retrovisor do carro,

dois pares de olhos igualmente azuis, os meus e os dele. "Se a gente voltar, vamos pegar o

engarrafamento da cidade."

"Mas é meu suéter favorito", choraminguei. "Comprei no acampamento das líderes de

torcida. Não tem pra vender em loja nenhuma!", resmunguei, sabendo que estava a poucos

segundos de convencê-lo.

"Você realmente quer esse suéter?"

Fiz que sim com a cabeça, sorrindo ao ver que ele balançou a cabeça, respirou fundo

e fez o retorno. Então, novamente olhou pelo retrovisor, no exato momento em que o cervo

cruzou a estrada.

Minha vontade é de acreditar em Riley, reprogramar meu cérebro para pensar igual a

ela, mas saber a verdade garante que eu nunca vou conseguir.

Enquanto seco as lágrimas do rosto, novamente me lembro das palavras de Ava. E

raciocino: se me despedi da pessoa errada, segundo ela disse, e a pessoa certa era Riley,

então talvez ela estivesse falando de Damen.

Pego o pirulito que havia deixado em cima da mesa e quase caio para trás quando ele

se transforma em uma tulipa.

Uma grande, enorme e reluzente tulipa vermelha.

Então corro para o quarto, abro o laptop sobre a cama e faço uma busca rápida no

significado das flores, rolando a página até que leio:

No século XVIII, as pessoas muitas vezes comunicavam suas intenções por meio das

flores que enviavam, uma vez que significados específicos eram atribuídos a cada tipo de

flor. Aqui estão alguns dos mais tradicionais:

Vou descendo pela lista alfabética até encontrar as tulipas, e mal consigo respirar

quando leio:

Tulipas vermelhas — Amor eterno.

Em seguida, só por curiosidade, vejo qual é o significado das rosas brancas e dou

uma bela risada ao ler:

Rosas brancas — Um coração que não conhece o amor e, portanto, é incapaz de

amar.

Agora sei que Damen estava me testando. O tempo inteiro. Guardando para si esse

segredo enorme, sem fazer a menor ideia de como dividi-lo comigo, sem saber qual seria

minha reação. Flertando com Stacia só para me provocar, para depois bisbilhotar meus

pensamentos e ver se eu me importava ou não. E fiquei tão hábil em mentir para mim

mesma, em negar meus sentimentos sobre praticamente tudo, que acabei confundindo

tanto a ele quanto a mim.

Não acho certo o que ele fez, mas não posso negar que seu plano deu certo. E agora,

caso eu queira vê-lo novamente, basta dizer seu nome em voz alta para que ele se

materialize à minha frente. Porque a verdade é que amo Damen; e venho amando-o a cada

dia de minha vida. Desde o primeiro dia em que o vi. E mesmo depois de jurar a mim

mesma que não. Não há nada que eu possa fazer, amo o garoto e pronto. E apesar das

dúvidas que ainda tenho sobre essa história de imortalidade, devo confessar: Summerland

foi muito, muito legal. Além disso, se Riley estiver certa quanto àquilo que disse sobre o

destino, sobre os fatos acontecerem porque têm de acontecer, então quem sabe isso não

se aplica também a esse novo capítulo de minha vida?

Fecho os olhos e imagino o corpo perfeito e quentinho de Damen enroscando-se

contra o meu, o hálito saindo pelos doces lábios que vão roçando minha orelha, meu

pescoço, meu rosto, até que finalmente encontram os meus. E procuro fixar essa imagem

na cabeça, a sensação do nosso amor perfeito, do nosso beijo perfeito, enquanto sussurro

as palavras que venho refreando durante todo esse tempo, aquelas que tanto temia dizer,

aquelas que o trarão de volta para mim.

Vou repetindo essas palavras não sei quantas vezes, cada vez mais alto, até que

minha voz ecoa por toda a sala.

Mas quando abro os olhos novamente vejo que estou sozinha.

E me dou conta de que esperei demais.

Trinta e sete

Desço à cozinha em busca de um pouco de sorvete; sei que um curativo do tipo

Häagen-Dazs, geladinho e cremoso, não vai sarar minha ferida, mas algum alívio ele há de

dar. Retiro um pote da geladeira e aperto contra o peito para tirar uma colher da gaveta,

mas deixo tudo cair quando ouço alguém dizer:

— Muito comovente, Ever. Muito, muito comovente.

Curvo-me ao chão, apertando os dedos dos pés praticamente esmagados por um pote

de um litro de Vanil a Swiss Almond, quando levanto o rosto e deparo com Drina, sentada

em um dos bancos da bancada, pernas cruzadas e mãos delicadamente pousadas sobre o

joelho, quase uma dama do século passado.

— Foi tão encantador ver você clamando por Damen depois de fabricar aquela

ceninha de amor na cabeça... — Ela ri e me olha de cima a baixo. — Ah, sim, ainda posso

ver o que se passa em sua mente. Esse escudo que você providenciou... receio que seja

mais fino que o Santo Sudário que está lá em Turim. Quanto a você e Damen... — Ela

balança a cabeça. — No lugar de vocês, eu não contaria com um final feliz, do tipo "e

viveram felizes para sempre". Porque, você sabe, não vou deixar que isso aconteça. É que

tenho dedicado minha vida a destruir você, Ever, e para seu azar ainda sou capaz de

fazê-lo.

Olho para ela, tentando controlar a respiração e ao mesmo tempo limpar da mente

qualquer pensamento incriminatório, pois sei que ela poderá usá-lo contra mim. Mas o

problema é o seguinte: tentar livrar a mente de alguma coisa é o mesmo que dizer a uma

pessoa para não pensar em elefantes: depois disso, ela não consegue pensar em outra

coisa que não seja elefantes.

— Elefantes? Jura? — Ela bufa um risinho de sarcasmo, um risinho grave e malévolo

que ecoa por toda a cozinha. — Santo Deus, o que será que ele vê em você? — E com uma

expressão de desdém varre meu corpo inteiro com os olhos. — Seguramente, não é a

inteligência, muito menos o talento, já que ambos ainda não deram provas de existência.

Aquela sua ceninha de amor, por exemplo... Tão Disney, tão Sessão da Tarde, tão

incrivelmente maçante... Tenha dó, Ever. Por acaso esqueceu que Damen é um homem

experiente, que já está por aí há centenas de anos, e passou inclusive pelos anos 60, a

década do amor livre? — Ela balança a cabeça num gesto de impaciência.

— Se você veio atrás de Damen, ele não está aqui — digo afinal, a voz rouca

arranhando a garganta, como se não tivesse sido usada por muitos dias.

Drina ergue as sobrancelhas e diz:

— acredite em mim, eu sei onde Damen está. Sempre sei onde ele está. Aliás, é este

meu ofício: saber onde Damen está.

— Claro, você é uma psicopata. — Franzo os lábios, sabendo que não é prudente

enfrentá-la. Por outro lado, o que tenho a perder? Ela vai me matar de qualquer jeito...

— Psicopata, eu? — Drina faz uma careta de enfado e examina as próprias unhas,

perfeitas como todo o restante. — Dificilmente.

— Bem, se escolheu passar os últimos trezentos anos perseguindo uma pessoa,

então...

— Trezentos, não, sua tonta insuportável! — ela corrige, fulminando-me com o olhar.

— Seiscentos!

Seiscentos anos? Sério?

Drina revira os olhos e fica de pé.

— Ah, os mortais... Tão burrinhos, tão simplórios, tão previsíveis, tão comuns... No

entanto, apesar de todas as suas limitações óbvias, por algum motivo você sempre inspira

Damen a servir a humanidade, a alimentar os famintos, a combater a pobreza, a salvar as

baleias, a reciclar o lixo, a meditar pela paz, a dizer não às drogas, ao álcool, ao

consumismo e a todos os verdadeiros prazeres da vida. Sempre uma causinha humanitária

qualquer, cada uma mais maçante que a outra. E para quê? Será que vocês nunca

aprendem? Alô-ou? Aquecimento global! É, parece que não. No entanto... ainda assim, de

algum modo sempre sobrevivemos, Damen e eu, a essas pequenas recaídas dele, muito

embora eu, às vezes, leve um bom tempo para reprogramá-lo, para trazê-lo de volta àquele

Damen hedonista, vigoroso, lascivo e indulgente que conheço e de que tanto gosto.

Acredite em mim, você não representa mais que um pequeno desvio de rota. Logo, logo

estaremos outra vez no topo do mundo!

Ela vem andando na minha direção, alargando o sorriso a cada passo enquanto

contorna a bancada de granito com a graciosidade de um gato siamês.

— Francamente, Ever, também não sei o que você vê em Damen. E não estou falando

daquilo que veem todas as mulheres e, verdade seja dita, a maioria dos homens também.

Quer dizer, é por causa de Damen que você sempre se dá mal. É por causa dele que está

passando por tudo isto agora. Se não tivesse sobrevivido àquele maldito acidente, nada

disto estaria acontecendo, estaria? — Ela balança a cabeça, desconsolada. — Justo

quando achei que era seguro sair da toca, quando tinha certeza de que você estava morta...

de uma hora para outra descubro que Damen se mudou para a Califórnia porque...

surpresa, trouxe você de volta! — Novamente ela balança a cabeça e diz: — Era de esperar

que depois de tantos séculos eu tivesse aprendido a ser um pouquinho mais paciente. Mas

é que você me aborrece demais, Ever! A culpa não é minha, é?

Ela olha para mim, mas não digo nada, ainda estou decifrando o que acabei de ouvir.

Foi ela quem causou o acidente?

Drina revira os olhos e diz:

— Claro que fui eu quem causou o acidente! Será preciso fazer um desenho para que

você entenda? Fui eu quem espantou aquele cervo para a frente do carro, sabendo que seu

pai era um boboca de coração mole que colocaria em risco a vida da própria família para

salvar um animal. Os mortais são sempre muito previsíveis. Sobretudo os mais certinhos,

esses que estão sempre tentando fazer o bem. — Ela dá uma risada. — No fim das contas,

foi fácil demais. Nem deu para me divertir direito. Mas uma certeza você pode ter, Ever:

desta vez, Damen não vai aparecer para salvá-la. Agora você não escapa.

Procurando algum tipo de defesa a meu redor, vejo o conjunto de facas do outro lado

da cozinha, mas sei que não vou conseguir alcançá-lo a tempo. Não sou tão rápida quanto

Damen e Drina. Pelo menos acho que não sou. E não tenho tempo para descobrir.

Ela exala um suspiro e diz:

— Para não restar dúvida, por favor, vá lá e pegue a porcaria da faca! Não sou eu

quem vai impedir. — Ela confere as horas no relógio cravejado de diamantes. — Por outro

lado, gostaria de começar logo, se você não se incomodar. Geralmente prefiro agir com

calma, divertir-me um pouco. Mas hoje... Você sabe, não é? Valentine's Day e tal. Gostaria

de jantar com meu amor logo depois de eliminar você. — De repente seus olhos ficam

escuros e os lábios se retorcem, e num breve momento ela deixa vir à tona todo o mal que

esconde em si. Mas a beleza estonteante de sempre retorna segundos depois, é difícil não

fitá-la. — Sabe, antes de você aparecer, em uma das suas... encarnações anteriores, eu

era o único amor verdadeiro de Damen. Mas depois você tentou roubá-lo de mim, e o

mesmo ciclo vem se repetindo desde então. — Com passos curtos e silenciosos, rápidos

demais para que eu possa reagir de alguma forma, ela avança pouco a pouco e para bem à

minha frente. — Mas agora quero meu homem de volta. E ele sempre acaba em meus

braços outra vez, Ever, disso você pode ter certeza.

Estico o braço para pegar a tábua de carne, planejando golpeá-la na cabeça, mas ela

se joga sobre mim com tanta força e rapidez que perco o equilíbrio e bato de costas contra

a geladeira, imediatamente perdendo o ar e caindo ao chão, desnorçada. E tão logo a

cabeça se estatela no granito, sinto um fiapo de sangue quente escorrer do crânio em

direção à boca.

Antes que eu possa fazer qualquer movimento para me defender, Drina vem para

cima de mim e começa a distribuir murros e tapas, rasgando minhas roupas, puxando meus

cabelos e sussurrando em meu ouvido:

— Não perca seu tempo, Ever. Desista logo e vá embora. Vá se juntar à sua

famíliazinha feliz, estão todos à sua espera. Você não foi talhada para esta vida. E agora é

sua chance de pular fora dela. Não há mais nada que a prenda aqui.

Trinta e oito

Devo ter desmaiado, mas só por um instante, pois quando abro os olhos novamente

Drina ainda está em cima de mim, o rosto e as mãos salpicados de sangue, sussurrando

palavras com sua voz doce, tentando me convencer a entregar os pontos de uma vez por

todas, a aceitar a morte e acabar logo com isso.

A proposta até que não era de todo ruim alguns minutos atrás, mas agora, não. A

cachorra matou minha família e vai ter de pagar pelo que fez.

Fecho os olhos, determinada a voltar àquele mesmo lugar de felicidade: nós todos no

carro, rindo, felizes, tomados de amor. A imagem logo me vem à cabeça, muito mais nítida

do que antes, sem a interferência da culpa.

E assim que recupero minhas forças dou um vigoroso empurrão em Drina,

arremessando-a para o outro lado da cozinha. Observo-a bater de costas contra a parede,

os braços estatelados num ângulo bizarro, e escorregar para o chão.

Fica ali por alguns segundos, olhando estupefata para mim, depois fica de pé, limpa a

sujeira da roupa e dá uma risada antes de se arremessar outra vez. Mas assim que me

alcança dou outro empurrão, e mal acredito em meus próprios olhos quando a vejo alçando

voo, atravessando a porta da cozinha e batendo contra a vidraça das portas do escritório,

provocando uma explosão de cacos por todos os lados.

— Se você queria uma "cena do crime" — diz, retirando estilhaços do rosto, dos

braços e das pernas, os cortes sumindo logo a seguir —, ficou ótimo! Mal posso esperar

para ler as manchetes nos jornais de amanhã! — E de um segundo a outro, já sem qualquer

arranhão no corpo, abre um sorriso e avança em minha direção, determinada a dar cabo de

sua missão. —Você não pode contra mim, Ever — ela sussurra. — Aliás, essa sua patética

demonstração de força está começando a me irritar. Francamente, garota, que espécie de

anfitriã é você? É assim que costuma receber seus convidados? Agora entendo por que

não tem nenhum amigo.

Desvencilho-me dela, disposta a arremessá-la contra todas as vidraças da casa se

preciso for. No entanto, mal completo o pensamento quando sou invadida por uma dor de

tal modo lancinante que me deixa paralisada, sem forças para fazer outra coisa senão

observar Drina voltando em minha direção com um sorriso malicioso estampado no rosto.

— O velho truque da cabeça no torno de garras serradas — ela diz e dá uma

gargalhada. — É infalível! Mas, justiça seja feita, Ever, eu avisei. Foi você que não quis me

dar ouvidos. Por outro lado, a escolha ainda é sua. Posso apertar o torno um pouquinho

mais... — Ela estreita os olhos quando me dobro em duas e vou ao chão, enquanto meu

estômago se embrulha de náusea. — Ou você pode... jogar a toalha e acabar logo com esta

agonia. É você quem decide. Simples assim.

Tento manter o foco ao perceber que ela se aproxima, mas a visão está embaralhada,

sem falar em meus braços e pernas, que estão moles e fracos feito borracha, e ela é muito

rápida para que eu possa lidar com isso. Então fecho os olhos e penso: Não vou deixá-la

sair vitoriosa. Não vou entregar os pontos desta vez. Não depois do que ela fez á minha

família.

E quando cerro o punho para lhe dar um soco, estou tão fraca, atrapalhada e

destruída que fico perplexa ao constatar que acerto Drina na altura do peito, de raspão, e

meu braço despenca. Dou alguns passos cambaleantes para trás, completamente sem

fôlego, sabendo que meu esforço foi em vão, que um soquinho desses não valeu de nada

contra a poderosa Drina.

Fecho os olhos e me preparo para o fim, que agora é inevitável. Que pelo menos seja

rápido. Mas quando minha cabeça e meu estômago se acalmam, abro os olhos novamente

e vejo Drina recuando trôpega em direção à parede, apertando o peito e olhando de um

jeito acusador para mim.

— Damen! — ela suplica, olhando um pouco atrás de mim. — Não deixe que ela faça

isso comigo, conosco...

E quando viro o rosto deparo com Damen bem a meu lado, encarando Drina e

balançando a cabeça, em tom de reprovação.

— Tarde demais — ele responde, e entrelaça os dedos nos meus. — Chegou a hora

de sua partida, Poverina.

— Não me chame assim! — ela ruge, os olhos antes verdes e lindos agora estriados

de vermelho. — Você sabe que detesto esse nome!

— Sim, eu sei — ele devolve.

Ele aperta minha mão quando Drina começa a tremer e a envelhecer, até que

finalmente some no ar, deixando apenas o vestido de seda preta e os sapatos caros como

provas de sua existência.

— Como foi que... — Olho para Damen em busca de alguma explicação.

Mas ele apenas sorri e diz:

— Acabou, Ever. Absolutamente, completamente, eternamente. — Depois me puxa

para um abraço e me cobre de beijos quentinhos enquanto promete: — Nunca mais

seremos importunados por ela.

— Eu... matei a Drina? — pergunto. Apesar de tudo que ela fez à minha família, e das

tantas vezes que supostamente me matou, não sei ao certo como me sentir em relação a

isso.

Damen faz que sim com a cabeça.

— Mas... como? Quer dizer, se ela é imortal, eu não deveria ter cortado fora a cabeça

dela?

— Que espécie de livros você anda lendo, hem? — ele retruca rindo. Depois,

novamente sério, diz: — Não é assim que funciona. Nada de decapitações, estacas de

madeira ou balas de prata. Tudo se resume ao simples fato de que o rancor enfraquece e o

amor fortalece. De algum modo você conseguiu acertar Drina justo no ponto mais

vulnerável do corpo dela.

Aperto os olhos, meio que sem entender.

— Mas eu mal toquei na garota! — digo, lembrando-me do murrinho que desferi há

pouco.

— Você mirou no quarto chacra dela. E acertou na mosca.

Hem?

— O corpo possui sete chacras. O quarto deles, ou o chacra do coração, como às

vezes é chamado, é o centro do amor incondicional, da compaixão, do eu superior, de tudo

aquilo que faltava a Drina. E isso a enfraqueceu, fez com que ela ficasse completamente

vulnerável. Ever, foi a falta de amor que matou Drina.

— Mas se tinha esse ponto fraco... por que ela não tentou se proteger de alguma

forma?

— Porque foi pega de surpresa. Porque era uma pessoa egocêntrica. Porque se

deixou levar pelo próprio ego. Drina não se dava conta de quanto havia se tornado amarga,

rancorosa, possessiva...

— E se você já sabia disso tudo, por que não me disse antes?

Ele dá de ombros.

— Era só uma teoria minha. Como nunca matei um imortal, não sabia se funcionaria

ou não. Até agora.

— Quer dizer que há outros imortais andando por aí? Drina não era a única?

Ele abre a boca para dizer algo, mas logo muda de ideia e permanece calado.

Percebo uma expressão nos olhos dele... culpa? Remorso? Mas em poucos segundos ele

volta ao normal.

— Ela contou umas histórias aí sobre você e seu passado...

— Ever — intervém Damen. — Ever, olhe para mim! — E ergue meu queixo até que

eu obedeça. — Faz tempo que estou na estrada e...

— Eu sei, seiscentos anos!

— Mais ou menos isso. O fato é que... bem, já vi muitas coisas e fiz outras tantas.

Minha vida nem sempre foi tão correta ou tão pura quanto eu gostaria. Aliás, muito pelo

contrário. — Ele me puxa de volta quando, preocupada com o que estou prestes a ouvir,

ameaço recuar. — Confie em mim, Ever. Você está preocupada à toa! Não sou um

assassino, muito menos uma pessoa do mal! O problema é que... houve épocas em que

cedi às tentações da boa vida. Mas mesmo assim, sempre que a encontrava, abria mão de

tudo só para ficar ao seu lado.

Recuo novamente e desta vez consigo me desvencilhar.

Meu Deus, só pode ser isso!, penso. Um caso clássico do garoto que perde a garota!

E no caso dele... uma vez, dez vezes, cem vezes, ao longo de séculos, sempre

abandonado antes de conseguir o que quer! Só por isso está tão interessado! Só por isso

ele não vai embora de vez. Por minha causa. Para ele, sou uma espécie de fruto proibido

que respira, vive! Será que vou ter de continuar virgem por toda a eternidade? Sumir por

alguns anos, só para alimentar o desejo dele? Afinal, agora que estamos presos um ao

outro para sempre, assim que ele conseguir o que deseja, será só uma questão de tempo

até ele se fartar de minha companhia, até não conseguir mais olhar para minha cara e,

então, voltar para a "boa vida" de que realmente gosta.

— Presos um ao outro? É assim que você nos vê? Acha que está enalhada comigo

para o restante da eternidade? — E olha para mim de um jeito que me deixa na dúvida: não

sei se está ofendido ou brincando.

Por um instante, esqueci que meus pensamentos não são apenas meus quando ele

está por perto. Portanto, sentindo o rosto queimar de vergonha, tento me explicar:

— Não, não é isso! É que... bem, achei que era assim que você se sentia a meu

respeito. Quer dizer, a gente está cansado de ver isso em histórias de amor! E em nosso

caso mais ainda, já que tantas vezes nos perdemos um do outro.
Não é à toa que você

sempre volta a me procurar. Não porque goste de mim, mas porque
faz seiscentos anos

que está tentando entrar nas minhas calcinhas!

— Nas anáguas, nas pantalonas... Acredite em mim, as calcinhas só
entraram na

moda muito, mas muito tempo depois — ele retruca. Mas quando
vê que não estou rindo,

puxa-me para perto e diz: — Ever, eu gosto de você sim, mas não
por este motivo. E se me

permite um conselho, sei por experiência própria que a melhor
maneira de lidar com a

eternidade é vivendo um dia de cada vez.

Depois me dá um beijo, mas logo toma a iniciativa de se afastar.
Então pego sua mão

e o puxo de volta para dizer:

— Não vá embora. — Fico encarando Damen. — Nunca mais saia do
meu lado, por

favor.

— Nem para buscar um copo d'água para você? — ele brinca.

— Nem pra isso — respondo, as mãos explorando o rosto
inacreditavelmente perfeito

que tenho à minha frente. — Damen, eu... — As palavras param na garganta.

— Você o quê? Fala. — Ele sorri.

— Senti muito sua falta — finalmente consigo falar.

— Também senti a sua — ele devolve. Depois se aproxima para beijar minha testa,

mas subitamente recua.

— Que foi? — pergunto, observando a maneira como ele me olha, o sorriso largo

entre os lábios, a expressão de carinho no rosto. Então passo os dedos sob a franja e levo

um baita susto ao perceber que a cicatriz não está mais lá.

— O perdão cura — ele diz sorrindo. — Sobretudo quando perdoamos a nós mesmos.

Olho fundo nos olhos dele, sabendo que deveria dizer alguma coisa, mas sem saber

se encontrarei as palavras certas. Portanto, apenas fecho os olhos e dou vazão aos

pensamentos para que eles sejam lidos.

Mas Damen ri e diz:

— É sempre melhor quando é dito.

— Mas eu já disse. Foi por isso que você voltou, não foi? Achei que fosse vir mais

cedo. Tipo assim, eu até estava precisando de sua ajuda.

— Ouvi quando você chamou, claro. E teria vindo antes, mas precisava ter certeza de

que você estava realmente pronta, não apenas se sentindo sozinha depois que Riley se foi.

— Você sabia disso também?

Ele assente com a cabeça.

— Você agiu certo.

— Então... você quase me deixou morrer naquela cozinha só porque queria ter uma

certeza?

Damen faz que não.

— Jamais deixaria você morrer, Ever. Não desta vez.

— E Drina?

— Subestimei o ódio dela. Não imaginava que ela fosse capaz.

— Vocês não liam os pensamentos um do outro?

— Faz tempo que aprendemos a blindar nossos pensamentos — ele responde

olhando para mim, acariciando meu rosto com o polegar.

— Você vai me ensinar a blindar os meus também?

Damen sorri e diz:

— Com o tempo vou lhe ensinar tudo, prometo. Mas, Ever, você precisa ter

consciência do que tudo isso implica. Se optar pela eternidade, nunca mais verá sua família

outra vez. Não vai atravessar aquela ponte. Você precisa saber onde está se metendo. —

Ele ergue meu queixo e olha fundo em meus olhos.

— Mas eu posso, tipo... cair fora quando quiser, não posso? Foi você mesmo quem

disse.

— Quanto mais o tempo passa, mais difícil fica.

Sei que o preço da eternidade é alto, mas sei também que as coisas podem se

arranjar. Riley prometeu mandar algum tipo de sinal; depois disso vejo o que faço. E se a

eternidade começa hoje, é assim que vou vivê-la: até o fim do dia, e só. Sabendo que

Damen estará sempre ao meu lado. Tipo assim, sempre, certo?

Ele busca meu olhar, esperando uma resposta.

— Eu amo você — digo baixinho.

— Também amo você — ele devolve, os lábios pedindo os meus. — Sempre amei. E

sempre vou amar.

Conheça a extraordinária sequência da

Série Os Imortais

Lua Azul

— Feche os olhos e tente imaginá-la. Então, está vendo?

Faço que sim com a cabeça, os olhos fechados.

— Imagine que ela está bem à sua frente. Procure ver a textura, a forma, a cor...

entendeu?

Abro um sorriso enquanto a imagem vai se formando na minha mente.

— Ótimo. Agora estique o braço e tente tocá-la. Sinta os contornos com a ponta dos

dedos, o peso dela na palma das mãos, depois tente combinar todos os sentidos... a visão,

o tato, o olfato, o paladar... já consegue sentir o gostinho?

Mordo os lábios para esconder um risinho.

— Perfeito. Agora tente juntar o sentimento a tudo isso. Você tem de acreditar que ela

está bem aí na sua frente. E quando puder vê-la, tocá-la, sentir a textura e o gostinho... ela

vai se materializar!

Faço tudo direitinho, exatamente como fui instruída. E quando ouço Damen dar um

gemido de decepção abro os olhos para ver o resultado de meus esforços.

— Ever! — ele exclama, balançando a cabeça. — Falei para você imaginar uma

laranja! Isso aí nem fruta é!

— Realmente, de "fruta" isso não tem nada — digo rindo, olhando para meus dois

Damens: a réplica que acabei de materializar e o original em carne e osso bem ao meu

lado. Ambos igualmente altos, morenos e tão extraordinariamente lindos que sequer

parecem reais.

— O que eu faço com você, hem? — diz o verdadeiro, esforçando-se para me dar uma

bronca. Mas os olhos não deixam, porque nada demonstram além de amor. Damen sempre

se deixa trair pelo olhar.

— Hmmm... — Dou uma olhada em meus dois namorados: o real e a réplica. — Que

tal você me beijar agora? Mas se estiver ocupado demais não tem problema. Seu amigo aí

pode quebrar seu galho. Aposto que não vai se importar. — Olho de relance para o Damen

fabricado, achando graça quando ele sorri e retribui com uma piscadela, muito embora já

esteja desbotando e daqui a pouco vá sumir por completo.

Mas o Damen real não vê graça alguma. Novamente balança a cabeça e diz:

— Ever, por favor. Não é hora para brincadeiras. Você tem muito que aprender.

— Mas pra que tanta pressa? — digo sem preocupação, ajeitando o travesseiro.

Depois dou uns tapinhas no espaço a meu lado, um convite para que ele saia da

escrivania e venha se juntar a mim. — Achei que a gente tivesse todo o tempo do mundo

— brinco. E quando recebo o olhar dele, sinto o corpo inteiro aquecer, a respiração ficar

presa na garganta. Fico me perguntando se algum dia vou me acostumar a tanta beleza: a

essa pele bronzeada e macia, a esses cabelos castanhos e viçosos, a esse rosto perfeito, a

esse corpo escultural. Damen é o perfeito yin moreno para meu yang louro e branquelo.

—Você vai ver, sou uma aluna bastante aplicada — digo, meus olhos fixos nos dele, dois

poços escuros e sem fundo.

— Você é insaciável — ele sussurra, balançando a cabeça e se acomodando a meu

lado, tão atraído por mim quanto eu por ele.

— Só estou tentando recuperar o tempo perdido — sussurro de volta. Adoro esses

momentos só nossos, em que não preciso dividir Damen com mais ninguém. Saber que

temos toda a eternidade pela frente não me deixa menos voraz.

Ele inclina-se para me beijar, já nem um pouco preocupado com nossa aula.

Materializações, mensagens telepáticas, visões... tudo isso é substituído por algo mais

imediatos quando ele me empurra contra uma pilha de travesseiros e se esparrama sobre

mim, nossos corpos entrelaçados como os ramos de uma videira banhada de sol.

Seus dedos deslizam sob minha blusa e lentamente vão subindo rumo ao sutiã. De

olhos fechados, sussurro as palavras que desde muito venho guardando só para mim:

— Eu amo você.

Agora que elas vieram à tona, tenho a impressão de que nunca disse algo mais

verdadeiro.

Damen deixa escapar um gemido abafado enquanto desata o fecho de meu sutiã com

absoluta destreza. Nenhum atropelo, nenhuma dificuldade.

Todos os movimentos dele são tão graciosos, tão perfeitos, tão...

Talvez perfeitos demais.

— Que foi? — ele pergunta ofegante assim que me afasto. Seus olhos buscam os

meus, aquela expressão tensa com a qual já me acostumei.

— Não foi nada — digo e viro para o lado, dando-lhe as costas enquanto ajeito a

blusa. Ainda bem que aprendi a blindar os pensamentos, pois só assim posso mentir.

Ele suspira e se levanta da cama, levando consigo o calorzinho que seu olhar provoca

em mim, o formigamento que seu toque produz em minha pele. Perambula pelo quarto

durante um tempo e por fim para ao meu lado, encarando-me. Franzo os lábios, sabendo

muito bem o que está por vir. Já vi esse filme antes.

— Ever, não estou tentando forçar uma barra, juro que não estou — ele diz,

visivelmente preocupado. — Mas cedo ou tarde você vai ter de superar suas encucações e

aceitar quem eu sou. Posso materializar o que você quiser, posso enviar pensamentos e

imagens telepaticamente sempre que estivermos longe um do outro, posso abduzir você

para Summerland de uma hora para outra... Mas a única coisa que não consigo é mudar o

passado. O passado é o que é, e pronto.

Baixo os olhos para o chão, completamente envergonhada, sentindo-me uma pessoa

pequena e carente, odiando-me por não ser capaz de esconder meus ciúmes e minhas

inseguranças; odeio o fato de eles serem tão perceptíveis. Não há escudo que dê jeito

nisso. Damen teve seiscentos anos para estudar o comportamento humano, para estudar

meu comportamento. E eu com apenas dezessete anos.

— É que... preciso de um pouquinho mais de tempo pra me acostumar a tudo isso —

digo, apertando entre os dedos uma costura desfeita da fronha. — Faz tão pouco tempo,

sabe? — Sinto um arrepio na espinha só de lembrar que no espaço de apenas três

semanas matei sua ex-mulher, disse que o amava e selei meu destino de imortal.

Damen olha para mim com os lábios apertados e uma expressão de dúvida no olhar.

Embora estejamos a poucos metros um do outro, tenho a sensação de que estamos

separados por um oceano inteiro.

— Estou falando desta vida — vou logo explicando, na esperança de preencher o

silêncio e amenizar o clima que se instalou entre nós. — Não me lembro de nenhuma outra,

então... isso é tudo que tenho para seguir em frente! Preciso de mais um tempinho,

entende? — digo, sorrindo com lábios desajeitados e inseguros. Mas respiro aliviada

quando ele se senta a meu lado e leva os dedos à minha testa, procurando o local onde

antes ficava minha cicatriz.

— Tempo não é problema para a gente, né? — ele responde, me acaricia com os

dedos, seguindo para meu rosto até o queixo, e se abaixa para roçar os lábios em minha

testa, na ponta do nariz, na boca.

Mas quando acho que vai me beijar outra vez, ele aperta minha mão e se afasta em

direção à porta, deixando em seu lugar uma linda tulipa vermelha.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**

